

**COEM 1**

**PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOUTRINA ESPÍRITA**

NOME: \_\_\_\_\_

## POR QUE CONHECER O ESPIRITISMO?

A maioria das pessoas, vivendo a vida atribulada de hoje, não está interessada nos problemas fundamentais da existência. Preocupa-se primeiramente com seus negócios, com seus prazeres, com seus problemas pessoais, e pensam que questões como «a existência de Deus» e «a imortalidade da alma» são da competência de sacerdotes, de chefes religiosos, filósofos e teólogos. Quando tudo vai bem em suas vidas, estas pessoas nem se lembram de Deus e, quando lembram, é para fazer uma oração apenas ou ir à igreja, como se tais atitudes fossem simples obrigações das quais todos devem se desincumbir de uma maneira ou de outra. À religião se torna mera formalidade social, algo que as pessoas devem ter, e nada mais; no máximo, será um desincargo de consciência, para estar bem com o Criador. Tanto que muitos nem alimentam firme convicção daquilo que professam, carregando sérias dúvidas a respeito de Deus e da continuidade da vida após a morte.

Quando, porém, tais pessoas são surpreendidas por um grande problema, a ruína financeira, a perda de um ente querido, uma doença incurável — fatos que acontecem na vida de todos nós — não encontram em si mesmas a fé necessária, nem a sabedoria para enfrentar o problema com coragem e resignação, caindo, invariavelmente, no desespero.

O conhecimento espírita abre-nos uma visão ampla e racional da vida, explicando-a de maneira convincente e permitindo-nos iniciar uma transformação interior, aproximando-nos de Deus.

Texto extraído do livro *Doutrina Espírita para principiantes*,



Allan Kardec (1804-1869)  
Codificador do Espiritismo



*A cepa é o emblema do trabalho do Criador, nela se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito.*

*O corpo é a cepa, o espírito é o licor; e a alma, o espírito unido à matéria, é o grão.*

*organizado por Luis Hu Rivas.*

## APRESENTAÇÃO

Diz Allan Kardec: “A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são muito graves para serem adquiridos de outro modo que não seja por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento”. Com base nesta observação a **Associação Espírita Obreiros do Bem** se propõe a facilitar o processo de aprendizagem e vivência da prática mediúnica, fundamentados no Pensamento Espírita, através do CURSO DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO MEDIÚNICA – COEM, curso este que desde 1980, ou seja, 38 anos de existência, foi se estruturando com base na sua principal característica a **integração e participação de todos no aprendizado**.

## OBJETIVOS

- Promover o conhecimento dos *Princípios Básicos da Doutrina Espírita* no seu tríplice aspecto, facilitando ao Ser a percepção e vivência de sua espiritualidade;
- Discutir os problemas atuais da Humanidade à luz do Espiritismo.

## DESTINAÇÃO

- Interessados, frequentadores e trabalhadores da SEOB ou de outras instituições.

## ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

- a) O Curso está estruturado em três programas:
  - **COEM 1** - Princípios Básicos da Doutrina Espírita
  - **COEM 2** - Estudo e Prática da Mediunidade I
  - **COEM 3** - Estudo e Prática da Mediunidade II
- b) O conteúdo doutrinário do **COEM 1**, cuja temática central são os **Princípios Básicos da Doutrina Espírita**, será desenvolvido em 8 meses, com um recesso no meio do ano.
- c) O conteúdo doutrinário e textos para estudo poderão ser obtidos no site: [www.seob.org.br/coem1](http://www.seob.org.br/coem1)
- d) O Curso funcionará com 3 três monitores, no mínimo;
- e) O livro-texto básico para os participantes será **O Livro dos Espíritos** e os textos distribuídos pelos monitores.
- f) As aulas serão semanais, com duração máxima de 90 minutos, e o curso, um prazo máximo de 8 meses;
- g) O planejamento da aula será feito pelo monitor, de acordo com a realidade dos participantes, tendo como fundamentação teórico-básica as obras que integram a Codificação da Doutrina Espírita.
- h) As aulas serão dinamizadas através de recursos e técnicas, a fim de oferecer maior motivação e melhor fixação do conteúdo, participação e integração grupal, tais como: grupos de discussão, exposição didática, filmes etc.



- i) O acesso ao ano subsequente será dado mediante a participação em pelo menos 70% das aulas do ano precedente, avaliação, nível de aprendizagem e integração no curso.

**PERÍODO LETIVO:**

- **1º semestre:** 01 de março a 28 de junho.
- **Recesso:** 05 de julho a 12 de julho
  
- **2º semestre:** 19 de julho a 29 de novembro
- **Confraternização final:** 06 de dezembro.

## SUMÁRIO

<b>Conteúdo Programático</b>	<b>Página</b>
<b>Capítulo 1 – História do Espiritismo</b> .....	<b>9</b>
1. Visão histórica do desenvolvimento espiritual do homem.....	<b>9</b>
2. A invasão organizada e Os fenômenos de Hydesville.....	<b>10</b>
3. As “mesas girantes”.....	<b>11</b>
4. Allan Kardec e a Codificação.....	<b>12</b>
<b>Capítulo 2 – O que é o Espiritismo</b> .....	<b>15</b>
1. O tríplice aspecto.....	<b>15</b>
2. Os princípios básicos da Doutrina Espírita.....	<b>17</b>
3. O caráter da Revelação Espírita: A 3ª Revelação Divina no Ocidente.....	<b>18</b>
4. O Consolador prometido por Jesus.....	<b>20</b>
<b>Capítulo 3 – Deus</b> .....	<b>22</b>
1. Provas da existência de Deus.....	<b>22</b>
2. Atributos da Divindade.....	<b>23</b>
3. A Providência Divina.....	<b>24</b>
4. Prece.....	<b>25</b>
<b>Capítulo 4 – Criação e Evolução</b> .....	<b>28</b>
1. Elementos gerais do Universo.....	<b>28</b>
2. A Lei de Evolução.....	<b>29</b>
3. Os reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e hominal.....	<b>30</b>
4. A evolução da Humanidade.....	<b>33</b>
5. Pluralidade dos mundos habitados.....	<b>34</b>
6. Diferentes categorias de mundos habitados.....	<b>36</b>

<b>Capítulo 5 – Espírito.....</b>	<b>38</b>
1. Origem e natureza.....	38
2. Forma e ubiquidade.....	39
3. Diferentes ordens dos Espíritos.....	39
4. Progressão dos Espíritos.....	41
5. As Potências do Espírito.....	42
<b>Capítulo 6 – Fluidos e Perispírito.....</b>	<b>45</b>
1. Conceito de Fluido Cósmico Universal.....	45
2. Propriedades dos fluidos.....	46
3. Qualidade dos fluidos.....	47
1. Conceito e histórico.....	49
2. Propriedades do perispírito.....	50
3. Funções do perispírito.....	52
4. Aura.....	53
5. Centros de força e corpo físico.....	53
<b>Capítulo 7 – Reencarnação.....</b>	<b>57</b>
1. Fundamentos e finalidades da Reencarnação.....	57
2. Reencarnação e Ciência.....	59
3. Histórico.....	60
4. Reencarnação e Justiça Divina.....	61
5. Lei de Causa e Efeito.....	63
6. Planejamento reencarnatório.....	65
7. Processamento da Reencarnação.....	66
<b>Capítulo 8 – Libertação do Espírito.....</b>	<b>69</b>
1. Emancipação da alma.....	69
2. Morte e desencarnação.....	74



<b>Capítulo 9 – Vida no Mundo Espiritual.....</b>	<b>77</b>
1. Esferas Espirituais da Terra e mundos transitórios.....	79
2. Elementos constitutivos das esferas espirituais.....	79
3. Condições ambientais das esferas espirituais.....	79
<b>Capítulo 10 – Mediunidade.....</b>	<b>83</b>
1. Definição de mediunidade.....	83
2. A natureza da mediunidade.....	84
3. Os mecanismos da mediunidade.....	86
4. As modalidades mediúnicas.....	89
5. O exercício da mediunidade.....	90
<b>Capítulo 11 – Obsessão.....</b>	<b>92</b>
1. Conceito.....	92
2. Como agem os obsessores.....	92
3. Causas da obsessão.....	92
4. Classificação.....	93
<b>Capítulo 12 – Terapêutica Espírita.....</b>	<b>95</b>
<b>Capítulo 13 – A Perfeição Moral.....</b>	<b>92</b>
1. Conceito.....	92
<b>Capítulo 14 – As Leis Morais da Vida.....</b>	<b>98</b>
1. Trabalho e progresso.....	100
2. Liberdade e Igualdade na Sociedade.....	102
3. Natureza, Conservação e Destruição – Ecologia.....	104
4. Lei de Reprodução – Energia sexual.....	106



5. Família.....	107
6. Da lei de justiça, de amor e de caridade.....	109
<b>Capítulo 15 – Das Esperanças e Consolações.....</b>	<b>112</b>
1. Das penas e gozos terrestres.....	112
2. Das penas e gozos futuros.....	113
<b>Capítulo 16 – O Centro Espírita.....</b>	<b>117</b>
1. Conceito e objetivo do Movimento Espírita.....	117
<b>Capítulo 17 – Movimento Espírita.....</b>	<b>117</b>
1. Conceito e objetivo do Movimento Espírita.....	117
2. Movimento Espírita e Doutrina Espírita.....	118
3. Estrutura organizacional do Movimento Espírita Mundial.....	119
4. Missão Espiritual do Brasil.....	120
5. O Centro Espírita.....	123
6. O Instituto Espírita Manoel Batista.....	126
7. Atuação do centro espírita na sociedade humana.....	128

## 1. HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

### 1.1 VISÃO HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL DO HOMEM

O filósofo e jornalista espírita Herculano Pires<sup>1</sup> oferece uma teoria antropológica interessante sobre o surgimento da mediunidade e sua evolução, levando em conta os horizontes culturais alcançados pelo ser humano em cada etapa de seu desenvolvimento. A teoria merece ser lembrada aqui, não só porque ela nos dá uma visão de conjunto da fenomenologia mediúnica ao longo do tempo, mas, também, com o propósito de convidar o leitor ou a leitora para o estudo da obra em referência, extremamente valiosa para quem busca se informar e entender o Espiritismo e sua importância para melhor compreender o progresso espiritual do ser humano.

### 1.2 HORIZONTES CULTURAIS E MEDIUNIDADE: TRIBAL, AGRÍCOLA, CIVILIZADO E ESPIRITUAL

#### 1.2.1 Horizonte Tribal

Neste estágio predomina o mediunismo primitivo, ou a mediunidade na sua expressão natural. Surge nesse horizonte o totemismo — crença baseada no culto a um animal, vegetal ou qualquer objeto tido como ancestral ou símbolo da tribo ou clã, admitindo-se que uma força misteriosa impregna ou imanta tais objetos ou coisas, podendo atuar sobre as criaturas humanas. Essas forças eram conhecidas pelos nomes polinésios de *mana* ou *orenda*. Diz o mestre Herculano que:

Mana ou Orenda não é uma força imaginária, mas uma força real, concreta, positiva, que se afirma através de ampla fenomenologia, verificada entre as tribos primitivas, nas mais diversas regiões do mundo. Essa força primitiva corresponde ao ectoplasma de Richet, a força ou substância mediúnica das experiências metapsíquicas, cuja

---

<sup>1</sup> Nota do autor: José Herculano Pires nasceu na cidade de Avaré (SP), em 1914, e desencarnou nessa capital em 1979. Autor de 81 livros, entre ensaios e romances, de Filosofia, História, Psicologia, Pedagogia, Parapsicologia e Espiritismo, vários em parceria com Chico Xavier, sendo a maioria inteiramente dedicada ao estudo e à divulgação da Doutrina Espírita. Destacou-se como um dos mais ativos e consistentes continuadores do Espiritismo no Brasil, traduzindo os escritos de Allan Kardec e escrevendo tanto estudos filosóficos quanto obras literárias inspirados na Doutrina Espírita. A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da proposta sistematizada por Allan Kardec. Em seus ensaios nota-se a preocupação em combater interpretações e traduções deturpadas das obras de Allan Kardec, inclusive aquelas que surgiram no seio do Movimento Espírita Brasileiro ao longo do século XX. Por essa razão, o emérito professor Herculano Pires foi considerado pelos seus contemporâneos como “O Zelador da Doutrina Espírita” e também denominado pelo Espírito Emmanuel, o mentor de Chico Xavier, como “O metro que melhor mediu Kardec”.

ação foi estudada cientificamente por Crawford, professor de mecânica da Universidade Real de Belfast, na Irlanda.<sup>2</sup>

Segundo outros autores, *mana* poderia ser uma pessoa, um objeto ou acontecimentos insólitos, destinados tanto para o bem quanto para o mal. Um misto de dinâmico e demoníaco, como potência invisível. O mana não está fixo em um objeto determinado, mas os Espíritos o possuem e podem comunicá-lo. Diz-se, ainda, que o ato da criação só foi possível pelo mana da divindade. Tudo o que é eficaz possui mana. É uma força real que provém dos seres superiores. Deus é a fonte originária do mana, que se concentra de forma especial no homem.

### 1.2.2 Horizonte Agrícola

Informa Herculano Pires que esse período se caracteriza pelo desenvolvimento do animismo, ou seja, expressão religiosa do homem primitivo que se caracteriza pela adoração de Espíritos que residiam em árvores, montanhas, poços e fontes sagradas, ou mesmo pedras de forma especial.<sup>3</sup> Tem lugar, também, nesse horizonte, o culto aos ancestrais, admitindo-se que eles estivessem presentes na vida comum de todos. O cultivo da terra e a domesticação dos animais favoreceram o surgimento do sedentarismo e de uma vida social efetiva. Tal fato contribuiu para o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem. Nessas primeiras formas sedentárias de vida social, o animismo tribal desenvolve-se racionalmente, favorecendo a concepção fetichista que, mais tarde, dá origem à mitologia. A conclusão do autor quanto à mitologia encontra respaldo na questão nº 521 de *O livro dos espíritos*, quando Allan Kardec pergunta se podem certos Espíritos auxiliar o progresso das artes, protegendo os que a elas se dedicam. E eles respondem:

Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.

E o codificador complementa:

Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. *Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações* (grifo nosso).

<sup>2</sup> PIRES, J. Herculano. Mediunidade. Cap. 2, 1964.

<sup>3</sup> SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. As religiões ontem e hoje. “Animismo”, 1982.

### 1.2.3 Horizonte Civilizado

Nesta fase do desenvolvimento humano, surge o mediunismo oracular nos grandes impérios da Antiguidade, as chamadas civilizações orientais. “Oráculo” é um termo impreciso, historicamente falando, pois poderia ser a sede ou o culto de alguma divindade especial, o templo a ele dedicado, a divindade que se supunha fazer as profecias ou mesmo os sacerdotes ou profetas (médiums). Destacam-se nesse horizonte os grandes santuários ou templos, sendo os mais famosos oráculos da Antiguidade: o de Apolo, em Delfos; o de Amon, na Líbia; de Diana, em Colchis; de Esculápio, em Roma; de Hércules, em Atenas; e de Vênus, em Pafos. Em todos eles, sem dúvida, manifestava-se estuante a mediunidade, pela qual os Espíritos eram consultados sobre diversos assuntos, desde o mais sério ao mais pueril.<sup>4</sup>

### 1.2.4 Horizonte Profético

Destaca-se nesse horizonte o mediunismo bíblico por excelência. Nele o profeta apresenta-se como indivíduo social, mediúnico e espiritual. Porque faça uso pleno de sua liberdade, surgem excessos e abusos no intercâmbio com as entidades espirituais, caracterizando o indivíduo greco-romano e o profeta hebraico. Entre os hebreus, o mediunismo toma proporções consideráveis, tendo a *Bíblia* como a fonte mais segura que nós conhecemos de práticas mediúnicas na Antiguidade. O denominado povo eleito de Deus fez a sua história sob a influência decisiva dos Espíritos, denominados, então, de *anjos*, sendo supervisionados por lavé, sem dúvida um Espírito de hierarquia superior.

### 1.2.5 Horizonte Espiritual

Impera, então, a mediunidade positiva. É nesse estágio que se observa uma transcendência humana. A mediunidade torna-se um fato de observação e de estudo de todos os que se interessarem pelo problema. Anota o autor que, na Idade Média, o fenômeno mediúnico de possessão é sempre tomado como manifestação demoníaca ou sagrada, embora saibamos que se tratava de Espíritos inferiores ou de esclarecidos desejosos de se manifestar e entabular conversação com os circunstantes. O homem, não tendo atingido o horizonte espiritual, não podia conceber que o Espírito comunicante era da sua mesma natureza. Kardec explica, em *A gênese*, por que o Espiritismo só poderia surgir em meados do século XIX, depois de longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu

<sup>4</sup> SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. Crenças, seitas e símbolos religiosos. “Oráculo”, 1983.

pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar apenas pelas leis da matéria.<sup>5</sup>

Texto do livro *Complexidade da Prática Mediúnica*, de Waldehir Bezerra de Almeida.

### 1.3 ALLAN KARDEC: O PROFESSOR

Nascido às 19 horas do dia 03 de outubro de 1804 e desencarnado em Paris, no dia 31 de março de 1869. Era descendente de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições. Seus pais foram Jean-Baptist Antoine Rivail, magistrado, juiz, e Jeanne Louise Duhamel, moradores em Lião, rua Sala, 76.

O seu verdadeiro nome era **Hippolyte-Léon-Denizard Rivail**. "Hippolite" em família; "Professor Rivail" na sociedade e "H-L-D. Rivail" na literatura era, desde os 18 anos mestre colegial de Ciências e Letras, e, desde os 20 anos renomado autor de livros didáticos. Suas obras espíritas foram escritas com o pseudônimo de Allan Kardec.



Destacou-se na profissão para a qual fora aprimoradamente educado na Suíça, na escola do maior pedagogo do primeiro quartel do século XIX, de fama mundial e até hoje paradigma dos mestres: João Henrique Pestalozzi. E, em Paris, sucedeu ao próprio mestre.

Sabe-se que ele tinha estudos de magnetismo, que lhe foram muito proveitosos e chegou mesmo a aconselhar o estudo da ação magnética em conexão com o Espiritismo. Verificou, no entanto, que certos tipos de fenômenos escapam às possibilidades do magnetismo. Daí por diante, forçosamente teremos de conhecer a predominância de uma força superior e, ainda mais, inteligente. Descortina-se-lhe um horizonte mais amplo, pois, agora, trava relações com o elemento espiritual ou extra-humano. É o mundo espiritual que vem, através dos mentores, dar o ensino original, a doutrina pura, pelo princípio da generalidade e concordância.

### 1.4 ALLAN KARDEC: A CODIFICAÇÃO

#### 1.4.1 O Espiritismo e a Ciência

##### a) Espiritismo e Ciência se completam

Espírito e matéria, de acordo com a Doutrina Espírita, são duas constantes da realidade universal. Assim, Espiritismo e Ciência não são forças antagônicas, mas, ao contrário, completam-se

<sup>5</sup> KARDEC, Allan. A gênese. Cap. 1, it. 18, 2013.

reciprocamente, segundo o pensamento de Kardec, expresso em **A Gênese**: *Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo*<sup>8</sup>.

### **b) O Espiritismo não é da alçada da Ciência**

O fato de a Ciência oferecer ao Espiritismo apoio e confirmação não garante, no entanto, àquela a competência para se pronunciar em questão de Doutrina Espírita. Eis os argumentos apresentados pelo Codificador, com respeito a este assunto.

*As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter*<sup>9</sup>.

É importante considerar-se que, ao referir-se às ciências ordinárias, Kardec fazia alusão às ciências positivas, classificadas por Augusto Comte em: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e Sociologia.

### **1.4.2 O método de investigação científica dos fenômenos espíritas**

O método adotado por Allan Kardec na investigação e comprovação do fato mediúnico — instrumento comprobatório da existência e comunicabilidade do Espírito — é o experimental, aplicado às ciências positivas, fundamentado na observação, comparação, análise sistemática e conclusão. São suas palavras: *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer*

*dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas<sup>7</sup>. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão<sup>10</sup>.*

#### 1.4.3 O Espiritismo e a lógica indutiva

Na indução científica (\*), chega-se à generalização pela análise das partes. *Esse tipo de lógica exige observações repetidas de uma experiência ou de um acontecimento. Da observação de muitos exemplos diferentes [partes] os cientistas podem tirar uma conclusão geral<sup>12</sup>. Foi assim que procedeu Kardec em relação à Doutrina Espírita, colocando-a confortavelmente entre as demais ciências.*

A respeito do caminho das induções – percorrido pela Doutrina Espírita –, Herculano Pires, em seu livro *O Espírito e o Tempo*, infere que é a partir da observação dos fatos positivos que o Espiritismo chega às realidades extrafísicas<sup>14</sup>. Em **A Gênese**, diz-nos o Codificador: *Não foram os fatos que vieram a posteriori confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos<sup>7</sup>. Fica, assim, a estrutura lógica do Espiritismo caracterizada como de natureza indutiva<sup>13</sup>.*

No entanto, o processo dedutivo (\*\*), está igualmente consagrado na Doutrina Espírita<sup>13</sup>, já que o método científico exige que se combinem indução e dedução. São palavras de Kardec: *Nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos, procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão<sup>10</sup>. As ideias do homem estão na razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos [por exemplo] deveria imprimir-lhes outro curso; sob a influência desses conhecimentos novos, as crenças se modificaram; o Céu foi deslocado e a região estelar, sendo ilimitada, não mais lhe pode servir. Onde está ele, pois? E ante esta questão emudecem todas as religiões. O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Tomando-se por base a natureza deste último e os atributos divinos, chega-se a uma conclusão; isto quer dizer que, partindo do conhecido, atinge-se o desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo faculta<sup>1</sup>.*

#### 1.4.4 O controle universal dos ensinamentos dos Espíritos

Dois importantes critérios, igualmente tomados à metodologia científica, foram adotados por Kardec na difícil tarefa de reunir informações para a elaboração da Doutrina Espírita: a *generalidade* (ou *universalidade*) e a *concordância dos ensinamentos dos Espíritos*. Esses critérios, com o suporte do uso da razão, do bom senso e da lógica rigorosa emprestam à Doutrina Espírita força e autoridade, como podemos constatar na introdução de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: *Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos desdessar-se nela*<sup>2</sup>. *Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, como não será – qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só*<sup>5</sup>. *O primeiro exame comprobativo [das mensagens dos Espíritos] é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões, como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo*<sup>3</sup>. *Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares*<sup>3</sup>.

*Essa [concordância] a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: «Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos.» A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.*

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando

atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, não frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas insuladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa. Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em **O Livro dos Espíritos** e em **O Livro dos Médiuns** foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm <sup>4</sup>.

Retomando, em **A Gênese**, esse assunto, Kardec assim se expressa: Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade. Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera. Pois que ela tem sua fonte de origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse, seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre todos os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como com ela se dá <sup>6</sup>.

## A Missão

Allan Kardec contava 51 anos quando se dedicou à observação e estudo dos fenômenos espíritos, sem os entusiasmos naturais das criaturas ainda não amadurecidas e sem experiência. A sua própria reputação de homem probo e culto constituiu o obstáculo em que esbarraram certas afirmações levianas dos detratores do Espiritismo. Dois anos depois, em 1857, divulgava **O Livro dos Espíritos**. Em 1858 iniciava a publicação da famosa **Revue Spirite**. Em 1861 dava a lume **O Livro dos Médiuns**. Em 1864 aparecia **O Evangelho segundo o Espiritismo**; seguido de **O Céu e o Inferno** em 1865. Finalmente, em 1868 **A Gênese**, completava o Pentateuco do Espiritismo.

Na ingente tarefa de codificação do Espiritismo, Allan Kardec contou com o valioso concurso de três meninas que se tornaram às médiuns principais no trabalho de compilação de "O Livro dos Espíritos": Caroline Baudin, Julie Baudin e Ruth Celine Japhet. As duas primeiras foram utilizadas para a concatenação da essência dos ensinamentos espíritos e a última para os esclarecimentos complementares. Ultimada a obra e ratificados todos os ensinamentos ali contidos, por sugestão dos Espíritos, Allan Kardec recorreu a outros médiuns, estranhos ao primeiro grupo, dentre eles Japhet e Roustan, médiuns intuitivos; a senhora Canu, sonâmbula inconsciente; Canu, médium de incorporação; a Sra. Leclerc, médium psicógrafa; a Sra. Clement, médium psicógrafa e de incorporação; a Sra. De Pleinemaison, auditiva e inspirada; Sra. Roger, clarividente; e Srta. Aline

Carlotti, médium psicógrafa e de incorporação. Escrevendo sobre a personalidade do ínclito mestre, o emérito Dr. Silvino Canuto Abreu afirmou o seguinte: "De cultura acima do normal nos homens ilustres de sua idade e do seu tempo, impôs-se ao geral respeito desde moço. Temperamento infenso à fantasia, sem instinto poético nem romanesco, todo inclinado ao método, à ordem, à disciplina mental, praticava, na palavra escrita ou falada, a precisão, a nitidez, a simplicidade, dentro dum vernáculo perfeito, escoimado de redundâncias".

Se ele foi o escolhido para a grandiosa missão de receber os ensinamentos do Alto e organizar a Codificação da Doutrina, é óbvio que já tinha, em si mesmo, a urdidura espiritual do verdadeiro missionário. O Allan Kardec racionalista, moralista, universalista naturalmente se preparou, com bagagem do passado, para a obra missionária que realizou.

Allan Kardec pregou a reforma moral nova, sem instituir nenhum sistema dogmático, sem exigir penitências. Mostrou, sem subterfúgios, sem artifícios, que nos basta a observância dos ensinamentos do Cristo, e eis a moral mais pura e duradoura. Ensinou uma filosofia de vida, ofereceu instrumentos válidos para que a Doutrina Espírita possa ter influência fecunda na vida social, mas também nos faz ver que é necessário viver como homens de nossa época. Podemos, pois afirmar que Allan Kardec personificou, de fato, uma das maiores missões da Terra.

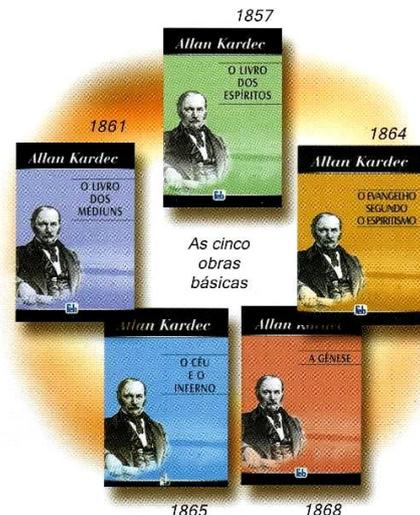
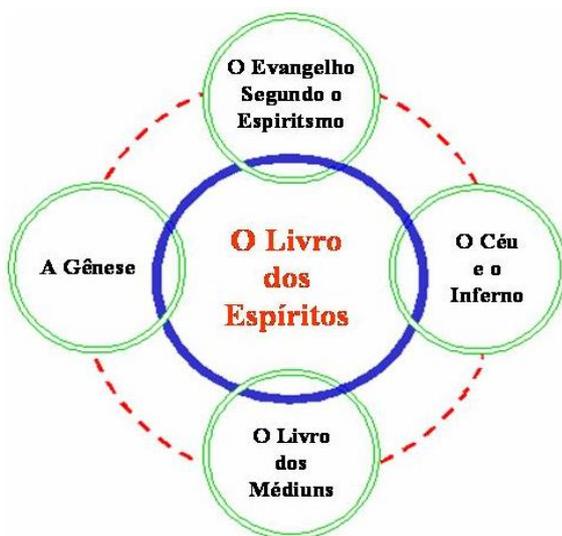
Verdadeira enciclopédia de ensinamentos transcendentais, a Codificação (...) foi o fruto, sazonado e bendito, de um plano arquitetado na Espiritualidade, havendo um de seus elaboradores concretizado a parte que lhe cabia desempenhar, já encarnado na Terra: **Allan Kardec**.

**O Livro dos Espíritos** – E foi da comparação e da reunião de todas essas conclusões, ordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que Allan Kardec formou a 1ª edição de *O Livro dos Espíritos* que veio à luz em 18 de abril de 1857, com 176 páginas, apresentando o assunto distribuído em duas colunas: possuía 501 perguntas e respostas acrescidas e notas e comentários de Kardec. Em 18 de março de 1860 foi lançada a 2ª edição como a definitiva com 1.018 questões. Esta obra é o marco inicial da Doutrina Espírita. Contém os princípios básicos do Espiritismo, expostos de forma lógica, por meio de diálogos com os Espíritos e com comentários de Kardec, sua linguagem é simples e direta. Composto de quatro partes ou livros, a saber: As Causas Primárias, Mundo dos Espíritos, As Leis Morais, Esperanças e Consolações. *É considerado o Código de uma nova fase da evolução humana.*

**O Livro dos Médiuns** – A 1ª edição em janeiro de 1861, e a 2ª edição em outubro de 1861 como a definitiva. A finalidade deste livro é desenvolver a parte prática da Doutrina, mediante o estudo sistemático e perseverante da rica e variada fenomenologia, com base na pesquisa, por método científico próprio. Kardec a considerou como *a continuação de O Livro dos Espíritos*, já que os espíritos o orientaram na sua elaboração. Segundo seu subtítulo, ele é o *Guia dos médiuns e dos Doutrinadores*, e que contém o ensino dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Espiritual, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os perigos que se podem encontrar na prática do Espiritismo. Tem duas partes: Noções Preliminares e das Manifestações Espíritas. *Considera-se o Maior tratado sobre a fenomenologia mediúnica da humanidade.*

**O Evangelho Segundo o Espiritismo** – A 1ª edição em abril de 1861, a 3ª edição em 1865 como a definitiva. Contém a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua explicação as diversas posições da vida. Orienta o Homem para a reforma íntima, para combater os vícios, para uma nova filosofia de vida, mostrando-lhe, sobretudo, a necessidade de ser bom, porque Fora da Caridade não há Salvação. Nesta obra o Evangelho de Jesus é explicado em espírito e verdade, cujo ensino moral é o único que nos pode conduzir à reforma íntima pela obediência às leis divinas, inscritas na própria consciência do Homem. *É considerada a Chave com que se explica o Evangelho.*

**O Céu e o Inferno** – A 1ª edição em 01 de agosto de 1865. Tem como segundo título A Justiça Divina segundo o Espiritismo. Este livro trata do exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidade e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc. Seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte. Esclarece o destino do Homem, combate o niilismo (não acredita na vida após a morte), esclarece o temor da morte que achem do instinto de conservação: mostra o absurdo da doutrina das penas eternas: e demonstra que o céu, o inferno e o purgatório na verdade são estados de consciência que o próprio Espírito cria e os quais vivem após a morte. Tem duas partes: Doutrina e Exemplos (refere-se a comunicações psicográficas de diversos Espíritos desencarnados). *Esta obra é considerada como O Código da Justiça Divina.*



**A Gênese – A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo** - 1ª edição em 06 de janeiro de 1868, a 2ª também em 1868 como a definitiva. Fecha o ciclo das obras da Codificação. Neste livro Kardec deixa o campo exclusivamente doutrinário para a faixa de relações da Ciência com as demais Ciências, revelando de maneira prática as contribuições do Espiritismo para o desdobramento da nossa Cultura. Os dados Espíritas lhe serviram para colocar o problema da origem planetária em termos científicos e na explicação dos milagres do Cristo e das predições ele contribuiu para desmistificação do Cristo e revelou, com antecipação de um século, as leis básicas do fenomenismo paranormal. Divide-se em três partes: A Gênese, os Milagres e as Predições do Cristo.

*Este livro é considerado A União da Ciência com a Religião, ou A Explicação dos fatos religiosos pela Ciência.*

Em 1859, Kardec publicou a 1ª edição de **O que é o Espiritismo**. Esta brochura de apenas uma centena de páginas, apesar de não pertencer à codificação propriamente dita, apresenta uma exposição sumária dos princípios da Doutrina Espírita, uma visão geral que permite abranger o conjunto num quadro restrito.

A 1º edição de **Obras Póstumas** foi publicada em 1890, a 2ª edição também de 1890. Este livro representa o testamento doutrinário de Allan Kardec. Reúne os seus derradeiros escritos e anotações íntimas, destinadas a servir mais tarde para a elaboração da História do Espiritismo, que ele não pôde realizar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. 1ª parte. Cap. 3, item 4, p. 29.
2. \_\_\_\_\_. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 29.
3. \_\_\_\_\_. p. 31.
4. \_\_\_\_\_. p. 32-33.
5. \_\_\_\_\_. p. 36.
6. \_\_\_\_\_. **A Gênese**. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 11.
7. \_\_\_\_\_. Cap. 1, item 14, p. 20.
8. \_\_\_\_\_. Item 16, p. 21.
9. \_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 28-29.
10. \_\_\_\_\_. **Obras Póstumas**. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte. (A minha primeira iniciação no Espiritismo), p. 268.
11. AMORIM, Deolindo. **Análises espíritas**. Compilação de Celso Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. (Allan Kardec e o espírito científico), p. 133-134.
12. **ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL**. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1980, vol. 4, p. 2043.
13. PIRES, J. Herculano. **O Espírito e o Tempo**. 7. ed. Sobradinho: Edicel, 1995. 3ª parte. Cap. 1 (O triângulo de Emmanuel), p. 136.
14. \_\_\_\_\_. Cap. 2 (A Ciência admirável), p. 139.

BARBOSA, Pedro Franco. As “Mesas Girantes”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

DOYLE, Arthur Conan. A História do Espiritismo. A História de Swedenborg. In:\_. **A História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1960.

WANTUIL, Zêus & THIESEN, Francisco. Andrew Jackson Davis. In:\_. **Allan Kardec**. Pesquisa bibliográfica e Ensaios de Interpretação. Rio [de Janeiro]: FEB., 1980. v. 2.



## 2. O QUE É O ESPIRITISMO

### 2.1 TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Allan Kardec definiu o ESPIRITISMO como "a ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e das suas relações com o mundo corporal". – "O que é o Espiritismo".

E acrescentava o Codificador:

"O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E DOCTRINA FILOSÓFICA.

COMO CIÊNCIA PRÁTICA, TEM A SUA ESSÊNCIA NAS RELAÇÕES QUE SE PODEM ESTABELECEM COM OS ESPÍRITOS.

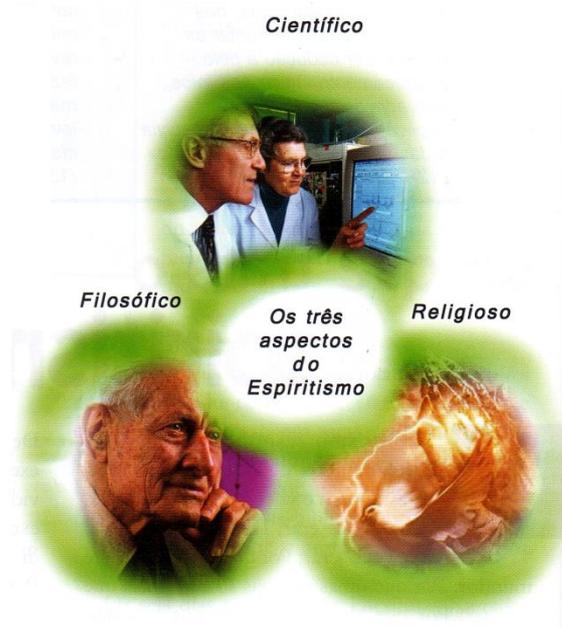
COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQÜÊNCIAS MORAIS DECORRENTES DESSAS RELAÇÕES."

Em discurso pronunciado no dia 1º de novembro 1868, na Sociedade Espírita de Paris (v. "Revista Espírita", vol., 12, Ano XI, dezembro de 1868), Allan Kardec explicava porque havia declarado não ser o Espiritismo uma religião:

"Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta, exclusivamente, uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quiser, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública."

Todavia, declarou, também, que há um sentido pelo qual o Espiritismo é nitidamente religioso, quando estabelece um laço moral entre os homens; quando os une, "como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas".

De fato, a Doutrina Espírita (\*) vinha abalar os alicerces milenares do misticismo, da intolerância, da fé dogmática, do materialismo científico, e era preciso que sua autoridade tivesse apoio na verdade da revelação divina e nas provas dos fatos, a fim de que



não pudesse ser honestamente contestada nos seus princípios básicos, nos conceitos que expusesse (...)

Temos, portanto, que a Doutrina, Espírita, inseparável em seus três aspectos, assim deve ser estudada, compreendida e praticada: ela esclarece, comprova e demonstra, racionalmente, a natureza espiritual do Homem e o seu glorioso destino.

A esse respeito assinala o Prof. J. Herculano Pires no magnífico ensaio "O Espírito e o Tempo", publica pela Editora Pensamento:

"Aqueles, portanto, que não compreendem a natureza tríplice do Espiritismo, ou tentam reduzi-la apenas a um dos seus aspectos, praticam violência contra a Doutrina."

Desse mestre e de sua utilíssima obra, acima cuja leitura recomendamos aos estudantes da Doutrina, vamos transcrever ainda este magnífico trecho, elucidativo:

"O homem se encontra a si mesmo, no triângulo de forças da concepção espírita. A pesquisa científica demonstra-lhe a realidade espiritual da vida, rompendo o véu das aparências físicas; a cogitação filosófica, desvenda-lhe as perspectivas de vida espiritual, em seu processo dialético, através do tempo e do espaço; a fé raciocinada, consciente, da religião em espírito e verdade, abre-lhe as vias de comunicação com os poderes conscientes que o auxiliam na ascensão evolutiva."

O Espiritismo é, portanto, completo, em sua Doutrina, porque, como ciência, nos prova que a vida é eterna, apenas transcorrendo em planos diferentes, sendo o espiritual a nossa verdadeira, pátria; como filosofia, nos explica o mecanismo da Evolução e as leis que regulam as relações das almas, no seu eterno caminhar para Deus, sujeitas a reencarnações periódicas, ao determinismo ditado pelo carma; como a Religião natural, ilumina o nosso comportamento no mundo das formas físicas, aumentando o nosso discernimento do bem e do mal e mostrando a nossa responsabilidade na escolha dos caminhos que seguimos, para atingirmos os objetivos da Criação e a felicidade, com a perfeição moral.

João Teixeira de Paula, em seus "Estudos de Espiritismo", também esclarece:

"Tem a Doutrina Espírita tríplice aspecto: filosófico, científico e religioso; como filosofia, esclarecendo-nos acerca de nossas responsabilidades individuais e coletivas, quer no campo social, quer no campo espiritual; faz-nos compreender com melhores luzes o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro; indica-nos, com segurança e firmeza, o caminho a seguir e nos mostra, com lógica e irrespondíveis argumentos, a inaniidade de nossos cismas e das nossas superstições, assegurando-nos a inexistência de privilégios, penas, prerrogativas, recompensas por toda eternidade; como ciência, prova-nos a existência, a sobrevivência e a imortalidade do espírito; como religião, ensina-nos a interpretar os Evangelho em espírito e verdade."

A Doutrina Espírita, como está na Codificação de Kardec, resultado das mensagens dos Espíritos e do trabalho de seleção e de juízo do homem, pois o mestre de Lyon seguia o método de observar, comparar e julgar, como ele mesmo nos informa em "Obras Póstumas", constitui, nos tempos apocalípticos que vivemos, a última fase de um processo de conhecimento, capaz de nortear a Humanidade para os seus verdadeiros destinos, como parcela do Universo incomensurável.



alargar em extensão e compreensão (...)"

Só os cegos pela vaidade e pelo orgulho se animarão a dizer ultrapassada a obra gigantesca de Kardec, que vem sendo, todavia, legitimamente, complementada em profundidade, pois a Doutrina é progressiva, daí a exatidão da observação de Bezerra de Menezes, em artigo publicado em 6-4-897, na "Gazeta de Notícias":

"(...) os principais fundamentos da Revelação Espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se

Eis o Espiritismo conceituado e entendido como Doutrina (40), cujas características Deolindo Amorim explicitou em suas aulas no Instituto de Cultura. Espírita do Brasil (v. "Anais", nº 2):

"Chama-se característica de uma coisa aquilo que lhe é mais próprio ou marcante. A Doutrina Espírita distingue-se pelo seu conjunto de princípios, pela sua sistemática, pelas suas consequências, pela sua estrutura. São as características."

E acrescenta o Prof. Deolindo que, para efeito de caracterização, a Doutrina pode ser considerada em relação a três aspectos iniciais: origem, constituição e natureza.

Quanto à *origem*, a Doutrina não é uma obra pessoal, não provém de um só Espírito nem foi recebida através de um só médium.

Quanto à *constituição* (estrutura), que compreende o ensino dos Espíritos (generalidades) e o desenvolvimento da Doutrina (aplicação às necessidades e problemas da vida mesma), ela é própria, não exclusivista, mas relativista, racionalista por excelência.

Quanto à *natureza* destaca-se por seu sentido progressista (acompanha a evolução geral da Ciência) e de consistência (não modifica seu conteúdo essencial), sendo pois, simultaneamente, dinâmica e estável.

(\*) DOUTRINA, "conjunto de princípios em que se baseia um sistema religioso, político ou filosófico" – in "Dicionário Prático Ilustrado", de Jayme de Séguier.

ESPÍRITA, palavra criada por Kardec para indicar o adepto da Doutrina que codificara, para evitar confusões com **espiritualista**, o qual nem sempre é espírita, embora a recíproca seja verdadeira.

## 2.2 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOUTRINA ESPÍRITA

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista, de características próprias, e, como toda doutrina, tem princípios básicos, claramente definidos, pelos quais se norteia e nos quais apoia as verdades que proclama.

**Deus** – Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome sob qual o homem a designe. Se há ordem no Universo, há necessariamente uma inteligência responsável por ela. O efeito é resultado de uma causa, logo, o efeito inteligente tem uma causa inteligente. É o criador de tudo o que existe, tanto do Universo físico como no espiritual. Tudo foi criado, exceto Deus. Sendo Deus o ponto de partida de tudo, a base em que se apoia a obra da criação, não se pode concebê-lo sem perfeições infinitas; ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade, sem o que não seria Deus. A inteligência em desenvolvimento do Homem é limitada para compreendê-lo. Falta-lhe, para tanto, percepções que ainda não possui, então tem de limitar, restringir, circunscrever e qualificar os atributos da divindade. Sem, no entanto entendê-lo em sua essência e natureza íntima. Todavia, pode respeitá-lo e amá-lo, pode senti-lo no coração, no âmago da alma.

**Sobrevivência do Espírito** – O Homem é, em sua essência Espírito imortal, que não desaparece, portanto, com a morte orgânica, com o perecimento do corpo físico. Fato este fartamente comprovado em experiências e observações no laboratório do Espiritismo, que são as reuniões mediúnicas. Através dos fenômenos mediúnicos, o Espiritismo tem demonstrado, que ninguém morre, pois que, ao desencarnar, deixando o corpo material no túmulo, o Espírito volta ao mundo invisível, à pátria espiritual, guardando suas características e a individualidade, de quando se achava encarnado. A vida, não começa no nascimento biológico e nem acaba com a morte. Nascer e morrer são episódios da evolução, que se repetem, até que não mais tenhamos a necessidade de reencarnar.

**Evolução** – O progresso contínuo e ordenado dos seres e dos mundos, constitui uma lei divina, a que está sujeita toda a Criação. Há assim um determinismo divino orientando todo o Plano da Criação, porque tudo progride, tudo se eleva, pois a perfeição é a característica intrínseca da obra de

Deus. A Evolução concretiza-se em cadeia de elos indestrutíveis, do cristal, às plantas, dos animais ao Espírito individualizado do Homem, dotado de razão e consciência, em milênios e milênios de séculos humanos. A Evolução se faz, pois, lenta, parcial e gradativamente, pelos chamados fenômenos de nascimento e morte, que atendem à permanente necessidade do ser de modificar-se, renovar-se, melhorar-se, levando o Princípio Espiritual a ganhar sensibilidade, adquirir instinto, desenvolver a inteligência e investir-se de senso moral.

**Reencarnação** – O princípio espiritual, à medida que evolui, utiliza-se de corpos físicos cada vez mais aperfeiçoados e aptos, o que determina a evolução das espécies. Compreende-se, assim, que a Evolução não poderia decorrer no limitado espaço de tempo de uma ou algumas existências, por mais longa que fossem; daí as oportunidades repetidas da Reencarnação, que possibilita ao Espírito várias experiências na matéria física. Essas vivências vão ampliando, cada vez mais, seu cabedal de conhecimentos e de reforma íntima, decorrentes das suas ações levadas a efeito no uso do princípio inalienável do livre-arbítrio. É pela Reencarnação que resgatamos os nossos erros do passado, passando a compreender melhor o Mundo em que vivemos, tudo quanto nele ocorre, os problemas humanos, a dor e a destinação do homem. Esclarece todas as distorções existentes na Terra. É pela Reencarnação, que o Espírito adquire os elementos necessários à sua Evolução.

**Mediunidade** – Os Espíritos vivem, ora no plano físico, encarnados, ora no plano espiritual, desencarnados, mas, os interesses recíprocos, de toda ordem, que os unem, fazem com que se comuniquem, embora em planos dimensionais diferentes, por meio da mediunidade, faculdade orgânica de que são dotados. Há, assim, um intercâmbio ativo e contínuo de ideias e de interesses, que assegura o permanente contato entre os dois mundos. A vida, em verdade é contínua, e assim, retrata por igual, as duas comunidades, que reagem constantemente entre si, intimamente ligadas pela origem e ideais. Coube ao Espiritismo revelar o mecanismo dessas relações, disciplinando a mediunidade, estudando e controlando os fenômenos, a que dá causa. O Espiritismo esclarece, em termos técnicos, corretos e simples, o mecanismo da mediunidade entre os encarnados e os desencarnados, oferecendo aos homens os meios seguros de convivência com os Espíritos do plano espiritual. Mostrando-lhes como tornar proveitoso e útil esse intercâmbio.

**Conclusão** – Os Princípios Básicos da Doutrina Espírita, de que jamais se poderia despojar de um sequer, sem quebrar a unidade de sua essência ou estrutura e natureza, mostram, à sociedade, os aspectos em que se desdobra, para abranger uma concepção total do Mundo, sintetizada naquilo que se pode denominar de coordenadas mestras: Ciência, Filosofia e Religião.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

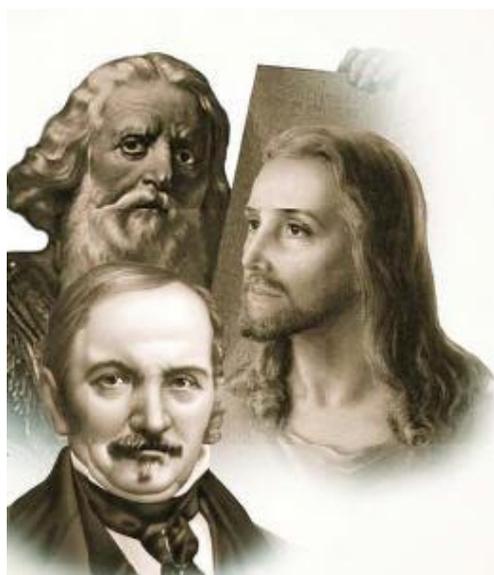
Apostila do ESDE – Programa I – O Espiritismo: seus fundamentos e suas propostas – Federação Espírita do Paraná

BARBOSA, Pedro Franco. “A Doutrina Espírita”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

### 2.3 O CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA: A 3ª REVELAÇÃO DIVINA PARA O OCIDENTE

Qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a doutrina espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que

pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar-se-á o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida?<sup>2</sup>



Definamos primeiro o sentido da palavra revelação. Revelar, do latim “revelare”, cuja raiz, “velum”, véu, significa literalmente sair de sob o “véu” — e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos. Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma

revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.<sup>3</sup>

### 2.3.1 Características da Revelação

A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.<sup>4</sup>

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de “profetas ou messias”, isto é, “enviados ou missionários”, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.<sup>5</sup>

Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo. É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — “Deus e a imortalidade” da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos. Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.<sup>6</sup>

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (Epíst. 1ª, cap. IV, v. 4.) Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. “O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.” É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis moisaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade.

O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face ao mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.<sup>7</sup>

### 2.3.2 Caráter da Revelação Espírita

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé.<sup>11</sup> O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a “revelação da vida futura”, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte.<sup>12</sup> A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade.<sup>13</sup> Jesus nos revela um [...] Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e “dá a cada um segundo as suas obras.”<sup>13</sup>

O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.<sup>8</sup>

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem “seres passivos”, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi “ditada completa, nem imposta à crença cega”; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, “o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”<sup>9</sup>

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado,

pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos.<sup>1</sup>

Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. “As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus”; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus. O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de “verdades práticas” e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”<sup>15</sup>

Entendemos, assim, que a revelação espírita é [...] uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos. Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações.<sup>10</sup>

A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.”<sup>14</sup>

## REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução, item 2, (Controle universal do ensino dos espíritos), p. 27.
2. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, item 1, p. 21.
3. \_\_\_\_\_. Item 2, p. 21-22.
4. \_\_\_\_\_. Item 3, p. 22.
5. \_\_\_\_\_. Item 7, p. 24.

6. \_\_\_\_\_. Item 8, p. 25.
7. \_\_\_\_\_. Item 10, p. 26-27.
8. \_\_\_\_\_. Item 12, p. 27.
9. \_\_\_\_\_. Item 13, p. 27-28.



10. \_\_\_\_\_. Item 20, p. 32.
11. \_\_\_\_\_. Item 21, p. 32-33.
12. \_\_\_\_\_. Item 22, p. 33.
13. \_\_\_\_\_. Item 23, p. 33-34.
14. \_\_\_\_\_. Item 45, p. 45.
15. \_\_\_\_\_. Item 55, p. 54.

## 2.4 O CONSOLADOR PROMETIDO POR JESUS

A ideia de Deus, presente na Humanidade desde os tempos remotos, é identificada nas práticas de adoração do politeísmo e do monoteísmo nascente. No politeísmo, os rituais de adoração eram caracterizados por práticas devocionais, algumas simples, como a oferta de alimentos, frutos da terra e flores, às divindades; outras, de feição bárbara e desumana tinham como princípio o sacrifício de animais e ou de pessoas.

Com o monoteísmo, ocorreu paulatino abandono dos rituais primitivos, indicando que alguma transformação ocorreu no íntimo do ser humano, a princípio de forma tímida, pois o ser ainda sentia necessidade de adorar a Deus de forma figurada – representada nas diferentes manifestações da idolatria – antes que pudesse alcançar a compreensão de adorar a Deus, em Espírito e Verdade, como ensina o Espiritismo.

As práticas devocionais de adoração, primitivas e idólatras, apresentavam uma característica comum: o temor a Deus. Nasceu, daí, a necessidade da construção de nichos de adoração, coletivos e particulares, associados ou não à prática de sacrifícios, como tentativas de “agradar” ou “acalmar” a divindade.

Com o advento do Cristianismo, porém, Jesus revela Deus, o Criador Supremo, como Pai, amoroso e misericordioso, que não exige dos crentes manifestações externas de devoção. Essa ideia, diametralmente oposta ao “deus dos exércitos”, que determina a morte, o sofrimento e a destruição dos próprios filhos, provocou muitos conflitos e entrechoques de opiniões entre os judeus e, mesmo entre os primeiros cristãos.

Neste sentido, esclarece Emmanuel <sup>1</sup>

[...] O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das ideias religiosas; todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dando azo a que as facções sectaristas tentassem, isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência Divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes.

Sob o império da lei de progresso, porém, o homem é impulsionado a ascender planos mais elevados, a rever as suas concepções religiosas, a entender o significado de sua existência e qual é a sua destinação espiritual. Com o advento do Cristo consolador, a Humanidade caminha em outra direção, buscando Deus dentro de si, para mais tarde, com o Espiritismo, transformar-se em colaborador de Deus. Neste sentido, vemos que

[...] O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. [...].<sup>2</sup>

#### **2.4.1 O Cristo Consolador**

Importa considerar que

[...] Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não

desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas. <sup>3</sup>

Tais ideias são condizentes com outras existentes em O livro dos espíritos, questão 625, em que os Orientadores da Codificação Espírita informam ser Jesus o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo. Sendo assim, ainda que não tenhamos noção exata da dimensão espiritual de Jesus, da sua missão e do que ele representa para a Humanidade terrestre, é necessário, como medida de prudência e de fé, seguir as orientações e esclarecimentos prestados pelo próprio Jesus e pelos benfeitores espirituais a respeito do Mestre, ao longo dos séculos.

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-La, ou seja, desenvolvê-La, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-La ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. [...] Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazê-Las passar por uma reforma mais radical, do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e acrescentando: aí estão toda a lei e os profetas. Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, isto é, praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e consequências. [...].<sup>4</sup>

No capítulo sexto de O evangelho segundo o espiritismo, intitulado O Cristo Consolador, Allan Kardec discorre sobre a importância de aceitarmos o jugo do Cristo, e, necessidade de envidarmos todos os esforços para entender e praticar a sua mensagem imortal. Esclarece também que este entendimento pode ser realizado por meio dos ensinamentos espíritas, uma vez que o Espiritismo é o consolador prometido, pois Jesus “[...] é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.”<sup>2</sup>

Em outro momento, afirma o Codificador: <sup>2</sup>

São chegados os tempos em que as ideias morais hão de desenvolver-se, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Porém, não se deve acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas. Não, aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. [...].

## 2.4.2 O jugo do Cristo

Em geral, a mensagem cristã é aceita e admirada no mundo inteiro. Raros são os povos, sobretudo os do Ocidente, que não reconhecem o elevado teor moral do Evangelho. Entretanto, este fato está longe de os fazer submissos ao jugo do Cristo e de colocar em prática os seus ensinamentos. Aliás, é preciso entender o verdadeiro sentido da expressão “jugo do Cristo”. Significa o auxílio concedido pelo Senhor para nos conduzir ao caminho da verdadeira liberdade e felicidade. Não se refere a uma imposição ou subjugação, como erroneamente foi interpretada no passado, diametralmente oposta ao sentido destes ensinamentos de Jesus: *Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve.* (Mateus, 11: 28-30. Bíblia de Jerusalém).

Desta forma,

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele, ao contrário, que nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança vem amenizar o seu amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei”. Entretanto, Jesus estabelece uma condição para a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por Ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.<sup>5</sup>

Vemos, então, que é sempre de âmbito individual a decisão de transformar-se para melhor. Cada pessoa, com os recursos que dispõe, onde e como viva, tem condições de renovar-se espiritualmente, libertando-se do círculo vicioso de erro e acerto, determinado pela lei de causa e efeito. É preciso trabalhar a vontade e empenhar-se no próprio esforço evolutivo.

O crente escuta o apelo do Mestre, anotando abençoadas consolações. [...] Todos ouvem as palavras do Cristo, as quais insistem para que a mente inquieta e o coração atormentado lhe procurem o regaço refrigerante... Contudo, se é fácil ouvir e repetir o “vinde a mim” do Senhor, quão difícil é “ir para Ele”! Aqui, as palavras do Mestre se derramam por vitalizante bálsamo, entretanto, os laços da conveniência imediatista são demasiado fortes; além, assinala-se o convite divino, entre promessas de renovação para a jornada redentora, todavia, o cárcere do desânimo isola o espírito, através de grades resistentes; acolá, o chamamento do Alto ameniza as penas da alma desiludida, mas é quase impraticável a libertação dos impedimentos constituídos por pessoas e coisas, situações e interesses individuais, aparentemente inadiáveis. Jesus, o nosso Salvador, estende-nos os braços amoráveis e compassivos. Com ele, a vida enriquecer-se-á de valores imperecíveis e à sombra dos seus ensinamentos celestes seguiremos, pelo trabalho santificante, na direção da Pátria Universal...<sup>6</sup>

Não há dúvidas de que o processo de melhoria espiritual é árduo, especialmente quando se aplica a Espíritos seriamente comprometidos com a Lei de Deus. Os recursos divinos, contudo, são inesgotáveis e, com eles, podemos imprimir nova direção à existência. As provações, neste aspecto, se revelam como oportunidade de aprendizado que, se bem aproveitadas, impulsionam o progresso individual e coletivo.

Por outro lado, é sempre bom ter em mente que o crescimento espiritual não acontece apenas pelas trilhas da dor, mas, também, pelo exercício do amor, como ensina o apóstolo Pedro, em sua primeira epístola: *Acima de tudo, cultivai, com todo ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados.* (1 Pedro 4:8 – Bíblia de Jerusalém).

Nunca é demais, pois, nos manter atentos a estas orientações:

Através de numerosas reencarnações, temos sido cristãos sem Cristo. [...] Agora que a Doutrina Espírita no-lo revela por mentor claro e direto da alma, ensinando-nos a responsabilidade de viver, é imperioso saibamos dignificá-lo na própria consciência, acima de quaisquer demonstrações exteriores, procurando refleti-lo em nós mesmos. Entretanto, para que isso aconteça, é preciso, antes de tudo, matricular o raciocínio na escola da caridade, que será sempre a mestra sublime do coração. <sup>7</sup>

### 2.4.3. O Consolador prometido por Jesus

Antes da crucificação, no momento da última ceia de Jesus com os apóstolos e discípulos, ele promete enviar outro consolador, denominando-o de Espírito de Verdade.

Este consolador só viria no futuro, quando a Humanidade estivesse mais esclarecida. As seguintes palavras de Jesus expressam a sua promessa: *Se me amais observareis os meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito [Espírito de verdade, espírito Santo], para que convosco permaneça para sempre, o Espírito de Verdade, que o mundo não pode acolher, por que não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós.* (João, 14: 15-18. Bíblia de Jerusalém).

Por sua vez, acrescenta Kardec: <sup>8</sup>

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei: ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Em outras palavras, não basta lembrar os ensinamentos proferidos por Jesus, mas, entendê-los plenamente, sem as limitações da linguagem literal ou simbólica, comum dos textos evangélicos. O primeiro consolador é, obviamente, o próprio Evangelho. O outro, o consolador prometido, é o Espiritismo, assim entendido porque revive as lições evangélicas, na forma como Cristo ensinou, livres de dogmas e normas teológicas, e, também, por esclarecê-las, em Espírito e verdade.

Percebe-se, então, que

[...] o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim no reino dos céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, a respeito de muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo Ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido oculto de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhe trouxessem a chave e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade.<sup>9</sup>

Contudo, para compreendermos integralmente a mensagem de Jesus, devemos aprender a decodificá-la. Precisamos de uma chave. Esta chave é a Doutrina Espírita: “Jesus, o Mestre. Kardec, o Professor. [...] Jesus, a porta. Kardec, a chave”<sup>10</sup>, como afirma Emmanuel.

Assim, conclui Allan Kardec: “[...] o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.”<sup>11,6</sup>

## REFERÊNCIAS

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXVI, p. 182.
2. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. I, item 9, p.63.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 283, p. 229-230.
4. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. I, item 3, p.57-58.
5. \_\_\_\_\_. Cap. VI, item 2, p. 149-150.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel 34 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5, p. 25-26.



7. \_\_\_\_\_. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. Uberaba: CEC, 1987. Cap. 14, p. 58-59.
8. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap VI, item 4, p.151.
9. \_\_\_\_\_. Cap. I, item 4, p. 58.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 5. ed. Uberaba: CEC, 1982. Cap. 2, item 4, p. 23-25.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*

### 3. DEUS

#### 3.1 EXISTÊNCIA E PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

“A prova da existência de Deus têm-na neste axioma: não há efeito sem causa. Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-hi, Grande Espírito, etc.” – Allan Kardec, em *Obras Póstumas*.

A inteligência finita do Homem, para compreender, tem de limitar, restringir, circunscrever, qualificar. Definir é sempre perigoso. Entretanto, procurando entender e aceitar a divindade, o



Homem cria atributos para Deus, mas, em verdade, não pode ainda compreendê-lo nem entendê-lo em sua essência e natureza íntima, como advertiram os Espíritos a Kardec (*O Livro dos Espíritos*, Q. 10). Todavia, pode respeitá-lo e amá-lo, pode senti-lo no coração, no âmago da alma.

Por isso mesmo, muitos perguntam se Deus existe, pois a Ciência o nega e o Materialismo o desconhece.

Entretanto, é uma lei científica, a de que não há efeito sem causa, que prova a existência de Deus. De fato, tudo quanto existe e não é obra do Homem, tem ter uma causa: Deus.

A um pobre beduíno, ignorante, que orava muito Deus, alguém perguntou como podia acreditar nele.

— “Por suas obras”, disse. E explicou:

— “Você não conhece a origem de uma joia pelo sinete do joalheiro? Não sabe de quem é uma carta, pela letra do envelope? Não afirma que um camelo e não um cão passou pela estrada, olhando simplesmente o rastro deixado pelo animal? Assim, também, eu sei que Deus existe por suas obras.”

— “Como? Explique melhor.”

— “É muito fácil. As estrelas, no céu, não são obras dos homens, que lá não poderiam tê-las colocado. Logo, só podem ser obra de Deus, e, portanto, ele existe.”

De fato, o mais simples raciocínio nos dirá que, se há o relógio, deve existir o relojoeiro. Portanto, se há Criação, deve haver o Criador. A Ordem Universal não poderia ser um fato, se não houvesse a Mente criadora organizadora, verdade que Kant definiu

“como a mais antiga, a mais clara e a mais adaptada à comum razão humana, e, ao mesmo tempo, a mais popular”.

Deus existe, embora, como assinala Heráclito Carneiro (“Espírito e Matéria”, da Editorial Crítica, 1959), cada povo o conceba de um jeito e dentro de cada povo muitos o entendam a seu modo, daí porque na mente do homem ele varia ao infinito.

Cogitando da existência de Deus, diríamos, como La Bruyère, que “a impossibilidade em que me vejo de provar que Deus não existe, prova-me a sua existência”, porque, como dizia Victor Hugo, “Deus teria de existir, pois, do contrário, como nós existiríamos?”.

### 3. 2. ATRIBUTOS DA DIVINDADE

Não devemos limitar (1) o conceito da divindade a apenas um de seus aspectos, nem atribuir ao Criador as perfeições e imperfeições do Criado. Entretanto, para melhor sentir Deus, nós lhe conferimos certos atributos, a começar pela definição que lhe deram os Espíritos: “Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas.”

Deus é a inteligência suprema porque, se há ordem no Universo, há necessariamente uma inteligência responsável por ela. O efeito é resultado de uma causa, logo, o efeito inteligente tem uma causa inteligente. A grandeza do Universo, o conjunto harmonioso e sábio das leis eternas mostram uma invulgar inteligência orientando, conduzindo tudo e todas as coisas.

Deus é **infinito** e **eterno**, pois não teve começo e nem terá fim; é o Incriado e o Absoluto. Porque suas leis não mudam nunca, nem se revogam, é imutável. A temporalidade, onde há mudança e movimento, é incompatível com a imutabilidade, eternidade, atributos da perfeição.

Deus é **imaterial**, isto é, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.



É soberanamente **bom e justo**, pois é pai e juiz imparcial, não cria o mal, apenas estabelece a lei, cuja transgressão dá sempre lugar ao reajuste. Jamais nega a oportunidade do resgate das faltas, que, todavia, terão ser pagas, porque, se a sementeira é livre, a colheita é obrigatória.

O filósofo Epicteto já dizia, quando lhe perguntaram que coisa era Deus:

“Se eu o pudesse declarar, ou eu seria Deus ou Deus não o seria.”

Deus (o Incriado) é, nós (a Criação) *somos, existimos*.

Deus existe, diz o Espiritismo, porque consta da Revelação, porque o compreende nossa razão e porque fatos o comprovam. (2)

Deus está em tudo (imanência) e se manifesta pela Vida e pelo Amor, mas sua Criação não é Ele (transcendência); sendo Deus causa e não efeito, “as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou” (Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, Q. 6, *in fine*).



Q. 1 de “O Livro dos Espíritos”.

Deus está imanente (presente) em todas as coisas, mas não se confunde com elas, transcende, é distinto delas.

Por todas as suas características supremas, entende-se que Deus é onisciente (tudo sabe), onipotente (tudo pode) e onipresente (está ao mesmo tempo em todos os lugares).

Compreender Deus é impossível, então sintamo-lo, porque Deus é eterno Amor e, como Amor é altruísmo, Deus se dá em Amor a todas as criaturas.

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” —

(1) “Guardarei para vós os conceitos de tempo, espaço, quantidade, medida, movimento e perfectibilidade. Não procureis medir a Divindade como medis a vós mesmos, por multiplicação e

expansão do vosso concebível. E se quiserdes somar ao Infinito todos os vossos superlativos, dizei ao Infinito: Isto ainda não é Deus — Pietro Ubaldi, “A Grande Síntese”.

(2) (...) surge o problema deveras embaraçoso de saber se os Espíritos veem a Deus. O embaraço está em que, para alguém, encarnado ou desencarnado, ver a Deus, seria preciso que a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, tivesse uma forma e se encontrasse em alguma parte — duas condições que não podem ser satisfeitas, visto como Deus é Incorpóreo e se manifesta por toda parte através de suas leis”. — Mário Travassos, em artigo estampado em “Estudos Psíquicos”, agosto de 1967.

### 3.3. A PROVIDÊNCIA DIVINA

A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. É a suprema sabedoria com que o Criador conduz todas as coisas, é o cuidado constante, o zelo ininterrupto, é o espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, (...) é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a *flux* sobre suas criaturas.

Deus (...) está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial. Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência.



A chamo-nos (...), constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulgos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo. Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.



Nada obsta a que se admita, para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal a irradiar incessantemente, inundando o Universo com seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde esse foco? É o que ninguém pode dizer. Provavelmente, não se acha fixado em determinado ponto, como não o está a sua ação, sendo também provável que percorra constantemente as regiões do espaço sem-fim. Se simples Espíritos têm o Dom da ubiquidade, em Deus há de ser sem limites essa faculdade. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia ainda admitir, a título de hipótese, que esse foco não precisa transportar-se, por se formar em todas as partes onde a soberana vontade julga conveniente que ele se produza, donde o poder dizer-se que está em toda parte e em parte nenhuma.

A ação providencial de Deus pode ser percebida nas seguintes palavras de Emmanuel:

*Se acreditas que o hálito das entidades angélicas bafeja exclusivamente os cultivadores da virtude, medita na Providência Divina que honra o Sol, na grandeza do Espaço, mas induzindo-o a sustentar os seres que ainda jazem colados à crosta do Planeta, inclusive os últimos vermes que rastejam no chão.*

*Contempla os quadros que te circundam, em todas as direções, e reconhecerás o Amor Infinito buscando suprimir, em silêncio, as situações deprimentes da natureza.*

*Cachoeiras cobrem abismos.*

*Fontes alimentam a terra seca.*

*Astros clareiam o céu noturno.*

*Flores valorizam espinheirais.*

*No campo de pensamento em que estagias, surpreenderás esse mesmo infinito Amor, procurando extinguir as condições inferiores da Humanidade.*

*Pais transfigurados em gênios de ternura.*

*Professores desfazendo as sombras da ignorância.*

*Médicos a sanarem doenças.*

*Almas generosas socorrendo a necessidade.*

Entendemos, assim, que Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor.

Devemos, entretanto, considerar que a despeito da ação providencial de Deus para com todas as suas criaturas, estamos vinculados aos resultados do nosso livre-arbítrio. Dessa forma, todas (...) nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofrermos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade futuras.

Fica claro, portanto, que a Providência Divina se manifesta duplamente: sob a forma de misericórdia e de justiça, porque a (...) compaixão, filha do Amor, desejará estender sempre o braço que salva, mas a justiça, filha da Lei, não prescinde da ação que retifica. Haverá recursos da misericórdia para as situações mais deploráveis. Entretanto, a ordem legal do Universo cumprir-se-á, invariavelmente. Em virtude, pois, da realidade, é justo que cada filho de Deus assuma responsabilidades e tome resoluções por si mesmo.

As provações da vida representam, assim, os cuidados de Deus para com todos os seus filhos, oferecendo-nos benditas oportunidades de progresso espiritual, como nos esclarece o benfeitor Emmanuel:

*Em todas as provas que te assaltem os dias, considera a quota das bênçãos que te rodeiam, e, escorando-te na fé e na paciência, reconhecerás que a Divina Providência está agindo contigo e por teu intermédio, sustentando-te, em meio dos problemas que te marcam a estrada, para doar-lhes a solução.*

*Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom: essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode ele querer, donde se segue que devemos confiar nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tomado dignos de o compreender.*

### **3.4 COMUNHÃO COM DEUS – A ORAÇÃO**

É um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nEle; é aproximar-se dEle; é pôr-se em comunicação com Ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.

Pode-se dizer, também, que é a prece, de maneira geral, uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação.

Orar não é apenas suplicar, louvar, reclamar, ou requerer; é sobretudo sintonizar pensamentos e emoção, construir fecundas conjugações mentais, estabelecer circuitos de poderosas energias construtivas.

Qual a maneira correta de orar, segundo o entendimento espírita?

A verdadeira prece não deve ser recitada, mas sentida.

Não deve ser cômodo processo de movimentação de lábios, emoldurado, muita vez, por belas palavras, mas uma expressão de sentimento vivo, real, a fim de que realizemos legítima comunhão com a Espiritualidade Maior.

A prece outra coisa não é senão uma conversa que entretemos com Deus, Nosso Pai; com Jesus, Nosso Mestre e Senhor; com nossos amigos espirituais.

É diálogo silencioso, humilde, contrito, revestido de unção e fervor, em que o filho, pequenino e imperfeito, fala com o Pai, Poderoso e Bom, Perfeição das Perfeições.



Quando o espírita ora, sabe, por antecipação, que sua prece não opera modificações na Lei, que é imutável; altera-nos, contudo, o mundo íntimo, que se retempera, valorosamente, de modo a enfrentarmos com generosidade as provas, que se atenuam ao influxo da comunhão com o Mundo Espiritual Superior.

Jesus definiu, claramente, a maneira correta de orar, que pode ser entendida como as qualidades que a prece deve ter. Ele nos recomenda que, quando orarmos, não nos devemos pôr em evidência, mas orar em secreto. Que não devemos nos afetar orando muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que seremos atendidos, mas pela sinceridade delas. Recomenda-nos, também, perdoar qualquer coisa que tenhamos contra o nosso próximo, antes de orar, visto que a prece agradável a Deus parte de um coração purificado pelo sentimento de caridade.

Esclarecer por fim, que a prece deve ser revestida de humildade, procurando cada um ver os seus próprios erros e não os do próximo. (Mateus, 6:5-8; Marcos, 11: 25-26.)

Quando Jesus nos recomenda orar secretamente (“entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai ao vosso Pai em secreto”, nas palavras de Mateus), não está estabelecendo um posicionamento ou postura especial, física ou mística, para entrar em comunhão com Deus. Afinal, não podemos esquecer que existe uma multidão de pessoas no planeta que não possui nem mesmo um modesto quarto para se recolher.

O que Jesus pretende é que busquemos o recolhimento para, a sós, dialogarmos com Deus.

No insulamento, a oração flui com maior naturalidade, sem interferências, sem preocupações com fórmulas e formas, favorecendo a comunhão legítima com a Espiritualidade (...)

Nesses instantes, orienta Jesus, não nos preocupemos em falar muito, como se as respostas

estivessem condicionadas à prolixidade, ou se fôssemos hábeis advogados empenhados em convencer o Céu a ajudar-nos.



O essencial não é orar muito, mais orar bem. As preces muito longas, além de cansativas, podem revelar uma forma de exibição, que é sempre contrária à humildade.

Outra qualidade da prece é ser inteligível:

Aquele que ora sem compreender o que diz habitua-se a ligar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele as palavras é que são eficazes, ainda que o coração não participe.

A este respeito o apóstolo Paulo nos fala com lucidez: "se eu pois não entender o que significam as palavras serei um bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala sê-lo-á para mim do mesmo modo." (I Coríntios, 14:11)

A prece inteligível fala ao nosso Espírito. Para isto não basta que seja dita em língua compreensível pelo que ora; há preces em língua vulgar que não dizem mais ao pensamento do que se o fossem em língua estranha, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras ideias que encerram são, às vezes, abafadas pela superabundância de palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser **clara, simples e concisa sem fraseologia inútil**, nem luxo de epítetos, que não passam de vestimentas de lantejoulas; cada palavra deve ter o seu alcance, despertar um pensamento, mover uma fibra; numa palavra, deve refletir; só com esta condição a prece pode atingir o seu objetivo, do contrário não passa de ruído.

A prece deve ser espontânea, nascida do coração:

A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade.

O mais perfeito modelo de concisão, no caso da prece, é, sem contradita, a Oração Dominical ("Pai Nosso"), verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade; sob a mais reduzida forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

O Pai Nosso deve ser visto não apenas como uma prece, mas também como símbolo, que deve ser colocado em destaque acima de qualquer outra prece, seja porque procede do próprio Jesus (Mateus, 6:9-13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que se lhe conjuguem.

O Pai Nosso encerra um pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem o diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.

A exceção do Pai Nosso, todas as demais preces podem ser definidas como sendo um apelo de nossa alma em ligação instantaneamente feita com o Mundo Espiritual, segundo os princípios de afinidade estabelecidos no intercâmbio mental.

Sendo a prece um apelo, evidentemente somos levados, de acordo com as instruções dos Benfeitores Espirituais, a classificá-la de vários modos.

Em primeiro lugar temos a prece vertical, isto é, aquela que, expressando aspirações realmente elevadas, se projeta na direção do mais alto. Ela é recolhida pelos Missionários das Esferas Superiores.

Em segundo lugar, teremos a prece horizontal, traduzindo anseios vulgares (...). Encontrará ressonância entre aqueles Espíritos ainda ligados aos problemas terrestres.

Por fim, teremos a descendente.

A essa não daremos a denominação de prece, substituindo-a por invocação (...).

Na invocação o apelo receberá a resposta de entidades de baixo tom vibratório.

São os petítórios inadequados, expressando desespero, rancor, propósitos de vingança, ambições, etc.

A prece é vertical, horizontal ou descendente, em decorrência do potencial mental de cada pessoa que ora ou dos sentimentos que ela expressa.

A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que se enobreceram. Ideias e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas.

Cada prece, tanto quanto cada emissão de força, se caracteriza por determinado potencial de frequência e todos estamos cercados por inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apostila do ESTUDO E EDUCAÇÃO DA MEDIUNIDADE – Curso de Iniciação Mediúnica – FEB.

Apostila do ESDE – Programa Fundamental I – Federação Espírita Brasileira

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 1º Ano / Autores Diversos (Área de Ensino). 1 ed. Edições FEESP, São Paulo, 1989.

BARBOSA, Pedro Franco. “Princípios Básicos da Doutrina Espírita”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

## 4. CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO

### 4.1 ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

Diz-nos a razão não ser possível que o Universo se tenha feito a si mesmo e que, não podendo também ser obra do acaso, há de ser obra de Deus.



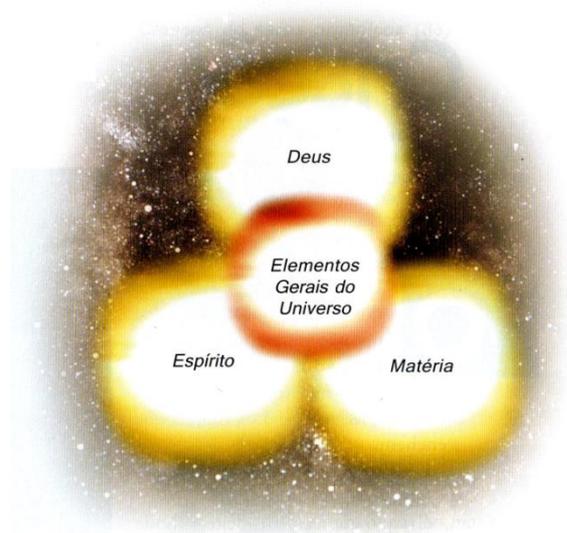
Como criou Deus o Universo?

"Para me servir de uma expressão corrente, direi: pela sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras do Gênese – "Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita."

Existem dois **elementos gerais do Universo**: a **MATÉRIA** e o **ESPÍRITO** e acima de tudo **DEUS**, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a **trindade universal**. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que

desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria, e suscetível, pelas suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

O modo de formação dos mundos deu-se pela condensação da matéria disseminada no Espaço. O tempo que isso levou para ser feito não poderemos



saber por que esse conhecimento pertence a Deus e que pretender alegar que o sabe estará faltando com a verdade.

### **Deus renova os mundos como renova os seres vivos.**

O mundo, no nascedouro, não apresentou assente na sua vitalidade e na plenitude de sua vida, não. O poder criador nunca se contradiz e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido de leis e de sua impulsão inicial inerente a sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva fez que sucessivamente nascessem turbilhões, aglomerações desse fluido difuso, amontoados de matéria nebulosa que se cindiram por si próprios e se modificaram ao infinito para gerar, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criação simultâneas e sucessivas.

A **matéria cósmica primitiva** continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam sua magnificência diante da eternidade; a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; dá, ainda incessantemente, a luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno.

A substância etérea mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. Se perguntássemos qual o princípio dessas forças e como pode esse princípio estar na substância que a produz, a resposta encontraríamos na Mecânica que nos oferece numerosos exemplos, tais como: a elasticidade que faz com que uma mola se distenda, não está na própria mola e não depende do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe a sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso.

É exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

Acerca do modo de criação dos Espíritos, apenas podemos comentar segundo foi dito a Kardec pelos Espíritos e que foi determinado pelas limitações que nos são impostas pela falta de conhecimentos e ser nossa linguagem pobre para emitir certos conceitos necessários para a compreensão desse importante tema.

"O Espírito não chega a receber a iluminação divina, que lhe dá, simultaneamente com o livre-arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, sem haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualização. Unicamente a datar do dia em que o Senhor lhe imprime na fronte o seu tipo augusto, o Espírito toma lugar no seio das humanidades".

Os mundos, como a terra e qualquer planeta têm também segundo as leis do Universo o seu momento de vida e morte.

As mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a galardoaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que lhe firmaram os primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão também presidir a desagregação de seus elementos constitutivos, a fim de os restituir ao laboratório onde a potência criadora haure incessantemente as condições de estabilidade geral. E a morte não será um acontecimento inútil, nem para a Terra nem para os outros astros. Noutras regiões, onde os sistemas de mundos se desvaneceram, em breve renascerá uma nova Terra.

## 4.2 A LEI DE EVOLUÇÃO

A Evolução (\*), ou seja, o progresso contínuo e ordenado dos seres e dos mundos, constitui uma lei divina, a que está sujeita toda a Criação:

O Universo inteiro, no mínimo e no máximo, está sujeito a uma evolução constante e progressiva. **Há evolução para o Princípio material e há evolução para o Princípio espiritual.**

Há assim um **determinismo divino orientando todo o Plano da Criação**, porque tudo progride, tudo se eleva, pois a perfeição é a característica intrínseca da obra de Deus, a inteligência suprema:

"A evolução, na sua máxima amplitude, abrangendo e solidarizando Céus e Terras, Sóis e Planetas, o Universo inteiro, é, talvez, a lei fundamental da Providência, de que todas as outras são subsidiárias e complementares; a razão de ser da Vida, animada e impulsionada pelo Espírito, como seu direto organizador e orientador, para um fim de perfeição inacessível, por enquanto, à nossa razão, transcendendo, no seu dinamismo progressivo, o tempo e o espaço."

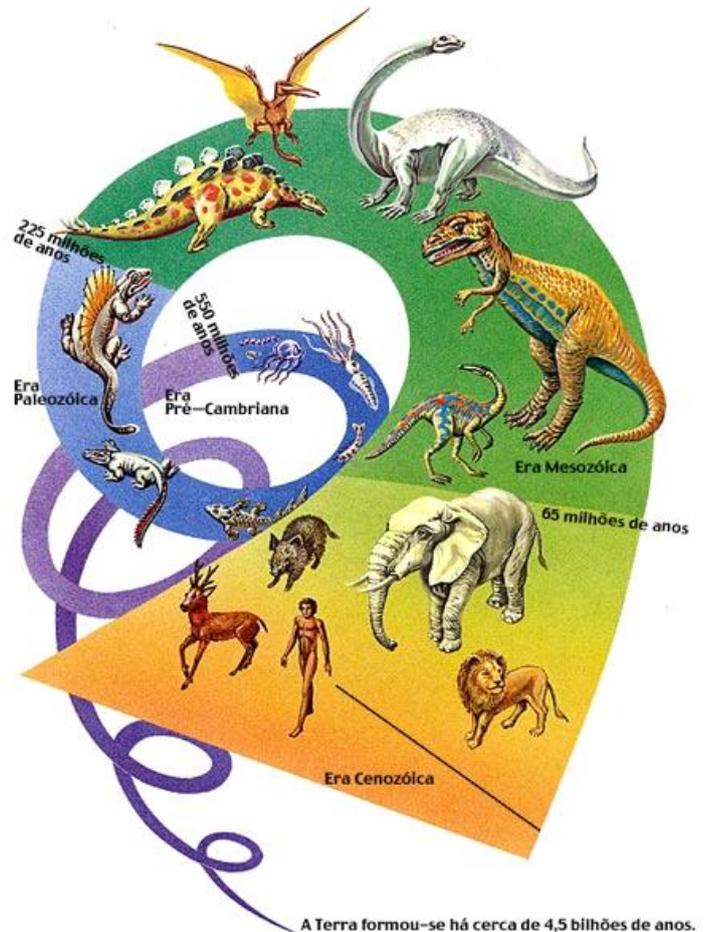
– Dr. Antônio J. Freire, "Ciência e Espiritismo".

Em verdade, a Evolução, como podemos concebê-la, concretiza-se em cadeia de elos indestrutíveis, do cristal às plantas, do princípio espiritual, embrionário, dos animais, ao Espírito individualizado do Homem, dotado de razão e consciência, em milênios e milênios de séculos humanos.

Ingressando no reino hominal, o Espírito, simples e ignorante, é ainda ferocidade e instinto primário, com vislumbres de inteligência, que fará dele, pelos milênios afora, o conquistador da própria Individualidade, síntese final resultante de muitas vivências, em que se depurará, no cadinho da dor, dos sofrimentos, dos atos sublimados de altruísmo e amor, sob a máscara, mutável, de inúmeras personalidades, que viverá por força da lei que transforma os brutos em anjos, a grande retificadora, o instrumento maior da Justiça Divina – *a reencarnação*.

A Evolução, mecanismo simples mas complexo, ao mesmo tempo, verifica-se em dois movimentos paralelos e simultâneos, interdependentes e coexistentes, promovendo o progresso do organismo físico, numa série numerosa de corpos, forma e matéria, e do organismo anímico, vida e espírito, que deles faz moradas transitórias nos mundos materiais em que encarna e desencarna, periodicamente.

O Homem resulta de três amplos movimentos evolutivos: o físico, o biológico e o espiritual, que constituem a evolução geral, a Criação. A alma humana, como o corpo físico, de que se utiliza, não são criados perfeitos e acabados (teoria criacionista); muitos e muitos milênios são necessários, para que se complete a obra da Criação. A Evolução se faz, pois, lenta, parcial e gradativamente, pelos chamados fenômenos de vida e morte, que atendem à permanente necessidade do ser de modificar-se, renovar-se, melhorar-se. A vida é a força vital que mantém o ser em constante expansão, a morte é apenas um processo de renovação, transformação, porque, em verdade, o Espírito é imortal.



(\*) "A evolução é a manifestação da onipotência divina, mas não se confunde com Deus. Pois Deus não é a evolução, mas a razão da evolução." – "Deus e a Evolução", de Mário G. Xavier.

### 4.3 OS REINOS DA NATUREZA: MINERAL, VEGETAL, ANIMAL E HOMINAL.

Observando os seres da Natureza, classificaram-nos os naturalistas em três reinos: **mineral**, **vegetal** e **animal**, neste último incluíram também o homem, considerando-o apenas do ponto de vista físico, isto é, somente em seu corpo material. Este, realmente, é em tudo semelhante aos dos animais superiores. Se considerado, porém, em sua integralidade, distingue-se evidentemente o homem de todos os outros seres pela sua *inteligência* e *racionalidade*. A inteligência, que nele se acha superiormente desenvolvida, possibilita-lhe uma atividade consciente altamente elaborada, incluindo ideias e juízos, raciocínio lógico e pensamento discursivo. No homem brilha, pois, a luz da razão, que não existe no puro animal, e lhe faculta o conhecimento das leis universais, e à qual se junta o senso moral, que o eleva ainda mais acima dos outros seres, pela percepção também das leis morais e a intuição de Deus. Destaca-se, portanto, dos animais, nitidamente, o homem, por qualidades que não pertencem à matéria, ao corpo do homem, sendo atributos do Espírito e formando, na Natureza, um quarto reino: **o hominal**.

Feita essa ressalva, e admitindo-se o homem como um ser à parte, podem, realmente, considerar-se aqueles três reinos. Em outros termos: além do homem racional e moral, existem no nosso mundo as pedras ou minerais, as plantas ou vegetais e os animais irracionais. Essa distinção entre os seres da Natureza, considerados os animais como os representantes mais evoluídos dos três reinos, é de tal modo intuitiva que desde muito entrou no entendimento humano. Todavia, em análise profunda e observando-se os seres mais simples dos extremos das três séries naturais, é-se obrigado a reconhecer formas de transição de tal modo sutis que entre elas se torna ambígua a definição absoluta dos três reinos.

Há, porém, um caráter distintivo, que não padece dúvida, entre os seres minerais e os dos outros grupos: é a ausência de vida dos minerais e a presença dela nos vegetais e animais. Por isso, prefere-se a divisão mais simples que considera, de um lado, os minerais, constituindo os seres *brutos* ou *inorgânicos*, e de outro, os vegetais e os animais reunidos para constituir o grupo dos seres vivos ou orgânicos. A presença da vida traduz-se nos vegetais e animais pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das grandes funções de nutrição e de reprodução. Há uma infinidade de seres constituídos de uma única célula. São seres unicelulares vegetais – os protófitos, e animais – os protozoários. Mas em seres progressivamente evoluídos, até os vegetais e animais superiores (metáfitas e metazoários), as células microscópicas se reúnem em tecidos, os tecidos em órgãos e estes em sistemas e aparelhos orgânicos.

À pergunta 585 de **O Livro dos Espíritos**. "Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?" Os Espíritos responderam: Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.

Os seres que formam o **Reino Mineral** só manifestam uma **força mecânica**, isto é, decorrente



unicamente da matéria de que são formados. Apenas existem, inertes e brutos, falece-lhes inteligência e vontade, nem mesmo instintos revelam, o que prova que, se neles existe algum princípio diferente da matéria, está completamente abafado, dorme, em total **estado de latência e inatividade**. Há belos e deslumbrantes minerais – o quartzo hialino – e as diversas variedades coloridas – o rubi, o topázio, a esmeralda; há o ouro rutilante em pepitas ou em filões, sais diversos dissolvidos nas águas dos mares e dos rios, ou em minas terrestres de sal gema, e outros; há preciosos minérios donde o homem extrai economicamente os metais: rochas de

belíssimo aspecto, os gigantescos blocos de mármore branco de Carrara, como irisados em cores várias, há o granito e o gnaiss, as argilas branca e vermelha. Que variedade enorme de rochas e de terras, que abundância de cristais, pertencentes a sistemas diversíssimos, nos quais as leis da cristalografia refletem, mesmo na Natureza assim inerte e bruta, a sabedoria divina e a divina providência! Mas tudo isso, amorfo ou em facetadas formas, fosco ou brilhante, dorme, não dando o menor sinal de vida, muito menos de consciência ou sequer de instinto.



Os seres que formam o **Reino Vegetal** existem, de certo modo também **inertes e brutos**, sem inteligência nem vontade ativa, mas já apresentando, embora fixos e sem poderem por si mesmos deslocar-se, o movimento interior da vida, realizando um completo ciclo vital: **nascem, crescem, nutrem-se, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem**. É que, além da matéria densa, apresentam um outro princípio sutil e dinâmico, o **princípio vital**, de que deriva essa força prodigiosa que lhes comunica a vida. Tudo é maravilhoso nesse mundo das plantas, em seu conjunto admirável, desde os *talófitos*, cujo corpo vegetativo é um simples talo, sem raízes (podendo apresentar rizóides), sem verdadeiro caule, sem folhas, sem flores nem frutos, seres rudimentares, entre os quais se encontram as bactérias, algas e cogumelos; passando pelos briófitos e os pteridófitos, estes já mais evoluídos, como se pode ver nas belas cavalinhas e samambaias de múltiplos feitiços e portes até os espermatófitos, que incluem, já no topo da escalada, os vegetais superiores, com raiz, caule, folhas, flores e frutos. Que variedade, então, de cores e sabores, e de valores nutrientes, nessa multidão de seres que vão desde as ervas pequeninas e os arbustos graciosos até as frondosas e gigantescas árvores, os coqueiros altivos e as araucárias, as figueiras copadas e os jacatirões floridos, os carvalhos. Quanta manifestação de força e vida!



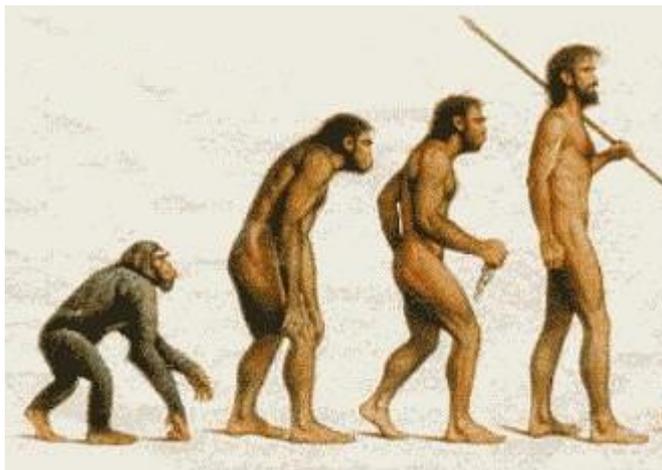
Entretanto, esses seres não revelam também consciência alguma da sua existência, **não sentem prazeres ou dores, não têm verdadeiras percepções e sentimentos**; só têm **vida orgânica**, que exatamente lhes é comunicada por sua união com o princípio vital. O Espiritismo confirma essas ideias da Ciência, como podemos ver nas seguintes questões de **O Livro dos Espíritos**: "Têm as plantas consciência de que existem? Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica." "Experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam? Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Conseqüentemente, não têm a sensação da dor." "Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo? Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo disso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto."

Os seres que formam o **Reino Animal** existem e vivem como os vegetais, mas acrescentam-se-lhes o **movimento** e as **sensações**, que os vegetais não têm, sendo que nos animais superiores os movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, denotando também certo grau de **inteligência**. Todavia, no animal ainda prevalece o instinto; a **inteligência ainda não tem a capacidade do raciocínio**.

Queremos, entretanto, lembrar que, se pelo seu corpo material o homem se assemelha aos animais, deles se distingue totalmente pela sua natureza espiritual, pela sua alma, que lhe confere razão e senso moral. Os Espíritos Superiores nos têm afirmado que há entre a alma do homem e a do animal a mesma distância que há entre o homem e Deus.



O **Ser Humano** não é um simples animal, porque nele vibra, como ser essencial, um Espírito, consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade. Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O ser humano é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.



Há, ainda, uma diferença que gostaríamos de assinalar entre os animais e o homem: após a morte do corpo físico, a alma dos animais conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.

A alma do animal, após a destruição do corpo físico, fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais.

A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.

#### 4.4 A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

Em que pese à opinião dos cépticos e das criaturas mal informadas, um exame atento e sem juízo preconcebido da conduta humana há de levar-nos à conclusão irrefutável de que, a despeito dos inúmeros males sociais que ainda nos assoberbam, a Humanidade tem progredido, afastando-se, pouco a pouco, do egoísmo, da crueldade e da injustiça, fazendo que prevaleçam os sentimentos nobres, inspiradores dos mais belos e puros ideais.

Graças àqueles que, em vez de julgarem o Mal uma fatalidade, se dispõem, ao contrário, a trabalhar pela vitória do Bem, dia a dia mais se desenvolve a noção de solidariedade para com nossos semelhantes, mais vivazes se mostram os anseios pela abolição da guerra e maiores avanços se verificam na luta em prol dos direitos humanos .

Uma boa prova disso no-la dão as Nações Unidas no relatório correspondente aos seus Vinte anos de existência, iniciada a 24 de outubro de 1945. Digna de destaque, nesse documento, a informação de que algumas das nações mais prósperas estão doando seus excedentes agrícolas e outros gêneros alimentícios para amenizar os graves efeitos da fome em outras áreas do mundo, fornecendo-lhes, em complemento, vultosos empréstimos, em condições de resgate bastante vantajosas, bem assim assistência técnica, visando ao aumento da produção de víveres e conseqüente melhoria de seus padrões de nutrição.

Ressalte-se, por outro lado, o compartilhamento de conhecimentos científicos promovido pelas Nações Unidas, tendo em vista o desenvolvimento de todos os países e a eficiente ajuda da Organização Mundial da Saúde, um de seus órgãos, na elevação das condições sanitárias de toda a Humanidade, seja amparando e fomentando a pesquisa médica internacional, seja auxiliando a erradicação de doenças epidêmicas ou de disseminação em massa, como a febre amarela, a varíola, a malária, a tuberculose, etc.

Perguntamos: essa colaboração espontânea dos povos mais adiantados em benefício dos menos desenvolvidos não constitui indício seguro de que estamos caminhando rumo ao altruísmo, ou seja, ao solidarismo cristão?

As relações amistosas entre as nações vão, a seu turno, ganhando extensão e profundidade. Haja vista que, através de mediações ou negociações entre as partes litigantes, vários conflitos armados foram evitados ou tiveram fim nestas últimas duas décadas, evitando-se, com tais soluções conciliatórias, o sacrifício de milhões de vidas.

O magno problema do desarmamento, inclusive a proscricção das armas de destruição maciça, um dos objetivos precípuos da ONU, tem sido alvo, igualmente, de persistentes debates no seio da Assembleia Geral e, apesar das divergências entre as principais potências nele interessadas, notáveis progressos já foram alcançados, dando-nos a esperança de que um acordo geral venha a ser firmado em breve, garantindo-se, finalmente, a segurança e a paz internacionais.

Enquanto esse dia não chega, as guerras continuam flagelando diversas regiões, obrigando milhares de pessoas a deixar suas pátrias em busca de refúgio em outros países. Sob os auspícios das Nações Unidas, porém, esses refugiados (menores de idade, em grande parte) recebem abrigo, alimentação, cuidados médicos, educação e formação profissional, tornando-se, assim, capazes de se autossustentarem onde quer que venham a viver.

Tais realizações revelam que entre os homens não existe apenas ódio, mas também muita bondade e muito esforço sincero no sentido de acabar com o sofrimento.

Fecunda e incansável, do mesmo modo, tem sido a porfia da Organização das Nações Unidas pela implantação da justiça social em todas as partes do mundo, e daí o haver elaborado e proclamado, a 10 de Dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a

qual todos, indistintamente, têm direito à vida, à liberdade e segurança física, à liberdade de movimento, de religião, de associação e de informação; o direito a uma nacionalidade; o direito de trabalhar sob condições favoráveis, recebendo remuneração igual por igual trabalho realizado, o direito ao casamento e a constituir família.

Certos setores especializados, como os direitos da mulher, os direitos da criança e a eliminação da discriminação racial na educação, no emprego, nas práticas religiosas e no exercício dos direitos políticos, têm-lhe merecido, outrossim, acurados estudos, dos quais resultaram declarações especiais, juntamente com a solicitação a todos os seus Estados membros de providências efetivas para a concretização dos princípios aprovados.

Não é só. Agindo em consonância com os propósitos gerais da Organização, as Nações Unidas utilizaram fortes estímulos junto aos povos dependentes para que reivindicassem o autogoverno, resultando desse apoio o surgimento de grande número de novas nações independentes, notadamente na Ásia e na África, fazendo que seu quadro de membros, que abrangia apenas 51 Estados fundadores, subisse para 114. Isso equivale a dizer que as liberdades fundamentais do homem vigoram, hoje, em mais do dobro dos países que, há vinte anos, gozavam desse privilégio.

A evolução da Humanidade, como se vê, é palpável. Não enxergá-la, pois, é dar mostra de acentuada miopia espiritual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apostila do ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA – Programa IV – Aspecto Filosófico – FEB.

BARBOSA, Pedro Franco. “Princípio Básico da Doutrina Espírita”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

CALLIGARIS, Rodolfo. “A Evolução da Humanidade”. In: - As Leis Morais da Vida - Segundo a Filosofia Espírita. 6 ed. Rio [de Janeiro]: FEB.

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 1º Ano / Autores Diversos (Área de Ensino). 1 ed. Edições FEESP, São Paulo, 1989.

ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA INICIANTES: Tema 3 – Editado André Bozzetti – FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL.

PERALVA, Martins. “Mundos habitados”. In: - **O Pensamento de Emmanuel**. 6 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

## 5. ESPÍRITO

### 5.1 ORIGEM E NATUREZA

O espírito constitui-se num resultante da evolução do princípio espiritual após sucessivas existências em contato com a matéria bruta, com organismos vegetais e com a complexidade dos corpos animais. Difere do princípio material não só pela inteligência como também pela capacidade de assimilar as leis de Deus desenvolvendo-se nelas.



Quando o princípio espiritual atinge a capacidade de utilizar um corpo humano, ele é denominado **espírito**. Portanto a criação dos espíritos remonta à criação do princípio espiritual que se origina de Deus. O surgimento de novos espíritos é consequência natural da evolução do princípio espiritual e se dá constantemente.

O homem possui natureza tríplice, sendo ele o encontro do corpo físico, do perispírito e do espírito. Essa constituição o coloca em condições de viver a vida material e a espiritual simultaneamente. O corpo físico é o veículo de manifestação do espírito na realidade material. O perispírito é um organismo de ligação entre a vibração da matéria e a natureza transcendente do espírito.

Em que pese a crença nos espíritos ser antiga, a confirmação científica de sua existência é ainda algo posto sob dúvidas, sendo aceita pelas religiões e alguns sistemas filosóficos. Ainda não é do domínio da ciência, nem mesmo como seu objeto de estudo.

Os espíritos foram criados por Deus, que continua criando-os sem cessar, **simples e ignorantes** quanto às Suas leis. Essa criação é de toda a eternidade e ocorre em todo o Universo. Os espíritos povoam o cosmo e se encontram em mundos espalhados pelo infinito em estágios diferentes, os quais são habitados por eles que se encontram em níveis evolutivos diferentes, porém todos fazendo parte da natureza. Os mundos se comunicam como cidades de um mesmo país. Os espíritos, de acordo com propósitos superiores, deslocam-se de um mundo a outro a fim de cumprirem aprendizados que os capacitem à perfeição.

Os espíritos manifestam-se na natureza através do elemento material. Revestem-se de um corpo de matéria sutil para operar no mundo material. Esse corpo chama-se espiritual ou perispírito e é seu veículo de manifestação no mundo físico, sendo-lhe importante no seu processo de evolução.

Os espíritos se organizam no mundo espiritual de acordo com seus níveis evolutivos e por afinidades de propósitos. À medida que evoluem mudam de situação e se agrupam com aqueles que estão em sua faixa de evolução. Após a morte a evolução continua, não havendo nenhuma espera para julgamentos nem estação de repouso definitivo ou sofrimento eterno. A sociedade espiritual

evolui, podendo o espírito viver tanto em várias regiões do mundo espiritual quanto em mundos diversos. O universo é habitável em toda a sua infinita extensão. Quando o espírito já aprendeu o suficiente num mundo, ele passa a um outro que lhe possa mostrar outra lei de Deus que ele ainda não conhece. A evolução nunca cessa.

Os espíritos, vinculados àqueles que deixou no mundo material, costumam lhes aparecer a fim de provar-lhes a continuidade de sua existência. São comuns as aparições de pessoas recém falecidas junto a parentes com a finalidade de se despedirem deles. Essas aparições muitas vezes provocam medo e são atribuídas a forças demoníacas. Nada mais são do que testemunhos da continuidade da vida após a morte. A morte do corpo provoca a desencarnação do espírito. Morte e desencarnação se referem a sujeitos distintos. A morte diz respeito ao corpo físico, e a desencarnação refere-se à saída do espírito. Com a morte, o perispírito se separa do corpo a fim de viver sua verdadeira vida, a espiritual.

Alguns espíritos, pela sua natureza, não só se apresentam como também se materializam, tornando-se tangíveis. Utilizando-se dos fluidos (energias) especiais conseguem se mostrar de forma inequívoca, provando sua individualidade e imortalidade.

Os espíritos não são seres à parte na criação divina. Nós todos somos espíritos em processo de evolução, sujeitos às mesmas leis do mundo espiritual. Uns no corpo físico, outros fora dele, todos estamos submetidos à lei de Deus. Os espíritos fora do corpo físico constituem-se no nosso futuro após a morte, tanto quanto somos a realidade deles quando retornam. Os espíritos estão longe de serem iguais, diferindo em elevação, de acordo com o grau de perfeição alcançado.

## **5.2 FORMA E UBIQUIDADE**

Diante da questão: "Os Espíritos têm forma determinada limitada e constante? (...)" os Espíritos Superiores, que lançaram as bases da Doutrina Espírita, respondem: "(...) Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea."

Em face de outra indagação, complementar à primeira, "(...) Essa chama ou centelha tem cor? (...), esclarecem: "(...) tem uma coloração que, para vós, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro (...)"

Observa-se, nas duas respostas, que os Espíritos procuram estabelecer uma comparação, embora pálida, do que existe no plano espiritual, quanto à forma e à cor dos Espíritos, com as limitações do nosso mundo físico e dos nossos sentidos. Fica claro que os Espíritos têm forma e cor, mas só por alto se pode comparar com a forma e a cor que estamos, como seres encarnados, acostumados a observar.

A Ciência ensina-nos que os nossos sentidos apenas nos fazem conhecer ínfima parte da natureza, porém que, além e aquém dos limites impostos às nossas sensações, existem vibrações

sutis, em número infinito, que constituem modos de existência de que não podemos formar ideia, por falta de palavras para exprimi-la.

A alma assiste, pois, a espetáculos que não temos meios de descrever: ouve harmonias que nenhum ouvido humano tem apreciado, move-se em completa oposição às condições de viabilidade terrestre. O Espírito libertado das cadeias do corpo não tem mais necessidade de alimentar-se, não se arrasta mais pelo solo: a matéria imponderável de que é formado permite-lhe transportar-se para os mais longínquos lugares com a rapidez do relâmpago, e, segundo o grau do seu adiantamento moral, suas ocupações espirituais afastam-se mais ou menos das preocupações que nutria na Terra.

Questionados sobre se os Espíritos têm o dom da **UBIQUIDADE**, isto é, **se um Espírito pode dividir-se**, ou estar **em muitos pontos ao mesmo tempo**, os Orientadores Espirituais, que ditaram a Codificação, respondem: "(...) Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide. (...)"

Observa-se, dessa forma, que os Espíritos são indivisíveis, constituem uma unidade que não pode ser fracionada. Podem ser percebidos em mais de um lugar por efeito de seu poder de irradiação, poder esse que pode ser maior ou menor, dependendo do grau de pureza de cada um.

Isto nos permite compreender um fenômeno muitas vezes constatado, em que se registra a presença de Espíritos Superiores em diversos lugares ao mesmo tempo.

O fenômeno de ubiquidade guarda, de uma certa forma, relação com o de **BICORPOREIDADE**.

Sabe-se que isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais, pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar.

O fenômeno da bicorporeidade ocorre estando o Espírito encarnado. Uma pessoa encontrando-se adormecida, ou num estado mais ou menos extático, pode o seu Espírito, desligado do corpo, aparecer, falar e mesmo tornar-se tangível a outras pessoas. E, de fato, poder-se-á comprovar que estava em dois lugares ao mesmo tempo. Só que em um lugar estava o corpo físico, noutro o Espírito revestido pelo seu perispírito.

No fenômeno de ubiquidade, como foi dito acima, o Espírito não se divide para estar em lugares diferentes, irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.

É verdade que, quanto mais evoluído é o Espírito, maior é o seu poder de irradiação, mais potente é o seu dom de ubiquidade.

De qualquer maneira parece-nos que tanto na bicorporeidade como na ubiquidade, o perispírito desempenha um papel fundamental. É, pois, necessário maior conhecimento do corpo perispiritual.

### 5.3 PROVAS DA EXISTÊNCIA E DA SOBREVIVÊNCIA DO

*À pergunta - existe a alma? [ou Espírito] — a ciência responde talvez, os fenômenos do magnetismo, do hipnotismo e da anestesia dizem que sim, e nisso confirmam todas as deduções da filosofia e as afirmações da consciência.*

*Constrangidos, pela evidência dos fatos, a admitir uma força diretriz no homem, grande número de materialistas se refugiam em uma última negativa, sustentando que essa energia se extingue com o corpo, de que ela não era senão uma emanção. Como todas as forças físicas e químicas, dizem eles, a alma, essa resultante vital, cessa com a causa que a produz; morto o homem, está aniquilada a alma.*

*Será possível? Não seremos mais que um simples conglomerado vulgar de moléculas sem solidariedade umas com as outras? Deve desaparecer para sempre nossa individualidade cheia de amor e, do que foi um homem, não restará verdadeiramente senão um cadáver destinado a desagregar-se, lentamente, na fria noite do túmulo?*

A primeira refutação a esse pensamento de que o Espírito – ou a alma – se origina da matéria vem do raciocínio lógico de Descartes: *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), que poderia ser entendido assim: a matéria por si mesma não pensa, logo existe em mim, além da matéria, algo que é o agente do meu pensamento. Poder-se-ia admitir que é o cérebro que segrega esse pensamento, como o fígado segrega a biliar? Seria isso ilógico considerarmos que, sendo o pensamento um efeito inteligente, não reclamaria a existência de uma causa também inteligente?

Allan Kardec assinala que a [...] *dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. [...] Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio* <sup>1</sup>.

*Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações – afirma ainda Kardec – representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. – Mas, que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem essas leis, que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver* <sup>2</sup>.

Os fenômenos que evidenciam a existência e a sobrevivência do Espírito vêm sendo pesquisados, sobretudo a partir do século XIX, por pessoas sérias e conceituadas em vários países. A pesquisa existente a respeito desse assunto é muito rica. Citaremos aqui apenas algumas modalidades desse trabalho investigativo.

### 5.3.1 Fenômeno de exteriorização da alma

*Durante o sono [...] quando o corpo descansa e os sentidos estão inativos, podemos verificar que um ser vela e age em nós, vê e ouve através dos obstáculos materiais, paredes ou portas, e a qualquer distância. [...] O ser fluídico se desloca, viaja, paira sobre a Natureza, assiste a uma multidão de cenas, [...] e tudo isso se realiza sem a intervenção dos sentidos materiais, estando fechados os olhos, e os ouvidos nada percebendo* <sup>18</sup>.

Kardec denomina este fenômeno, de *clarividência sonambúlica*. Assim se expressa o Codificador do Espiritismo:

*Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado de vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados [...]. Ao demais, a visão à distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista* <sup>12</sup>. *É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ele goza* <sup>13</sup>.

### 5.3.2 Casas mal-assombradas e transportes de objetos

*O fenômeno das casas mal-assombradas é um dos mais conhecidos e frequentes. Encontramo-lo um pouco por toda a parte. Numerosíssimos são os lugares mal-assombrados, as casas, em cujas paredes e em cujos soalhos e móveis se ouvem ruídos e pancadas. Em certas habitações, os objetos se deslocam sem contato; caem pedras lançadas do exterior por uma força desconhecida; ouvem-se estrépitos de louça a quebrar-se, gritos, rumores diversos, que incomodam e atemorizam as pessoas impressionáveis.*

*A história do moderno Espiritualismo [Espiritismo] começou por um caso de natureza mal-assombrada. As manifestações da casa de Hydesville, assim visitada, em 1848, e as tribulações da família Fox, que nela residia, são bem conhecidas* <sup>19</sup>.

### 5.3.3 Fenômeno das mesas girantes

Mesas girantes são o nome dado às comunicações dos Espíritos por meio do movimento circular que eles imprimem a uma mesa <sup>3</sup>. *Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos* <sup>3</sup>.

### 5.3.4 Manifestação dos Espíritos pela escrita

Variadas são as formas de comunicação dos Espíritos pela escrita, a saber:

- a) Psicografia indireta: obtida por meio de pranchas, cestas e mesinhas às quais se adapta um lápis <sup>7,8</sup>.
- b) Psicografia direta ou manual: obtida pelo próprio médium sob a influência dos Espíritos, podendo aquele ter, ou não, consciência do que escreve <sup>9</sup>.
- c) Escrita direta ou pneumatografia: produzida [...] *espontaneamente, sem o concurso, nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar-se de uma folha de papel branco, [...] dobrá-la e depositá-la em qualquer parte, numa gaveta, ou simplesmente sobre um móvel. Feito isso, se a pessoa estiver nas devidas condições, ao cabo de mais ou menos longo tempo, encontrar-se-ão, traçados no papel, letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, as mais das vezes com uma substância acizentada, análoga à plumbagina, doutras vezes com lápis vermelho, tinta comum e, mesmo, tinta de imprimir* <sup>6</sup>.

### 5.3.5 Manifestação dos Espíritos pela audição e pela palavra

Os Espíritos podem-se comunicar pelo aparelho auditivo do médium, o que possibilita a este manter com eles conversação regular <sup>10</sup>. Podem, de igual modo, atuar sobre os seus órgãos da palavra. Nesse caso, o médium transmite as ideias dos Espíritos muitas vezes sem ter consciência do que está falando e, frequentemente, [...] *diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência* <sup>11</sup>.

### 5.3.6 Aparições e materializações de Espíritos

Dão-se as aparições dos Espíritos [...] *quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. [...] Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa* <sup>4</sup>.

Por vezes, o Espírito se apresenta sob [...] *uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm adiante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil. Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma dúvida mais é lícita. Os fatos de aparições tangíveis [materializações] são os mais raros; porém, os que se têm dado [...] pela influência de alguns médiuns de grande poder e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade* <sup>5</sup>.

### 5.3.7 Xenoglossia

*Por fenômenos de xenoglossia entendem-se os casos em que o médium não só fala ou escreve em línguas que ignora, mas fala ou escreve nessas línguas, formulando observações originais, ou conversando com os presentes [...]* <sup>16</sup>.

### **5.3.8 Transcomunicação Instrumental (TCI)**

Esse fenômeno abrange a manifestação dos Espíritos através de meios técnicos, tais como, gravador, rádio, secretária eletrônica, computador, fax, televisão, telefone e, mais recentemente, TV-fone (uma composição de aparelhos que possibilita à entidade espiritual aparecer no monitor de TV e falar simultaneamente pelo telefone)<sup>23</sup>.

### **5.3.9 Experiência de quase morte**

É o estado de morte clínica que uma pessoa experimenta durante alguns instantes, após o que retorna à vida física. Os relatos feitos pelas pessoas que passaram por essa experiência coincidem com os ensinamentos do Espiritismo e das religiões que aceitam a reencarnação<sup>14</sup>.

### **5.3.10 Visões no leito da morte**

No momento da morte, são comuns percepções do mundo espiritual e dos Espíritos, podendo, inclusive, aquele que está em processo de desencarnação visitar parentes e amigos, a fim de despedir-se deles. Investigações criteriosas têm demonstrado que esses fenômenos não são mera alucinação<sup>15</sup>.

### **5.3.11 Fenômenos que demonstram a reencarnação**

A esses fenômenos, se juntam às demais provas da sobrevivência do Espírito nas diversas existências corporais.

As modalidades de fenômenos que referimos são, como dissemos, apenas ilustrativas do grande acervo de fatos que têm sido observados ao longo do tempo por eminentes pesquisadores de diversas nacionalidades. Essa gama de fenômenos, apenas explicados integralmente pelo Espiritismo, leva-nos a dizer com Léon Denis [...] *que a sobrevivência está amplamente demonstrada. Nenhuma outra teoria, a não ser a da intervenção dos sobreviventes, seria capaz de explicar o conjunto dos fenômenos, em suas variadas formas.* Alf. Russel Wallace o disse: O Espiritismo está tão bem demonstrado como a lei de gravitação. E W. Crookes repetia: O Espiritismo está cientificamente demonstrado<sup>21</sup>.

*Em resumo, podemos dizer que são copiosas as provas da sobrevivência para aqueles que as procuram de ânimo sincero, com inteligência e perseverança. Assim, a noção de imortalidade se destaca pouco a pouco das sombras acumuladas pelos sofismas e negações, e a alma humana se afirma em sua imperecedoura realidade <sup>22</sup>.*

#### **5.4 DIFERENTES ORDENS DOS ESPÍRITOS**

“Não somos criações milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio em milênio. Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno, e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito.” (André Luiz, Mundo Maior, cap. 3.)

Da criação à perfeição o princípio inteligente, através dos milênios, utilizando diferentes corpos, apresenta-se em diferentes níveis de desenvolvimento intelectual e moral.

O princípio inteligente ao ingressar no reino hominal passa a denominar-se Espírito e sua evolução, mais rápida ou demorada a caminho do reino angélico, dependerá, certamente, de sua própria ação, pois a sabedoria de Deus se mostra na liberdade de escolha que concede a cada um, porque assim cada um tem o mérito de suas obras.

Em sua origem, os Espíritos não têm mais do que uma existência instintiva, possuindo apenas a consciência de si mesmos e de seus atos. Só pouco apouco a inteligência se desenvolve.

Nesta escalada, pois, os Espíritos recebem diferentes classificações, conforme os resultados de sua ação. Estão entre:

- a ignorância e a sabedoria,
- a maldade e a bondade,
- a imperfeição e a perfeição.

São inferiores ou superiores, conforme o nível da escala que ocupam.

Considerando tais características gerais, o conjunto dos Espíritos é classificado em três ordens principais:

<b>Ordem</b>	<b>Classe</b>	<b>Característica</b>
1	1º Espíritos puros	Ministros de Deus
2	<b>Espíritos bons</b>	
	2º Espíritos superiores	Ciência + sabedoria + bondade
	3º Espíritos de sabedoria	Conhecimento + bom juízo
	4º Espíritos sábios	Conhecimento científico
	5º Espíritos benévolos	Bondade + conhecimento limitado
3	<b>Espíritos imperfeitos</b>	
	6º Espíritos batedores	Atitude para efeitos materiais
	7º Espíritos neutros	Nem bons nem maus
	8º Espíritos pseudo-sábios	Conhecimento + orgulho
	9º Espíritos levianos	Ignorância + malícia
	10º Espíritos impuros	Inclinação ao mal

### Terceira Ordem — Espíritos Imperfeitos

Caracterizam-se pela ignorância, pelo desejo do mal e o apego às más paixões que lhes retardam o desenvolvimento, pois há neles o predomínio da matéria sobre o Espírito. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Tais características dos Espíritos Imperfeitos não são iguais para todos, de vez que progridem e se modificam, à medida que desenvolvem sua inteligência e moral idade e se libertam da influência da matéria.

Desta forma, os Espíritos Imperfeitos classificam-se em diferentes classes:

#### 10.ª Classe — Espíritos Impuros

Primeiras encarnações. Linguagem trivial, grosseira e ignorante. Inferioridade moral e intelectual.

### **9.ª Classe — Espíritos Levianos**

Ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Linguagem espirituosa e alegre.

### **8.ª Classe — Espíritos Pseudossábios**

Seus conhecimentos são bastante amplos, mas julgam saber mais do que realmente sabem. Sua linguagem é presunçosa e contém algumas verdades mescladas com erros absurdos.

### **7.ª Classe — Espíritos Neutros**

Nem são bastante bons para fazerem o Bem, nem bastante maus para praticarem o Mal.

### **6.ª Classe — Espíritos Batedores e Perturbadores**

Manifestam sua presença por efeitos sensíveis e físicos. Não formam propriamente uma classe especial na escala evolutiva, pois podem pertencer a todas as classes da terceira ordem.

## **Segunda Ordem — Espíritos Bons**

São os que chegaram ao meio da escala. O desejo do bem e a sua realização decorrem do grau de evolução que atingiram, pois há neles o predomínio do Espírito sobre a Matéria, e, conseqüentemente, a busca da sabedoria e da moralidade. Compreendem Deus e sentem-se felizes, quando fazem o bem e quando impedem o mal.

Os Espíritos bons classificam-se, conforme "O Livro dos Espíritos", em:

### **5.ª Classe — Espíritos Benévolos**

Sua qualidade predominante é a bondade, seu progresso realizou-se mais no sentido moral que no intelectual.

### **4.ª Classe — Espíritos Sábios**

Preocupam-se mais com as questões científicas do que com as morais. Encaram a ciência por sua utilidade, livres das paixões, próprias dos Espíritos Imperfeitos.

### **3.ª Classe — Espíritos Prudentes**

Caracterizam-se pelas qualidades morais e capacidade intelectual elevada, possibilitando um julgamento preciso dos homens e coisas.

O progresso intelectual e o progresso moral raramente andam juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível.

## **2.ª Classe — Espíritos Superiores**

Sua linguagem, que só transpira benevolência, é sempre digna, elevada e frequentemente sublime, em decorrência da ciência, sabedoria e bondade que reúnem.

### **Primeira Ordem — Espíritos Puros**

São os Espíritos que atingiram o ponto mais elevado da escala evolutiva. Pertencem à 1.ª Classe. Percorreram todos os graus da escala espírita e despojaram-se de todas as impurezas da matéria. Possuem superioridade intelectual e moral absolutas, em relação aos Espíritos das outras classes. Não estão mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis e são mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam.

## **5.5 PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS**

Ao analisar a progressão dos Espíritos, devem-se, a princípio, considerar as seguintes condições:

**Primeira** — Espírito e matéria estão sempre associados, pois qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e se eleva na hierarquia espiritual.

**Segunda** — Em sua escalada progressiva, para atingir a perfeição, o Espírito deve lutar para que sua natureza espiritual domine sua natureza material.

a) Desenvolvendo a sua inteligência e adquirindo os conhecimentos que o levarão à verdade, passando pelas provas que Deus lhe impõe.

b) Despojando-se de influências da matéria, como sejam as sensações dos órgãos, à qual está ligado necessariamente para sua manifestação como Espírito.

c) Libertando-se de males como o egoísmo, orgulho etc. e conquistando bens, como a caridade, a humildade etc.

**Terceira** — Os Espíritos foram criados iguais, simples e ignorantes, porém todos se tornarão perfeitos. Uns chegam mais rapidamente que outros, pois isso depende do livre arbítrio de cada um, conforme age dentro da lei de Causa e Efeito, como nos diz André Luiz, em "Evolução em Dois Mundos", cap. XII. "Encetando, pois, a sua iniciação no plano espiritual, de consciência desperta e responsável, o homem começa a penetrar na essência da lei de Causa e Efeito, encontrando em si mesmo os resultados enobrecedores ou deprimentes das próprias ações."

Como consequência destas condições, tem-se, naturalmente, que entender o seguinte:

**1)** Não há penas eternas. Os Espíritos não permanecem perpetuamente nas classes inferiores. Depende de cada um apressar ou não o seu avanço. Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo da guarda (Espírito Protetor) que por eles vela... Contudo, o Espírito deve progredir por impulso da própria vontade, nunca por qualquer sujeição.

**2)** O Espírito pode permanecer estacionário, mas não retrograda, de vez que o conhecimento adquirido não mais se perde. O Espírito, como homem, numa encarnação, pode estar em condição social inferior à outra, porém nada perde do que adquiriu. Seu desenvolvimento moral e intelectual, como Espírito, é o mesmo. (Gênese, cap. XI nº 48.)

**3)** Deus não libera os Espíritos das provas que devem sofrer para chegarem à primeira ordem, pois, se o fizesse, teria de criá-los perfeitos e como tal não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição.

Onde o mérito da luta?

Os Espíritos não precisam necessariamente passar pela fieira do mal para chegarem ao bem, mas sim pela da ignorância.

Todos têm o livre arbítrio para escolher entre o caminho do bem e o do mal e é justamente pelo uso correto que fazem deste livre arbítrio que conquistam o mérito para chegar à primeira ordem.

O livre arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade se a escolha não dependesse da vontade e decisão do Espírito em ceder a esta ou àquela influência, boa ou má.

## 5.6 A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

Em que pese à opinião dos cépticos e das criaturas mal informadas, um exame atento e sem juízo preconcebido da conduta humana há de levar-nos à conclusão irrefutável de que, a despeito dos inúmeros males sociais que ainda nos assoberbam, a Humanidade tem progredido, afastando-se, pouco a pouco, do egoísmo, da crueldade e da injustiça, fazendo que prevaleçam os sentimentos nobres, inspiradores dos mais belos e puros ideais.

Graças àqueles que, em vez de julgarem o Mal uma fatalidade, se dispõem, ao contrário, a trabalhar pela vitória do Bem, dia a dia mais se desenvolve a noção de solidariedade para com nossos semelhantes, mais vivazes se mostram os anseios pela abolição da guerra e maiores avanços se verificam na luta em prol dos direitos humanos.

Uma boa prova disso no-la dão as Nações Unidas no relatório correspondente aos seus Vinte anos de existência, iniciada a 24 de outubro de 1945. Digna de destaque, nesse documento, a informação de que algumas das nações mais prósperas estão doando seus excedentes agrícolas e outros gêneros alimentícios para amenizar os graves efeitos da fome em outras áreas do mundo, fornecendo-lhes, em complemento, vultosos empréstimos, em condições de resgate bastante vantajosas, bem assim assistência técnica, visando ao aumento da produção de víveres e consequente melhoria de seus padrões de nutrição.

Ressalte-se, por outro lado, o compartilhamento de conhecimentos científicos promovido pelas Nações Unidas, tendo em vista o desenvolvimento de todos os países e a eficiente ajuda da Organização Mundial da Saúde, um de seus órgãos, na elevação das condições sanitárias de toda a Humanidade, seja amparando e fomentando a pesquisa médica internacional, seja auxiliando a erradicação de doenças epidêmicas ou de disseminação em massa, como a febre amarela, a varíola, a malária, a tuberculose, etc.

Perguntamos: essa colaboração espontânea dos povos mais adiantados em benefício dos menos desenvolvidos não constitui indício seguro de que estamos caminhando rumo ao altruísmo, ou seja, ao solidarismo cristão?

As relações amistosas entre as nações vão, a seu turno, ganhando extensão e profundidade. Haja vista que, através de mediações ou negociações entre as partes litigantes, vários conflitos armados foram evitados ou tiveram fim nestas últimas duas décadas, evitando-se, com tais soluções conciliatórias, o sacrifício de milhões de vidas.

O magno problema do desarmamento, inclusive a proscrição das armas de destruição maciça, um dos objetivos precípuos da ONU, tem sido alvo, igualmente, de persistentes debates no seio da Assembleia Geral e, apesar das divergências entre as principais potências nele interessadas, notáveis progressos já foram alcançados, dando-nos a esperança de que um acordo geral venha a ser firmado em breve, garantindo-se, finalmente, a segurança e a paz internacionais.

Enquanto esse dia não chega, as guerras continuam flagelando diversas regiões, obrigando milhares de pessoas a deixar suas pátrias em busca de refúgio em outros países. Sob os auspícios das

Nações Unidas, porém, esses refugiados (menores de idade, em grande parte) recebem abrigo, alimentação, cuidados médicos, educação e formação profissional, tornando-se, assim, capazes de se autossustentarem onde quer que venham a viver.

Tais realizações revelam que entre os homens não existe apenas ódio, mas também muita bondade e muito esforço sincero no sentido de acabar com o sofrimento.

Fecunda e incansável, do mesmo modo, tem sido a porfia da Organização das Nações Unidas pela implantação da justiça social em todas as partes do mundo, e daí o haver elaborado e proclamado, a 10 de Dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a qual todos, indistintamente, têm direito à vida, à liberdade e segurança física, à liberdade de movimento, de religião, de associação e de informação; o direito a uma nacionalidade; o direito de trabalhar sob condições favoráveis, recebendo remuneração igual por igual trabalho realizado, o direito ao casamento e a constituir família.

Certos setores especializados, como os direitos da mulher, os direitos da criança e a eliminação da discriminação racial na educação, no emprego, nas práticas religiosas e no exercício dos direitos políticos, têm-lhe merecido, outrossim, acurados estudos, dos quais resultaram declarações especiais, juntamente com a solicitação a todos os seus Estados membros de providências efetivas para a concretização dos princípios aprovados.

Não é só. Agindo em consonância com os propósitos gerais da Organização, as Nações Unidas utilizaram fortes estímulos junto aos povos dependentes para que reivindicassem o autogoverno, resultando desse apoio o surgimento de grande número de novas nações independentes, notadamente na Ásia e na África, fazendo que seu quadro de membros, que abrangia apenas 51 Estados fundadores, subisse para 114. Isso equivale a dizer que as liberdades fundamentais do homem vigoram, hoje, em mais do dobro dos países que, há vinte anos, gozavam desse privilégio.

A evolução da Humanidade, como se vê, é palpável. Não enxergá-la, pois, é dar mostra de acentuada miopia espiritual.

## **5.7 PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS**

P. — São habitados todos os globos que se movem no Espaço?

R. — Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e perfeição.

LE - item 55

Temos, assim, no Espaço Incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões.

*Emmanuel*

O ensino dos Espíritos, ao ditarem a codificação do Espiritismo, confirma plenamente a referência de Nosso Senhor Jesus Cristo, de que "na casa de meu Pai há muitas moradas".

Podemos conceituar de três maneiras, para efeito de estudo, a palavra "moradas", mencionada no Evangelho:

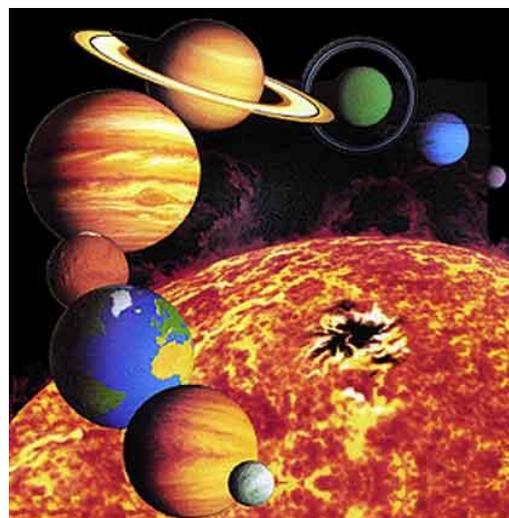
- a) — Os mundos que formam o Universo, onde outras humanidades realizam a marcha evolutiva.
- b) — As diversas zonas espirituais, superiores ou inferiores, além das fronteiras físicas, onde a vida palpita com a mesma intensidade das metrópoles humanas.
- c) — Os vários departamentos da Mente, onde se demoram pensamentos e reações, dramas e tragédias, anseios e realidades do Espírito.

A ciência moderna, evoluindo e reformulando conceitos clássicos, admite já, além do nosso, a existência de outros mundos, nos quais há possibilidades de vida, confirmando, assim, assertiva das entidades superiores na obra que é a pedra angular da filosofia espírita: "O Livro dos Espíritos".

Ninguém poderá imaginar quantos mundos realmente existem, habitados; mas, nenhum espírita põe dúvida em que inúmeras humanidades vivem nesses mundos, felizes, uns, infelizes, outros.

Para que os adeptos do Espiritismo creiam na existência de outros orbes, nos incontáveis departamentos da Vida Universal, há razões de:

- a) — Ordem científica.
- b) — Ordem filosófica.
- c) — Ordem religiosa ou evangélica.



No que se refere aos argumentos científicos, perguntaríamos: **Por que haveria de ser a Terra o centro do Universo, quando nem o é do sistema planetário solar, pelo pouco ou quase nada que**

**representa diante de milhões de fabulosos astros que navegam, equilibrados pela mecânica celeste, no Espaço Incomensurável?**

Vejamos:

O Sol — centro do nosso sistema — é 1.300.000 vezes maior do que a Terra, mas é alguns milhões de vezes menor do que Antares.

O brilho de *Canópus* é 80.000 vezes superior ao brilho do Sol.

Urano é 70 vezes maior do que a Terra, pequenina laranja dentro de nosso sistema.

Capela é 5.800 vezes maior do que o Sol.

Júpiter, que maravilha — 12 satélites conhecidos! ...

A Via-Láctea é um turbilhão fabuloso de sóis, de todas as dimensões e claridades, que a moderna astronomia não consegue contar, mas que avalia em mais de 200.000.000...

Assim, pelo exposto, os argumentos científicos sustentam-se nos seguintes fatores essenciais:

- a) — Posição,
- b) — Volume
- c) — e Constituição, em relação a outros mundos.

Por que, com semelhante insignificância dimensional, seria o nosso pequenino e desajeitado orbe a razão de ser da própria vida da humanidade e o núcleo polarizador de milhões de galáxias?!...

Sob o ponto de vista filosófico, transitam as almas por vários mundos, purificando-se, cada vez mais, e adquirindo a sabedoria que as tornará realmente perfeitas.

O espírito reencarnado, hoje, na Terra, poderá, amanhã, estar em Marte ou Vênus, em Saturno ou Júpiter, para citar, apenas, quatro dos nove componentes do nosso sistema planetário.

O aprendizado, a colheita de experiências, o acúmulo dos valores eternos não se verificam tão-somente na Terra, mas em diversas “moradas do Pai”, conforme o ensino de Jesus quanto à pluralidade dos mundos habitados, ao qual plenamente se ajustaria a codificação espírita, em 1857, com base nos seguintes argumentos, nada lisonjeiros para o globo terrestre:

- a) — Atraso moral dos terrícolas.
- b) — Atraso científico.
- c) — Atraso cultural em relação aos mundos habitados, onde os grandes homens da Terra se apresentariam na condição de alunos incipientes.

"Enquanto o homem se encaminha para a Lua, estudando-a de perto, comove-nos pensar que a Doutrina Espírita se referia à pluralidade dos mundos habitados precisamente há um século", observa Emmanuel.

O argumento religioso, ou evangélico, ninguém desconhece e dispensa maiores comentários, eis que se apoia na palavra do Cristo: "Na casa de meu Pai há muitas moradas."

E, ainda: "Tenho outras ovelhas que não são deste redil."

Os departamentos da Mente são, a nosso ver, outras tantas "moradas individuais", como repositório das reações mais ou menos felizes das inteligências encarnadas ou desencarnadas.

A "morada mental" do homem equilibrado apresenta aquela ordem, aquele asseio, aquela disciplina, aquele respeito encontrados nas residências bem cuidadas, no plano físico.

Serenidade interior.

Harmonia espiritual.

Consciência isenta de remorso.

Mente voltada para o Alto.

Trabalho incessante no Bem.

Ideações edificantes.

Resignação na dor.

Moderação na alegria.

Bom ânimo e submissão à Vontade Divina.

Tudo isso constitui a auspiciosa, a feliz arrumação da "morada mental" do homem espiritualizado.

Inquietude,

desordem íntima,

consciência e coração culpados,

pensamento centralizado na futilidade e na maledicência,

excessos emocionais,

inatividade psíquica e revolta no sofrimento, além de outras tantas infelicidades, representam a desarrumação dos departamentos mentais do homem espiritualmente adormecido.

No que toca às diversas regiões espirituais, sabemos que comunidades redimidas habitam zonas mais elevadas da Espiritualidade, às quais obreiros dedicados são periodicamente conduzidos em processo estimulante do esforço pessoal.

Em faixas vibratórias mais ligadas à Terra, estacionam, temporariamente, almas ainda vinculadas às sensações e problemas da vida física, uma vez que o peso específico de suas organizações perispirituais, apresentando certa densidade, lhes não permitem as grandes ascensões.

Emmanuel, no entanto, concitando-nos ao esforço renovador, em busca da felicidade que se não extingue, nem aqui, nem no mais Além, assegura-nos que, “trabalhando e servindo, aprendendo e amando, a nossa vida íntima se ilumina e se aperfeiçoa, entrando gradativamente em contato com os grandes gênios da imortalidade gloriosa”.

## 5.8 DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora se não possa fazer, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como segue: **mundos primitivos**, destinados às primeiras encarnações da alma humana; **mundos de expiação e provas**, onde domina o mal; **mundos de regeneração**, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; **mundos ditosos**, onde o bem sobrepuja o mal; **mundos celestes ou divinos**, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.

Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham a ele presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se veem impedidos de voltar quando se obstinaram no mal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Cap. 1, item 1, p. 19-20.
2. \_\_\_\_\_. Cap. 2, item 7, p. 27-28.
3. \_\_\_\_\_. Segunda parte. Cap. 2, item 60, p. 82.
4. \_\_\_\_\_. Cap. 6, item 102, p. 139.
5. \_\_\_\_\_. Item 104, p. 141-142.
6. \_\_\_\_\_. Cap. 8, item 127, p. 166.
7. \_\_\_\_\_. Cap. 8, item 152, p. 198.
8. \_\_\_\_\_. Item 156, p. 200-201.
9. \_\_\_\_\_. Cap. 13, item 157, p. 201.
10. \_\_\_\_\_. Cap. 14, item 165, p. 209-210.
11. \_\_\_\_\_. Item 166, p. 210.
12. \_\_\_\_\_. **Obras Póstumas**. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte. Causa e natureza da clarividência sonambúlica (Explicação do fenômeno da lucidez), p. 93.
13. \_\_\_\_\_. p. 95.
14. ANDRADE, Hernani Guimarães. **Morte: Uma luz no fim do túnel**. 2. ed. São Paulo: FE, 1999. Prefácio, p. 16.
15. \_\_\_\_\_. Cap. 3, p. 29.
16. BOZZANO, Ernesto. **Xenoglossia**. Tradução de Guillon Ribeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. (Casos de xenoglossia obtidos com o automatismo escrevente), p. 60.
17. DELANNE, Gabriel. **O Espiritismo perante a ciência**. Tradução de Carlos Imbassahy. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Terceira parte. Cap. 1 (Provas da imortalidade da alma pela experiência), p. 147.
18. DENIS, Léon. **No invisível**. Tradução de Leopoldo Cirne. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte. Cap. 12, p. 132-133.
19. \_\_\_\_\_. Cap. 16, p. 186.
20. \_\_\_\_\_. p. 194.

21. \_\_\_\_\_. Cap. 21, p. 314.
22. \_\_\_\_\_. p. 338.
23. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. **Curso de estudo e prática da mediunidade**. Programa 2, módulo 5, roteiro 5, p. 317.

Apostila do ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA – Programa IV – Aspecto Filosófico – FEB.

BARBOSA, Pedro Franco. “Princípio Básico da Doutrina Espírita”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

CALLIGARIS, Rodolfo. “A Evolução da Humanidade”. In: - As Leis Morais da Vida - Segundo a Filosofia Espírita. 6 ed. Rio [de Janeiro]: FEB.

CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 1º Ano / Autores Diversos (Área de Ensino). 1 ed. Edições FEESP, São Paulo, 1989.

ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA INICIANTES: Tema 3 – Editado André Bozzetti – FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO RIO GRANDE DO SUL.

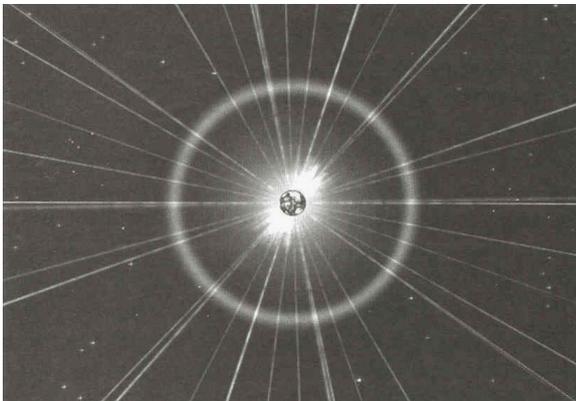
NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. “Espíritos”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

PERALVA, Martins. “Mundos habitados”. In: - **O Pensamento de Emmanuel**. 6 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

## 6. FLUIDOS E PERISÍRITO

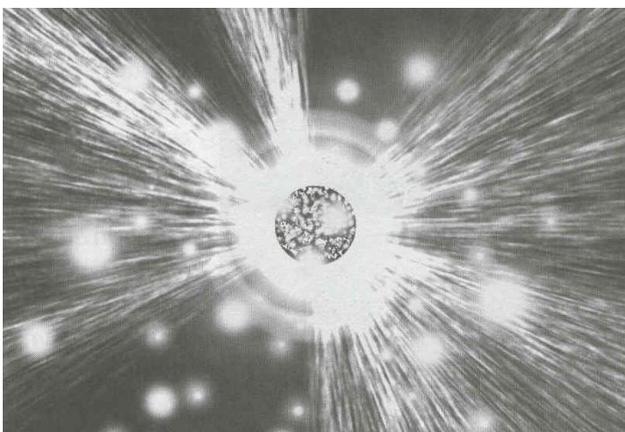
### 6.1 FLUIDOS

Um dos grandes mistérios que a Ciência humana procura esclarecer é o da existência de uma **matéria básica universal**, capaz de servir como ponto de partida para a origem dos elementos físicos conhecidos. Embora pesquisadores em todo o mundo tenham se empenhado no estudo da estrutura



íntima dos átomos, ainda não se conseguiu encontrar esse elemento básico primitivo. Acredita-se que o Universo, em seu lado material, tenha uma idade calculada aproximadamente entre 9 e 16 bilhões de anos. Estudos modernos afirmam que no princípio todos os elementos materiais estavam reunidos num só "ponto", sob uma pressão incalculável. Num dado momento, esse ponto teria explodido, dispersando matéria pelo espaço, dando origem às nebulosas, aos sistemas estelares, aos planetas e aos astros. O Universo, de acordo com a física moderna, continua a

se expandir e não se sabe até quando continuará neste processo. A Ciência entende que, encontrando o elemento material primitivo, estaria frente à solução de muitos mistérios sobre a origem das coisas. No século XIX, quando começaram as manifestações dos Espíritos, eles revelaram uma teoria onde explicavam de forma racional a origem das coisas materiais e espirituais. Diziam que havia por toda a Criação um elemento primitivo etéreo, denominado "fluido universal", e que todos os elementos materiais conhecidos seriam formas modificadas deste fluido. Alguns cientistas no passado pesquisaram a matéria básica, também denominada "éter", mas não conseguiram convencer os meios científicos de sua existência. A Ciência não podia compreender a presença, no espaço, de uma matéria tão sutil que não fosse detectada pelos instrumentos existentes. O Espiritismo, através dos fenômenos de efeitos físicos, demonstrou a existência do fluido universal, base de todos os elementos materiais.



Fluido é um termo genérico empregado para traduzir a característica “das substâncias líquidas ou gasosas”, ou de substância fluente. Por isso, algumas definições são importantes para sua compreensão:

Fluido (do latim *fluidus*) – diz-se do corpo (matéria) cujas moléculas cedem à menor pressão, movendo-se entre si com a maior facilidade,

separando-se até, quando entregues a si mesmas, pelas forças que as regem.

O entendimento espírita atribuído ao termo fluido, contudo, não se limita a tão restrita definição. Para a Doutrina Espírita, **fluido é tudo quanto importa à matéria**, da mais grosseira à mais diáfana, variando em multiplicidade infinita a fim de atender a todas necessidades físicas, químicas e inclusive vitais daquela, bem como sua intermediação entre os planos material e espiritual. É o fluido não apenas algo que se move a exemplo dos líquidos, gases, mas a essência mesma desses líquidos, gases e de todas as matérias, inclusive aquelas ainda inapreensíveis por nossos instrumentos físicos ou mesmo psíquicos.

Léon Denis, assimilando a Doutrina dos Espíritos, explicitou que, "a matéria, tornada invisível, imponderável, se encontra sob formas cada vez mais sutis, que denominamos fluidos. À medida que se rarefaz, adquire propriedades e uma capacidade de irradiação sempre crescente – torna-se uma das formas de energias."

### 6.1.1 Conceito de Fluido Cósmico Universal

A partir da resposta concedida pela Espiritualidade Superior à questão 27 de "O Livro dos Espíritos", compreende-se Deus como o Criador, "Causa primária de todas as coisas" – a Criação. Depreende-se, igualmente, de que há no Universo dois princípios básicos – o Princípio Inteligente (Espiritual) e o Princípio Material (Fluido Cósmico Universal). Fluido Cósmico Universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos na Natureza. É também conhecido por outras denominações: éter, matéria cósmica, fluido cósmico, fluido universal.

Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contacto, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.

No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.

Assim, todos os corpos, substâncias e fluidos existentes na natureza se originam dessa matéria primitiva. Os fluidos, objeto de estudo deste roteiro, são variáveis ao infinito. Os mais puros se confundem com o fluido cósmico universal. O (...) ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseqüentemente, compõem o que se pode chamar atmosfera espiritual da Terra. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados, deste planeta, haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

Entretanto não podemos esquecer que está a (...) Natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir; possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude. Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

### **6.1.2 Propriedades dos fluidos**

Esclarecendo-nos sobre as propriedades dos fluidos – agentes e meios de ação do mundo invisível constituindo uma das forças e potências da Natureza – o Espiritismo nos dá a chave de inúmeros fatos e coisas inexplicadas e inexplicáveis de outro modo, fatos e coisas que passaram por prodígios, em outras eras. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos incompreendida, ou então, para melhor dizer; efeitos de todos os tempos conhecidos, pois que de todos os tempos se produziram, mas cuja lei se ignorava e de cuja Ignorância brotava a superstição.

Citaremos, em seguida, algumas propriedades dos fluidos:

- São utilizados como veículo do pensamento.
- O corpo físico e o perispírito, como subprodutos do fluido cósmico universal, possuem fluidos específicos, sendo que o fluido vital é um dos mais importantes.
- Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer; a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária.
- Da mesma forma, utilizamos os elementos fluídicos condensados para construir os materiais existentes no plano físico, uma vez que a matéria é, em todos os estados, (...) o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito [ou não].

### 6.1.3 Qualidades dos fluidos

Fora impossível fazer-se uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar-lhes as respectivas qualidades, por ser tão grande quanto a dos pensamentos a diversidade deles. Os fluidos não possuem qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são, como as da água e do ar, temporárias ou permanentes, o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos. Também carecem de denominações particulares. Como os odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e tipos originais. Sob o ponto de vista moral trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem.



Tem consequências de importância capital e direta para os encarnados a ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que s fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral estes.

Os Espíritos desencarnados imprimem aos fluidos do plano espiritual (...) tal, ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda os gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.

Dir-se-á que se podem evitar os homens sabidamente mal intencionados. É fora de dúvida; mas, como fugiremos à influência dos maus Espíritos que pululam em torno de nós e por toda parte se insinuam, sem serem vistos? O meio é muito simples, porque depende da vontade do homem, que traz consigo o necessário preservativo. Os fluidos se combinam pela semelhança de suas naturezas; os dessemelhantes se repetem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água. Que se faz quando está viciado o ar? Proceda-se ao seu saneamento, cuida-se de depurá-lo, destruindo o foco dos miasmas, expelindo os eflúvios malsãos, por meio de mais fortes correntes de ar salubre. A invasão, pois, dos maus fluidos, cumpre se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio aplicável. Trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais, que se constitua para as más influências um repulsor, em vez de ser uma força atrativa. (...) Ora, como as suas qualidades guardam relação com as da alma, importa se trabalhe por melhorá-la, pois que são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus. (...) Os maus Espíritos, igualmente, vão para onde o mal os atrai; eliminado o mal, eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm que temer da influência dos maus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apostila de FLUIDOTERAPIA – Centro de Treinamento e Estudo - FERGS

Apostila do ESDE – Programa Complementar – Tomo Único – Federação Espírita Brasileira

## 6.2 PERISPÍRITO

### 6.2.1 Conceito e histórico

Do grego *peri*, em torno, e do latim *spiritus*, alma, espírito. O termo Perispírito foi criado por Allan Kardec:

"Envolvendo o gérmen do fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar de perispírito, serve de envoltório ao Espírito" (LE – q. 93).

É Allan Kardec que explica ser o perispírito laço de união entre a alma e o corpo físico, laço este semimaterial, ou seja, de natureza intermediária entre o Espírito e o corpo físico.

Assim, podemos dizer que o homem é formado de três partes essenciais:

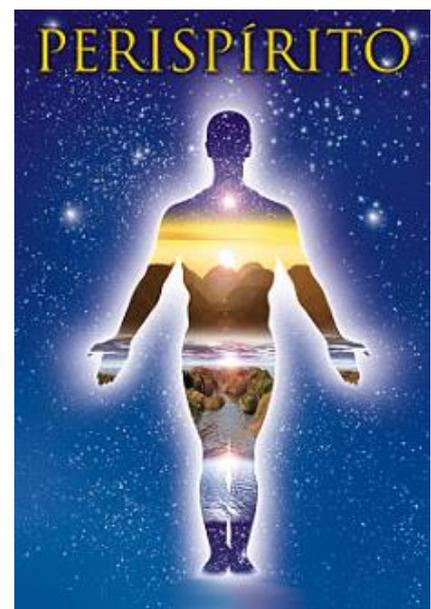
a) **O corpo físico**, ou seja, corpo material, análogo ao dos animais;

b) **A alma**, o Espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação, o princípio inteligente, em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral;

c) **O perispírito**, substância semimaterial que serve de envoltório ao Espírito, ligando a alma ao corpo físico.

A morte e a destruição do invólucro mais grosseiro, o Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se visível e mesmo tangível, como sucedem nos fenômenos de aparições.

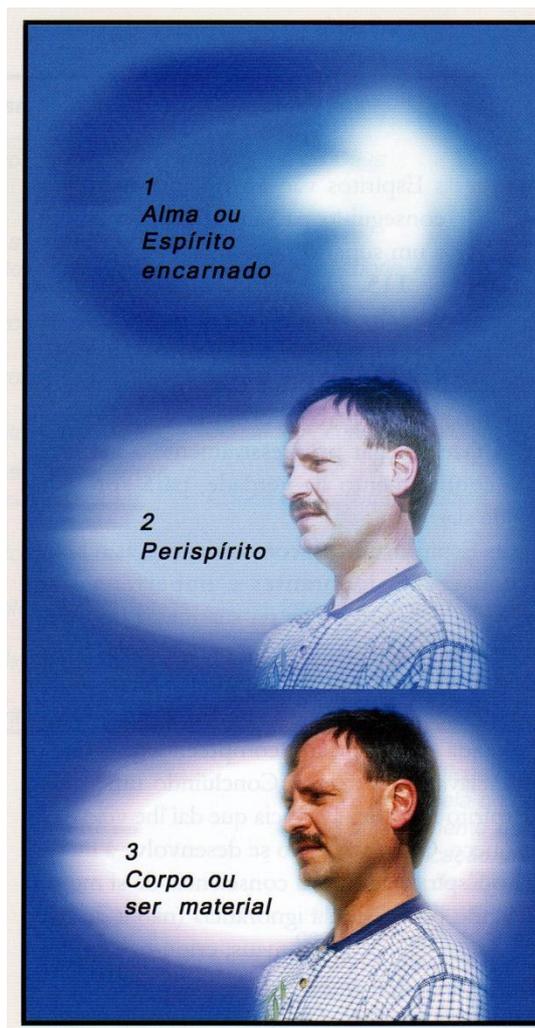
O Dr. Encause, escritor neo-espiritualista, que foi médico e professor da Escola de Paris, sugere em (Alma Humana\*) uma engenhosa comparação, própria para a sua época, mas muito explicativa: o homem encarnado e comparado a uma carroça puxada por um animal.



O carro da carro, que por sua natureza grosseiramente material e por sua inércia, corresponde bem ao nosso corpo físico. O cavalo seria nosso perispírito, que unido por tirantes ao carro e por rédeas ao cocheiro, move todo o sistema, sem participar da resolução da direção. O cocheiro é o Espírito, que dirige e orienta a direção e a velocidade. O Espírito quer, o perispírito transmite, o corpo físico executa a ordem na matéria.

Através das épocas mais remotas, as religiões e as filosofias procuraram um elemento fluídico ou semimaterial que pudesse servir de traço de união entre o corpo físico-material, e o Espírito - quintessenciado e sutil, donde resultou, para o perispírito, uma variada e complexa sinonímia. Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir, podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília, graças às potencialidades de que disponha o Ser que o manipula.

Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota Antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas, nos diversos períodos que duravam as investigações.



Desde as apreciáveis lições do Vedanta quando apareceu como Manu, mãyã e Kosha, era conhecido no Budismo esotérico por Kama-rupa, enquanto no Hermetismo egípcio surgiu na qualidade de Kha, para avançar, na Cabala hebraica, como manifestação de Rouach. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o carne sutil da alma e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o corpo sutil e etéreo. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos Princípios, identificava-o como aura; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética, nele via o corpo vital da alma, enquanto Proclo o caracterizava como veículo da alma, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido.

Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de corpo astral, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos "átomos espirituais ou mônadas", surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de corpo fluídico.

Outros perquiridores, penetrando a sonda da investigação no passado e no presente, localizam-no na tecedura da vida humana como elemento básico da organização do ser.

Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado corpo bioplásmico, o Apóstolo Paulo já o chamava corpo espiritual, conforme escreveu aos coríntios (I Epístola, 15:44), corpo corruptível, logo depois, na mesma Epístola, verso 53, ou alma, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola, 5:23), sobrevivente à morte.

### 6.2.2 Propriedades do perispírito

O perispírito reveste-se de uma série de propriedades que constituem aquelas qualidades especiais que lhe permitem efetuar suas funções.

Referindo-se ao perispírito do encarnado, seriam essas as propriedades: **indivisibilidade, materialidade, fluidez, invisibilidade, intangibilidade, sensibilidade à ação magnética, penetrabilidade, assimilação, expansibilidade** (que inclui: exteriorização, irradiação e comunicabilidade), **contratilidade, insensibilidade**. É, ainda, indestrutível e estável, em termos constitucionais.

**a) Indivisibilidade:** não pode ser separado em partes estanques, como se retalha, por exemplo, um organismo animal para a dissecação anatômica.

**b) Materialidade:** já foi dito em "O Livro dos Espíritos" que o perispírito é semimaterial. A parte relativamente materializada é conseguida pela ação do Fluido Vital. É este que possibilita o contato do fluido perispíritico com o organismo físico.

**c) Fluidez:** é sua característica etérea, vaporosa, diretamente dependente do grau de evolução do seu Espírito. Quanto mais adiantada a individualidade que o comanda, mais sutil – por razões óbvias – o seu estado de eterização. Não podemos esquecer que o perispírito não é um corpo homogêneo; ele apresenta camadas que sofrem condensação à medida que se aproxima da periferia ou corpo físico.

**d) Invisibilidade:** devido à rarefação de sua substância, o perispírito é invisível. Mas haveria ocasiões em que se tomaria visível segundo a vontade e possibilidades do Espírito, para mostrar-se.

**e) Tangibilidade:** poderia, tornar-se, também, tangível, isto é, resistente ao tato de um encarnado que porventura o tocasse. Normalmente o perispírito é intangível, devido à rarefação de sua

substância e nisso reside uma de suas inúmeras propriedades. Poderia tornar-se tangível, por momentos, submisso tanto à vontade e discernimento de seu Espírito, quanto principalmente à manipulação de certas energias que não dependeriam exclusivamente de sua produção. Referimo-nos ao ectoplasma.

**f) Penetrabilidade:** esta propriedade do perispírito comprova sua semimaterialidade e fluidez. O perispírito não tem barreiras materiais. Pode atravessar muros e paredes deste mundo físico. É preciso lembrar, porém, que as construções do mundo "espiritual" poderiam constituir, sim, obstáculos ao perispírito desencarnado (ou desdobrado), tanto quanto as nossas aos seres encarnados, dependendo da evolução de cada individualidade.

**g) Sensibilidade global:** se quando encarnado, o Espírito recolhe impressões por meio de vias especializadas que compõem os órgãos dos sentidos, sem o corpo físico, sua capacidade de perceber amplia-se extraordinariamente: livre das peias somáticas, a percepção do meio que o envolve já não depende dos canais nervosos materiais, acontecendo como um registro global do perispírito, ou seja, uma percepção que o Espírito realiza com todo o *seu ser*. Assim, vê, ouve, sente, enfim, com o corpo espiritual inteiro (independentemente, mesmo, de posição ou direção) tão específica quanto se observa no estado de encarnação, em que a percepção das sensações físicas, ordinariamente, não se desvincula de suas bases anátomo-fisiológicas.

**h) Sensibilidade magnética:** o perispírito, campo de força que é, a sustentar uma estrutura semimaterial, apresenta-se, como não poderia deixar de ser, particularmente sensível à ação magnética. Graças a essa sensibilidade, como demonstrado por pesquisadores de ontem e de hoje, o Espírito encarnado tem condições de registrar, por exemplo, até num campo de energia estática, a influência que dele emana, com evidente repercussão na organização somática. Mas é no domínio do magnetismo espiritual (psicomagnetismo) que essa extraordinária qualidade do psicossoma surge especialmente relevante. Com efeito, devido a ela, torna-se o Espírito susceptível às influências da energia ambiental que o envolve (psicosfera) e é essa propriedade que lhe permite absorver, assimilar – e, também, transmitir – a energia espiritual que capta ou recebe.

**i) Assimilação:** sendo de natureza fluídica, rege-se pelo princípio da atração mútua. Pensemos numa esponja imersa num líquido. Absorve-o, encharcar-se dele. Não é bem isso, mas dá para entender a assimilação. Seria melhor explicada da seguinte forma: a vivência do Espírito, (pelos pensamentos e ação), influencia o perispírito, rarefazendo-o ou condensando-o. A par e a passo dessa transformação constante, ocorrem as combinações fluídicas, características do intercâmbio entre encarnados e desencarnados. Leve-se em consideração que quanto mais elevadas as intenções da alma, também mais leves e sutis as vibrações perispirituais e a possibilidade de assimilação de fluidos também mais, purificados.

**j) Expansibilidade:** ele não é completamente expansível, o que o faria perder-se, diluindo-se, caso não encontrasse barreiras, como no caso dos gases do mundo físico. Na verdade, a tendência mais nítida do perispírito, em lugar de uma expansão desordenada é a da condensação, no sentido de manter-se sob uma forma determinada pela vontade do Espírito. Delanne classifica essas tendências como de indestrutibilidade (o perispírito sobrevive à destruição do corpo físico), e de estabilidade constitucional; graças a isso conserva ele as formas orgânicas. Quando se expande, o perispírito o faz pela exteriorização e pela irradiação. A primeira forma de expansão, isto é, a exteriorização se dá pela movimentação centrífuga que pressupõe uma outra, centrípeta, de retorno, promovida pela contratilidade do perispírito, responsável por inúmeros fenômenos. Pela exteriorização o Espírito pode comunicar-se, transportar-se e exercer sua visão espiritual. A irradiação do perispírito produz a Aura Psíquica e as possibilidades do fenômeno mediúnico da Transfiguração.

**k) Plasticidade:** há casos em que o perispírito se deixa "modificar" na sua forma, porque ele é sensível à influência magnética e por isso reflete os influxos mentais (a mente é a parte do comando consciente, é o Espírito). Essa ação é tão possível para o aspecto positivo (capacidade para refazer-se) quanto para o negativo, quando se deixa afetar por sentimentos de culpa ou por ação hipnótica ou sugestiva de obsessores. Este último caso explica os casos de licantrópia. Esta é a chamada condição plasticizante do perispírito. Ainda neste aspecto de plasticidade do perispírito, pode ser notado, ainda outras modificações que são passíveis de ocorrer, tais como para reencarnar-se, quando se dá a redução nos seus espaços internos moleculares e desaceleração vibratória, e para adaptar-se a novos hábitos nutritivos e genésicos, por ocasião de sua morte física.

**l) Insensibilidade:** por que se fala em "insensibilidade" do perispírito, se já nos ensinaram ser ele "o órgão sensível do Espírito" ? R. – O perispírito é apenas o intermediário. Transmite. Mas é o Espírito que sente. Em certos casos patológicos, como os de catalepsia, por exemplo, verifica-se a perda da sensibilidade. Supõem os pesquisadores que essa retirada quase completa do perispírito, saindo fora do corpo físico, é que impede a transmissão da sensibilidade. Em "A Gênese", Kardec refere-se a ocasiões em que o Espírito não está mais "dentro" do corpo e o perispírito a ele adere apenas em alguns pontos.

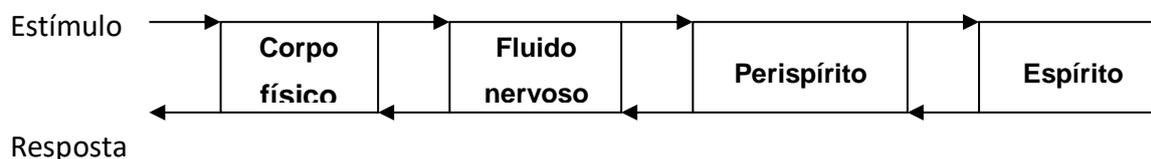
### 6.3 Funções do perispírito

As funções básicas do perispírito são marcadas por características de natureza sustentadora, organizadora, individualizadora, e instrumental.

A função primordial ou básica do perispírito é a de **servir de veículo e traço de união do Espírito com o corpo físico**, utilizando-se do sistema nervoso deste. Nessa função específica, compete ao

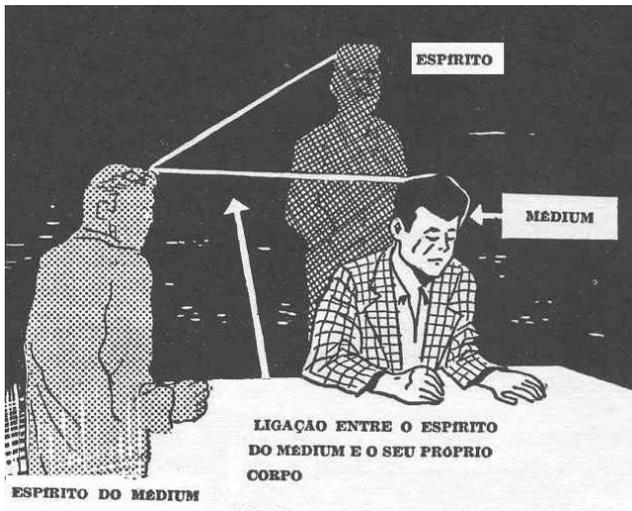
perispírito levar do corpo para o Espírito as sensações e, num sentido inverso, deste, de sua vontade traduzir-lhe as ordens em ações corporais. É o Espírito quem sente e comanda.

Toda a sensação que abala a massa nervosa do corpo físico, desprende uma energia, uma vibração, a qual se deu muitos nomes: fluido nervoso, fluido magnético, força psíquica, etc. Esta energia age sobre o perispírito, para comunicar-lhe o movimento vibratório particular, segundo o território cerebral excitado, de maneira que a atenção da alma seja acordada e que se produza o fenômeno de percepção: o Espírito emite então a ordem da resposta, que, através do perispírito atinge o corpo e efetuará a manifestação material da resposta.



A segunda função é a da **ação diretriz, construtiva e orientadora que o perispírito efetua acrescido da Força Vital**. O perispírito figura como um arquétipo, um esquema mediante o qual imprimem-se, a partir da ovogênese, as formas necessárias subordinadas às exigências de expiação, provas e progressos que o indivíduo deva realizar na presente existência, ação essa evidentemente combinada e condicionada à herança genética. O perispírito não mantém sua forma só quando encarnado. Também após a desencarnação, segundo a vontade dirigente do próprio Espírito (que lhe pode ou não, ordenar modificações temporárias), é capaz de manter a forma que lhe era própria, quando encarnado. Outro aspecto ainda é que, numa curta existência, o material celular de que o organismo humano é composto, destrói-se por efeito do metabolismo, tendo que ser substituído, esse organismo é recomposto sucessivamente de tal forma que não perdemos nosso tipo físico. É como se houvesse um modelo (sempre o mesmo) embora com seqüência gradativa do envelhecimento. Deve-se essa permanência à orientação do perispírito.





Quando o perispírito executa sua função no tocante à **memória**, o estudo do Espírito deve ser encarado de maneira global, conforme orientação do autor de “O Espiritismo Perante a Ciência”, considerando-se seus dois aspectos: o da alma, propriamente dita, parte ativa, consciente, e a outra – a do perispírito – passiva, inconsciente, capaz de guardar tudo quanto se passa, tal qual um almoxarifado espiritual. O perispírito, pois, procede como um arquivo conservando como películas cinematográficas todos os acontecimentos de que fomos protagonistas, além de registrar todos os conhecimentos, conservar os instintos, acumular forças, fixar

aquisições de nossas múltiplas existências, adquiridos através de milênios, em nossa trajetória individual evolutiva.

Outra função importante do perispírito é nos **fenômenos mediúnicos**. Um Espírito só consegue se manifestar em nosso meio, através da combinação de seus fluidos perispirituais com os fluidos perispirituais do médium, que passam a formar uma espécie de "atmosfera fluídico-espiritual" comum às suas individualidades, atmosfera esta que torna possível os fenômenos mediúnicos nos seus diferentes tipos.

Podemos resumir as funções do perispírito, sintetizando-as em três grupos de funções características correspondendo a um aspecto fisiológico (quando estabiliza o complexo orgânico), a outro psicológico (quando exerce função de memória, etc.) e àquele relativo à perpetuação da individualidade, isto é, o meta-psíquico-fisiológico.

## 6.4 Aura

A aura humana, psicosfera ou *fotosfera psíquica* (termos criados pelo Espírito André Luiz), ou fotosfera humana (expressão empregada por Léon Denis), é um campo resultante de emanações de natureza eletromagnética, a envolver todo o ser humano, encarnado ou desencarnado. Reflete, não só sua realidade evolutiva, seu padrão psíquico, como sua situação emocional e o estado físico (se encarnado) do momento. Espelha, pois, o ser integral: alma – perispírito – duplo etérico – corpo. (No desencarnado, obviamente, é apenas o reflexo da alma e de seu perispírito).



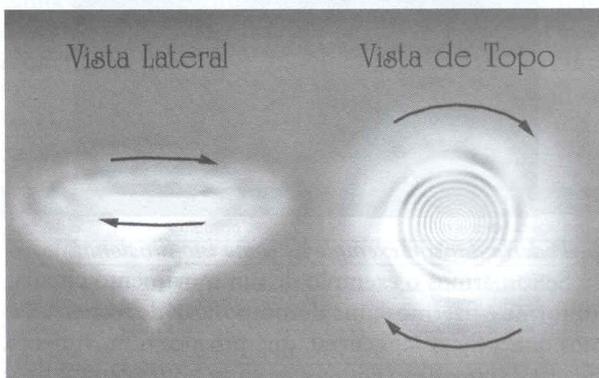
Tem sido descrita como uma projeção de forma ovoide, circundando o corpo e mostrando inúmeros aspectos cromáticos, em constante e dinâmica variação. A respeito, leciona André Luiz, por Francisco Cândido Xavier:

"Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam irradiações que lhe são peculiares." (XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. *Mecanismos da Mediunidade*". 142 ed, Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 83: Cap. X).

A aura (do lat. *aura* – brisa, sopro) é conhecida desde tempos imemoriais, passando a ser, modernamente, graças ao próprio desenvolvimento científico, objeto de importantes estudos e frutuosa pesquisas.

## 6.5 Centros de força e corpo físico

Nas camadas mais periféricas do perispírito pode-se perceber a presença de vórtices



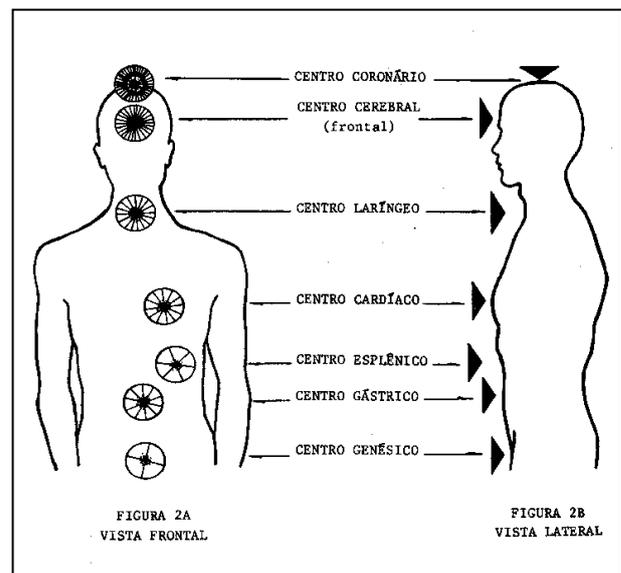
energéticos, encarregados de canalizar para o corpo físico as energias que transitam pelo corpo espiritual, oriundas de elaborações, síntese ou absorções a nível do Espírito. São os centros vitais ou chakras. Esses redemoinhos se definem à visão dos clarividentes como estruturas em forma de sinos com as bocas voltadas para o plano de maior energia (o astral ou espiritual) e afunilando-se na direção do plano de menor energia (o físico), onde essas energias emergem através dos plexos nervosos, para conduzir aos diversos departamentos da atividade orgânica as

correntes de vitalidade, energias cósmicas de variada ordem, ondas-pensamentos e a manifestação da própria Divindade, convertida na luz de amor que anima todos os seres do Universo.

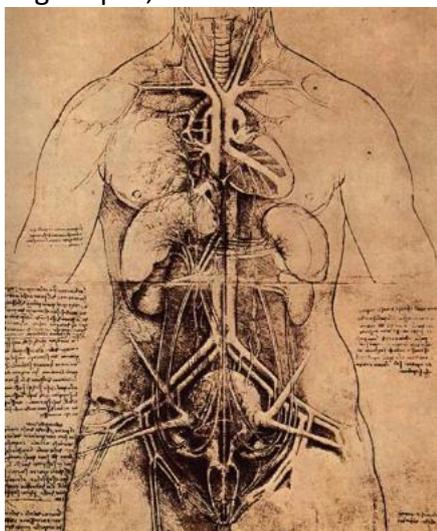
A distribuição desses vórtices, vistos também em forma de discos ou rodas (chakras, em sânscrito) ao longo da medula, lembra um talo sustentando flores de corolas abertas. Esta é uma visão poética do pensamento esotérico que nos conduz a uma percepção simbólica de que as incontáveis ramificações nervosas, a partir dos plexos, são como raízes de uma árvore (a alma) plantada no solo da carne para produzir o fruto da vida.

A zona mais externa do psicossoma, onde se expressam os discos energéticos, é a mais rica de vibrações e colorido, variando de um para outro disco, na dependência da importância fisiológica de que estão investidos. Dessa forma teríamos:

Centro de Força	Plexo Correspondente
Coronário	Coronário
Cerebral (Frontal)	Frontal (Carótico)
Laríngeo	Laríngeo (Faríngeo)
Cardíaco	Cardíaco
Gástrico	Gástrico (Solar)
Esplênico	Esplênico (Mesentérico)
Genésico	Coccígeo (Hipogástrico)

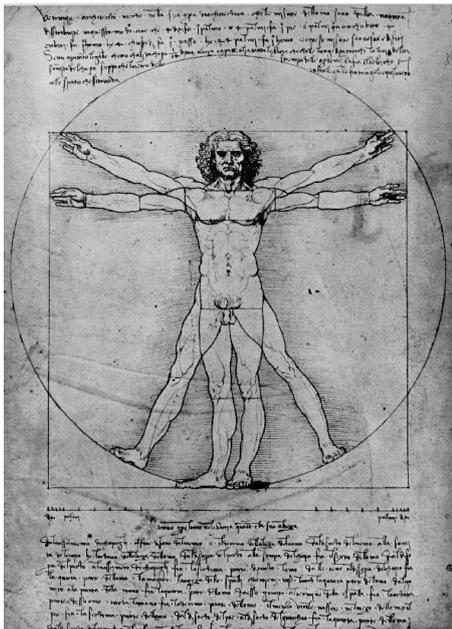


Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o «**centro coronário**» que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo “a flor de mil pétalas”, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia, com eles em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior, capaz de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o «**centro cerebral**», contíguo ao «centro coronário», que ordena as



percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber. É no «centro cerebral» que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos e a administração do sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação de atividade e mecanismo, desde os neurônios até as células eferoras. Em seguida, temos o «**centro laríngeo**», que preside a respiração e aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireoide e das paratireoides. Logo após, identificamos o «**centro cardíaco**», que sustenta os serviços da emoção, da circulação das forças de base e do equilíbrio geral. Prosseguindo em nossas observações,

assinalamos o «centro esplênico» que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos, dentro das variações de meio e volume sanguíneo. Continuando, identificamos o «centro gástrico», que se responsabiliza pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização e, por fim, temos o «centro genésico», guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.



O Espírito realiza grande parte de sua evolução encarnado, utilizando-se do corpo físico, cujo estudo tem sido objeto constante da Ciência, que nega a existência do princípio espiritual e reduz a criatura humana a um amontoado de carne, sangue, ossos, vísceras, nervos e órgãos, mas não pode desconhecer o prodigioso e maravilhoso dessa extraordinária, eficiente e sensível máquina, que é o organismo humano.

O corpo físico é estudado e considerado pela Ciência sob vários aspectos, compreendendo constituição, forma e estrutura, objeto da anatomia humana, e funções, objeto da fisiologia; isto de modo geral porque, particularizando, outros ramos, como a embriologia, a histologia, a citologia, tratam, restritamente, do embrião humano, dos tecidos e da célula, respectivamente.

É necessário ao espírita, para melhor compreender certos aspectos da Doutrina, que conheça regularmente o assunto, que tão de perto diz com sua própria constituição humana; aliás esse conhecimento é de grande valor nas pesquisas que deseje realizar, sobretudo, no campo da mediunidade, como sabemos.

“O corpo de carne é o santuário em que te exprimes no mundo”, adverte Emmanuel, para mostrar sua importância e nos alertar para a maneira pela qual devemos encarar-lo na vida diária, como instrumento de progresso do nosso Espírito, através do qual, se filtram, por assim dizer, as nossas imperfeições, no cadinho milagroso da dor, que desperta as criaturas para os problemas e aspectos essenciais da vida futura.

O Espírito realiza a evolução encarnando na Terra muitas e muitas vezes, ocupando, em cada uma dessas vivências, um corpo físico diferente, cuja constituição e funcionamento dependem do comportamento do Espírito, de sua obra, de seus atos nas vidas anteriores; mais saúde ou menos saúde, órgãos perfeitos ou imperfeitos, funções desajustadas, memória, capacidade de aprendizagem e de realizações no campo das atividades humanas, tudo depende, sim, do merecimento próprio do Espírito, que, por intermédio do perispírito, imprime, grava no seu instrumento de trabalho, o corpo material, as deficiências e as capacidades de realização, de que é portador.

O mergulho na matéria constitui para o Espírito uma oportunidade de trabalho, progresso e resgate de faltas, e é por isso que existem doenças de toda ordem, que afetam o organismo humano, levando dor e angústia à alma, quando não é o corpo mutilado, deformado, incapaz de realizar as funções para as quais é normalmente destinado: tudo é fruto do merecimento ou demérito do Ser imortal, responsável, o artífice de seu próprio destino.

Em cada encarnação o Espírito cria e vive na Terra uma personalidade diferente, que se expressa através de um corpo físico apropriado e constituído segundo as necessidades de evolução da alma e as anotações referentes ao mérito do reencarnante. Por isso, só o Espírito pode evitar que, em encarnações futuras, outros corpos físicos, que terá de ocupar forçosamente, pois a Lei obriga a nascer, a morrer, a renascer ainda, a progredir sempre, apresentem deformidades ou estejam sujeitos às doenças de toda ordem. Na verdade, o Espírito está vivendo, hoje, a vida que preparou em encarnação precedente e prepara, hoje, a futura reencarnação.

*Espírito e corpo físico, que é o reflexo do perispírito, estão, assim, intimamente ligados no desempenho de tarefas evolutivas, pois o progresso é a finalidade maior da Vida.*

O espírita não deve utilizar seu corpo físico com demasia de cuidados, com narcisismo, nem o submeter a excessos, que desgastam os órgãos e comprometem suas finalidades, apressando, muitas vezes, sua exaustão antes do término, previsto, da reencarnação, o que constitui, também, um *suicídio*.

Não te tornes escravo dele; contudo, é preciso dar-lhe os cuidados necessários. Por isso, lê e medita a página que te oferece Emmanuel intitulada **No Corpo**:

*“Há quem menospreze o corpo alegando com isso honorificar a alma; no entanto, isso é o mesmo que combater a escola, sob o estranho pretexto de beneficiar o aprendiz.*

*Leve observação, porém, nos fará lembrar a importância da Vida física.*

*Diz-se, muitas vezes, que o corpo é adversário do espírito; contudo, é no corpo que dispomos daquele bendito anestésico do esquecimento temporário, com que a cirurgia da vida, nos hospitais do tempo, nos suprime as chagas morais instaladas por nós mesmos, no campo íntimo; nele, reencontramos os desafetos de passadas reencarnações, nas teias da consanguinidade ou nas obrigações do grupo de serviço para a quitação necessária de nossos débitos, perante a lei que nos governa os destinos; com ele entesouramos, a pouco e pouco, os valores da evolução e da cultura; auxiliados por ele, perdemos os derradeiros resquícios de herança animal, que carregamos por força da longa vivência, nos reinos inferiores da Criação, a fim de que nos elevemos aos topos da inteligência; integrados nele,*

*é que somos pacientemente burilados pelos instrumentos da Natureza, ante a glória espiritual que a todos nos aguarda, no Infinito, na condição de filhos de Deus; e, finalmente, é ainda no corpo que somos defrontados pelos grandes amores, a começar pela abnegação dos anjos maternais da Terra, que nos presidem o estágio no plano físico, habilitando-nos para a aquisição dos mais altos títulos na escola da experiência. Meditemos nisso e saibamos ver no corpo a harpa sublime em que a sabedoria do Senhor nos ensina, século a século, existência a existência e dia por dia, a bendita ciência do crescimento e da ascensão para a Vida Imortal.”*

Emmanuel

(Mensagem do livro *Instrumentos do Tempo*, psicografado por Francisco Cândido Xavier).

"Não podemos encarar o homem físico senão como resultado de séries sucessivas de organismos que se ligam às formas mais elementares da vida." – Lecomte du Nouy, in "O Homem e seu Destino".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apostila de FLUIDOTERAPIA – Centro de Treinamento e Estudo - FERGS

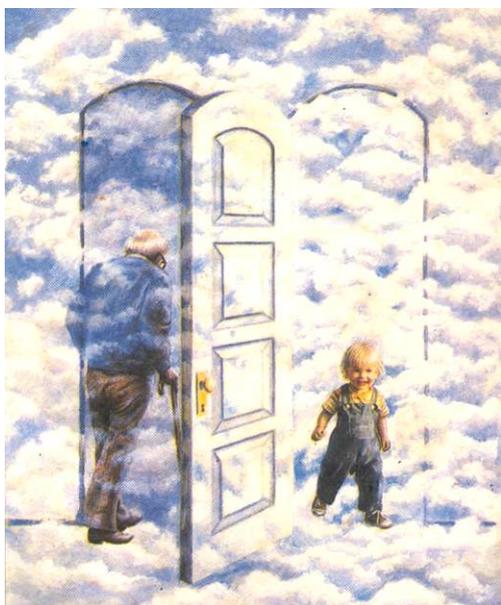
BARBOSA, Pedro Franco. “O Homem”. In: - **O Espiritismo Básico**. 2 ed. (1 ed. FEB, revista e ampliada pelo autor). Rio de Janeiro: FEB, 1986.

ZIMMERMANN, Zalmiro. “Conceito – Natureza – Propriedades do Perispírito”. In: - **Perispírito**. 2 ed. Campinas, SP: Centro Espírita Allan Kardec, 2002.

## 7. REENCARNAÇÃO

### 7. 1. FUNDAMENTOS E FINALIDADES DA REENCARNAÇÃO

O progresso contínuo e incessante é condição inerente do princípio espiritual, o princípio inteligente do Universo; nessa condição, ele deve utilizar, à medida que evolui, corpos físicos cada vez mais aperfeiçoados e aptos, o que determina a evolução das espécies, dentro das coordenadas básicas do transformismo.



Compreende-se, assim, que a Evolução não poderia decorrer no limitado espaço de tempo de uma ou algumas vidas humanas, por mais longas que fossem; daí as oportunidades repetidas da reencarnação, que permite ao Espírito milhares e milhares de experiências no corpo físico. Essas vivências vão ampliando, cada vez mais, seu cabedal de conhecimentos, enquanto o Espírito realiza, também, a reforma íntima, a iluminação interior, resgatando pela dor, ou pelo bem que faça desinteressadamente, os erros do passado.

A Lei, compreenda-se, não nos impõe a reencarnação, milhares de vezes, nem as torna dolorosas e difíceis: nós mesmos é que nos impomos essa situação, pela invigilância e pelos atos contrários a ela, que, livremente, praticamos. Agimos em função de princípios inalteráveis, tais como o livre-arbítrio, cujo mau uso nos acarreta a inalienável obrigação do resgate, por força da lei de causa e efeito: os débitos acumulados constituem um carma, de que resulta, sem dúvida, não a fatalidade, mas um determinismo, ou seja, a obrigatoriedade da colheita, porque, como disse André Luiz;

“Se soubermos suar no trabalho honesto não precisaremos suar e chorar ao resgate justo.”

A doutrina das vidas múltiplas explica e justifica a Evolução; à luz da palingenesia compreendemos o mecanismo sábio da Vida, entendemos o Mundo de belezas e misérias em que vivemos.

Como os fenômenos mediúnicos, também a reencarnação está na tradição religiosa dos povos mais antigos, cabendo, todavia, ao Espiritismo dar-lhe o realce que os conhecimentos científicos da época o permitem. (1)

Só pela reencarnação podemos compreender o Mundo em vivemos, tudo quanto nele acontece e que constituem, muitas vezes, enigmas insolúveis para os que a desconhecem ou não a aceitam. A reencarnação explica e justifica:

**a)** – a evolução biológica e espiritual do Homem, através do progresso contínuo das formas físicas, orgânicas, e do princípio espiritual, que as orienta e que se individualiza na criatura humana;

**b)** – a Sabedoria Divina, feita de Justiça e Bondade, cujas leis punem as faltas, mas permitem ao criminoso a própria recuperação, possibilidade que nunca lhe é negada, pois Deus coloca “o lenitivo da misericórdia sobre todos os processos da justiça”, como diz Emmanuel;

**c)** – o mecanismo de que resultam as condições de vivência terrena, sempre intimamente relacionada com o nosso passado, seja nas experiências da carne, seja nos períodos de vida puramente espiritual, nos quais pomos a funcionar o nosso livre-arbítrio, com as consequências determinadas pelo bom ou mau uso que dele fazemos, criando-se, nesta última hipótese, pesados carmas a resgatar.

É assim que o espírito compreende a causa da desigualdade social, representada pelos ricos e pelos pobres, pelos poderosos e pelos humildes, pelos doentes e pelos sadios, pelos idiotas e pelos gênios, pelos felizes e pelos infelizes; das simpatias e antipatias espontâneas entre as pessoas; dos conflitos e confrontos entre os membros da mesma família, vivendo no lar comum; da atuação de vultos históricos, de missionários, etc.

A reencarnação, que não rompe os laços da família, pelo contrário, os fortalece, faz-nos compreender que se os seus membros vezes muitas se mostram antipáticos entre si e mesmo se hostilizam é porque são antigos desafetos que, em outras vidas na Terra, ofenderam-se mutuamente e são, agora, reunidos no lar terreno com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso (Allan Kardec, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. IV), devendo harmonizar seus sentimentos, esquecendo, servindo e perdoadando.



A doutrina anti-reencarnacionista da unicidade das existências, não admitindo a preexistência das almas que encarnam, implica a fixação prévia de seu destino, negando-lhes o direito ao progresso, e rompe, muitas vezes, os laços de família, separando seus membros, pois, segundo ela, os bons vão para o céu e os maus para o inferno, sem nenhuma possibilidade de se reencontrarem os componentes dos dois grupos.

A doutrina da reencarnação lança luz sobre problemas que, de outra maneira, jamais entenderíamos, para os quais nunca teríamos soluções lógicas: os das provas coletivas, em que dezenas, centenas ou milhares de pessoas, de idades e nacionalidades diferentes, boas ou más, cultas e incultas, perecem por morte violenta, devida a uma causa comum: o fogo, o afogamento, os desastres, os terremotos. (2)

A pena de morte, que tanto tem preocupado os sociólogos, os criminalistas, os homens de Estado, jamais seria cogitada, como medida corretiva, por ser contrária aos princípios de humanidade e, sobretudo, por sua inteira inutilidade, de vez que o criminoso não seria, em verdade, afastado da Terra, da sociedade; em suma, o mal não seria eliminado.

A sexualidade com suas manifestações, naturais, sublimadas ou degradadas também passa a ser vista sob ângulos novos e pode ser analisada em profundidade, desde que aceitemos o princípio da reencarnação e saibamos que os Espíritos podem utilizar, indiferentemente, corpos masculinos ou femininos, conforme as necessidades de sua evolução.

Tais são, em resumo, as consequências da reencarnação, “duma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que é”, no dizer do eminente Gustavo Geley (“Resumo da Doutrina Espírita”).

Objeção muito comum contra a reencarnação é a de que não nos lembramos de coisa alguma das vidas passadas, sinal, portanto, de que não existiram. O Espiritismo nos mostra porque é necessário esse esquecimento, no qual se tem que reconhecer mais uma prova da sabedoria e da bondade de Deus.

A lembrança de nossas vidas passadas e dos fatos ocorridos conosco nas diversas reencarnações, que tivemos, seria inútil e mesmo prejudicial ao nosso progresso espiritual, pois desvendaria aos olhos de todos nossos erros e crimes pretéritos, levando nosso Espírito à de pressão, à melancolia, à tristeza, à revolta.

O véu do esquecimento, que apaga de nossa vida as lembranças do passado, constitui mesmo, segundo o Prof. Jorge Andréa (3), a maior das perfeições do mecanismo palingenésico, ocultando o fardo atormentador das vidas pregressas, pois, cada existência é um estágio de trabalho, que não deve ser dificultado por lembranças negativas e deprimentes.

Sem a doutrina da reencarnação, a vida, com seus eventos aparentemente ilógicos, suas misérias e suas tragédias sempre maiores e mais constantes, limitada aos poucos anos de uma existência, não poderia ser a obra incomparável de uma inteligência sem par, como a do Criador; seria antes o fruto monstruoso de uma potência infernal, a se deliciar diante da dor e do sofrimento de criaturas inocentes, de criaturas que mal começam a viver, de pessoas virtuosas, como de criminosos infames.

Entretanto, no mecanismo admirável da Evolução, as reencarnações esclarecem e reajustam todas as distorções e levam sempre à maior potencialidade espiritual: pela progressiva melhoria das condições em que se encontra, no longo caminho a percorrer, o Princípio Espiritual “ganha sensibilidade, adquire instinto, incorpora inteligência e investe-se de senso moral”.

Nega-se a reencarnação (4) (até mesmo entre os espíritas), como se fez, em todos os tempos, com outros fatos e verdades científicas, embora a doutrina do criacionismo – cada Espírito se formando para cada corpo físico e vivendo uma única vez na Terra – nos leve até a considerar Deus um verdadeiro monstro, uma inteligência infernal. Todavia, doutrina de esclarecimento e de lógica irrecusável, a reencarnação pode ser aceita sem constrangimentos de qualquer espécie, e provada, mesmo, pelos argumentos filosóficos, pelas mensagens espíritas e pelas pesquisas científicas.

A Evolução atende melhor, como doutrina, aos ensaios da alma humana, mas sem o apoio da reencarnação incompreensível, e nenhuma filosofia, até hoje, conseguiu, sem ela, explicar o porquê das coisas relativamente aos seres vivos dotados de inteligência e razão.

As mensagens espíritas, numerosas, insuspeitas, confirmam, como não podia deixar de ser, a verdade das vidas sucessivas, mostrando ainda que se dão até em mundos diferentes, porque a vida não se limita, como muita gente pensa, à nossa Terra, perdida na grandeza infinita do Universo.

## 7.2 REENCARNAÇÃO E CIÊNCIA

Presente nas mais diversas culturas, a reencarnação desafia o tempo, permanecendo viva na mente e nas crenças do ser humano. Desde a mais remota Antiguidade até os nossos dias, ela vem sendo a forma mais completa de explicar os diversos e complexos fenômenos da experiência humana. Sua credibilidade vem de evidências experimentais, de provas sob rigoroso controle científico.

A reencarnação é hoje um fato cientificamente provado. Com fortes evidências sob o ponto de vista da ciência, já alcançou a atenção dos institutos de pesquisas das universidades. Não é difícil demonstrar, através de provas científicas, que a Reencarnação é uma lei universal e que a evolução humana se processa através dela.

Reencarnar é o retorno a um novo corpo, através de um novo nascimento, via fecundação, da personalidade individualizada do ser humano. Retornar significa voltar com a mesma individualidade anterior. Apesar de mudar-se de nome não se passa a ser outra pessoa. A personalidade anterior se modifica a partir do nascimento, com um novo ambiente, porém o espírito é o mesmo. Encontramos como sinônimo de reencarnação o termo *palingênese*, que significa nascer de novo e o termo *metempsicose*, de origem grega, cujo significado aproxima-se do de reencarnação, porém, ao contrário do conceito espírita, que só admite o retorno a um corpo humano, aceita também o regredir às formas animais.

A pesquisa científica amplia-se e o estudo experimental da reencarnação, que antes se fazia apenas pelo processo da regressão da memória, utilizado por De Rochas e muitos outros, agora se vale da chamada memória extracerebral, como no caso do Dr. Ian Stevenson, que já catalogou milhares de exemplos, alguns dos quais ele relata em seu livro *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, dois deles ocorridos em nosso País.

Os casos pesquisados não podem ser, honesta e logicamente, explicados pela fraude, pela criptomnésia, pela memória genética, pela percepção extra-sensorial, nem pela possessão, mas somente pela reencarnação, verdade esta expressa na frase esculpida no frontispício do dólmen de Allan Kardec, no Cemitério do Père-Lachaise:

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei.”

A reencarnação não é uma doutrina estabelecida pelo Espiritismo, que apenas lhe deu coloração nova e aduziu explicações mais completas, a respeito do seu mecanismo; ela está na base de muitas religiões antigas, como o budismo, a teosofia, o rosa-cruz, etc.

De relance, podemos citar:

“Assim como a alma vestindo este corpo passa pelos estados de infância, mocidade, virilidade e velhice, assim, no tempo devido, passa a um outro corpo, e, em outras encarnações, viverá outra vez.” – Krishna, no “Bhagavad-Gitã”.

“Fui víbora no lago, cobra mosqueada na montanha; fui estrela, fui sacerdote. Desde que fui pastor, escoou-se muito tempo; dormi em cem mundos, agitei-me em cem círculos.” – Os druidas.

- (1) A reencarnação não podia ser explicada abertamente por Jesus, por não era ainda oportuno, em face da ignorância do povo, mas o Mestre a ela de refere, veladamente embora, em várias passagens dos Evangelhos: o cego de nascimento (Jo. 9, 1-41); João Batista era Elias (Mt. 11, 7-15; Lc. 7, 24-30; 16-16); a pedra de tropeço (Mc. 9, 42-48; Mt. 18, 6-11; Lc. 17, 1-2), episódios de Nicodemos (Jo. 3, 1-2).
- (2) A tragédia do circo de Niterói, por exemplo, reuniu antigos comparsas do crime na velha Lião, nas Gálias (v. “Reformador” (de março de 1962 – “Tragédia no Circo”, do Irmão X. No terrível incêndio do Edifício Joelma, de São Paulo, em 1º de fevereiro de 1974, a Justiça Divina reuniu, para o resgate de crimes comuns, antigos combatentes cristãos das Cruzadas, que queimavam vivos os inimigos (v. “Diálogo dos Vivos”, por Chico Xavier e comentado por Herculano.
- (3) “Palingênese, a Grande Lei” (Reencarnação), do Dr. Jorge Andréa.
- (4) A propósito da negação da Ciência, conta-se a seguinte e sugestiva história: “Um príncipe oriental construiu um palácio, com muitos livros, fechou-o, jogou fora a chave e disse que nele só entraria quem a achasse. Os impacientes construíam muitas chaves, os receosos desistiram logo, os desconfiados disseram não haver chave nenhuma ou que o próprio príncipe a trazia consigo. Poucos cavaram o solo e acharam a chave. Estava enferrujada, mas abriu a porta. Assim mesmo muitos negaram a veracidade ou legitimidade da chave.” “Como representantes da Ciência”, alegaram outros, “negamos que a chave seja verdadeira”. “Corno provarás o contrário?”, perguntaram ao príncipe. “Senhores”, respondeu ele, “não poderei provar a veracidade da chave, mas a considero boa e legítima, pois não abriu a porta? Que outra coisa poderia fazer a chave verdadeira?”  
A hipótese reencarnacionista é a chave que abre os arquivos história e do destino do Homem... legítima ou falsa, que importa?...

## 7.3 PROVAS DA REENCARNAÇÃO

As provas ou evidências da reencarnação baseiam-se, essencialmente:

### 7.3.1 Nas ideias inatas

O [...] homem traz, «ao renascer», o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício 1. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica? <sup>3</sup>

As ideias inatas podem ser observadas na infância, porém, a rigor, elas são mais facilmente identificadas a partir da adolescência, período que o [...] Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era <sup>4</sup>. O [...] Espírito reencarnado retoma a herança de si mesmo, na estrutura psicológica do destino, reavendo o patrimônio das realizações e das dívidas que acumulou, a se lhe regravarem no ser, em forma de tendências inatas, e reencontrando as pessoas e as circunstâncias, as simpatias e as aversões, as vantagens e as dificuldades, com as quais se ache afinizado ou comprometido. [...] A moldura social ou doméstica, muitas vezes, é diferente, mas no quadro do trabalho e da luta, a consciência é a mesma, com a obrigação de aprimorar-se, ante a bênção de Deus, para a luta da imortalidade <sup>14</sup>.

### 7.3.2 Nas lembranças das existências pretéritas

As lembranças das existências pretéritas podem ser espontâneas ou provocadas. Em geral, surgem sob a forma de imagens fragmentárias, mas podem ocorrer *flashes* (clarões) de memória que permitem recordações mais completas.

As lembranças espontâneas aparecem, naturalmente, no estado de vigília ou durante o sono, não sendo possível a identificação da causa desencadeadora das mesmas, na maioria das vezes. Neste estado, a pessoa se vê envolvida por uma sensação de algo conhecido, experimentado, ou visto (*déjà-vu*). Segundo o estudioso espírita brasileiro e pesquisador rigoroso deste tipo específico de lembranças pretéritas, Hernani Guimarães de Andrade, os [...] *casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são tão raros, como pode pensar-se. Entretanto, apenas cerca de 5% podem ser considerados suficientemente fortes e representando evidências seguras em apoio à tese da reencarnação* <sup>11</sup>.

Nem sempre as lembranças espontâneas não são cercadas de detalhes, sobretudo quando o Espírito recorda experiências desagradáveis. Adicionada [...] *aos amargores de uma nova existência, a lembrança, muitas vezes aflitiva e humilhante, do passado poderia turbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, por lhe ser isso útil. Se às vezes lhe é dado ter uma intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugitivo* <sup>2</sup>.

As lembranças provocadas ocorrem por indução de Espíritos desencarnados ou encarnados. No primeiro caso a ação pode estar relacionada a um fim útil e bom, entretanto, pode estar vinculada a propósitos inferiores, tal como ocorre nos processos obsessivos. No segundo caso as lembranças provocadas por médicos ou psicólogos têm representado, no mundo atual, uma ferramenta de auxílio terapêutico a pessoas portadoras de distúrbios psíquicos.

Kardec nos dá oportuno esclarecimento a respeito do assunto em artigo da Revista Espírita, de 1865, em que alega que não é [...] *somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, aere novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar* <sup>8</sup>.

Finalmente, para Emmanuel, o [...] *conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra* <sup>12</sup>.

### 7.3.3 Nas comunicações mediúnicas

As comunicações mediúnicas oferecem duas grandes contribuições em apoio à tese reencarnacionista: a informação da identidade de Espíritos que viveram experiências reencarnatórias e a revelação de vidas passadas de pessoas que ainda estão encarnadas.

*A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. [...] A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral <sup>5</sup>. Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade <sup>6</sup>.*

Em relação às revelações mediúnicas de vidas passadas, destacamos a pergunta número quinze, do item 290 de *O Livro dos Médiuns*, e as respectivas respostas que os Espíritos Superiores deram a Allan Kardec:

*Podem os Espíritos dar-nos a conhecer as nossas existências passadas?*

*Deus algumas vezes permite que elas vos sejam reveladas, conforme o objetivo. Se for para vossa edificação e instrução, as revelações serão verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre espontaneamente e de modo inteiramente imprevisto. Ele, porém, não o permite nunca para satisfação de vã curiosidade.*

*a) Por que é que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer esta espécie de revelações?*

*São Espíritos brincalhões, que se divertem à vossa custa. Em geral, deveis considerar falsas, ou, pelo menos, suspeitas, todas as revelações desta natureza que não tenham um fim eminentemente sério e útil. Aos Espíritos zombeteiros apraz lisonjear o amor-próprio, por meio de pretendidas origens. Há médiuns e crentes que aceitam como boa moeda o que lhes é dito a esse respeito e que não veem que o estado atual de seus Espíritos em nada justifica a categoria que pretendem ter ocupado. Vaidadezinha que serve de divertimento aos Espíritos brincalhões, tanto quanto para os homens [...].*

*b) Assim como não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também nada podemos saber do gênero de existência que tivemos, da posição social que ocupamos, das virtudes e dos defeitos que em nós predominaram?*

*Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, estudando o vosso presente, podeis vós mesmos deduzir o vosso passado <sup>7</sup>.*

Para Emmanuel, os [...] *Espíritos que se revelam, através das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas ideias e pela essência espiritual de suas palavras. Determinados médiuns, com tarefa especializada, podem ser auxiliares preciosos à identificação pessoal, seja no fenômeno literário, nas equações da ciência, ou satisfazendo a certos requisitos da investigação; todavia, essa*

*não é a regra geral, salientando-se que as entidades espirituais, muitas vezes, não encontram senão um material deficiente que as obriga tão-só ao indispensável, no que se refere à comunicação. Devemos entender, contudo, que a linguagem do Espírito é universal, pelos fios invisíveis do pensamento, o que, aliás, não invalida a necessidade de um estudo atento acerca de todas as ideias lançadas nas mensagens medianímicas, guardando-se muito cuidado no capítulo dos nomes ilustres que porventura as subscrevam. Nas manifestações de toda natureza, porém, o crente ou o estudioso do problema da identificação não pode dispensar aquele sentido espiritual de observação que lhe falará sempre no imo da consciência* <sup>13</sup>.

#### **7.3.4 Nos fenômenos de transcomunicação instrumental**

A transcomunicação instrumental – que é a forma de os Espíritos se comunicarem por meio de aparelhos ou equipamentos eletrônicos – representa igualmente mais uma evidência da reencarnação. Tal como ocorre nas comunicações mediúnicas, propriamente ditas, os Espíritos podem dar informações a respeito de encarnações anteriores, de si ou de outrem. Devem ser dispensados aos fenômenos de transcomunicação instrumental os mesmos cuidados indicados para a análise e divulgação das mensagens provenientes das práticas mediúnicas.

#### **7.3.5 Nos fenômenos das experiências de quase-morte**

*A chamada Experiência de Quase-Morte é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas* 9. Essas pessoas relatam a ocorrência de acontecimentos semelhantes, vividos nos breves instantes entre uma parada cardíaca mais prolongada e a ressuscitação corporal, subsequente. Entre essas ocorrências, afirmam encontrar, após a travessia de um túnel ou de outras passagens, seres de luz que as acolhem carinhosamente. *É frequente a recepção pelos parentes e amigos falecidos [...]*10.

Atualmente, existe uma significativa produção de livros espíritas e não-espíritas que trazem boas contribuições à tese reencarnacionista. Recomendamos a leitura das seguintes obras: *Reencarnação*, de Gabriel Delanne, editora FEB; *Reencarnação no Brasil*, de Hernani Guimarães de Andrade, editora O Clarim; *20 Casos sugestivos de Reencarnação*, de Ian Stevenson, editora Difusora Cultural; *A Vida pretérita e futura*, de H. N. Banarjee, editora Nórdica; *Muitas Vidas Muitos Mestres*, de Brian L. Weiss, editora Salamandra; *Reencarnação baseada nos fatos*, de Karl E. Muller, editora Edicel.

## 7.4 HISTÓRICO

Os mais antigos livros onde encontramos a doutrina da reencarnação são os Vedas, de cuja matriz surgiram grande parte das religiões e sistemas filosóficos da Índia, e que contêm hinos sagrados cuja origem remonta há muitos anos antes de Cristo. No Egito, as dinastias mais antigas acreditavam na preexistência da alma, antes do seu nascimento, assim como na sua pós-existência depois da morte, e nos muitos nascimentos da alma neste e em outros mundos.

Religiões significativas da Pérsia, principalmente o Zoroastrismo, na sua forma genérica popular e dinâmica, seguiam doutrinas contendo a reencarnação, sendo que no Zoroastrismo (século VII a. C.) há a concepção de uma espécie de justiça cósmica de que as almas recebiam os seus prêmios ou castigos merecidos nas vidas futuras. Há registros de que da Pérsia a crença da reencarnação foi levada à Grécia.

A religião ortodoxa islâmica não aceita nenhuma doutrina de reencarnação. Apesar disso, algumas escolas esotéricas dentro do Islamismo – tais como os Sufis e os Drusos, defendem fortemente a reencarnação. Alguns místicos islâmicos e poetas sufis como Rumi, Hafiz e outros, defendiam abertamente a reencarnação.

De acordo com Flavius Josephus, o 1º historiador judeu do século I d. C., as três escolas antigas de pensamento e prática da religião judaica – os Saduceus, os Fariseus e os Essênios – diferenciavam-se acerca do destino da alma após a morte do corpo. Os Saduceus defendiam que a alma morre juntamente com o corpo. Os Fariseus mantiveram a imortalidade da alma, o renascimento das almas das pessoas boas noutros corpos e o castigo eterno das almas dos mais fracos. Os Essênios aceitavam a imortalidade e rejeitavam a reencarnação. O Velho Testamento contém passagens (Provérbios 8:22-31; Jeremias 1:4-5) nas quais o autor professa que teriam existido anteriormente ao nascimento físico, com destaque para Malachias (4:2-6) que previu o retorno de Elias à Terra.

No Alasca, entre os índios da tribo Tlingits, é crença geral que os mesmos sinais e cicatrizes podem reaparecer no corpo do renascido. Entre os Esquimós, há inúmeros casos de pessoas que se recordam de suas vidas pregressas. Diversas tribos americanas, dentre elas os Peles-Vermelhas, aceitam a reencarnação. Os Winnibagos creem na reencarnação. Crença idêntica existe entre os índios Chippeway. Eles estão certos de que, em seus sonhos, podem reviver acontecimentos de encarnações passadas.

A principal corrente do Cristianismo ortodoxo, o Catolicismo, nunca acolheu abertamente a doutrina da reencarnação nas suas crenças, enquanto pensadores importantes e seitas dinâmicas abraçaram uma ou outra versão da doutrina dos renascimentos terrestres. Um conselho Ecumênico importante (o 2º de Constantinopla, em 553 d. C.), de acordo com a crença comum anatematizou todas as concepções da preexistência da alma e do renascimento, que faziam parte das teses de Orígenes (185 – 254 d. C.), excomungado em 232 d. C. por adotar a reencarnação. Um dos expoentes máximos da Igreja, Clemente de Alexandria (preceptor de Orígenes) aceitava a reencarnação e, ainda mais, afirmava que São Paulo também professava tal crença. Até meados do século VI, todo o Cristianismo aceitava a Reencarnação que a cultura religiosa oriental já proclamava, milênios antes da era cristã, como fato incontestável, norteador dos princípios da Justiça Divina, que sempre dá oportunidade ao homem para rever seus erros e recomeçar o trabalho de sua regeneração, em nova existência. Aconteceu, porém, que o segundo Concílio de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia, em decisão política, para atender exigências do Império Bizantino, resolveu abolir tal convicção,



cientificamente justificada, substituindo-a pela ressurreição, que contraria todos os princípios da ciência, pois admite a volta do ser, por ocasião de um suposto juízo final, no mesmo corpo já desintegrado em todos os seus elementos constitutivos. É que Teodora, esposa do famoso Imperador Justiniano, escravocrata desumana e muito preconceituosa, temia retornar ao mundo, na pele de uma escrava negra e, por isso, desencadeou uma forte pressão sobre o papa da época, Virgílio, que subira ao poder através da criminosa intervenção do general Belisário, para quem os desejos de Teodora eram lei. E assim, o Concílio realizado em Constantinopla, no ano de

553 D.C, resolveu rejeitar todo o pensamento de Orígenes de Alexandria, um dos maiores Teólogos que a Humanidade tem conhecimento. As decisões do Concílio condenaram, inclusive, a reencarnação admitida pelo próprio Cristo, em várias passagens do Evangelho, sobretudo quando identificou em João Batista o Espírito do profeta Elias, falecido séculos antes, e que deveria voltar como precursor do Messias (Mateus 11:14 e Malaquias 4:5). Agindo dessa maneira, como se fosse soberana em suas decisões, a assembleia dos bispos, reunidos no Segundo Concílio de Constantinopla, houve por bem afirmar que reencarnação não existe, tal como aconteceu na reunião dos vaga-lumes, conforme narração do ilustre filósofo e pensador cristão, Huberto Rohden, em seu livro "Alegorias", segundo a qual, os pirilampos aclamaram a seguinte sentença, ditada por seu Chefe D. Sapiêncio, em suntuoso trono dentro da mata, na calada da noite: "Não há nada mais luminoso que nossos faróis, por isso não passa de mentira essa história da existência do Sol, inventada pelos que pretendem diminuir o nosso valor fosforescente". E os vaga-lumes dizendo amém, amém, ao supremo chefe, continuaram a vagar nas trevas, com suas luzinhas mortíferas e talvez pensando - "se havia a tal coisa chamada Sol, deve agora ter morrido". É o que deve ter acontecido com Teodora: ao invés de fazer sua reforma íntima e praticar o bem para merecer um melhor destino no futuro,

preferiu continuar na ilusão de se poder fugir da verdade, só porque esta fora contestada pelos deuses do Olimpo, reunidos em majestoso conclave.

Nos Diálogos de Platão – Fedon, Banquete e República a reencarnação é apresentada como um dos ensinamentos de Sócrates. Em República, livro X, p. 614 à 620, há o episódio de Er, filho de Armênio, originário da Panfília, que, após 12 dias de morte aparente, recupera-se e conta o que viu no mundo dos mortos. Relatou como se dá o retorno das almas para o renascimento.

Anteriormente a Sócrates, pelo menos Pitágoras, Heráclito e Empédocles expressaram explicitamente ideias de reencarnação. Em Fedro, Platão atribuiu a Sócrates a doutrina da existência da alma antes de entrar neste mundo, assim como a sua sobrevivência.

A despeito da Filosofia e em pleno século XX, as investigações sobre o tema tomaram novo impulso. Na França, com Albert Des Rochas, na Índia com Hamendras Nat Banerjee, nos Estados Unidos, com Ian Stevenson. Cada um à sua época desenvolvendo diferentes métodos de pesquisas, a partir de fatos concretos, trouxeram nova luz a respeito da reencarnação, principalmente introduzindo-a como objeto de investigação científica.

As pesquisas em torno da reencarnação verificam-se em vários campos; dentre eles tem-se a Regressão de Memória e as Lembranças Espontâneas na Infância. Entre os estudiosos de regressão de memória destaca-se Albert Des Rochas, Edith Fiore, Denis Kelsey, Morris Netherton, Helen Wambach e Hermínio Miranda. Todos eles desenvolveram experiências em torno da regressão de memória com resultados surpreendentes, que extrapolaram os espaços científicos, penetrando nos consultórios de psicólogos como técnica terapêutica.

Nas pesquisas de Lembranças Espontâneas na Infância, destacam-se os trabalhos de Ian Stevenson, H. N. Banerjee e Hernani G. Andrade. São pesquisas de grande credibilidade pelas características da espontaneidade e da insuspeição em se tratando de crianças. Há milhares de casos catalogados com a confirmação das informações sobre vidas passadas que não se resumem a vagas memórias, mas, sim, a dados precisos, com nomes, datas, locais e detalhes importantes. Em tais pesquisas verificou-se que, o intervalo de tempo entre uma e outra encarnação pode variar de dias a séculos.

A necessidade de se estabelecer um princípio diretor, justo e equânime para justificar a sociedade e suas complexas relações, coloca a reencarnação como o mecanismo capaz de exercer a justiça divina e de possibilitar o crescimento da sociedade. Nada poderia justificar as contingências do existir com a precisão com que a reencarnação o faz. As dificuldades e conflitos humanos passam pela necessidade de uma justificativa filosófica e até mesmo do ponto de vista do equilíbrio energético. A reencarnação é a chave para desvendar os mistérios provocados pelo vazio do conhecimento parcial que o homem tem sobre si mesmo.

## 7.5 REENCARNAÇÃO E JUSTIÇA DIVINA

Nem sempre a justiça que se processa pela via da reencarnação, dá-se imediatamente na encarnação seguinte do espírito. Os mecanismos educativos podem ocorrer na mesma existência, sem a necessidade da reencarnação, como também podem se dar após várias encarnações. O tempo que leva para que o processo educativo se instale, dependerá da ocorrência de fatores que propiciem o aprendizado do espírito. Às vezes, há a necessidade de se reunir pessoas várias num processo único, o que poderá levar séculos ou milênios. Deve-se salientar que ninguém, nenhum ser humano, estará isento do processo de educação. A reencarnação é mecanismo obrigatório no nível de evolução em que se encontra a humanidade terrestre.

Ninguém está isento dela. Não há privilégios nem privilegiados.

Reencarnar sem a lembrança do passado é o mecanismo que possibilita a convivência de contrários e daqueles que elevaram a paixão ao seu grau máximo. Sem o esquecimento das experiências anteriores não é profícua a reencarnação. Reencarna-se para aprender, para educar-se.



Para crescer a partir de novos elementos, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir seu próprio crescimento. Tal esquecimento não significa a perda do conhecimento adquirido nas existências anteriores. O espírito não involui. Não se perde o que já se sabe. Esquece-se temporariamente o que não é relevante para o crescimento do espírito. As qualidades, os defeitos, as emoções, os amores, os ódios, ficam latentes e participam, de forma subjacente nas relações do reencarnado, atuando de forma inconsciente.

Muitos espíritos que estiveram juntos em encarnações anteriores se separam para se reencontrarem mais adiante. Alguns desafetos quando se veem se “lembram” do passado. Pode ocorrer que a inimizade retorne. Como também os afetos quando se reencontram refazem a mesma ligação que tiveram no passado. O espírito “enxerga” o outro espírito, independente do corpo que tem e do grau de parentesco que possuem. Alguns espíritos não reencarnam na mesma época que seus afetos e ficam a velar por eles para que obtenham sucesso naquela encarnação. Ao libertar-se do corpo, seja durante o sono ou com a morte, o espírito vai aos poucos retomando sua memória integral.

O retorno através da reencarnação se dá para o crescimento do espírito. É um processo educativo, e não punitivo. Encarado dessa forma, não há um número definido de encarnações para um espírito. Os processos não se dão de forma linear, isto é, não se passa pelo que se causou a outrem na mesma proporção. As circunstâncias a que um espírito está sujeito numa encarnação expiatória são sempre atenuadas pela Misericórdia Divina. A Lei de Causa e Efeito não é “olho por olho dente por dente”. Não se deve interpretar as doenças e outros sofrimentos senão como processos educativos. Errou-se no passado porque não se sabia como agir corretamente. Retorna-se para aprender até não mais se precisar reencarnar.

As ideias inatas, as simpatias e antipatias gratuitas, os gênios, de alguma forma parecem denunciar uma experiência anterior. O conhecimento não se produz de forma mágica. A reencarnação explica tais conhecimentos “inatos”, como oriundos de existências anteriores. Tudo então é aprendido pelo espírito. Nada lhe é “dado” de graça. Se no passado alguém adquiriu uma aptidão qualquer, ela hoje se manifestaria de alguma maneira.

Em muitos casos os reencarnantes retornam com marcas de nascença. Trazem cicatrizes denunciadoras de experiências progressas. Marcas que, quando não são creditadas a fatores genéticos, reproduzem-se de uma a outra existência por mecanismos psíquicos. As experiências que produziram as marcas foram de tal forma intensas que gravaram o corpo físico, denunciando a existência de uma matriz comum onde ficam “guardadas” as impressões do espírito. Essa matriz é o perispírito. Da mesma forma que essas marcas, surgem fobias, traumas, que se revelam logo na primeira infância.

O conceito de reencarnação transcende ao aspecto da mera crença que está presente nas mais antigas culturas, tornando-se a base para a compreensão da razão de viver do homem. A reencarnação não foi concebida como uma teoria para explicar a realidade, mas é uma realidade que explica e suscita muitas teorias. As relações humanas estão carregadas das emoções do passado. Impulsos, estímulos, reações emotivas, atitudes diversas, não são apenas fruto da vontade e do meio ambiente, mas principalmente das experiências progressas gravadas no psiquismo.

A personalidade integral, que sobrevive à morte, já possui experiências diversas em matéria de profissões, de línguas aprendidas, de tipos de sexo, de classe social, de condição econômica. O fato, por exemplo, de já ter experienciado viver nos dois tipos de sexo, concede ao ser humano habilidades para habitar nesse ou naquele corpo, sem que isso lhe cause qualquer problema quanto à sua relação com o sexo do corpo escolhido. Uma nova encarnação representa a construção de uma nova personalidade no novo meio em que se vai renascer. Os traumas e conflitos, dessa forma, aparecem tendo como uma das causas, talvez a principal, essa realidade interna, anterior, que contracenava com a realidade externa. A solidão e as repetidas e constantes desilusões afetivas podem ser encaradas como resultantes de processos educativos, oriundos de experiências malsucedidas no passado.

O Espiritismo, com Allan Kardec, trouxe de volta a reencarnação como conhecimento fundamental de sua doutrina. Através do Espiritismo a reencarnação é analisada sob o ponto de vista sociológico e moral. A doutrina das vidas sucessivas é o alicerce da evolução. A frase “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei” resume o significado da reencarnação para o Espiritismo.

## 7.6 LEI DE CAUSA E EFEITO

A experiência da dor não é um estigma, uma maldição, mas uma lição a ser assimilada pelo espírito livre, para que conheça a justiça e o amor da Divindade. (“Menino morto”, Potinari).

*Nossa conduta é o processo, nossa consciência o tribunal.*

André Luiz

A compreensão de Deus importa em afastar a ideia de prêmio ou castigo. A lei de causa e efeito, portanto, é de ser entendida como instrumento que conduz a criatura à sua própria sublimação.



Infelizmente, por desconhecimento da Doutrina, muitos confrades insistem no equívoco de tomá-la como punição divina, com foros de conformismo, negando seu caráter progressista.

Assim, diante da mulher esquelética, cercada de filhos esquálidos, que pede ajuda para safar-se do sórdido barraco, sentenciam: é carma, não devemos interferir. E complementam que, em vida passada, deva ter sido muito rica e avarenta. A sustentar sua "teologia" trazem a advertência do Mestre de que sempre haverá pobres, o que avalisa a omissão. Lamentável engano.

## Patologia Social

Quem assim age desconhece a recomendação maior de Jesus que é o amor acima de tudo. A situação apontada não é um problema individual, porque a miséria, na verdadeira acepção do termo, é uma patologia social e, como responderam os Espíritos (LE, 806) a desigualdade das condições sociais não é lei de Deus, mas obra dos homens. E Kardec acrescenta (ESE) que quando o egoísmo (chaga da humanidade) desaparecer da Terra não haverá miseráveis.

Afastando a ideia de que tudo é carma, a lógica matemática demonstra que nunca existiram tantos ricos avaros a justificar as legiões de espíritos que reencarnam em situações de extrema penúria. A negativa de socorro a esses deserdados de tudo, com o argumento de não interferência em provações cármicas, soa tão absurdo quanto recusar-se o médico, sob igual pretexto, a tratar dos doentes.



De outro modo, a referência do Sublime Embaixador, assim posta, passa uma noção de uma Divindade punitiva e discriminadora, em completo antagonismo com o Deus de Amor que tanto Ele esforçou-se em nos ensinar. Naturalmente referia-se aos pobres (não párias) como uma das vertentes da ascensão porque deve passar o homem até atingir a perfeição. Contrário senso, teria também estigmatizado a riqueza, aliás, com mais rigor (É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus).

Na prova da pobreza (digna), vivenciando situação que impõe limites ao natural anseio de possuir mais, o indivíduo testa sua resignação, como poderá revoltar-se, desperdiçando a oportunidade. Mesmo no último caso, não se lhe fecham as portas da Escola da Vida podendo, espontaneamente, repetir a experiência até consolidar uma conquista que integrará para sempre a sua bagagem.

Nessa escalada, a demora, o retardo ou a celeridade correm à conta, unicamente, de seu livre-arbítrio. Quando Kardec (LE, 129) perguntou: Também os anjos percorreram todos os graus? Os Espíritos responderam: **Percorreram; mas, como já dissemos, uns aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa; outros empregaram maior ou menor tempo para atingir a perfeição.**

Consequentemente, sabendo que, como regra geral, escolhemos nossas provas, nascer em berço simples ou luxuoso não é capricho nem imposição Divina. Nosso planeta não é moradia de condenados, porém, mais um degrau da grande escada evolutiva. Conforta-nos saber que ela é democrática e comum, ao contrário de certos edifícios terrenos, onde há escadas pelas quais sobem os que são servidos e outras destinadas ao trânsito dos que servem.

O Espiritismo é eminentemente progressista e solidário, não compactuando com a indolência conformista. Sem engajamento à política, seja a partidária, de grupos ou categorias, seu adepto deve se transformar em instrumento da Providência na implementação de uma sociedade mais justa e fraterna que alavancará a Terra a Mundo de Regeneração.

### **Código de Processo**

O grande Léon Denis em posição avançada para a época, alertava para a busca da justiça:

"Para construir a cidade futura, para fixar a lei definitiva, é preciso, antes de tudo, conhecer a lei Universal do progresso e da justiça e tomá-la por guia, pois, se não conformarmos nossas obras

pela lei eterna das coisas, não faremos senão uma obra efêmera construída sobre a areia e que virá abaixo."

Assim, a lei de causa e efeito é código de progresso e justiça. Se é verdade que cada um carrega a sua cruz, não menos verdade é que não se trata da cruz do castigo, senão fruto de débitos contraídos. Carregá-la, todavia, não é estigma de maldição e, muito menos, motivo de amargura. A cada dia que surge, a Providência nos oferece oportunidade de diminuir o seu peso.

André Luiz elucida:

"A Terra não é prisão de sofrimento eterno.

É Escola abençoada das almas.

A felicidade não é miragem do porvir.

E realidade de hoje.

A dor não é forjada por outrem.

É criação do próprio espírito."

A pretexto de que cada um colhe o que semeia, não nos é lícito comportamento omissivo. As desigualdades e injustiças sociais são produtos do egoísmo e da indiferença. aceitarmos a reencarnação tão só para ver no escravizado de hoje o escravizador de ontem, sem nada fazermos para resgatá-lo em sua dignidade, é falta de caridade.

É até possível, como exercício intelectual, compreendermos que a multiplicidade das vidas atesta um dos atributos de Deus (Justo), mas, sem um engajamento pleno na tarefa de servir e amar, não poderemos senti-lo como SUPREMA BONDADE.

Texto de Moacir Danilo Rodrigues, da Revista A Reencarnação – nº. 40 Ano LX.

Texto do site: [www.portaldoespirito.org.br](http://www.portaldoespirito.org.br) – *Porque a Reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica* – Vivaldo J. de Araújo

## 7.7 Planejamento reencarnatório

A maioria das reencarnações são planejadas pelos espíritos encarregados de proporcionar o aprendizado visando a evolução espiritual. Quando não são eles que o fazem, leis naturais proporcionam os fatores necessários às provas e expiações que o espírito enfrentará em sua nova encarnação.



O objetivo de se planejar a reencarnação é o de proporcionar a cada espírito os meios necessários ao seu adiantamento intelectual e moral. Às vezes, são necessários muitos anos de espera até que se possa reunir as condições favoráveis e os elementos necessários ao reencontro de antigos desafetos para aprenderem juntos as leis de Deus.

Esse planejamento inclui a definição tanto das provas quanto das expiações que o espírito atravessará. As primeiras são necessárias a todos os espíritos e as segundas são obrigatórias para os que se utilizaram de seu livre arbítrio em encarnações anteriores e cometeram equívocos diversos.

Pelas lições que o espírito necessita aprender e pelos processos educativos que tem de atravessar, o planejamento definirá as características do corpo que receberá, bem como as circunstâncias sociais em que renascerá; com quem reencontrará e com que ajuda contará no seu processo.

Planejar a encarnação não significa que o espírito estará limitado nem que o seu destino já esteja traçado de forma irremediável. Seu livre-arbítrio poderá alterar significativamente seu planejamento, o que acarretará consequências que venham a fazê-lo progredir mais do que o previsto ou que lhe sejam adversas. O planejamento é uma espécie de guia, roteiro ou lembrete ao reencarnado.

A vida espiritual é a vida verdadeira, porém não se deve desprezar a vida na matéria cuja importância é significativa. Para se viver bem na espiritualidade deve-se saber viver e conviver bem na vida material. As duas etapas não se opõem, mas complementam-se. A vida espiritual não deve ser encarada como um fim em si, mas como uma realidade semelhante à vida material.

O planejamento reencarnatório obedece a imposições compulsórias referentes ao passado do espírito. Suas experiências adversas em encarnações anteriores poderão limitar suas escolhas e seu livre arbítrio. Nem sempre poderá o espírito escolher livremente com quem vai reencarnar nem a que família pertencerá, face aos compromissos cármicos a que está sujeito.



Reunir desafetos tem o duplo propósito de não só reconduzir os espíritos a circunstâncias semelhantes às que viveu anteriormente como, graças ao esquecimento do passado, colocá-los frente a frente com sua própria necessidade de evoluir. Juntos irão transformar o ódio em amor. O que se chama vulgarmente de dívida e resgate, débitos e créditos, na realidade são processos educativos.

Há problemas e conflitos que atravessamos, cujas causas não se localizam em existências passadas, mas, sim, na atual, frutos das contingências da infância e do uso do livre-arbítrio. Esses problemas gerados na atual encarnação não fizeram parte do planejamento reencarnatório sendo motivo, portanto, de sua alteração.

Ao reencarnar o espírito traz, de forma inconsciente, gravado em seu corpo espiritual, os traumas oriundos das encarnações anteriores, que estarão sempre a influenciar em sua vida atual. Esses núcleos traumáticos deverão ser resolvidos quando o espírito atravessar situações que se assemelhem àquelas do passado.

Atravessar uma prova ou mesmo submeter-se a uma expiação constitui-se numa oportunidade de aprender uma importante lição, pois, após seu término, sabe que já não mais precisará afligir-se daquela forma. É esse o sentido que aplicamos à colocação do Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”.

As doenças de nascença são marcas referentes aos problemas não resolvidos de outras encarnações e que surgem como sinais da necessidade que tem o espírito de educar-se. As doenças adquiridas no decorrer da encarnação podem revelar conflitos referentes a encarnações passadas ou à presente existência, como também serem decorrentes do desgaste natural do organismo.

Os processos educativos que alcançam um grande contingente de pessoas, atingindo, às vezes nações inteiras, dizem respeito a provas coletivas cujo planejamento exige uma complexidade maior na preparação. São planejamentos feitos num nível superior aos das encarnações individuais ou de pequenos grupos.



Durante a encarnação, o esquecimento do planejamento não é total, pois o espírito tem lembrança dele quando liberto do corpo durante o sono, através de sonhos, durante meditações, por influências de seus guias espirituais, bem como através de intuições. Essa lembrança nunca é completa face à ansiedade que pode ser gerada.

Várias são as circunstâncias que podem alterar o planejamento reencarnatório, dentre elas cito o suicídio de um

dos personagens envolvidos, o estupro que provoca uma reencarnação, certas separações de casais, redução ou aumento voluntário do número de filhos.

O espírito pode também começar a planejar sua encarnação futura ainda reencarnado, contribuindo inclusive para reduzir seus problemas futuros desde que se determine a iniciar sua transformação interior desde já. Esse movimento, via de regra, inicia-se com as correções de rumo da atual encarnação, fechando alguns processos mal resolvidos, que, se assim permanecerem, atrapalharão o futuro. Após isso deve refletir sobre si mesmo, identificar qualidades e defeitos que sabe que tem e, através de amigos, os que desconhece ter.

Esse planejamento prévio inclui reflexionar sobre profissão, sobre comportamento emocional, sobre lazer, sobre conhecimento intelectual, sobre habilidades diversas, sobre família, bem como sobre tudo aquilo que implique na adaptação social.

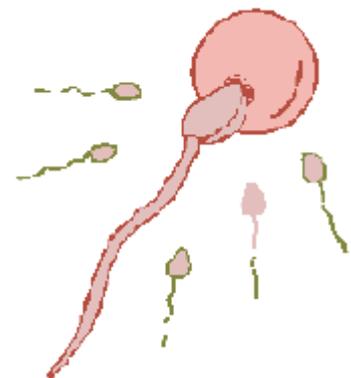
O planejamento reencarnatório não coloca ao espírito responsabilidades que não possa suportar. As provas e expiações são formas educativas, não punitivas, aliviadas pela misericórdia divina que, às vezes, proporciona intervalos entre encarnações difíceis, tanto quanto diluição do processo em várias etapas.

É característica dos planejamentos reencarnatórios o reencontro de antigos desafetos, assim como o auxílio de espíritos afins para que se alcance sucesso no processo de educação. Esse equilíbrio favorecerá o crescimento sem que se aumente as aversões características do nível evolutivo dos espíritos na Terra.

O planejamento das reencarnações favorece a evolução no planeta, constituindo-se num instrumento de melhoria das relações entre os homens.

## 7.8 Processamento da Reencarnação

O processamento da reencarnação se dá através da fecundação biológica e possibilita a união do espírito ao corpo físico visando uma nova existência. É um processo natural a que está sujeito o ser humano quando, sob certas condições, encontra-se desencarnado. Dá-se no momento da união dos gametas para a formação de um novo corpo, a cujo desenvolvimento o espírito reencarnante contribui.



Durante a formação do embrião, nas divisões celulares, o espírito, através de seu perispírito, influencia as modificações a serem feitas no corpo que receberá. Essas modificações, que alteram o padrão hereditário, visam fazer face às necessidades provacionais e expiatórias do espírito. Alguns espíritos necessitam alterações cromossômicas significativas tendo em vista eliminar influências genéticas de seus pais, não necessárias. O momento da fecundação possibilita a predisposição a uma

reencarnação, o que fará com que o espírito designado para aquele corpo a ele se ligue. A reencarnação se dá na fecundação, não havendo nenhuma prova, por enquanto, de sua possibilidade fora desse momento.

Essas alterações, necessárias às provas e expiações do espírito, também são, às vezes, dada a sua complexidade, feitas não só no corpo físico de que ele vai se utilizar como também em seu perispírito.

Quando não há espírito designado para aquele corpo em formação, a gravidez não vingará, isto é, será um natimorto. Isto se dá como prova para os pais. Embora nem todo corpo em formação na gestação tenha um espírito, toda criança que nasce e é declarada viva, o tem utilizando aquele corpo.

O espírito que vai reencarnar, muitas vezes se liga ao organismo materno antes da união perispiritual com o óvulo fecundado, o que poderá provocar alterações físicas e comportamentais à futura mãe. Mesmo que ligado à mãe, ainda não está reencarnado, pois a reencarnação só é efetivada quando ele se liga ao óvulo fecundado. Essa ligação vai se estreitando na medida que se aproxima o nascimento, mas a reencarnação só vai se completar no início da puberdade. O processamento da reencarnação não se completa na fecundação, pois a união total só se dará quando o espírito se assenhorear de seu próprio corpo, fato que se dá, via de regra, no início da aquisição de responsabilidade e independência psicológica da criança tanto em relação à última encarnação quanto aos pais.

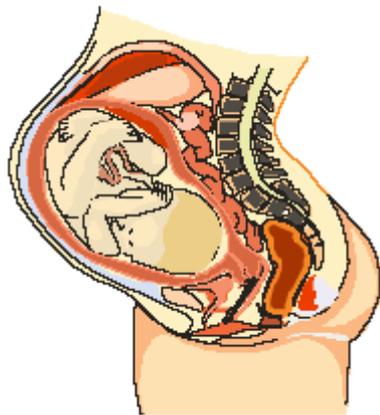
Outro espírito não poderá ocupar aquele corpo, pois cada um utiliza-se de um único e vice-versa. Mesmo ligado ao corpo, ainda no útero, pode o espírito desistir da encarnação, o que será uma espécie de suicídio.

Já ligado ao embrião, o espírito goza de menos liberdade, perdendo cada vez mais a consciência à medida em que se aproxima o nascimento. Essa liberdade varia de acordo com o nível evolutivo do espírito, que, quanto mais adiantado, menos sujeito estará às contingências da matéria.

No período em que permanece vinculado ao embrião, a maioria dos espíritos entra num estado de hibernação face à delicada ligação entre seu perispírito e o novo e frágil corpo a que se liga.

Como é um processo que se assemelha à desencarnação, ou talvez mais difícil ainda, o espírito teme pelo possível insucesso diante das provas e expiações que enfrentará. Por isso é comum ele receber ajuda e incentivo de familiares e amigos desencarnados encorajando-o à reencarnação. Às vezes, os mesmos que planejaram através dele renascer, incentivam-no no momento da reencarnação.

As energias decorrentes do desenvolvimento do embrião induzirão ao reencarnante reduzir sua dimensão perispiritual adulta para algo semelhante ao corpo infantil. Seu perispírito irá se modificando gradativamente para adaptar-se à organização fetal e posteriormente ao corpo infantil.



Alguns espíritos prejudicam o processamento de sua reencarnação, por causa de sua densidade perispiritual extremamente desestruturada que, às vezes, por não conseguir fixar-se ao óvulo fecundado, provoca o aborto natural. São reencarnações que, de antemão se sabe, não vingarão e se prestam de um lado a reduzir a densidade perispiritual do reencarnante e de outro, servem de prova para os pais.

Durante a gravidez, o fluxo de pensamentos e emoções entre a mãe e o espírito reencarnante pode provocar alterações de comportamento dela face à presença de outra personalidade em seu campo mental.

O desenvolvimento físico do corpo e sua manutenção ainda no útero materno não se deve à presença do espírito, mas principalmente ao automatismo biológico bem como ao auxílio do perispírito materno. O fluido vital absorvido pelo embrião será o impulsionador ao seu desenvolvimento.

Durante o processamento da reencarnação o perispírito sofre alterações para adequar-se ao corpo físico tanto pela natureza mais densa deste, quanto ao novo meio ambiente a que estará sujeito. As mudanças no corpo espiritual decorrem principalmente face às novas necessidades de alimentação.

Durante o processo reencarnatório, o perispírito vai se enraizando na corrente sangüínea e na rede nervosa do corpo físico, sobretudo no córtex cerebral, por onde transitam as comunicações entre os dois veículos de manifestação do espírito.

É na base do cérebro que se situa a ligação fluídica entre o corpo e o perispírito quando o espírito se ausenta durante o sono. Ao deslocar-se do corpo, o espírito a ele se mantém ligado por um laço fluídico, espécie de cordão, que se estende a partir da região cerebral, pouco acima da nuca.

Há reencarnações especiais que requerem o auxílio de espíritos técnicos no assunto, tendo em vista as características especiais das provas e expiações do espírito bem como face às particularidades do corpo físico do reencarnante. O processo então será mais trabalhoso, exigindo o concurso de numerosos técnicos a fim de se evitar prejuízos aos objetivos. Por outro lado, há encarnações que são realizadas sem qualquer auxílio externo, seja pelo automatismo seja pelo grau de evolução do espírito, que neste último caso, realiza-a sozinho.

São, portanto, fases características do processo reencarnatório, muito embora possam variar caso a caso, a depender da evolução do reencarnante: levantamento de provas e expiações que serão necessárias, a escolha da família, o meio social, a modelagem do corpo físico, o esquecimento da última encarnação e conseqüente prostração de forças, a redução perispiritual com pensamento fixo no novo corpo em formação, a ligação com o óvulo e, durante a infância, a integração ao corpo físico até o final do processo.

Não há uma reencarnação igual a outra, pois para cada espírito há um processo evolutivo particular em curso, exigindo detalhamento e cuidados adequados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KARDEC, Allan. **A Gênese**. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 38, p. 32.
  2. \_\_\_\_\_. Cap. 11, item 21, p. 215-216.
  3. \_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 222, p. 148-149.
  4. \_\_\_\_\_. Questão 385, p. 211.
  5. \_\_\_\_\_. **O Livro dos Médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 24, item 255, p. 324-325.
  6. \_\_\_\_\_. Item 257, p. 327.
  7. \_\_\_\_\_. Cap. 26, item 290, pergunta 15, p. 384-385.
  8. \_\_\_\_\_. **Revista espírita**. Jornal de estudos psicológicos. Ano 1865. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano 8, janeiro de 1865. Nº 1. Item: Educação de um surdo-mudo encarnado, p. 39-40.
  9. ANDRADE, Hernani Guimarães. **Morte: uma luz no fim do túnel**. Prefácio de Carlos Eduardo Noronha Luz. São Paulo: FÉ, 1999, p. 16.
  10. \_\_\_\_\_. p. 18.
  11. \_\_\_\_\_. **Reencarnação no Brasil**. Prefácio de José de Freitas Nobre. Matão: 1988, p. 7.
  12. XAVIER, Francisco Cândido. **O consolador**. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 370, p. 208.
  13. \_\_\_\_\_. Questão 379, p. 211-212.
  14. \_\_\_\_\_. **Religião dos Espíritos**. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item: Esquecimento e reencarnação, p. 112-113.
- NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. “Reencarnação e ciência”, “Reencarnação como processo educativo”, “Reencarnação: planejamento e processamento” In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

## 8. LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO

O espírito, mesmo vinculado ao corpo físico, goza de relativa liberdade face às propriedades de seu perispírito. Não só após a morte, mas principalmente durante o sono, o espírito se liberta do corpo, mantendo-se a ele ligado, para se relacionar com outros em idêntica situação ou com aqueles que já retornaram à vida espiritual. Ao despertar ele terá, por intermédio dos sonhos, vaga lembrança do que ocorreu. Há casos em que o espírito se liberta do corpo, no sono ou no estado de vigília, de forma consciente, sendo possível que escolha livremente o que fazer e aonde ir. Esse fenômeno é conhecido com o nome de viagem astral ou desdobramento, onde o espírito guarda nítida e vívida impressão de quase tudo que lhe ocorreu durante aqueles momentos que passou em estado alterado de consciência. A Bíblia está repleta de casos de desdobramentos em que seus protagonistas contaram seus encontros com “anjos” e com “Deus”.

### 8.1. EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Chama-se emancipação da alma, o desprendimento do Espírito encarnado, possibilitando-lhe afastar-se momentaneamente do corpo físico. No estado de emancipação da alma, o Espírito se desloca do corpo físico, os laços que o unem à matéria ficam mais tênues, mais flexíveis e o corpo perispiritual age com maior liberdade.



#### 8.1.1 Sono e Sonhos

Sono é um estado em que cessam as atividades físicas motoras e sensoriais. Dormimos um terço de nossas vidas e o sono, além das propriedades restauradoras da organização física, concede-

nos possibilidades de enriquecimento espiritual através das experiências vivenciadas enquanto dormimos.

Sonho é a lembrança dos fatos, dos acontecimentos ocorridos durante o sono.

Os sonhos, em sua generalidade, não representam, como muitos pensam, uma fantasia das nossas almas.

### **8.1.2 A visão da Ciência sobre os sonhos**

A ciência oficial, analisando tão somente os aspectos fisiológicos das atividades oníricas (relativo aos sonhos) ainda não conseguiu conceituar com clareza e objetividade o sono e o sonho.

Sem considerar:

- a emancipação da alma,
- sem conhecer as propriedades e funções do perispírito,

Fica, realmente, difícil explicar a variedade das manifestações que ocorrem durante o repouso do corpo físico. Freud, o precursor dos estudos mais avançados nesta área, julgava que os instintos, quando reprimidos, tendem a se manifestar e uma destas manifestações seria através dos sonhos.

Durante a noite dois tipos de sono se alternam: o sono de ondas lentas ou profundo e o sono paradoxal ou sono de movimentos rápidos dos olhos, também denominado de sono REM (Rapid Eye Movements).

O sono de ondas lentas (sono profundo) é repousante para o físico porque neste período, a pressão sanguínea cai, os vasos sanguíneos se dilatam, os músculos ficam preponderantemente relaxados e a taxa do metabolismo basal cai de 10 a 30%. Além disto, durante o sono profundo acontece a liberação do hormônio que promove o crescimento, a renovação e reparação dos tecidos do corpo. A privação do sono profundo provoca uma redução do hormônio do crescimento na corrente sanguínea, e faz com que o sujeito se sinta cansado, deprimido e com mal-estar geral.

Durante o sono REM, o cérebro está altamente ativo e seu metabolismo global pode estar aumentado em até 20%. Também o eletroencefalograma mostra um padrão de ondas cerebrais semelhante ao que ocorre durante a vigília.

Este tipo de sono também é chamado de sono paradoxal por ser contraditório que uma pessoa, mesmo dormindo, esteja realizando acentuada atividade cerebral.

### 8.1.3 A visão do Espiritismo sobre os sonhos

Allan Kardec, através da Codificação Espírita, principalmente em *O Livro dos Espíritos* Cap. VIII - questões 400 a 455, analisou a emancipação da alma e os sonhos em seus aspectos fisiológicos e espirituais.

Allan Kardec tece comentários muito importantes acerca dos sonhos:

- Sono liberta parcialmente a alma do corpo
- Espírito jamais está inativo.
- Têm a lembrança do passado e às vezes a previsão do futuro.
- Adquire mais liberdade de ação delimitada pelo grau de exteriorização
- Podemos entrar em contato com outros Espíritos encarnados ou desencarnados.
- Enquanto dormem, algumas pessoas enquanto dormem procuram Espíritos que lhes são superiores (estudam, trabalham, recebem orientações, pedem conselhos).
- Outras pessoas procuram os Espíritos inferiores com os quais irão aos lugares com que se afinizam.

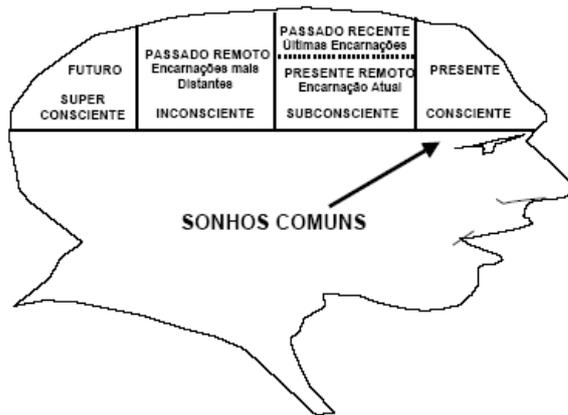
### 8.1.4 Sonhos – Classificação

Martins Peralva, no livro "Estudando a Mediunidade", propõe a seguinte classificação dos sonhos:

<b>Classificação dos Sonhos</b>	<b>Comuns</b>	Repercussão de nossas disposições físicas ou psicológicas.
	<b>Reflexivos</b>	Exteriorização de impressões e imagens arquivadas na mente do espírito.
	<b>Espíritas</b>	Atividade real e efetiva do Espírito durante o sono.

### a) Sonhos Comuns:

São aqueles que refletem nossas vivências do dia a dia. Envolvimento e dominação de imagens e pensamentos que perturbam nosso mundo psíquico. O Espírito desligando-se, parcialmente,



do corpo, se vê envolvido pela onda de imagens e pensamentos, de sua própria mente, das que lhe são afins e do mundo exterior, uma vez que vivemos e nos movimentamos num turbilhão de energias e ondas vibrando sem cessar. Nos sonhos comuns, quase não há exteriorização perispiritual. São muito frequentes dada a nossa condição espiritual. Puramente cerebral, simples repercussão de nossas disposições físicas ou de nossas preocupações morais. É também o reflexo de impressões e imagens arquivadas no

cérebro durante a vigília (vivências ocorridas durante o dia – quando acordados).

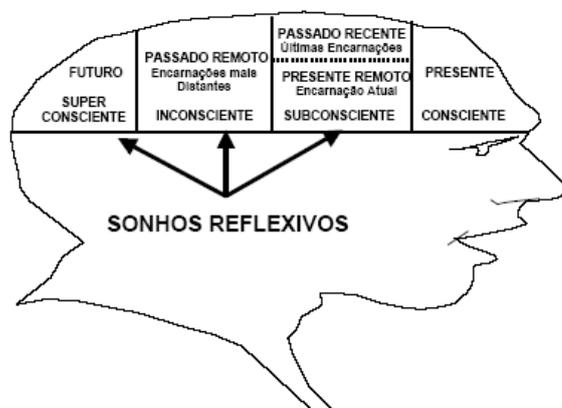
Nos sonhos comuns, o espírito flutua na atmosfera sem se afastar muito do corpo; mergulha, por assim dizer, no oceano de pensamentos e imagens que povoam a sua memória, trazendo impressões confusas, tem estranhas visões e inexplicáveis sonhos;

### b) Sonhos Reflexivos:

Há maior exteriorização que nos sonhos comuns. Por reflexivos, categorizamos os sonhos, em que a alma, abandonando o corpo físico, registra as impressões e imagens arquivadas no subconsciente, inconsciente e super-consciente e plasmadas na organização perispiritual. Tal registro é possível de ser feito em virtude da modificação vibratória, que põe o Espírito em relação com fatos e paisagens remotos, desta e de outras existências.

Ocorrências de séculos e milênios gravam-se indelevelmente em nossa memória, estratificando-se em camadas superpostas. A modificação vibratória, determinada pela liberdade de que passa a gozar o Espírito, no sono, fá-lo entrar em relação com acontecimentos e cenas de eras distantes, vindos à tona em forma de sonho.

Mentores espirituais poderão revivenciar acontecimentos de outras vidas, cujas lembranças nos tragam esclarecimentos, lições ou advertências.



Poderão os Espíritos inferiores motivarem estas recordações com finalidade de nos perseguirem, amedrontar, desanimar ou humilhar, desviando-nos dos objetivos benéficos da existência atual.

Geralmente os sonhos reflexivos são imprecisos, desconexos, freqüentemente interrompidos por cenas e paisagens inteiramente estranhas, sem o mais elementar sentido de ordem e seqüência.

Ao despertarmos, guardaremos imprecisa recordação de tudo, especialmente da ausência de conexão nos acontecimentos que, em forma de incompreensível sonho, estiverem em nossa vida mental durante o sono.

### c) Sonhos Espirituais:

Há mais ampla exteriorização do perispírito. Léon Denis chama a estes sonhos de etéreos ou profundos, por suas características de mais acentuada emancipação da alma. Nos sonhos espirituais a alma, desprendida do corpo, exerce atividade real e efetiva, encontrando-se com parentes, amigos, instrutores e também com os inimigos desta e de outras existências, dependendo da lei de afinidade.

Nossa condição espiritual, nosso grau evolutivo, irá determinar a qualidade de nossos sonhos, as companhias espirituais que iremos procurar, os ambientes nos quais permaneceremos enquanto o nosso corpo repousa:

- religioso buscará um templo;
- viciado procurará os antros de perdição;
- abnegado do Bem irá ao encontro do sofrimento e da lágrima, para assisti-los fraternalmente;
- interessado em aproveitar bem a encarnação irá de encontro a instrutores devotados e ouvirá deles conselhos, esclarecimentos e instruções, que proporcionaram conforto, estímulos e fortalecimento das esperanças.

Infelizmente, porém, a maioria se vale de repouso noturno para sair à caça de emoções frívolas ou menos dignas.

Ao despertarmos, conserva o Espírito impressões que raramente afetam o cérebro físico, em virtude de sua impotência vibratória. Fica em nós apenas uma espécie vaga de pressentimento dos acontecimentos, situações e encontros vividos durante o sono.

#### **d) Sonhos Premonitórios:**

Quando, varando os limites do presente, o Espírito apreende situações futuras.

#### **8.1.5 Recordação dos Sonhos:**

O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono, mas nem sempre nos lembramos daquilo que vimos ou de tudo o que vimos; isto porque não temos nossa alma em todo o seu desenvolvimento;

Na questão 403, do Livro dos Espíritos, Allan Kardec indaga: "Por que não nos lembramos de todos os sonhos?" R: - "Nisso que chamas sono só tens o repouso do corpo, porque o Espírito está sempre em movimento. No sono ele recobra um pouco de sua liberdade e se comunica com os que lhe são caros seja neste ou noutro mundo".

"Mas, como o corpo é de matéria pesada e grosseira, dificilmente conserva as impressões recebidas pelo Espírito durante o sono, mesmo porque o Espírito não as percebeu pelos órgãos do corpo."

O registro pelo cérebro físico do que aconteceu durante a emancipação da alma através do sono é possível através de modificação vibratória. As diversas modificações vibratórias dos fluidos é que formam os ambientes dimensionais de atuação do espírito. Quanto maior for a velocidade vibratória mais sutil é o fluido, quanto mais lenta é a velocidade vibratória mais denso é a fluido.

Este raciocínio explica aquela dúvida que sempre ouvimos: Porque raramente lembro de meus sonhos? É por que não sonhei?

A resposta para esta dúvida é a seguinte: As pessoas que não lembram dos sonhos é porque não os acontecimentos vividos ou lembrados durante o sono não foram registrados no cérebro físico. Ficaram apenas registrados no cérebro do perispírito. Agora, quando recordamos dos detalhes dos sonhos é porque tivemos predisposição cerebral para os registros. O fato de não lembrarmos dos sonhos não significa que não tenhamos sonhado, ou seja, vivemos uma vida no plano espiritual e apenas não recordamos.

### 8.1.6 Sonambulismo, êxtase e dupla vista.

O sonambulismo é um estado de independência da alma, quando suas faculdades adquirem maior desenvolvimento e quando a alma tem percepções que não consegue atingir, quando do sono natural.

No sonambulismo, o Espírito está na posse total de si mesmo, como se estivesse realmente vivendo no plano espiritual. Nada o está prendendo; ele se encontra liberto em sua ampla capacidade. Os órgãos, por se encontrarem no estado de passividade profunda, não recebem, não captam mais as impressões vindas do exterior. Esse estado se manifesta, predominantemente, durante o sono. É nesse momento que o Espírito se liberta, temporariamente, do corpo que então está em repouso.

Sentindo-se liberto e integrado no mundo espiritual, o Espírito, que continua ligado ao corpo, envia-lhe as impressões que são captadas pelos seus órgãos, principalmente a memória. Estas impressões são recebidas de forma imperfeita; daí, resultando a má transmissão daquilo que é emitido pelo Espírito.

O sonambulismo artificial, ou magnético, é idêntico ao sonambulismo natural, com a diferença de ser o primeiro, provocado e o segundo espontâneo. O sonambulismo primeiro, difere do processo inconsciente que alguns médiuns apresentam, quando da incorporação de Espírito, fenômeno esse que leva o médium a entrar em transe sonambúlico.

Neste último fenômeno é o Espírito comunicante que se manifesta, atuando integralmente no corpo do médium, enquanto no sonambulismo propriamente dito, é o próprio Espírito do médium que atua sobre o seu corpo.

O sonâmbulo, de uma forma geral, é vidente, porém quem vê é a alma; isso ocorre, entretanto, guardando muita relação com o estado evolutivo da alma encarnada, que quase sempre vê e percebe aquém do normal.

**Êxtase** – Na realidade, não existe diferença muito acentuada entre o extático e o sonâmbulo, pois o êxtase é um sonambulismo mais apurado, pelo qual a alma se eleva mais nas manifestações expressivas de suas capacidades, avançando mais além das possibilidades apresentadas no sonambúlico. O ser que participa de uma manifestação dessa natureza desfruta de maior independência. A sua penetração nos mundos superiores torna-se, em muitos casos, mais exequível; daí, o desejo que experimenta de viver mais entre eles.

A ida do Espírito a mundos superiores imprime-lhe a vontade de romper os laços que o prendem à Terra, tal é a percepção que passa a ter no concernente à felicidade, pondo em risco o instinto de conservação da vida, marcado pela responsabilidade de prosseguir na vida do corpo.

Há casos em que o Espírito, no processo de êxtase, pode desejar ardentemente lá permanecer, o que levaria o corpo à morte. Por isso, é necessário chamá-lo de volta ao corpo, apelando para tudo

o que o prende a este mundo, fazendo-lhe, sobretudo, compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.

O que o extático vê é real para ele. Mas, como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das ideias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem moldada pelos preconceitos e ideias de que se acha imbuído. Nesse sentido, principalmente, é que lhe sucede errar.

**Dupla Vista** – O fenômeno designado por dupla vista representa o Espírito em liberdade bastante acentuada, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é avista da alma; como faculdade é permanente.

A dupla vista se desenvolve, espontaneamente, na maioria das vezes, porém a vontade desempenha um grande papel. Daí, poder-se dizer que ela pode ser desenvolvida pelo exercício, pelo trabalho que conduz ao progresso.

Certas circunstâncias desenvolvem esta segunda vista: a moléstia, a proximidade do perigo, uma grande comoção. O corpo, às vezes, acha-se num estado especial que faculta ao Espírito ver o que não se pode ver com os olhos carnis.

Nas ocasiões de grandes crises ou calamidades, as grandes emoções, todas as causas que originam a superexcitação da moral provocam, não raro, o desenvolvimento da dupla vista. Tudo sugere que a Providência, quando um perigo ameaça o homem, lhe dá o meio de conjurá-lo.

## **8. 2. MORTE E DESENCARNAÇÃO**

A saída definitiva do espírito do corpo físico se dá com a morte deste e conseqüente desencarnação daquele. A desencarnação é o fenômeno que liberta o espírito daquilo que foi seu corpo físico, devolvendo-o à sua verdadeira condição. A desencarnação é o mecanismo natural de transferência para outra realidade da Vida.

Todos os espíritos estão sujeitos a ela bem como ao seu retorno a uma nova experiência na carne, até que, evoluídos, libertem-se definitivamente das encarnações.



Quando a desencarnação ocorre de forma provocada, decorrente da eutanásia, do homicídio ou do suicídio, o espírito perturba-se face ao desconhecimento do significado da vida no corpo. Muitas vezes o espírito permanece vinculado ao corpo, mesmo depois de decorrido algum tempo de morto, face à sua ligação vital com ele. A eutanásia não permite que o espírito, durante aqueles momentos de dor e sofrimento, reflita e se melhore, aproveitando a situação para entender os mecanismos sutis de que se utilizam as leis de Deus para educá-lo, visando seu próprio progresso. Cercar essa possibilidade pode significar adiar a oportunidade de fechar ou refletir sobre um ciclo de provas em curso.

Em geral, o suicida sofre após seu ato principalmente tendo em vista a constatação da continuidade da vida. O motivo pelo qual tomou aquela decisão lamentável não cessa após a morte do corpo físico, pois sua personalidade continua intacta e frágil da mesma forma. Via de regra o suicida reencarna para completar o tempo desperdiçado.

A vida no corpo é uma oportunidade para o espírito educar-se e preparar-se para novas jornadas cada vez menos dolorosas e em mundos mais adiantados, onde terá maiores oportunidades de crescimento. Nesse sentido, viver é educar-se para morrer, pois o faz retornar ao seu mundo de origem, creditando-o a novas realizações superiores.

Da mesma forma que a eutanásia e o suicídio, as mortes por assassinatos e pelo aborto também provocam perturbação ao espírito pela sua expulsão involuntária do corpo físico. O aborto geralmente traz consequências psicológicas àqueles que participaram direta e indiretamente no seu processo. A culpa e o remorso são componentes básicos dos sofrimentos de seus causadores. O desrespeito à vida significará a necessidade de aprender a valorizá-la no futuro, ensejando algum processo educativo.

As desencarnações variam de acordo com as necessidades cármicas de cada um, não havendo, portanto, uma igual a outra. Às vezes, elas são precipitadas pelo próprio espírito, não só por suicídio direto como também pelo indireto. Este último se dá quando, pelo gasto de fluido vital, ele abrevia seu tempo de vida. Esse gasto excessivo se verifica quando ele, pela alimentação inadequada, ou através de práticas de vida que consomem muito fluido vital, destrói seu próprio organismo. São suicídios lentos ocorrendo a desencarnação antes do tempo.

Outras vezes ocorrem desencarnações acidentais por conta de processos em que o espírito se envolve, não previstas para a atual encarnação, mas que se verificam em decorrência de imprudências, imperícias ou negligências.

Quando a pessoa desencarna, geralmente seus parentes da atual encarnação, que já retornaram ao plano espiritual, recebem-no e amparam, orientando-o para sua nova situação após a morte do corpo físico. Às vezes, são espíritos vinculados ao recém-desencarnado, que ele não conheceu na atual encarnação, mas que lhe foram caros em outras. Em geral, nos momentos que se sucedem à desencarnação, a pessoa entra num estado de perturbação momentânea semelhante a sonolência, recobrando os sentidos após algum tempo, o qual varia de acordo com o grau de evolução do espírito. Quando mais os parentes se apegarem e se desesperarem pela morte do parente, mais o espírito se perturba e demora em retornar ao equilíbrio. Às vezes, os espíritos encarregados de desencarnações veem-se na contingência de provocar uma pequena melhora no doente para que a família, afastando-se, afrouxe os laços do apego e permita que o indivíduo desencarne sem muito sofrimento.

Algumas desencarnações são programadas a fim de facilitar o processo de crescimento do espírito. Às vezes é melhor desencarnar o espírito naquele momento, a fim de que ele não se comprometa mais com seu próprio futuro espiritual.

A morte é um fenômeno inevitável e necessário ao aprimoramento do espírito. Com ela, completa-se um ciclo e inicia-se outro de igual relevância para o desenvolvimento espiritual. A vida se renova sempre a cada etapa. Encontros e desencontros são marcados pelas sucessivas vidas. Cada espírito terá aquilo que ele mesmo semeou em suas existências.

Viver no corpo torna-se uma necessidade evolutiva face aos desafios de viver fora dele. Vive-se bem após a morte de acordo com o que se faz enquanto no corpo físico. Vive-se bem no corpo físico de acordo com o que se vive fora dele. Cuidar bem do corpo é, portanto, importante para se ter uma vida espiritual e existências posteriores na matéria, sadias. Embora a vida espiritual seja a vida verdadeira não se pode desprezar a vida terrena como oportunidade de aprendizado das leis de Deus.

Muito mais importante do que ser espírita ou ter esta ou aquela religião, é perceber-se um espírito em processo de evolução que, invariavelmente, sai de seu corpo para viver a vida espiritual. A vida espiritual é destino de todos, independentemente de crença ou aceitação de dogmas. Vive-se fora da matéria de acordo com o nível de evolução do espírito, que não se mede pela declaração de princípios, mas pela experiência nas sucessivas existências.

As desencarnações provocadas, seja pelo suicídio, pelo aborto, pela eutanásia ou por negligência do ser humano, acarretam consequências aos seus responsáveis diretos e indiretos. Deixam marcas perispirituais que exigem tratamento no mundo espiritual e que repercutirão nas existências seguintes.

### 8.2.1 Processo desencarnatório

Para desvencilhar-se das amarras do organismo físico, o Espírito necessita de adestramento e habilidade, que se desenvolvem desde quando deambula encarcerado no mecanismo da reencarnação.

Impressões longamente fixadas e sensações vividas com sofreguidão assinalam profundamente os tecidos sutis do perísprito, impondo *necessidades* e *dependências* que a morte não logra, de imediato, interromper.

Da mesma forma que o processo reencarnacionista se alonga desde a concepção até os primeiros momentos da adolescência, num complexo assenhoreamento das células que se submetem aos moldes do *corpo de plasma biológico*, a liberação da clausura exige um período de adaptação à realidade do retorno, dependendo de certo modo, dos condicionamentos impostos pelo uso das funções fisiopsicológicas que geram amarras fortes ou diluem-nas na sucessão do tempo face ao teor vibratórios de que se revestem as aspirações vividas acalentadas ou acalentadas.

A ruptura dos vínculos de manutenção do Espírito ao corpo é somente um passo inicial na demorada proposta da desencarnação.

Normalmente encharcado de impressões de forte teor material, o Espírito se demora mimetizado pelas vibrações a que se ambientou, prosseguindo sob estados de variadas emoções que o aturdem.

Quando aclimatado às experiências psíquicas e mediúnicas, mais fácil se lhe faz o desenovelar-se dos grilhões que o prendem à retaguarda, readquirindo a lucidez, graças a cuja claridade racional apressa o mecanismo de libertação.

Mesmo assim, necessita de conveniente adaptação, a fim de readquirir as funções que jaziam bloqueadas pelo corpo ou sem uso conveniente, em razão do comportamento carnal.

A mente responde, portanto, por vasta quota de responsabilidade no fenômeno da morte física.

Conforme a experiência corporal, assim se fará o desligamento espiritual.

Nesse transe, para o qual todos os homens se devem preparar, através de exercícios de renúncia e desapego, torna-se imprescindível o conhecimento da vida espiritual, que estua, atraente, dando curso a quaisquer empreendimentos que, por acaso, fiquem interrompidos.

Desimpregnar-se das sensações mortificantes, que anteriormente escravizaram, é o capítulo mais penoso da convalescença *post mortem*.

Acostumado a viciações e hábitos perniciosos, nos quais se comprazia vitalizando com as atitudes físicas e mentais, vê-se o desencarnado, subitamente interditado de dar-lhes prosseguimento, o que então constitui tormento inenarrável, levando-o a arrojarse sobre os despojos em decomposição, ávido de gozo impossível, nele próprio produzindo estados umbralinos de perturbação psíquica em que passa a fazer por longo período, ou se atira, por afinidade de gostos, em intercurtos obsessivos, em que as suas vítimas lhe emprestam o veículo para a nefária dependência...

A morte já não é um ponto de interrogação, como antes, graças às informações dos que lhe transpuseram a aduana e retornam para desvelar os aparentes enigmas que a vestiam com o misterioso e o sobrenatural.

O Espírito veste-se e despe-se do corpo obedecendo ao automatismo das leis do progresso, que propõem a evolução dos seres, sendo facultado aos que desejem pelo esforço e estudo, a aprendizagem e o uso das técnicas de renascer e desencarnar sem choques, nem padecimentos perfeitamente evitáveis.

Compreendendo que o fenômeno da morte faz parte do compromisso da vida, o homem se arma de valores para o momento da própria, como da libertação dos afetos que voltará a encontrar na grande pátria donde todos procedemos.

Com esse cuidado completa-se o quadro de auxílio aos desencarnados, por parte dos familiares e amigos que permanecerão por mais um pouco no corpo, evitando as emissões de ondas mentais de rebeldia e desespero, de mágoa e angústia, que são verdadeiros *ácidos* que ardem e requeimam naqueles desencarnados em cuja direção se arremessam tais vibrações de desconforto e insatisfação.

Morrer é desnudar-se diante da vida, desagregando as moléculas vitalizadas pelo Espírito em jornada, verdadeira benção que o traz de volta ao convívio da família donde partiu...

A experimentação mediúnica desenvolvida pelo Espiritismo é o mais seguro guia para esclarecer o transe da morte e preparar os homens para a inevitável decorrência libertadora.

A libertação, todavia, depende de cada criatura que experimenta o *acidente* fisiológico que lhe interrompe o ciclo, propiciando a tranquilidade ou o demorado sofrimento que carpirá.

Partindo-se da experiência espírita que elucida o fenômeno da morte, ressuma a filosofia comportamental que se alicerça na moral cristã, lavrada no amor a Deus e ao próximo, expressando a vivência da caridade sob todas as modalidades e em cuja prática o Espírito evolve, progredindo sem cessar no rumo da plenitude.

*Manoel Philomeno de Miranda*

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, em 04.06.1984, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVAES, Adenáuer Marcos Ferraz de. “Libertação do Espírito”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

Disponível em: < <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/sonhos/sono-e-sonhos.html> >. Acesso em 30 abr. 2007.

## 9. VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL



A vida espiritual é a vida verdadeira. O mundo dos espíritos é sua morada e o local onde desempenham suas principais missões e ocupações. Para se entender a vida espiritual é necessária uma compreensão maior a respeito da energia que, no Espiritismo, é conhecida pelo nome de fluido. Os fluidos são energias sutis que fazem parte da energia que preenche o Universo. Allan Kardec chamou essa energia geral de Fluido Cósmico Universal. A matéria é uma condensação desse fluido e, as várias modalidades de energia conhecidas pelo homem, são estados diferentes do mesmo Fluido Cósmico Universal.

Matéria, energia e fluido são expressões da substância material, que difere do princípio espiritual pela inteligência presente neste último.

Os fluidos são mais maleáveis ao pensamento do que a matéria, prestam-se à realização dos fenômenos espirituais pela sua natureza semimaterial. O perispírito, veículo de manifestação do espírito, é constituído de fluidos derivados do Fluido Cósmico Universal. Suas propriedades são a base para a realização dos fenômenos mediúnicos. O perispírito é corpo complexo, constituído de estruturas que se prestam às mais diferentes funções. Na realidade, o que se conhece pelo nome de perispírito é um conjunto de corpos que se interpenetram e vão sendo eliminados na medida que o espírito evolui.

É através da manipulação dos fluidos que os espíritos constroem suas moradas e se organizam de acordo com sua evolução espiritual. Cidades, colônias, organizações diversas são construídas pela utilização e manipulação do Fluido Cósmico Universal. Quanto mais evoluído o espírito, mais capacidade tem ele de utilizar-se dos diferentes tipos de fluidos. É pelos fluidos e suas modificações que se estruturam as cidades astrais. A alimentação dos espíritos desencarnados se dá através de fluidos próprios que vitalizam o corpo espiritual.

Os espíritos, seres humanos desencarnados, organizam-se de acordo com os níveis de evolução em que se encontram, o que vai ditar seus interesses após a morte do corpo. De acordo com seus estágios evolutivos buscam reunir-se para ações comuns. Há organizações com interesses diversos no mundo espiritual: escolas, hospitais, locais de repouso, de lazer, de preparação à reencarnação, de desenvolvimento espiritual, etc.

As pessoas que desencarnam doentes, e que, continuam nesse estado, são abrigadas em instituições onde espíritos, que se organizaram na tarefa do auxílio ao próximo, desenvolvem seus trabalhos de socorro e cura. Há outras que desencarnam em bom estado psíquico e logo se entrosam em grupos afins para continuarem seu crescimento espiritual. Os espíritos se agrupam por afinidades e mútuos interesses.

Evidentemente que espíritos mais atrasados também se agrupam, muitas vezes em situações de sofrimento e dor e noutras com a finalidade de perturbar pessoas e grupos com quem acreditam ter contas a ajustar. Portanto, há regiões onde impera a felicidade sem ociosidade como também há regiões de sofrimento e dor. Neste último caso é comum chamar-se de região umbralina ou simplesmente umbral. Os bons espíritos habitam regiões superiores onde imperam o amor e a verdade; os maus espíritos, estado transitório, habitam locais mais próximos da convivência com os encarnados, onde imperam a desordem e a indiferença. Os bons se unem aos bons; os intelectuais aos intelectuais, os ociosos aos ociosos; semelhante atrai semelhante.

Os espíritos que fazem parte de uma mesma família espiritual têm oportunidade de se reunirem para traçar novos planos de reencontro numa nova encarnação. Os verdadeiros laços de família se fortalecem após a morte.



Alguns podem retornar, ainda desencarnados, e ajudar aqueles que ficaram. Outros não adquirem maturidade suficiente para tal e podem vir a atrapalhar seus entes queridos. Em geral, os espíritos se buscam pelas afinidades e realizam suas tarefas de acordo com suas motivações.

Os espíritos desencarnados continuam seu processo evolutivo independente da vida na Terra. No mundo espiritual há tantas oportunidades quanto na carne para o desenvolvimento integral. Muitas vezes, os mesmos espíritos que se dedicaram à tarefa de educar quando encarnados continuam seus investimentos após a morte do corpo.

As cidades astrais proliferam em redor da Terra numa multiplicidade muito grande, de acordo com os interesses de grupos de espíritos afins.

Tanto quanto encarnados, os espíritos trabalham e organizam-se politicamente, buscando a melhor forma de convivência face aos desafios da vida eterna, muito mais complexos do que os da etapa em que se acredita mortal. Na vida espiritual há trabalho, alimentação, lazer, aprendizagem, bem como ocupações as mais diversas possíveis. A vida espiritual, pela consciência da eternidade e da lei do retorno a novas encarnações, promove modificações profundas na forma de pensar e de agir do ser desencarnado. Suas perspectivas modificam-se tendo em vista a necessidade de rever comportamentos e planejar novas encarnações.

As cidades espirituais se espalham pela vizinhança em torno da Terra, dispondo-se em regiões próximas às populações dos encarnados, com as quais mantêm ligações físicas e psíquicas. Elas, geralmente, são fundadas à mesma época em que surgem as cidades dos encarnados.

O desenvolvimento das cidades espirituais erigidas por espíritos mais adiantados, mais evoluídos moral e intelectualmente, impulsiona a evolução da Terra, tendo em vista a reencarnação de seus habitantes com o fito de fazer evoluir a sociedade dos encarnados. Espíritos cada vez mais adiantados reencarnam, de tempos em tempos, trazendo seus conhecimentos e suas experiências adquiridas junto a grupos de espíritos mais evoluídos, preocupados com o crescimento espiritual na Terra.

O desenvolvimento espiritual e o progresso tecnológico na Terra é fruto e reflexo do desenvolvimento das cidades espirituais. As cidades terrenas são cópias materiais das cidades espirituais a que estão ligadas. Há espíritos mais adiantados, missionários a serviço dos condutores do processo de desenvolvimento espiritual da Terra, que reencarnam trazendo novas ideias fomentando o progresso, a paz e a harmonia nas populações. Às vezes, surgem em comunidades atrasadas, superando as dificuldades de seu meio, fazendo revoluções que propiciam o crescimento social e espiritual da humanidade.

Os espíritos, quando desencarnados, têm uma vida social/espiritual de acordo com seus níveis de evolução. Reencarnam sempre em busca de novo aprendizado.

## 9.1 ESFERAS ESPIRITUAIS DA TERRA

*Ensina-nos Jesus: Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos o lugar e quando for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver estejais vós também, e para onde vou, conheceis o caminho. (João, 14:2-4)*

Segundo a Doutrina Espírita, estas palavras de Jesus se aplicam tanto aos diferentes mundos habitados no Universo quanto aos planos evolutivos existentes no nosso planeta, objeto de estudo

neste roteiro. Interpretando, porém, o ensinamento de Jesus podemos dizer que a (...) *casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos. Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o guante dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.*

O Espírito André Luiz nos presta inúmeras informações sobre a vida no plano espiritual. Esclarece que são (...) *mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram.* Tais esferas espirituais permanecem invisíveis ao ser humano encarnado, no atual estágio evolutivo em que nos encontramos, em primeiro lugar pelas naturais limitações biológicas da nossa visão física, segundo em razão do pouco desenvolvimento das nossas faculdades espirituais.

Num esforço de síntese apresentamos, em seguida, as principais características das esferas espirituais existentes no além-túmulo.

## 9.2 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS ESFERAS ESPIRITUAIS

*No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluido é seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética [tabela estequiométrica ou Tabela periódica dos elementos químicos]. O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles raiando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza (...).*

### 9.3 CONDIÇÕES AMBIENTAIS DAS ESFERAS ESPIRITUAIS

*Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme [isto em se tratando das esferas de mediana e superior evolução]. (...) Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, a fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelos quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extra físico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, voltam também à leira do homem comum (...). Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, sob as linhas que lhe demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.*

#### 9.3.1 Esferas espirituais nas regiões das trevas

Os Espíritos Superiores nos esclarecem que há (...) esferas de vida em toda parte (...), o vácuo sempre há de ser mera imagem literária. Em tudo há energias viventes e cada espécie de seres funciona em determinada zona da vida. Chamamos Trevas as regiões mais inferiores que conhecemos. São regiões (ou esferas) espirituais situadas abaixo e na superfície do globo terráqueo, também conhecidas como abismo ou regiões abismais.

Transitando por essas regiões, em trabalho de auxílio, o Espírito André Luiz nos relata suas impressões sobre tais paragens espirituais: *Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa, à nossa frente. Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos, emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam do nosso caminho, assustadiças. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa da infinita desolação ambiente. Após alguns minutos de marcha, surgiu-nos a Lua, como bola sangrenta, através do nevoeiro, espalhando escassos raios de luz. Poderíamos identificar, agora, certas particularidades do terreno áspero. (...) Atingimos zona*

*pantanosas, em que sobressaía rasteira vegetação. Ervas mirradas e arbustos tristes assomavam indistintamente do solo. Fundamente espantado, porém, ao ladear imenso charco, ouvi soluços próximos. Guardava a nítida impressão de que as vozes procediam de pessoas atoladas em repelentes substâncias, tais as emanções desagradáveis que pairavam no ar Oh! que forças nos defrontavam, ali! A treva difusa não deixava perceber minudências; todavia, convencera-me da existência de vítimas vizinhas de nós, esperando-nos amparo providencial.*

### **a) Esferas espirituais do Umbral**

O Umbral (...) começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos.

Nas localidades umbralinas mais próximas da Crosta o clima é, predominantemente, frio pela ausência de luz solar. Ventania sopra em todas as direções. A topografia ambiental forma um conjunto de paisagens misteriosas ou lúgubres, que observamos em alguns filmes. Há picos altíssimos, que se assemelham a agulhas de treva. Nos precipícios e abismos encontramos esquisita vegetação. Aves de aspecto horripilante enchem o silêncio de pios angustiantes.

*O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrestre. (...) O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí tudo o que não tem finalidade para a vida superior. (...) Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem enviadas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder pela concentração das tendências e desejos gerais. (...) É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados. (...) A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão.*

### **b) Esferas espirituais de transição**

Estão situadas acima do Umbral e abaixo das regiões superiores. Como exemplo, citamos a Colônia espiritual «Nosso Lar». Nela ainda existe sofrimento, mas os seus habitantes, de evolução mediana, são mais esclarecidos. Essa posição espiritual favorece a natureza, caracterizada por belezas e harmonias inexistentes nos planos inferiores. A Colônia possui várias avenidas enfeitadas de árvores frondosas, O ar aí é puro, e a atmosfera é de profunda tranquilidade espiritual. Não há, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, visto que as vias públicas estão sempre repletas

de entidades numerosas em constantes atividades, indo e vindo. O Espírito André Luiz nos relata as suas impressões do ambiente de Nosso Lar, quando lá chegou: *O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso.* A Colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se administrativamente em seis Ministérios, orientados, cada qual, por dozes ministros. São os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros [ aproximam-se das esferas terrestres, e os dois últimos ligam-se ao plano Superior, visto que a cidade espiritual é zona de transição.

Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração, e os mais sublimes, no da União Divina.

### **c) Esferas espirituais superiores**

Trata-se de regiões espirituais que, para as pessoas que desconhecem a realidade do além-túmulo, são consideradas verdadeiros paraísos. Expressam, na verdade, (...) diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. André Luiz nos relata a inesquecível experiência vivida numa esfera espiritual para onde foi conduzido, durante o sono, enquanto o seu perispírito repousava no leito, em Nosso Lar. O que aconteceu com este amigo espiritual foi assim, segundo suas próprias palavras: *Daí a instantes, sensações de leveza invadiram-me a alma toda e tive a impressão de ser arrebatado em pequenino barco, rumando a regiões desconhecidas. Para onde me dirigia? Impossível responder. A meu lado, um homem silencioso sustinha o leme. E qual criança que não pode enumerar nem definir as belezas do caminho, deixava-me conduzir sem exclamações de qualquer natureza, extasiado embora com as magnificências da paisagem. Parecia-me que a embarcação se guia célere, não obstante os movimentos de ascensão. Decorridos minutos, vi-me à frente de um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com especial carinho:*

— André!... André!...

*Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo. Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade — a de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inexcedíveis.*

As esferas superiores, à semelhança das inferiores, apresentam diferentes graus de elevação espiritual. As comunidades redimidas, *Asclépios, por exemplo, formam um conjunto do Plano dos*

*Imortais. Estão situadas (...) nas regiões mais elevadas da região espiritual da Terra. O habitante dessas esferas vive (...) muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo o contacto direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir por lá, através de enviados e missionários de grande poder.*

#### **d) Mundos transitórios**

São (...) mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiada longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar. A Doutrina Espírita esclarece: (...) os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino. Durante a estada nessas localidades os Espíritos progridem, porque os (...) que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.

Dois pontos merecem ser destacados, em relação a tais mundos.

a) Não se conservam perpetuamente destinados a receber Espíritos errantes: a condição deles é meramente temporária.

b) Seres corpóreos não habitam esses mundos, pois a superfície estéril não favorece a reencarnação. Entretanto, esta esterilidade é também temporária, em razão da evolução natural do mundo.

*Temos, assim, no Espaço Incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões. Dessa forma, a (...) morte a ninguém propiciará passaporte gratuito para a ventura celeste. Nunca promoverá compulsoriamente homens a anjos. Cada criatura transporá essa aduana da eternidade com a exclusiva bagagem do que houver semeado, e aprenderá que a ordem e a hierarquia, a paz do trabalho edificante, são característicos imutáveis da Lei em toda parte. Ninguém, depois do sepulcro, gozará de um descanso a que não tenha feito jus, porque “o reino do Senhor não vem com aparências externas”. [Lucas, 17:20]*

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. “Vida Espiritual”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1 ed.  
Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

Apostila do ESDE – Programa Complementar – Federação Espírita Brasileira

## 10. MEDIUNIDADE

### ESTUDO SOBRE A MEDIUNIDADE

*Silvio e Clarice Seno Chibeni*



#### 10.1 INTRODUÇÃO

A mediunidade desempenha papel essencial no estabelecimento da base experimental da ciência espírita e nas atividades dos centros espíritas. Seu estudo sistemático e contínuo possibilita a correta compreensão tanto de sua natureza como de suas finalidades, habilitando-nos a dela obter seguros e produtivos resultados, com vistas ao nosso aperfeiçoamento intelectual e moral.

Esse estudo deve necessariamente estar centralizado no mais completo e profundo tratado que já se escreveu sobre a mediunidade: *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. Os presentes apontamentos devem ser tidos unicamente como uma exposição incompleta de alguns tópicos importantes, destinada a facilitar posteriores contatos com essa obra fundamental e a vasta literatura subsidiária surgida desde sua publicação, em 1861.

No Vocabulário Espírita que forma o capítulo 32 desse livro Kardec dá como sinônimos os termos *mediunidade* e *medianimidade*, definindo-os com “*a faculdade dos médiuns*”. Quanto à palavra *médium*, Kardec explicita o seu significado em várias passagens de suas obras, como por exemplo nesse mesmo Vocabulário, onde se encontra esta definição sucinta:

**MÉDIUM.** (do latim, *medium*, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediário entre os Espíritos e os homens.

Ao analisar os conceitos de médium e de mediunidade, faz notar que a palavra *médium* comporta duas acepções distintas, expressas com clareza neste trecho da *Revue Spirite*:<sup>6</sup>

**Acepção ampla:**

Qualquer pessoa apta a receber ou a transmitir comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, quaisquer que sejam o modo empregado e o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até à produção dos mais insólitos fenômenos.

**Acepção restrita:**

Em seu uso ordinário, todavia, esse termo tem uma aplicação mais restrita, aplicando-se às pessoas dotadas de um poder mediador suficientemente grande, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Quando analisamos um texto ou um discurso onde o termo *médium* aparece, é importante reconhecer em qual desses sentidos está sendo empregado, a fim de se evitem mal-entendidos e discussões sem fundamento. Assim, por exemplo, a afirmação feita no parágrafo 159 de *O Livro dos Médiuns* de que “todos [os homens] são quase médiuns” deverá ser entendida apenas na acepção *ampla* do termo, pois sabemos, pela questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, que todos somos passíveis de receber a influência dos Espíritos, ainda que sob a forma sutil de intuição. Incorreremos em grave equívoco se concluirmos daí que todos somos mais ou menos médiuns no sentido *restrito* e usual da palavra, ou seja, se julgarmos que todos podemos produzir manifestações ostensivas, tais como a psicofonia, a psicografia, os efeitos físicos etc.

## 10.2 A NATUREZA DA MEDIUNIDADE

Limitando-nos daqui para frente à acepção restrita do termo ‘médium’, que é a mais usual e relevante, estaremos, no que se vai seguir, entendendo a *mediunidade* como a aptidão especial que certas pessoas possuem para servir de meio de comunicação entre os Espíritos e os homens.

A questão que naturalmente surge neste ponto é a de se determinar qual é a *natureza* da faculdade mediúnica: quais as suas causas, por que surge somente em determinadas pessoas e em modalidades e graus diversos, se é passível de desenvolvimento forçado mediante alguma técnica etc.

Um aspecto central relativo à natureza da mediunidade acha-se exposto na resposta à questão que Kardec endereçou aos Espíritos no parágrafo 226 de *O Livro dos Médiuns*:<sup>7</sup>

<sup>6</sup> 1859, p. 33; *L’Obsession*, p. 87. Ver também *O Livro dos Médiuns*, parágrafo 159.

<sup>7</sup> Nesta e demais citações e *O Livro dos Médiuns* e de *Obras Póstumas* utilizamos os textos originais, aproveitando em grande parte as traduções publicadas pela Federação Espírita Brasileira.

O desenvolvimento da mediunidade guarda proporção com o desenvolvimento moral dos médiuns?

“Não; a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium.”

Como observamos pela resposta dos Espíritos, a capacidade de servir de “ponte” entre o mundo espiritual e o mundo material está ligada a fatores de ordem orgânica. Esse ponto encontra-se exarado em vários lugares das obras de Kardec e de outros autores espíritas abalizados, passando, no entanto, despercebido à maioria das pessoas, mesmo espíritas.

Já em 1859 Kardec afirmava, em seu livro *Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas* que “essa faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento.”<sup>8</sup> Em *O Livro dos Médiuns* as referências nesse sentido são numerosas. No parágrafo 94, por exemplo, que trata das manifestações físicas espontâneas, os Espíritos informam que a aptidão de ser médium de efeitos físicos “se acha ligada a uma disposição física.” Bem mais adiante, ao estudar a formação dos médiuns (§ 209), Kardec retorna ao assunto:

Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever [mediunicamente] a seu mau grado, enquanto que crentes sinceros não o conseguem, o que prova que esta faculdade se prende a uma disposição orgânica.

Notemos que nesta última passagem há referência a mais um princípio importante: a mediunidade não depende das *convicções filosóficas* ou das *crenças religiosas* do médium.

Por fim, em resposta à questão 19 do parágrafo 223 desse mesmo livro os Espíritos esclarecem que “a mediunidade propriamente dita independe da inteligência bem como das qualidades morais” do médium. Portanto a mediunidade independe também do desenvolvimento *intelectual* do médium.<sup>9</sup> Resumindo o que vimos até aqui:

A mediunidade é a faculdade especial que certas pessoas possuem para servir de intermediárias entre os Espíritos e os homens. Ela tem origem orgânica, e independe:

- da condição moral do médium;
- de suas crenças;
- de seu desenvolvimento intelectual.

<sup>8</sup> Vocabulário Espírita, item ‘Médium’. Ver também *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 24, § 12.

<sup>9</sup> Outras referências sobre a origem orgânica da mediunidade podem ser encontradas, por exemplo, em *O Livro dos Espíritos*, Introdução, item 4; *O Livro dos Médiuns*, parágrafo 174; *Revue Spirite*, 1859, “Écueils des médiums” (p. 33; *L’Obsession*, p. 88); *Estudos Espíritas*, de Joanna de Ângelis, capítulo “Mediunidade”.

No parágrafo 200 de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec deixa claro que “não há senão um único meio de constatar [a existência da faculdade mediúnica em alguém]: a *experimentação*.” Ou seja, só poderemos saber que uma pessoa é médium observando que *efetivamente* é capaz de servir de intermediário aos Espíritos desencarnados.

Isso naturalmente remete à importante questão do *desenvolvimento da mediunidade*. Por sua importância e pelas confusões e equívocos a que se tem prestado, merece ser abordada numa seção especial.

### 10.3 O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Uma primeira observação a ser feita é que se a presença da faculdade mediúnica em uma pessoa independe de sua condição moral, intelectual e de crença, ninguém poderá tornar-se médium *tão-somente* pelo fato de moralizar-se, ou de estudar, ou de aderir às convicções espíritas. É evidente que essas atitudes serão de imenso proveito para a criatura, pois a colocarão em condições de *compreender e utilizar bem* a faculdade mediúnica que porventura possua.

É significativo, a esse respeito, que Kardec tenha alertado já no terceiro parágrafo da Introdução de *O Livro dos Médiuns* que muito se enganaria aquele que “supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns.” Lança mão, a seguir, de uma comparação muito clara e objetiva, que esclarece o assunto à saciedade (os destaques são nossos):

Se bem que cada um traga em si o germen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a *ninguém* é dado conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de algumas dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam no emprego de suas *faculdades naturais*. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, *tanto quanto o permitam as disposições de cada um*, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, *quando ela exista*.

O caráter espontâneo da faculdade mediúnica é ainda destacado no parágrafo 208 de *O Livro dos Médiuns* (o destaque é nosso):

Se os rudimentos da faculdade [mediúnica] não existem, *nada* fará que apareçam [...].

No capítulo intitulado “Manifestações dos Espíritos” de *Obras Póstumas* (parágrafo 6, nº 34) encontramos esta densa passagem (destaque nosso):

O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos; depende, portanto, do organismo e *pode ser desenvolvida quando exista o princípio; não pode, porém, ser adquirida quando o princípio não exista*.

E no parágrafo 198 de *O Livro dos Médiuns*, que trata da diversidade das faculdades mediúnicas, lemos ainda:

Em erro grave incorre quem queira forçar a todo custo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. Deve a pessoa cultivar todas aquelas de que reconheça possuir o gérmen. Procurar à força ter as outras é, antes de tudo, perder tempo, e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

Encerrando esse parágrafo, Kardec transcreve comunicação mediúnica de Sócrates sobre o desenvolvimento da mediunidade, que contém grave advertência:

Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá. Notai, de passagem, que o desejo de ampliar indefinidamente o âmbito de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons abandonam o presunçoso, que se torna então juguete dos mentirosos. Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.

Apenas como exemplo de opinião de um outro autor, corroborativa da de Allan Kardec, vejamos como Emmanuel responde à questão 384 de seu livro *O Consolador*, questão essa que versa especificamente sobre o tema que estamos focalizando:

Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

– A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, *toda a espontaneidade é indispensável*, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

Logo em seguida, em resposta à questão 386, o conceituado Espírito reitera:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se contudo, a floração mediúnica *espontânea*, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa vontade [...].<sup>10</sup>

Precisamos portanto estar vigilantes quanto à opinião, infelizmente tão comum no meio espírita, de que as pessoas que aparecem nas casas espíritas devem, cedo ou tarde, ser encaminhadas às chamadas “sessões de desenvolvimento mediúnico”. São dois os motivos mais frequentemente alegados para esse tipo de recomendação: 1) o empenho e dedicação com que alguém se interesse

<sup>10</sup> Todos os destaques são nossos. Ver também, sobre esse ponto, André Luiz, *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 1, pp. 18-9, e Yvonne Pereira, *Devassando o Invisível*, cap. 10, p. 216.

pelo Espiritismo, sugerindo, segundo julgam, que tem “todas as condições” para exercer a mediunidade; 2) os desequilíbrios variados de saúde ou de comportamento que apresente, notadamente quando venham desafiando a perícia dos médicos.

Ora, no primeiro caso dever-se-ia ponderar que as boas disposições da pessoa deverão ser aproveitadas antes de mais nada em seu aperfeiçoamento intelectual e moral, e, em se tratando de sua colaboração nas atividades do centro espírita, naquele setor ao qual mais se ajuste por sua formação profissional, seus interesses e disponibilidades, quais sejam a condução de estudos, a evangelização infanto-juvenil, a administração, a biblioteca, as visitas fraternas, a costura de enxovais, a faxina, a distribuição de alimentos, a acolhida aos novos frequentadores etc., ou os trabalhos mediúnicos, se os sinais de mediunidade se apresentarem de forma espontânea.

No segundo caso, que é o mais frequente, seria preciso compreender que *o mero fato de alguém encontrar-se desequilibrado significa que não pode ser inserido no grupo mediúnico*, sob o risco de comprometer o seu bom funcionamento. A mediunidade em si é uma faculdade neutra, que não tem qualquer conexão com os desajustes físicos, mentais e espirituais da criatura. Estes surgem por motivos específicos, e requerem o tratamento médico, psicológico ou espírita adequado ao caso. Somente após seu retorno à normalidade é que a pessoa poderá participar, como médium, dos trabalhos mediúnicos, se a faculdade surgir espontaneamente. O exercício da mediunidade não é recomendável na presença de determinadas enfermidades físicas, como por exemplo, nas doenças contagiosas, ou onde o equilíbrio orgânico esteja “por um fio” e a atividade mediúnica envolva situações que emocionem muito o médium. No caso dos desequilíbrios mentais e espirituais, o exercício mediúnico não pode nunca ser iniciado, ou continuado. Um médium nessas condições não poderá contribuir positivamente, além de gerar dificuldades para o grupo, facilitando mesmo a atuação de Espíritos interessados na instalação da desarmonia, dos melindres, das suspeitas, do enregelamento das relações entre os membros.

O desenvolvimento mediúnico a ser promovido nos centros espíritas não deve nunca ser entendido como o aprendizado de técnicas e métodos para fazer surgir a mediunidade, pois que não os há nem pode haver, mas exclusivamente como o aprimoramento e direcionamento útil e equilibrado das faculdades surgidas de forma natural, o que pressupõe o aperfeiçoamento integral do médium, por meio do estudo sério e de seus esforços incessantes para amoldar suas ações às diretrizes evangélicas.

Ressaltemos, outrossim, que os núcleos espíritas não deverão iniciar qualquer trabalho mediúnico, quer de desenvolvimento (no sentido correto do termo), quer, menos ainda, de assistência aos Espíritos enfermos, se não estiverem seguros de que dispõem de colaboradores suficientemente preparados, por seus conhecimentos doutrinários, por seu equilíbrio psicológico e por sua conduta cristã, que disponham de tempo para encetar com regularidade tão delicada tarefa.

Resumindo o que foi visto nesta seção:

- A mediunidade é uma faculdade natural, que surge espontaneamente.
- Não se deve procurar desenvolvê-la enquanto não aflorar por si só.
- O desenvolvimento da mediunidade deve ser entendido unicamente como a sua educação, o seu aprimoramento, a sua disciplina, o seu direcionamento útil para o bem.

- A mediunidade não é a causa primária dos desequilíbrios orgânicos e psicológicos.
- O exercício da mediunidade não deve ser colocado como a culminação obrigatória das atividades do cooperador da casa espírita.

#### 10.4 OS MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

Na presente seção procuraremos reunir alguns informes sobre os mecanismos da faculdade mediúnica, ou seja, sobre *como* se dá o fenômeno mediúnico. A fonte básica continuará sendo Allan Kardec. Iniciemos com este trecho, já parcialmente transcrito, do capítulo “Manifestações dos Espíritos” de *Obras Póstumas* (§ 6, nº 34; o destaque é nosso):

O fluido perispírico é o agente de *todos* os fenômenos espíritas, que só se podem produzir pela ação *recíproca* dos fluidos que emitem o médium e o Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo dos Espíritos.

Esmiuçando as informações aqui contidas, notamos:

- 1) O perispírito desempenha papel de capital importância no processo mediúnico.
- 2) Sendo o perispírito “o agente de *todos* os fenômenos espíritas”, e estes só podendo produzir-se pela ação *recíproca* dos fluidos que emitem o médium e o Espírito, temos como regra sem exceções que, ocorrendo um fenômeno de comunicação com o mundo espiritual, *necessariamente* haverá a participação de um médium. Em alguns casos, como em certas manifestações de efeitos físicos, não se nota a presença do médium, mas podemos estar certos de que haverá alguém, em algum lugar, servindo de médium, ainda mesmo que este não esteja consciente do papel que desempenha. Também percebemos que serão vão os esforços de certos pesquisadores que, desprezando a riquíssima contribuição do Espiritismo para o estudo daquilo que (impropriamente) denominam “paranormalidade”, tentam detectar o Espírito unicamente por meio de aparelhos. Se algum instrumento chegar a registrar um espírito, é porque houve a participação oculta de algum médium. Neste caso, seria mais confiável analisar a manifestação diretamente, sem o recurso indireto de instrumentos, que sempre constituem fonte adicional de incertezas.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Esse é um ponto que merece reflexão, em vista da ampla divulgação em nossos dias da chamada “transcomunicação instrumental” (TCI). Em artigos anteriores (Chibeni 1984, 1988 e 1994) analisamos, à luz da moderna filosofia da ciência, a questão da cientificidade do Espiritismo e de sistemas alternativos, procurando mostrar que, do mesmo modo como entendia Kardec, o Espiritismo é uma disciplina genuinamente científica, enquanto que esses sistemas não. Contrariamente ao que em geral assumem os proponentes da TCI, o mero emprego de aparelhos *não* assegura a cientificidade de nenhuma disciplina; eles só são usados nas ciências ordinárias porque o seu objeto de estudo — a matéria — presta-se à análise quantitativa, e muitos de seus aspectos só podem ser observados com aparelhos. Já o objeto de estudo do Espiritismo — o elemento espiritual — não é passível de análise quantitativa, como tão apropriadamente fez notar Kardec em várias de suas obras.

- 3) A presença da faculdade mediúnica em alguém liga-se à possibilidade de seu perispírito “expandir-se”. Veremos logo mais que essa “expansão” do corpo espiritual pode ser entendida como a sua parcial desvinculação do corpo físico.
- 4) A efetivação da comunicação exige, além da “expansão” do perispírito do médium, a assimilação deste com o perispírito do Espírito comunicante, ou seja, tem de haver *sintonia* entre ambos. Esse fato importante, de que o médium em geral não é capaz de comunicar-se indiscriminadamente com todos os Espíritos, é exposto em *Obras Póstumas* imediatamente após o trecho que acabamos de transcrever (§ 6, nº 35; os grifos são nossos):

As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de *afinidade* existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que *não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos*. Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior.

No exame do assunto do item 3, podemos colher subsídios em André Luiz, o autor espiritual que tanto tem contribuído para a extensão de nosso conhecimento científico acerca da mediunidade. Em sua obra *Evolução em Dois Mundos*, ao analisar a fase evolutiva em que se elaborava a faculdade de desprendimento do veículo perispiritual durante o sono (capítulo 17, item “Mediunidade espontânea”), adianta esta valiosa informação (grifamos):

Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual [...], começaram na Terra os movimentos de mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, *pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático*, passaram das observações durante o sono às da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo [...].

Vemos, assim, que o respeitado cientista deixa entrever a correlação íntima entre a possibilidade de contato com a realidade espiritual durante a vigília (mediunidade) e um certo “afrouxamento” das ligações entre as células do perispírito e as suas correspondentes do corpo material. Prosseguindo, André Luiz explicita mais essa correlação:

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas [...].

Refletindo um pouco sobre as assertivas de André Luiz, verificamos, inicialmente, que não conflitam com a explicação dada por Kardec, em termos da capacidade de expansão do perispírito do médium. Há, pelo contrário, até um reforço, já que a noção de “expansão” é aqui suficientemente abrangente e flexível para permitir ulteriores elaborações e detalhamentos, dentro da natureza

eminentemente progressiva do Espiritismo. Podemos compreender, deste modo, a “expansibilidade” do perispírito como a sua faculdade de desvinculação parcial e temporária do corpo físico, passando, nesse estado especial, a partilhar da realidade do mundo espiritual para nela colher impressões diversas, sem no entanto perder a possibilidade de atuação sobre o corpo denso.

É fundamental deixar claro que o que acabamos de expor *não corrobora de modo algum a ideia popular de que no processo mediúnico o Espírito do médium “sai” e “dá lugar” ao Espírito comunicante*, que passaria então a servir-se *diretamente* do corpo do médium. Os Instrutores Espirituais já esclareceram a Kardec, no importante capítulo “Do papel do médium nas comunicações espíritas” de *O Livro dos Médiuns* que essa ideia não corresponde à realidade. A mensagem sempre passa pelo Espírito do médium, mesmo quando ele não guarda disso a consciência ao despertar do transe. Vejamos o que dizem no item sexto do parágrafo 223:

O Espírito que se comunica por um médium transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito do médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.”

Compreendemos então que, em última instância, o comando do veículo físico só pode ser feito pelo seu próprio “dono”. Poderíamos dizer que o corpo material é feito “sob medida” para cada Espírito, e que não “serve” para nenhum outro. O Espírito estranho não tem como agir diretamente sobre as células materiais formadas sob a influência de outro Espírito e para o seu próprio uso.

É interessante notar que nas questões seguintes à transcrita os Espíritos frisam – mesmo enfrentando uma oposição inicial de Kardec – que *essa é uma regra absoluta, sem exceções*, nem mesmo na mediunidade dita “mecânica”, ou ainda nos casos de efeitos físicos onde uma mensagem inteligente é transmitida (tipologia, escrita por meio de pranchetas etc.). Vemos, na questão 10 do referido parágrafo, que os Espíritos expressam indiretamente sua desaprovação a esse modo de denominar a mediunidade na qual o médium não guarda consciência do conteúdo da comunicação: o médium jamais atua como máquina, mecanicamente.

Resumindo o conteúdo desta seção:

- O perispírito desempenha papel essencial em todos os processos mediúnicos.
- A faculdade mediúnica liga-se à possibilidade de o perispírito desvincular-se parcialmente do corpo físico durante a vigília.
- A comunicação não se efetiva sem que haja sintonia entre os perispíritos do médium e do Espírito.
- A comunicação espiritual, ainda que de efeitos físicos, sempre passa pelo Espírito do médium.

## 10.5 AS MODALIDADES MEDIÚNICAS

Um aspecto importante dos esclarecimentos de André Luiz é que permitem compreender não somente como se dá o fenômeno mediúnico, mas também o porquê da existência de diferentes modalidades de mediunidade. Observamos, pelos trechos citados, que a faculdade mediúnica será deste ou daquele tipo conforme a região do organismo em que as células do perispírito apresentem maiores possibilidades de desvinculação das que lhe correspondem no corpo físico. Desse modo, segundo o exemplo dado, se for nos órgãos da visão que ocorre a maior liberdade das células do perispírito, a mediunidade assumirá a forma de vidência; se nos órgãos da audição, a de audiência; se nos da fala, a de psicofonia, e assim por diante.

Devemos notar, no entanto, que os órgãos a que se refere André Luiz são, conforme se depreende de outras passagens de sua obra, não tanto os órgãos periféricos – olhos, ouvidos, mãos etc. –, mas fundamentalmente as regiões do cérebro responsáveis por seu comando. De fato, a ciência mostrou que há no cérebro grupos de neurônios (células nervosas) mais ou menos especializados para as diversas faculdades sensoriais e motoras. No caso da visão, por exemplo, tais neurônios recebem, através do nervo óptico, os impulsos elétricos gerados na retina do olho, sinais esses que a alma interpreta como imagens. O mesmo se dá, *mutatis mutandis*, com os demais sentidos. No caso das funções motoras, ao comando da alma determinados centros cerebrais enviam, através dos diferentes nervos, impulsos elétricos aos músculos, resultando daí os movimentos corporais.

Kardec dividiu os médiuns em duas grandes categorias: os de *efeitos físicos* e os de *efeitos intelectuais*. Os primeiros são “aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas”; os segundos, “os que são mais especialmente próprios a receber e a transmitir comunicações inteligentes” (*O Livro dos Médiuns*, parágrafo 187). Para fins didáticos, é conveniente subdividir a categoria de efeitos inteligentes em dois grupos: *efeitos sensoriais* (percepção da realidade espiritual na forma de uma impressão dos sentidos) e *efeitos intelectuais propriamente ditos* (transmissão de uma mensagem inteligente pela palavra escrita, oral, por gestos etc.).

Apresentaremos agora um quadro sinótico com os principais tipos de fenômenos mediúnicos, associados às diversas modalidades mediúnicas. Trata-se de uma adaptação do que foi elaborado por Jayme Cerviño em seu livro *Além do Inconsciente*, reunindo apenas as modalidades mais importantes. Nesse interessante e original livro, o autor infere, a partir de estudos clássicos da psicologia experimental e da neurofisiologia, bem como de investigações sobre os fenômenos espíritas, quais regiões do encéfalo estariam associadas às diferentes categorias de fenômenos espíritas.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Note-se que, como toda classificação, esta não é absoluta, pois o estabelecimento de fronteiras nítidas entre diferentes modalidades mediúnicas não é possível. Lembremos ainda que o *encéfalo* é a parte do sistema nervoso contida na caixa craniana; o *córtex cerebral* corresponde à parte mais externa desse órgão, e coordena a inteligência, os sentidos, os reflexos condicionados ou adquiridos; o *subcórtex*, que inclui vários órgãos da base do encéfalo — tálamo, hipotálamo, cerebelo — é a sede dos reflexos incondicionados ou inatos: instintos, atividades fisiológicas, emoções.

<b>EFEITOS INTELECTUAIS</b> (mediunidades de expressão cortical)	<b>Efeitos estritamente intelectuais</b> (córtex frontal)	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>intuição</i></li><li>• <i>psicografia</i></li><li>• <i>psicofonia</i></li><li>• <i>psicopraxia</i></li></ul>
	<b>Efeitos sensoriais</b> (córtex extra frontal)	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>vidência</i></li><li>• <i>audiência</i></li><li>• <i>sensitividade</i></li></ul>
<b>EFEITOS FÍSICOS</b> (mediunidades de expressão subcortical)	<b>Telergia</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>sons, movimentos,</i></li><li>• <i>luzes, curas</i></li></ul>
	<b>Teleplastia</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>materializações</i></li></ul>
	<b>Somatização</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>transfiguração</i></li><li>• <i>estigmatização</i></li></ul>

## 10. 6. O EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE

Na seção 2 deste trabalho vimos que se deve fazer uma distinção clara entre a mediunidade, enquanto faculdade, e o seu uso ou exercício. Se a faculdade em si é neutra, o mesmo não vale para o seu uso, que pode ser bom ou mau, dependendo da condição moral do médium.

Na Introdução de *O Livro dos Médiuns* Kardec destaca entre os objetivos da obra a orientação para que a mediunidade seja empregada de modo útil. Um requisito essencial para isso é a compreensão de sua natureza e mecanismos, no que o Espiritismo tem contribuído de forma decisiva. Respeitando a liberdade humana, ele não poderia prescrever normas de conduta para os médiuns de maneira cega, impositiva, sem um esclarecimento racional da sua necessidade. É fácil constatar a justeza da afirmação de Kardec, nessa mesma Introdução, de que “as dificuldades e os desenganos com que muitos topam na prática do Espiritismo se originam na ignorância dos princípios desta ciência”.

A preocupação com a compreensão e o exercício corretos da mediunidade vem sendo partilhada pelos espíritas sérios, que se conscientizaram da necessidade do crescimento espiritual do médium para que sua faculdade seja bem empregada. Muitos dos grandes autores espíritas dos dois planos da vida nos têm legado estudos e lições preciosas sobre a mediunidade e seu objetivo. Procuraremos, no que se vai seguir, compilar alguns desses ensinamentos.

Começemos, no entanto, com *O Livro dos Médiuns*, em cujo parágrafo 226 Kardec pergunta aos Espíritos (nº 3):

Os médiuns que fazem mau uso de suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

“Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e não o aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso. ”

A questão da responsabilidade moral do uso da mediunidade é semelhante à das demais faculdades do homem. Aquele que emprega mal a inteligência, a palavra, os dotes artísticos ou a força física arcará com as consequências desse emprego, devendo expiar e reparar as faltas cometidas. No caso da mediunidade há um agravante, conforme se salienta na resposta dada, pois ela é poderoso recurso iluminativo.

É por meio da mediunidade que nos certificamos de nossa natureza imortal, fato de suma importância, em torno do qual gira todo o Espiritismo e sua doutrina moral. É ela que nos desvenda a vida futura, possibilitando-nos conhecer de modo abrangente os efeitos de nossas ações. Ajuizaremos então com mais acerto sobre o que nos convém ou não fazer, com vistas à nossa felicidade integral.

Para nós, os encarnados, a mediunidade constitui advertência contra o equívoco de tudo considerarmos do ponto de vista de nossos interesses materiais e imediatos, incentivando-nos a lutar contra o egoísmo, o embrutecimento dos prazeres, a estagnação do conhecimento.

Para os desencarnados sofredores, revoltados ou aturdidos, representa muitas vezes a via preferencial de despertar, possibilitando-lhes retomar o progresso espiritual. A maioria das instituições espíritas em nosso país hoje em dia centraliza sua atuação mediúnica precisamente nessa tarefa, tão louvável pelos benefícios que espalha, mas também tão delicada em sua condução, exigindo muito preparo da equipe, quer no que concerne ao conhecimento doutrinário e à disciplina, quer quanto ao espírito fraterno e à devoção incondicional ao bem do próximo.

A esse respeito adverte Emmanuel no capítulo “Examinando a mediunidade” do livro *Encontro Marcado*:

O exercício da mediunidade nas tarefas espíritas exige larga disciplina mental, moral e física, assim como grande equilíbrio das emoções.

Na obra *Educação e Vivência*, lição “Mediunidade e problemas”, o Espírito Camilo tece as seguintes considerações, ainda dentro desse tópico:

Tristemente, porém, muitas dessas criaturas que se sabem ou se imaginam médiuns não são bafejadas pelos recursos de amadurecido estudo, a fim de que compreendam o que é que se passa nesse vasto território dos fenômenos psíquicos.

Seria de esperar que os indivíduos que se embrenham pelos bosques das percepções mediúnicas fossem caindo em si, aprendendo que todos terão que dar conta desses talentos formidáveis que lhes são concedidos, nas experiências terrenas, na condição de empréstimo, proporcionando liberdade e ventura íntimas, logrando evadir-se dos tormentosos episódios do pretérito culposo ou negligente.

E em *Cintilação das Estrelas* (capítulo 32) esse lúcido Espírito prossegue no assunto:

Em mediunidade é importante que o médium se aplique em melhorar-se a si próprio, ampliando as percepções, iluminando-se a cada hora, nas lutas que deve enfrentar, na pauta do cotidiano.

O desenvolvimento da mediunidade marcha ladeando o desenvolvimento do médium. Quanto melhor o indivíduo, maior a sua fulgência mediúnica no bem.

Aprimore-se o homem para que se lhe ampliem as posições de sensibilidade mediúnica.

Têm-se infelizmente observado muitos agrupamentos mediúnicos descuidados quanto às superiores finalidades da mediunidade, bem como quanto às diretrizes doutrinárias que devem guiar sua prática. Não raro desenvolvem suas atividades de forma ritualística, tratando os médiuns como simples máquinas de comunicação. No momento do intercâmbio, os trabalhadores assumem posturas formais, como que denotando concentração e devoção ao bem, mas que nem sempre se fazem acompanhar das atitudes íntimas correspondentes. Manoel Philomeno de Miranda comentou esse tópico no capítulo intitulado “Mediunidade e viciação”, do livro *Sementeira da Fraternidade* (p. 123):

O médium é filtro por cuja mente transitam as notícias da vida além-da-vida.

Nesse sentido, consideramos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo, e não uma situação passageira junto ao Cristo.

Já analisamos na seção 3 a situação na qual o aparecimento da faculdade mediúnica se dá juntamente com desequilíbrios físico-espirituais variados, destacando o erro dos que consideram tais distúrbios como uma consequência da mediunidade em si. Em *Educação e Vivência* (p. 111), Camilo enfoca outro ângulo dessa questão:

A decantada “mediunidade de provas” não passa de episódio no qual alguém em provas e sérias expiações recebeu da Divina Misericórdia as excelências da sensibilidade mediúnica, através de cujas portas será chamado ou convocado à assunção de responsabilidades, bem como ao cumprimento dos deveres para com Deus, através do próximo.

Dessa forma a mediunidade, mesmo quando se apresente assinalada por impertinentes padecimentos dos médiuns, representa para eles a mão da Celeste Providência evitando dores maiores e tormentos mais acerbos.

A origem do nosso sofrimento, da nossa aflição, não reside na mediunidade, mas a bagagem de desacertos que ainda trazemos, acumulada nesta e em vidas pregressas. É por isso que nossos recursos mediúnicos, neutros em si mesmos, amiúde ainda se ligam aos mundos de sombra. Mal-empregada, a mediunidade significará o cultivo da ignorância, a disseminação da dúvida e da mentira, o insuflamento do egoísmo e do orgulho, da vaidade e do personalismo, o verbo e o texto degradantes, a manipulação de forças mentais deletérias, a porta aberta às obsessões.

No capítulo 39 do livro *Sementeira da Fraternidade*, Vianna de Carvalho descreve a mediunidade como “canal cósmico por onde transitam seguras as consolações e esperanças para o atribulado espírito humano” (p. 179), destacando outro aspecto da mediunidade: o consolo que prodigaliza ao homem em sua vida de incertezas e de dores. Que de mais belo existe do que saber que o abismo que se imagina existir entre nós e os entes queridos que já partiram não é

intransponível; que os sofrimentos que não conseguimos evitar têm causas justas ligadas ao nosso passado! ...

Dádiva com que a misericórdia divina nos favorece, informando-nos de nossa natureza de seres imortais, a mediunidade bem empregada reveste as formas de esclarecimento acerca da vida além-túmulo, de consolo para os que perderam a esperança, de advertência salvadora para os equivocados, de amparo para os que cambaleiam, de recursos terapêuticos para os que enfermaram, de despertar para os sofrendores e os trãsfugas do dever que já cruzaram a aduana da morte. Daí a necessidade de desenvolvermos esse abençoado talento, nos trabalhos da caridade, nos exercícios constantes de benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, de perdão das ofensas, conforme a questão 886 de *O Livro dos Espíritos*.

Reconheçamos, acima de tudo, que mais importante do que sermos bons médiuns, no que toca à faculdade, é sermos médiuns bons, a serviço de Jesus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ LUIZ. *Nos Domínios da Mediunidade*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 13ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Evolução em Dois Mundos*. (Médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1959.
- CAMILO. *Cintilação das Estrelas*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Vivência*. (Médium José Raul Teixeira.) Niterói, Fráter, 1993.
- CERVIÑO, J. *Além do Inconsciente*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1968.
- CHIBENI, S. S. “Espiritismo e ciência”, *Reformador*, maio de 1984, pp. 144-47 e 157-59.
- \_\_\_\_\_. “A excelência metodológica do Espiritismo”, *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
- \_\_\_\_\_. “O paradigma espírita”, *Reformador*, junho de 1994, pp. 176-80.
- EMMANUEL. *O Consolador*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 8ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Encontro Marcado*. (Médium Francisco Cândido Xavier.) 6ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira.
- JOANNA DE ÂNGELIS. *Estudos Espíritos*. (Médium Divaldo P. Franco.) 2ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982.
- KARDEC, A. *Le Livre des Esprits*. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1985).
- \_\_\_\_\_. *Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritées*. Paris, La Diffusion Scientifique, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Le Livre des Médiuns*. Paris, Dervy-Livres, s.d. (dépôt légal 1978). *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro, 59ª ed., revista, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- \_\_\_\_\_. *L’Évangile selon le Spiritisme*. (Reprodução fotográfica da 3ª edição francesa.) 1ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres Posthumes*. Paris, Dervy-Livres, 1978. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro, 18ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- \_\_\_\_\_. *L’Obsession*. (Extratos da *Revue Spirite*.) Farciennes, Éditions de L’Union Spirite, 1950.
- PEREIRA, Y.A. *Devassando o Invisível*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1963.



PHILOMENO DE MIRANDA, Manoel. “Mediunidade e viciação”, in: *Sementeira da Fraternidade*. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 25, pp. 121-24.

VIANNA DE CARVALHO. “Hipnose e mediunidade”, in: *Sementeira da Fraternidade*. (Ditado por Espíritos diversos a Divaldo Pereira Franco.) 3ª ed., Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1979. Capítulo 39, pp. 177-81.

(Artigo publicado em *Reformador* de agosto de 1997, pp. 240-43 e 253-55.)

## 11. OBSESSÃO

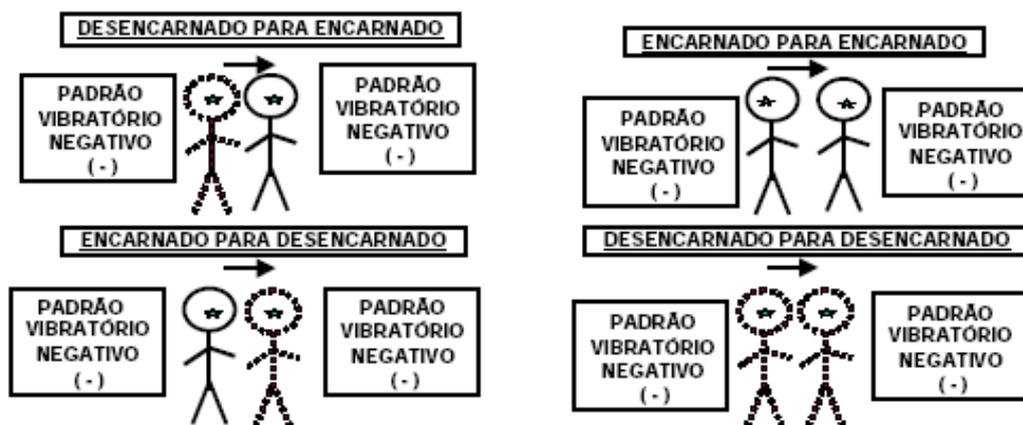
### 11.1 CONCEITO

Como muitas afecções humanas, as obsessões são tão antigas como a própria humanidade, atingindo todas as classes sociais e indivíduos, sem qualquer distinção.

Este é um capítulo especial no tocante à existência da mediunidade, pois retrata os prejuízos decorrentes das emoções desarmonizadas quando associadas a ela. Antipatias, paixões violentas e ódios são vilões no processo que desencadeia a obsessão, ligando os protagonistas muitas vezes por várias encarnações, em que se revezam entre agressor e agredido.

A obsessão é a influência que um espírito consegue obter sobre um indivíduo, desejando dominá-lo. Considerando que todos somos médiuns, todos estamos sujeitos a ela. Os espíritos que assim procedem pertencem a uma categoria moralmente inferior. Ela pode ocorrer de encarnados para desencarnados, de desencarnado para encarnado, entre desencarnados e entre encarnados.

Muitos comportamentos humanos são via de regra ditados pelas influências que os espíritos desencarnados exercem. Muitas vezes eles dirigem as ações humanas sem que se aperceba, pela sua sutileza e pela ausência de conhecimento em se distinguir distintas origens de ideias.



Não se tem o hábito de tentar distinguir quando as ideias nos pertencem de quando elas vêm dos espíritos.

Invariavelmente todos estamos sujeitos à influência dos espíritos, não existindo portanto quem não lhes tenha sofrido uma obsessão. Médiuns, por mais experientes que sejam, também estão sujeitos a sofrer-lhes a influência. As obsessões não são um problema do Espiritismo, mas da humanidade, pois todas as pessoas podem sofrer a influência dos espíritos.

## 11.2 COMO AGEM OS OBSESSORES?

O Espírito obsessor, conhecendo as fraquezas morais do enfermo, vai aos poucos obtendo acesso à sua área mental, chegando em alguns casos a dominá-lo. Se a obsessão se intensificar, e não for tratada espiritualmente em tempo hábil, ocorrerá um aumento da afinidade fluídica entre obsessor e obsidiado, o que poderá acarretar no agravamento da enfermidade.

## 11.3 CAUSAS DA OBSESSÃO

Basicamente tem quatro causas:

### a) As causas morais.

São aquelas provocadas pela má conduta do indivíduo na vida cotidiana. Ao andarmos de mal com a vida e com as pessoas, estaremos sintonizando nossos pensamentos com os Espíritos inferiores e atraindo-os para perto de nós. Desse intercâmbio de influências poderá nascer uma obsessão. Vícios mundanos como o cigarro, a bebida em excesso, cultivo do orgulho, do egoísmo, da maledicência, da violência, da sensualidade doentia e da luxúria poderão ligar-nos a entidades espirituais infelizes.

### b) As causas relativas ao passado.

São aquelas provenientes do processo de evolução a que todos os Espíritos estão sujeitos. Nas suas experiências reencarnatórias, por ignorância ou livre-arbítrio, uma entidade pode cometer faltas graves em prejuízo do próximo. Se a desavença entre eles gerar ódio, o desentendimento poderá perdurar por encarnações a fio, despontando nos desafetos, brigas, desejos de vingança e perseguição. Casos assim podem dar origem a processos obsessivos tenazes. Desencarnados, malfeitor e vítima continuam a alimentar os sentimentos de rancor de um para com o outro.

### c) As contaminações espirituais.

Geralmente acontecem quando uma pessoa frequenta ou simplesmente passa por ambientes onde predomina a influência de Espíritos inferiores.

Seitas estranhas, onde o ritualismo e o misticismo se fazem presentes; terreiros primitivos, onde se pratica a magia negra; benzedeadas e mesmo centros espíritas mal orientados são focos onde podem aparecer contaminações obsessivas. Espíritos atrasados, ligados ao lugar onde a pessoa frequentou ou visitou, envolvem-se na sua vida mental, prejudicando-a.

### d) Causas anímicas ou auto-obsessão.

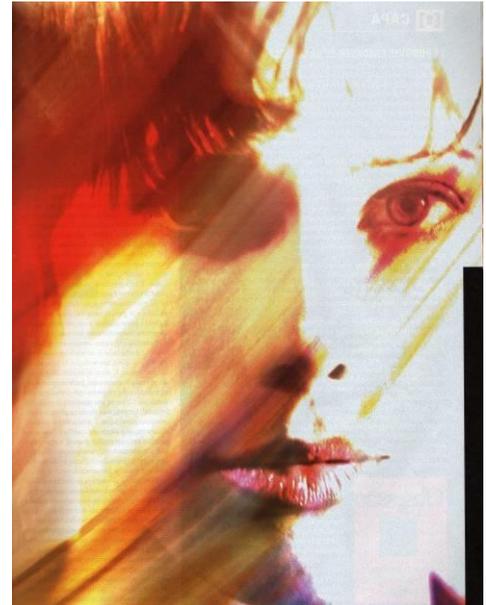
São causadas por uma influência mórbida residente na mente do próprio paciente. Por causa de vícios de comportamento, ele cultiva de forma doentia pensamentos que causam desequilíbrio em sua área emocional. Muitas tendências auto-obsessivas são provenientes de experiências infelizes ligadas às vidas passadas do enfermo. Angústia, depressão, mania de perseguição ou carências inexplicadas podem fazer parte de processos auto-obsessivos.

## 10.4 CLASSIFICAÇÃO

Allan Kardec estabelece uma classificação, de acordo com a intensidade da influência dos espíritos, que nos permite entender melhor a obsessão. Para ele a obsessão pode ser: simples, fascinação ou subjugação.

São fatores que predisõem à ocorrência das obsessões: os vícios, a instabilidade emocional, as necessidades expiatórias (processos cármicos educativos), as disputas de poder ou de bens materiais, invejas prejudiciais, ciúmes doentios, calúnias e traições veladas, o orgulho, o egoísmo, a vaidade, bem como toda atitude que leve prejuízo aos outros. Muitas vezes, as obsessões se iniciam na intimidade do lar, quando os relacionamentos se tornam conflitantes trazendo desequilíbrio à família.

Os espíritos que pretendem obsidiar alguém irão procurar alcançar a pessoa através de um desses fatores, ligando-se a ela pela sua estrutura mental, buscando inserir-se nas ideias de sua vítima. Tanto quanto as ideias, as emoções são fatores de ligação com os desencarnados. Psicologicamente falando, é pelos complexos que as obsessões ocorrem. Os complexos de culpa, inferioridade, superioridade, de poder, etc., são núcleos emocionais que possibilitam as influências espirituais. Junto a eles, as paixões e ódios respondem pelos mecanismos de ligação nas obsessões.



A obsessão simples se caracteriza pela interferência da vontade de um espírito sobre o indivíduo sem que isto implique num domínio sobre sua personalidade. Geralmente esse tipo de obsessão interfere momentaneamente no senso crítico e no discernimento do obsidiado, provocando-lhe, às vezes, certo constrangimento. Às vezes, de forma não intencional, espíritos desencarnados, familiares, costumam, pela sua presença junto aos que permanecem encarnados, provocar obsessões involuntárias. Nesse contato, quando prolongado, os desencarnados não só recebem os fluidos dos encarnados como também transmitem os seus e, às vezes, a doença ou problema que lhes causou a desencarnação transfere-se de forma sutil.

A fascinação é um grau mais sério de obsessão face à ilusão que é provocada em sua vítima paralisando-lhe por vezes o raciocínio. A pessoa fascinada não acredita que esteja enganada a respeito de determinados assuntos, expondo-se, por vezes, ao ridículo, confiando cegamente em ideia que acredita ser sua, porém, é oriunda de um espírito inferior moralmente. Essa ilusão pode levar o indivíduo não só ao ridículo como a situações comprometedoras e até perigosas. Às vezes esse tipo de obsessão, por ser mais sutil, provoca mais inconvenientes que a subjugação.

Na subjugação, por vezes, ocorre alteração quase que completa no senso crítico e no discernimento lógico-emocional do obsidiado. Nesse estado sua vontade é afetada, suas ideias são contaminadas e prejudicadas do ponto de vista do senso coletivo. Muitas vezes a fascinação é um componente da subjugação.

Na subjugação ocorre não só o domínio sobre as ideias e o comportamento moral do obsidiado como também o constrangimento físico. Nesse tipo de obsessão geralmente o espírito consegue, por algum tempo e quase que totalmente, o domínio sobre o organismo do obsidiado. Por vezes, esse processo leva pessoas, por disposições cármicas, a internações em instituições psiquiátricas com os mais diversos diagnósticos, submetendo-se a terapia medicamentosa muitas vezes inócua na erradicação das causas.

Essa classificação não é estanque, pois as sutilezas dos processos de influência espiritual variam ao infinito. Muitas vezes não se consegue enquadrar o estado de obsessão de uma pessoa exatamente por causa dos fatores interferentes. Via de regra não há uma obsessão igual a outra.

Face à característica de ser uma ação persistente, nem sempre se torna fácil sua erradicação ou a solução de um conflito que envolve dois ou mais espíritos. Emoções desequilibradas, enraizadas, às vezes, por várias encarnações, não se resolvem em breve tempo, exigindo dedicação, parcimônia e amorosidade.

As emoções e a vontade geram pensamentos que, por sua vez, mobilizam energias sutis em torno do indivíduo, o que atrai companhias espirituais diretamente sintonizadas com seu teor. Essa mobilização de energias chama-se vibração, que estabelece o estado psíquico de cada um situando o indivíduo numa dimensão espiritual característica.

Não é o Espiritismo tampouco a faculdade mediúnica que provoca a obsessão, mas a vontade e os interesses humanos, quer de desencarnados quer de encarnados, que, por inferioridade moral, relacionam-se de forma a causarem sofrimento mútuo.

Por viverem numa dimensão mais fluida, sutil e quintessenciada, e lidarem com energias suscetíveis ao pensamento, costumam, os espíritos que obsidiam, utilizar-se de técnicas hipnóticas e magnéticas para atingir suas vítimas.

Quando muito prolongada, a obsessão provoca desordens psíquicas sérias, não só requerendo a terapêutica espiritual como também, às vezes, acompanhamento médico e, principalmente, psicológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de. “Obsessão”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.
2. RIVAS, Luis Hu. “Obsessão e passes”. In.: - **Doutrina Espírita para principiantes**, organizado por Luis Hu Rivas.

## 12. TERAPÊUTICA ESPÍRITA

Desobsessão é o nome de um conjunto de técnicas utilizadas no Espiritismo com o intuito de eliminar as causas bem como os efeitos das obsessões. Sua fundamentação está concentrada na transformação moral dos personagens envolvidos no processo.

Buscando atingir o obsidiado e o obsessor, o Espiritismo, com suas técnicas, reúne ambos muitas vezes levando-os a relembrem o passado a fim de se reconciliarem no presente e quanto ao futuro.

As técnicas usuais no Espiritismo são: **a prece, o esclarecimento doutrinário, o passe, o evangelho no lar, a água fluidificada, atendimento fraterno, o engajamento em tarefas caritativas, o atendimento espiritual ao desencarnado**, etc. Essas técnicas não eximem o obsidiado da necessidade de buscar a autodesobsessão através do esforço na sua própria transformação moral, condição fundamental para o sucesso que pretende obter.

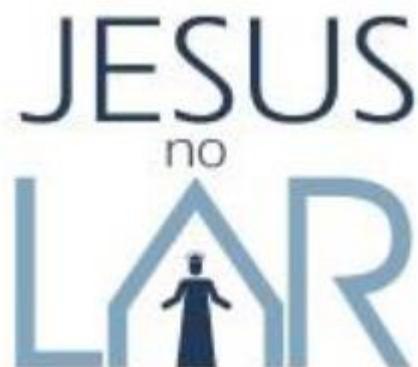
Na autodesobsessão o obsidiado é convidado ao pensamento reto, ao equilíbrio das emoções, à meditação, ao trabalho cotidiano, bem como a evitar os vícios e tudo que provoca instabilidade emocional. Nesse sentido, ele é aconselhado a buscar atitudes comportamentais que o levem ao equilíbrio psico-emocional. É-lhe sugerido não desejar nem pensar contra alguém, pois o pensamento tem força e é ação nele mesmo, atraindo e imantando os que sintonizam entre si.

**A prece** é recomendável pela sua eficácia na mudança de atitude mental do obsidiado, bem como por mobilizar forças positivas em seu favor, atraindo o auxílio espiritual necessário. A prece é luz na alma para que se clareie o caminho do crescimento espiritual do obsidiado.

Orar é um alimento para o espírito, pois renova-lhe as energias e amplia sua esperança e confiança no futuro e em seu processo de cura. Os espíritos amigos melhor inspiram o obsidiado a encontrar seu próprio caminho, bem como a buscar as soluções de seus problemas, durante os momentos de oração de seus tutelados.

**O esclarecimento doutrinário** se baseia nos princípios básicos do Espiritismo bem como no evangelho de Jesus. A pessoa que sofre algum tipo de obsessão é orientada a assistir as reuniões públicas no Centro Espírita, de esclarecimento e orientação moral, onde apreenderá novos conceitos sobre a vida e sobre a realidade espiritual. Enquanto assiste às reuniões, espíritos ligados aos trabalhos de desobsessão da instituição, estarão auxiliando os desencarnados que porventura estejam acompanhando o obsidiado, bem como inteirando-se dos aspectos relacionados à sua vida. Muitas vezes,





naquele momento, deslocam-se à residência do obsidiado, inteirando-se da problemática familiar, a fim de obterem dados que possibilitem uma melhor compreensão de seu drama.

**O passe** é transferência de energias positivas e curativas em favor do obsidiado e do obsessivo. A energia do passe atinge o corpo físico e o espiritual de seu receptor, promovendo-lhes o equilíbrio energético atingido pela relação desarmonizada entre os personagens.

**O Evangelho no Lar** é uma atividade recomendada a fim de se atingir o ambiente físico e espiritual em que vive o obsidiado. Com sua realização, beneficiam-se a família, os vizinhos e os espíritos que ali vivem. Realiza-se reunindo o máximo de familiares em torno da leitura e comentários breves de uma página de elevado conteúdo moral, criando-se um clima de equilíbrio, paz e harmonia. À semelhança do que ocorre nas reuniões públicas, os espíritos encarregados da desobsessão irão auxiliar encarnados e desencarnados presentes visando o restabelecimento da harmonia psíquica do lar.

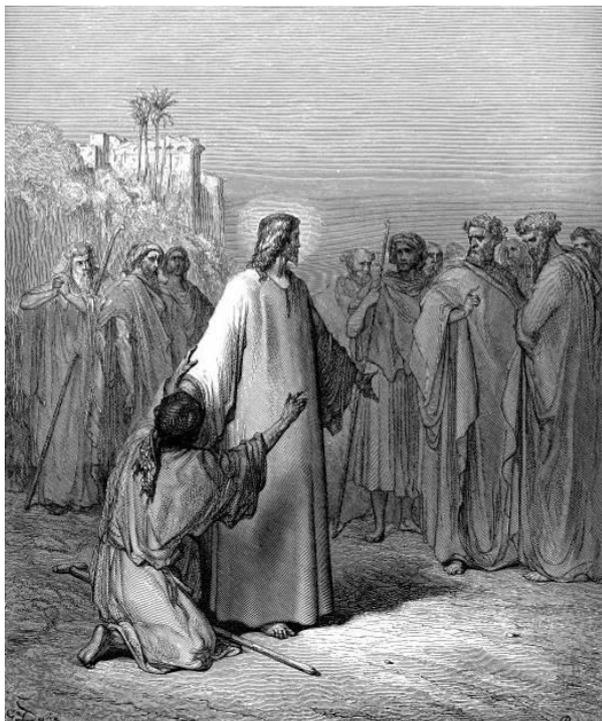
**A água fluidificada** é recomendada ao obsidiado a fim de lhe renovar as energias físicas e perispirituais. É sugerido ao obsidiado que leve ao Centro Espírita um recipiente com água a ser energizada fluidicamente, onde é feita a magnetização curadora, durante as reuniões, a fim de ser por ele tomada em casa.

**O atendimento fraterno** é terapia proporcionada por trabalhadores encarnados em auxílio ao obsidiado, através de conversa amigável visando o aconselhamento e a percepção de seu próprio processo. Nesse atendimento, o trabalhador do Centro, estando consciente do problema do obsidiado, infunde-lhe otimismo, esperança e confiança em Deus. Informando-lhe o valor do perdão, convida-o a sintonizar com a paz e o amor ao próximo.

**O engajamento em tarefas caritativas** significa o convite ao obsidiado a participar de trabalhos vinculados à caridade no Centro Espírita, tais como: visitas a necessitados, distribuição de gêneros a carentes, auxílio em tarefas no Centro, que estejam a seu alcance, etc.

**O atendimento ao desencarnado** é feito internamente nas reuniões de auxílio espiritual em que o esclarecimento é dado aos espíritos vinculados ao processo obsessivo. Essas reuniões, via de regra, são feitas na ausência do obsidiado, tendo em vista, muitas vezes, seu desconhecimento em relação à mediunidade e pela natureza e complexidade das manifestações mediúnicas. O obsidiado nem sempre está em condições psicológicas de lidar com o conteúdo e as vibrações de certas comunicações. Durante o sono do encarnado, é comum sua saída do corpo físico e conseqüente ida, em corpo perispiritual, ao Centro Espírita para reuniões proporcionadas pelos espíritos mentores encarregados da tarefa da desobsessão. Ali são feitas regressões de memória em que os protagonistas são levados ao encontro para entendimento em relação à causa passada que deu origem ao problema.

**As técnicas de desobsessão**, quando executadas em seu conjunto, costumam proporcionar alívio ao obsidiado e, com o tempo, resolver o conflito que o afligia. Isoladamente nem sempre surtem o efeito desejado, pois, as técnicas utilizadas nas obsessões são, por vezes, sutis e complexas, requerendo um esforço conjunto a fim de lhes eliminar a ação persistente.



Fundamental é entender que a desobsessão deve ser feita educando ambos, encarnado e desencarnado, pois se apenas um deles for esclarecido, o outro estará disponível para a ocorrência de nova obsessão. Afastar o desencarnado certamente atrairá outro, face à predisposição que o encarnado estará sujeito. A reforma moral apenas do encarnado resolve seu problema, porém permite que o desencarnado continue tentando agredi-lo ou venha a fazer o mesmo com outro que lhe sintonize o desequilíbrio. Onde houver obsessão pode-se dizer que há vários personagens envolvidos merecendo o ajuste de todos.

No trato das obsessões os exorcismos são inoperantes, pois os espíritos não se deixam influenciar por fórmulas, rituais ou pelo cargo do “exorcista”, mas sim pela sua autoridade moral.

A terapia espírita é não só curadora como profilática, pois recomenda ao obsidiado permanecer vinculado ao bem e à paz, em cujo estado interior inibe a vinculação a espíritos infelizes desencarnados.

A obsessão, como todas as enfermidades, pode ser curada através de tratamentos especializados. Para se tratar essa enfermidade espiritual, são necessários alguns procedimentos terapêuticos:

**a) Conscientização:** Deve-se conscientizar o paciente da situação de entorno em que se encontra, para que, com sua força de vontade, possa ajudar-se na cura.

**b) Reeducação:** É preciso orientar o assistido sobre a necessidade de melhoria de sua conduta na vida diária. Que se esforce para evitar os vícios mais grosseiros e que procure controlar suas más tendências.

**c) Evangelização:** Enfatizar sempre ao enfermo a necessidade de observar os ensinamentos morais do Evangelho de Jesus, roteiro seguro para libertação dos males do Espírito. Orientar a necessidade da frequência regular à casa espírita, até que sua enfermidade seja curada ou esteja sob controle.

**d) Diálogo com o obsessor:** Orientar moralmente o Espírito obsessor nas reuniões mediúnicas, evocando-o em médiuns preparados para esta tarefa.

**e) Reequilíbrio familiar:** Sempre que possível, a equipe responsável pelo tratamento do enfermo deverá orientar moralmente sua família que, em muitos casos, está envolvida direta ou indiretamente na problemática obsessiva.

**f) Tratamento médico:** Nos casos em que o processo obsessivo apresentar-se com grave comprometimento psíquico, o paciente deverá receber assistência de um profissional habilitado, que lhe administrará medicação se necessária.

**g) Ascendência moral:** Para se conseguir bons resultados nas tarefas de desobsessão, é preciso que a equipe de atendimento tenha ascendência moral sobre o Espírito obsessor e isso só é possível cultivando uma vida moral sadia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de. “Desobsessão”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

## 13. PERFEIÇÃO MORAL

### 13.1 AS VIRTUDES E OS VÍCIOS

Na busca por nosso progresso reencarnamos inúmeras vezes, até atingir o mais alto grau de perfeição que comporta nosso planeta. A cada reencarnação temos desafios que, se traduzem em lições a serem refeitas.

Mas, o que significa lições a serem refeitas? O nosso planeta é semelhante a uma escola, com seus vários graus de ensino e diversos tipos de alunos. Todos, sem exceção, começam seus estudos pelo nível mais baixo, porém, a medida que assimilamos os estudos correspondentes a cada série somos promovidos a série seguinte. Há alunos que desejam, ardentemente aprender, outros que o fazem por fazer e uns que odeiam estudar e preferem se divertir.

Vê-se então que todos se encontram num mesmo caminho, ou seja, o do aprendizado, porém, cada um trilhando determinado percurso da estrada. Todos têm grandes lições a aprender, e outras, a serem refeitas, estamos em processo de evolução.

As lições a serem refeitas são aquelas que apresentam maior dificuldade de assimilação. Desta forma, temos que nos empenhar mais, estudar com mais afinco, fortalecer nossa vontade de aprender a fim de atingir nossa meta.

Os vícios representam as lições a serem refeitas em nossas vidas. Para tanto, é importante o autoconhecimento, que identifique sua realidade, seus vícios assim como as virtudes que eventualmente possua.

Quais são? Como identificá-los? Qual possui?

Vamos ao significado das palavras Virtudes e Vícios.

**Virtudes:** são todos os hábitos que levam o homem para o bem, é uma disposição adquirida voluntariamente para o bem e consiste na boa qualidade moral do homem, Excelência moral, força interior, retidão, austeridade.

**Vícios:** ausência das virtudes. São ações que tendem para o mal, os costumes censuráveis, os hábitos perniciosos, entre os quais: o fumo, a gula, o álcool, os abusos sexuais. Já os defeitos consistem nas imperfeições ou desvios das leis morais, como o orgulho e seus filhos: o egoísmo, a inveja, o ciúme, a maledicência, etc.

Todas as virtudes são louváveis, porque implicam no cumprimento da Lei do Progresso. Existem pessoas que fazem o bem espontaneamente, isso é, um sinal de progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custam e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tomou um hábito. Devidas lhes são as honras que se costuma tributar a velhos guerreiros que conquistaram os seus altos postos. (LE 894)

Há pessoas que demonstram um desinteresse natural pelas coisas materiais, no entanto, o descuido irrefletido de nossos bens constitui sempre falta de juízo.

A riqueza, do mesmo modo que não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersa ao Vento. Representa um depósito de que todos terão de prestar

contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter estancado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam. (LE 896)

O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse. Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma das suas boas ações renderem na vida futura. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender. (LE 897-B)

E útil que nos esforcemos por adquirir conhecimentos científicos, pois, isso nos põe em condições de auxiliar nossos irmãos. Nos intervalos das encarnações, aprenderemos numa hora o que na Terra exigiria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que evoluir, e fazer com que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam no desenvolvimento do Espírito.

De dois homens ricos que empregam suas riquezas exclusivamente em gozos pessoais, o mais culpado é aquele que conheceu os sofrimentos, porque sabe o que é sofrer. A dor, a que nenhum alívio procura dar, ele a conhece; porém, como frequentemente sucede, já dela não se lembra. (LE 899)

Cuidado ao observar as imperfeições alheias, porque isso é faltar com a caridade. Se o fizer, porém, para auxiliar o próximo para que este possa evitá-lo, esse estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Importa não esquecer, porém, que a indulgência para com os limites de outrem é uma das virtudes contidas na caridade. ***“Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais no vosso semelhante. Esse é o meio de vos tornardes superiores a ele. Se lhe censurais a avareza, sede generoso; se for orgulhoso, sede humildes e modestos; se for aspereza, sede brandos; se for pequenez, sede grandes. Numa palavra, fazei de maneira que não se vos possam aplicar estas palavras de Jesus: “Vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio.” (LE 903)***

### 13.1 DAS PAIXÕES

O princípio que dá origem as paixões não é mau quando bem dosado, e pode levar o homem a grandes feitos. O perigo da paixão está no excesso da vontade descontrolada, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem. O abuso que delas se faz é que causa o mal. (LE 907)

As paixões são como um automóvel que, só tem utilidade quando governado e, se toma perigoso desde que passe a governar. Uma paixão toma-se perigosa a partir do momento em que não podemos governá-la e que resulta um prejuízo qualquer para vos mesmos, ou para outrem. (LE 908)

A paixão é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa, e esse excesso se toma um mal, quando tem como consequência um mal qualquer. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. (LE 908, comentário de Kardec)

## 13.2 DO EGOÍSMO

O egoísmo é a fonte de todos os vícios que caracterizam a imperfeição humana. Dele derivam a ambição, o ciúme, a inveja, o ódio, e toda sorte de males que infelicitam a Humanidade, pelas mágoas que produzem, pelas dissensões que provocam e pelas perturbações sociais a que dão ensejo.

O egoísmo funda-se num sentimento exagerado sobre si mesmo, no qual a pessoa deseja que o mundo gire em torno de si. Ela é o centro das atenções. Esta chaga da humanidade deverá desaparecer da Terra, porque impede o seu progresso moral.

Ao Espiritismo cabe a tarefa de fazê-la elevar-se na hierarquia dos mundos.

Portanto, o egoísmo é o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir Suas armas, Suas forças e sua coragem. Coragem, porque esta é a qualidade mais necessária para vencer-se a si mesmo do que para vencer aos outros.

Que cada qual dedique toda a sua atenção em combatê-lo em si próprio, pois esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a fonte de todas as misérias terrenas. Ele é a negação da caridade, e por isso mesmo, o maior obstáculo a felicidade dos homens.

O egoísmo cresce com a civilização e parece até que esta o excita e mantém. Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. É preciso que o egoísmo produza muito mal, para que se faça compreensível a necessidade de extirpá-lo.

Quando os homens se despojarem do egoísmo, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum e auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da solidariedade.

## 13.3 CARACTERES DO HOMEM DE BEM

Reconhece-se o verdadeiro homem de bem pela sua elevação espiritual, que é provocada pela compreensão da vida espiritual e pelas suas atitudes evidenciadas na prática da lei de Deus, ou seja, das leis morais.

Os Espíritos são seres imortais criados por Deus, e possuem uma destinação gloriosa - a perfectibilidade. Para efetivar esse itinerário são dotados de recursos e talentos incontáveis, quais a razão, o amor, o livre-arbítrio. Assim, o Espírito vai gradativamente, realizando sua caminhada evolutiva, errando e acertando, formando sua bagagem de conhecimentos, pessoal e intransferível, a qual Jesus se refere como verdadeira e que a ferrugem nem a traça consomem.

Nessa caminhada vão se estruturando os sinais que evidenciam o progresso já alcançado pelo Espírito. Comprova-se, facilmente, a elevação espiritual de um indivíduo pela sua conduta moral no dia-a-dia.

**“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da vida corpórea constituem a prática da Lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual”** (LE 918). Quando vivência espontaneamente as leis naturais, quando se harmoniza com a essência divina que o caracteriza, o grandioso processo de transcendência foi iniciado e novas dimensões se abrem para o ser.

O homem de bem busca continuamente uma autoavaliação de si mesmo, para conscientizar-se de seus atos. Ele pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua mais completa pureza (LE 918).

Valendo-se da Lei de Liberdade, pratica o bem pela alegria de praticar o bem, e não porque estivesse condicionado por algum castigo ou recompensa.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, administra-os, seguindo a Lei da Caridade, servindo-se deles como um depósito a ser utilizado em proveito de muitos. Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, respeita de fato a Lei de Igualdade, tratando-os com benevolência e respeito, valendo-se da autoridade para apoiá-los moralmente.

Pratica a Lei do Amor ao ser indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência. Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todo o direito decorrente da lei natural, como desejaria que respeitassem os seus (LE 918). Busca, enfim, a sua perfectibilidade moral, pois vivência em sua consciência a necessidade de superação em respeito à Lei do Progresso. Ciente da bondade de Deus que se revela em cada criatura, vivência a Lei de Sociedade através da prática do amor ao próximo, da exteriorização do amor em meio aos homens. O homem de bem edifica sua vida sobre a rocha, pois ao identificar-se com o bem, terá sempre força interior contra as adversidades da vida.

A parábola da Semente (Marcos, 4:26-29) representa perfeitamente o modo de aproveitarmos as lições do Evangelho para nosso crescimento moral. Realmente, o Reino de Deus é como uma semente. As pessoas têm a opção de aceitá-lo ou ignorá-lo. Esta parábola baseia-se em algo da natureza: o crescimento da semente. Deus é o semeador. As sementes são seus ensinamentos e a terra representa todos nós. Deus lança a semente na terra e seu desejo é de que todas germinem, cresçam e frutifiquem. Entretanto, o solo pode ainda não estar convenientemente, preparado, adubado, e assim a semente não germina. No momento em que esta terra for tratada, adubada a semente vingará e dará frutos. Quando nos despertarmos e conscientizarmos de que somos a terra e, portanto depende de nossa vontade de ser adubada, e tratada para que a semente germine. Somos filhos de Deus e se estamos aqui é porque temos uma grande tarefa. Assim quando oramos. “Venha a nós Vosso Reino” temos que trazer este Reino para dentro de nós e fazer com que ele cresça e se espalhe a nossa volta, ajudando a transformar o mundo. Às vezes podemos ter pressa para que o mundo seja melhor num instante, mas, temos que ter paciência e fazer a cada dia o melhor que nos compete, há um tempo para tudo.

### **13.4 CONHECIMENTO DE SI MESMO**

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, afirmou Jesus (João, 8:32). Quanto mais consciente de si, mais livre será o Espírito. Da mesma forma, recomendam os Espíritos que o meio mais prático para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal é o “conhece-te a ti mesmo” (LE 919)

É muito importante a conscientização da necessidade de reforma íntima, como meio de transformação interior, de superação dos erros, de acionar a vontade para substituir os vícios por virtudes. No autoburilamento consiste a chave do progresso individual, por isso não só pode mais dispensar o esforço consciente, não se deve mais viver simplesmente seguindo impulsos e instintos.

O primeiro passo para o conhecimento de si mesmo, segundo Santo Agostinho, consiste em interrogar a cada dia a própria consciência e ver se não se faltou ao cumprimento do dever, se ninguém tem nada de se queixar sobre a sua pessoa.

Mas como julgar a si mesmo? A dificuldade está justamente em conhecer a si próprio. Existe, segundo o Livro dos Espíritos, um meio de controle que não pode enganar. “Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça (LE 919a). É assim que podemos julgar nossas ações segundo uma máxima universal: Não fazer aos outros o que não se deseja para si mesmo.

O que conhecer? Vemos constantemente os erros e defeitos dos que nos rodeiam e somos incapazes de perceber nossos próprios. Nossas faltas são sempre justificadas por nós mesmos. É importante a humildade em aceitar as limitações para que se possa crescer e superar-se. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas de seu jardim (LE 919a). No entanto, importa conhecer não somente as limitações mas, sobretudo, as potencialidades, aquilo que existe de divino no Espírito, a força interior, o amor, a inteligência, a capacidade de transcender a si mesmo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

3. KARDEC, Allan - **O Livro dos Espíritos**, questões 893 a 919-a;
4. KARDEC, Allan - **A Gênese** - Cap. I, parágrafo 38; cap. III; cap. XVIII;
5. KARDEC, Allan - **O Céu e O Inferno** - Código Penas Futuras;
6. KARDEC, Allan - **Obras Póstumas** - Egoísmo e Orgulho, Causas e Efeitos e Meios de Destruí-las; Da Obsessão e da Possessão, parágrafo 58, item “Questões e Problemas”, As Expições Coletivas e último parágrafo;
7. KARDEC, Allan - **O Que é Espiritismo** - questão 132;
8. KARDEC, Allan - **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, cap. VII, item 12; cap. X, itens 9 e 10; cap. XI, itens 11 e 12; cap. XII, itens 1 a 3; cap. XVII, itens 1 a 4, e, 8; cap. XVIII, item 16;

## 14. AS LEIS MORAIS DA VIDA

A ação de Deus no universo se dá por intermédio de leis que atuam de forma harmônica e constante, cuja intervenção é confundida como sendo do próprio Deus. Seu funcionamento não depende da crença nem das ações humanas. São leis gerais, universais e sempre ocorreram em todas as épocas da evolução. Não privilegiam nem elegem ninguém com exclusividade. Não pertencem ao Espiritismo ou a qualquer sistema criado pelo homem. São leis da natureza, não estando sujeitas ao homem nem às suas concepções transitórias.



Não se fundamentam em nenhum princípio particular, salvo no Amor, cuja compreensão nem sempre é alcançada pelo ser humano. Não são inflexíveis nem fatalistas, sendo, sobretudo, misericordiosas. Não obedecem a lógica humana pois esta é apenas uma forma de entender a divina.

No passado, foi confundida como manifestação do sobrenatural, disseminando o medo e o temor, depois foi confundida com a justiça e seus atributos humanos, mais tarde como fatalidade causalista. Hoje, graças ao Espiritismo, alcança a concepção de lei de harmonia, onde tudo se destina à evolução e ao equilíbrio.

São leis que o homem aos poucos vai percebendo durante suas vidas sucessivas e incorporando seus princípios a cada nova encarnação. Aos poucos vai perdendo seus temores e medos, suas culpas e preconceitos e internalizando o aprendizado que aquelas leis lhe proporcionam.

Muitas vezes, por conta de seu nível primário de evolução, o homem se relaciona com Deus buscando obter vantagens pessoais, porém nem sempre recebe aquilo que pede. Não percebe ele que as respostas aos seus pedidos vêm através das leis de Deus, que lhe dá aquilo que precisa considerando sua evolução espiritual. Se está escrito “pedi e obtereis” está também escrito que “a cada um segundo suas obras”. É preciso querer, saber querer e merecer para se obter o que se pede.

As leis de Deus atuam de forma imperceptível para a grande maioria dos espíritos. Alcançam-nos quando menos esperamos e de forma bastante sutil. É preciso “ter olhos de ver” e “ouvidos de ouvir”, a fim de melhor entender os mecanismos de atuação das leis de Deus.

A evolução do espírito consiste em aprender as leis de Deus no decorrer de sua caminhada, ao longo das vidas sucessivas. À essência espiritual só chegam as leis, isto é, na singularidade do espírito só existe o conhecimento das leis. Nem o mal, nem acessórios, mas só o amor, o puro amor.

Por mais que os homens façam sua justiça e tenham sua forma de estabelecer méritos, as leis de Deus sempre exercem a verdadeira justiça e dão a cada um segundo suas necessidades educativas. Mesmo que um espírito saia de uma encarnação incólume em relação à justiça dos homens, as leis de Deus irão, um dia, alcançá-lo no devido tempo para que venha a educar-se. Este é o objetivo final da atuação das leis de Deus: a educação do espírito, isto é, seu conhecimento dessas mesmas leis.

São naturais essas leis pois não foram criadas nem inventadas pelos homens, que lhes deram muitos nomes, sem no entanto modificar sua eficácia. Elas não são mutáveis como as leis promulgadas pelas assembleias humanas. Existem e sempre existirão, qualquer que seja o nome que se lhes dê.

Não obedecem à moral dos homens, que se modifica de tempos em tempos. São eternas e imutáveis e visam o equilíbrio e a evolução universais. Não obedecem aos preceitos erigidos pelos homens nas suas mais diversas manifestações religiosas. Não são morais no sentido tradicional e conservador, mas leis de amor, paz e harmonia. Visam o bem e a felicidade, e não a punição.



Sua atuação é no sentido de educar e fazer crescer, não se prestando a perseguir ou atender a desejos humanos de vingança. O bem e o belo é parte integrante dos parâmetros das leis, bem como a elevação moral e espiritual da humanidade.

Os homens percebem melhor as leis de Deus de acordo com os níveis evolutivos em que se encontram. Quanto mais atrasado for na escala evolutiva, atribuirá as ocorrências de sua vida ao acaso, à sorte ou ao azar. Sentir-se-á à mercê do imponderável e do destino que considera, quando adverso, absurdo.

Quanto mais evoluído, mais percebe as leis como instrumentos de vida e de felicidade. Entende seus mecanismos e os utiliza em sua vida. Preocupa-se em transmitir aos outros seu entendimento das leis e encarrega-se de auxiliá-los em suas jornadas.

O universo parece conspirar a favor do homem na medida em que ele compreende melhor as leis de Deus. As coisas e pessoas são percebidas de forma clara e mais profunda. Compreender essas leis representa uma importante aquisição para a evolução do espírito. Mesmo as adversidades são encaradas como ocorrências importantes e valiosas ao espírito. São fontes de aprendizado em relação ao funcionamento das leis. São encaradas com alegria e otimismo face à sua função educativa.

À medida que o espírito conhece as leis, sintoniza mais com o bem e com o amor. Seu olhar sobre as coisas se modifica, seus sentimentos se elevam, sua vida se torna mais plena e prazerosa. Ele se sente mais integrado ao divino, estabelecendo diálogo constante com Deus.

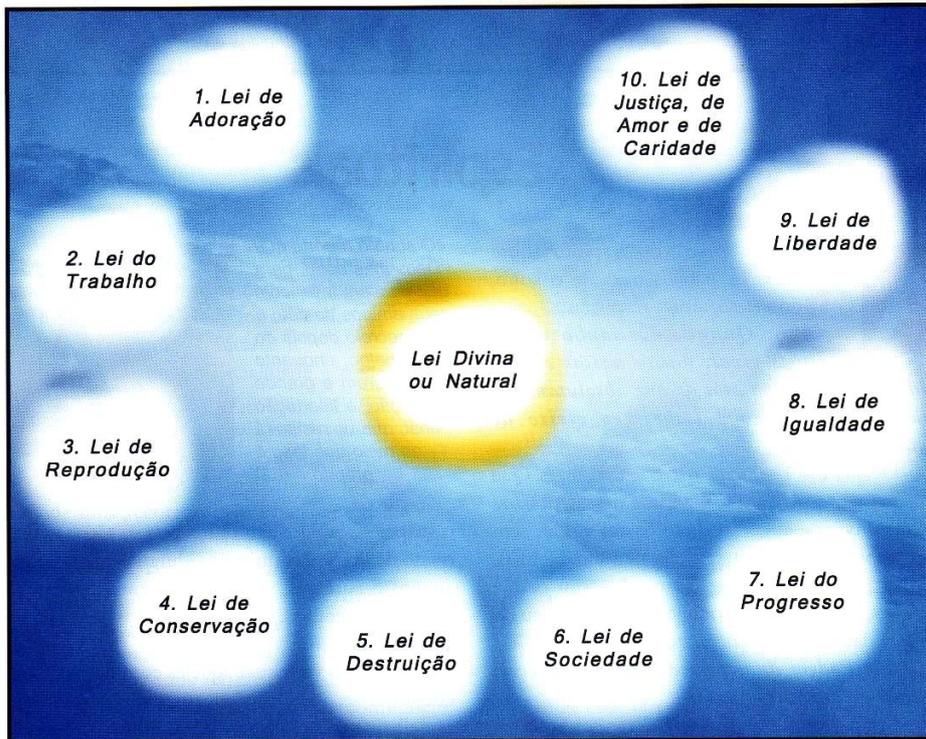
Esse diálogo é direto e representa a certeza de Deus internalizado pelo homem. Ele percebe Deus em si mesmo e se sente integrado às coisas, às pessoas, à vida e ao universo.

O sentido da vida é também aprender a reconhecer sentimentos e a lidar com emoções, pois estas, como aqueles, é que são responsáveis pelos pensamentos e, conseqüentemente, pelas ações humanas. Nessa caminhada de aprendizado das leis de Deus o homem vai aos poucos descobrindo suas próprias emoções bem como a noção interior de bem que possui. Esse sentido interior para o bem e para o amor é-lhe inerente e deve ser descoberto para ser colocado a serviço de sua própria evolução, sendo ao mesmo tempo uma descoberta e uma ferramenta a ser colocada em prática, tornando-se imprescindível à evolução espiritual.

Percebe o quanto é efêmero o corpo, o quanto são insignificantes o egoísmo e o orgulho diante da grandeza da vida e de Deus. Reconsidera sua vida e busca o conhecimento ainda maior das leis de Deus bem como sua aplicação cotidiana.

Não basta conhecer as leis. É preciso vivenciá-las constantemente. Essa vivência requer um preço cuja realização se dá através das vidas sucessivas, exigindo renúncia e abnegação. Ao espírito que aspira alcançar a plenitude, qualquer preço será pequeno face à recompensa futura. Sabendo-se conduzido por Deus, não haverá preço que não se possa pagar.

O Espiritismo vem revelar aos homens a importância de leis que não foram por ele inventadas, mas que sempre existiram e são imprescindíveis à compreensão de Deus e ao entendimento do sentido da vida.



Entre as Leis Divinas, umas regem o movimento e as relações com a matéria bruta — são as leis físicas; seu estudo pertence ao domínio da Ciência acadêmica. Outras concernem, especialmente, ao homem em si mesmo e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do corpo, como também as da vida da alma — são as leis morais. As Leis Naturais, ou Divinas, atuam automaticamente, impulsionando a evolução. Para facilitar o estudo, elas foram divididas em dez partes, conforme se vê na pergunta 648 de “O Livro dos Espíritos”: — Leis sobre Adoração, Trabalho, Reprodução, Conservação, Destruição, Sociedade, Progresso, Igualdade, Liberdade, e, por fim, Leis de Justiça, Amor e Caridade. Esta divisão é meramente pedagógica. As Leis Naturais, ou Leis Divinas, estão escritas na consciência do Ser. Por isso, todas as criaturas têm condições de conhecê-las. Mas essa compreensão é proporcional ao grau evolutivo do Espírito. Todos as compreenderão, perfeitamente, um dia, impulsionados pela Lei do Progresso. O que andar rápido, chegará primeiro; o que estacionar ou percorrer caminhos tortuosos, demorará mais. A cada nova existência, aumenta a bagagem espiritual do homem, nas experiências sucessivas com o Bem e o Mal. A explicação lógica da Doutrina Espírita é que, assim, através da Reencarnação, revela-se a justiça de Deus. Por isso, a importância de acontecer, de tempos em tempos, uma nova revelação espiritual, um novo chamamento para o homem lembrar a Lei Natural, já que a esqueceu ou a aprendeu imperfeitamente. Daí, a razão de Espíritos Missionários se reencarnarem com o objetivo de fazer a Humanidade avançar em todos os campos de conhecimento (religioso, filosófico, artístico, científico etc.) E indiscutível a utilidade dos ensinamentos da Doutrina Espírita, claros e inequívocos, para ninguém pretextar ignorância. Os Espíritos vêm preparar o Reino anunciado por Jesus. A verdade virá a seu tempo; como a luz, deve ser gradativa para não ofuscar.

## 14.1 TRABALHO E PROGRESSO

A evolução se processa pelo trabalho que o homem exerce durante suas sucessivas encarnações. É desempenhando os mais diversos papéis sociais que vai aos poucos incorporando as leis de Deus. O trabalho que ele exerce é o meio eficaz para que apreenda o sentido da vida.

O progresso social só é possível através do trabalho e o homem é o meio e o fim de seu próprio trabalho, o qual é uma atividade necessária ao homem, portanto obrigatória para seu progresso moral. Não só as atividades materiais podem ser consideradas como trabalho, pois toda atividade útil o é.

O trabalho, além de se constituir numa necessidade e um meio de desenvolver a própria inteligência do homem, é também a forma dele participar da obra de Deus. Nos mundos mais adiantados, os espíritos também trabalham e sempre de acordo com suas necessidades. Quanto mais grosseiras sejam elas, mais material é o trabalho que executam. Não há ociosidade no universo, nem existe paraíso de inatividade.



O trabalho é inerente ao ser humano, mesmo àqueles que materialmente não precisam dele para seu sustento, têm a obrigação de ser úteis à sociedade. Quando mais aquinhoado que os outros, têm obrigação de fazer o bem com os meios de que dispõem.

As desigualdades sociais existentes são resultantes do estágio primário de evolução em que ainda se encontra a humanidade. Além da carência de empregos, observa-se o desnível de renda e a miséria ainda presente na maioria das sociedades humanas. Só quando o egoísmo e o orgulho, maiores empecilhos ao progresso, frutos do materialismo, não mais encontrarem lugar na humanidade, ela poderá alcançar um estágio melhor.

Os sistemas socioeconômicos que vigoram na Terra ainda se baseiam na supremacia do capital sobre o trabalho humano bem como na preponderância da matéria sobre o espírito. Quando o espiritualismo, em particular o Espiritismo, chegar à consciência do homem, este encontrará o equilíbrio necessário ao seu progresso social e espiritual.

Para trabalhar, o homem sai em busca de profissões motivado pelo ganho financeiro com que elas possam lhe retribuir, muitas vezes esquecendo-se de sua vocação e de suas necessidades evolutivas. Qualquer profissão é digna e o fruto de seu trabalho deverá concorrer não só para um ganho pessoal como para o progresso social.



Se na Terra o homem não trabalhasse, viveria no estado de barbárie, incompatível com o progresso que lhe é inevitável. Voltar a viver como os primitivos habitantes do planeta, sob o pretexto de que é a situação que induz a menos necessidades, é o mesmo que adotar a felicidade do bruto considerando-a plena por não conhecer a verdadeira felicidade.

Não é possível ao homem involuir, da mesma forma que não é factível que a sociedade retorne ao estado primitivo. Tanto quanto o homem, a sociedade sempre evolui para um estágio mais avançado de progresso.

O contato social é imprescindível ao progresso da humanidade, não sendo possível uma civilização evoluir sem o convívio com outras mais adiantadas.

Nem sempre o progresso intelectual significa ter atingido o progresso moral, mas muitas vezes um decorre do outro. Com a evolução, eles se equilibram.

Em que pese ser de forma lenta, a humanidade caminha para o progresso melhorando-se a cada dia. Hoje o homem vive melhor que no passado, tanto no sentido material como no espiritual. O progresso é portanto inevitável e inexorável.

Assim como os homens, a humanidade evolui atravessando fases, desde a infância, passando pela idade adolescente, até alcançar a maturidade. As culturas que não se baseiam na força nem na conquista de poder e território, servem de exemplo para outros povos, por que certamente estarão pregando o bem e a caridade cristã como modelo de vida.

As sociedades produzem suas leis visando erradicar o mal, no entanto, elas são punitivas e só atuam depois de sua ocorrência. O progresso social só se dá pela educação que dispensa leis rigorosas.

O Espiritismo, em continuidade ao cristianismo, edifica os alicerces de uma nova civilização calcada no espírito, mostrando ao homem o valor do bem e da caridade, o amor ao próximo e a verdadeira justiça. As teses espíritas estão marcando o nosso século, transformando a humanidade, destruindo o materialismo.

“Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.” *Allan Kardec.*

“A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral. De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social,

somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa-vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.” *Allan Kardec*.

## 14.2 LIBERDADE E IGUALDADE NA SOCIEDADE

A vida em sociedade é um progresso para o homem pois lhe trouxe a percepção de si mesmo e desenvolveu-lhe o sentido de fraternidade. O isolamento é contrário à lei de Deus, pois torna o homem mais egoísta, embrutecendo-o. O isolamento temporário, quando feito para melhor servir a humanidade, é meritório.

Os laços de família são necessários ao progresso da humanidade, pois aproximam os homens, educando-os ao amor legítimo. A quebra dos laços de família aumentaria o egoísmo.

A liberdade é um direito natural do homem e sua internalização representa importante aquisição para a evolução. Seu uso na sociedade representa uma conquista cuja consequência é a responsabilidade. No exercício da liberdade, o homem adquire as noções de direito e dever para com a própria sociedade.

Muito embora na sociedade predominem as desigualdades sociais, fruto do nível primário de evolução em que se encontra, todos os homens são iguais perante Deus, sem qualquer tipo de distinção, pois têm o mesmo destino: alcançar a felicidade. A diversidade de aptidões decorre das diferentes experiências que cada um teve ao longo de suas vidas sucessivas. Todos foram criados simples e ignorantes quanto às leis de Deus, mas criados em épocas distintas e viveram diferentes experiências nos vários mundos. Porém, as diferentes condições sociais que se apresentam são obra do homem que ainda vive mais a vida material que a espiritual. A desigualdade de riquezas é fruto tanto da diversidade de aptidões como também da cobiça e do egoísmo ainda reinantes na Terra. À medida que o homem evolui, ele elimina as diferenças sociais.

A riqueza e a pobreza são provas idênticas para o homem, pois ambas se destinam a que adquiram experiências. Enquanto a riqueza ensina-o a saber administrar seus talentos e a não cometer excessos, a pobreza convida-o à resignação e a não se queixar da providência divina. Algumas vezes são provas escolhidas pelos próprios espíritos. Mais facilmente a riqueza e o poder aproximam o homem das paixões e do egoísmo que o prendem a matéria, afastando-o do progresso espiritual.

Todos os homens são iguais perante as leis sociais e espirituais. Deus os fez espíritos com as mesmas possibilidades de evoluir. Tanto homens quanto mulheres são espíritos e têm os mesmos direitos e deveres.

A liberdade é também um direito natural, a qual porém não é possível de uma forma absoluta. Desde que se relacione o homem com seu semelhante, sua liberdade se restringe pela necessidade de reconhecer direitos recíprocos.



A escravidão, bem como toda forma de trabalho forçado, é contrária à lei de liberdade, pois degrada física e moralmente o homem. Mesmo que fosse permitida legalmente, revelaria apenas o atraso moral da sociedade.

A superioridade que certas raças se atribuíram sobre outras identifica o atraso em que se encontra a humanidade. A diversidade de aptidões entre raças, resultado da experiência, serve para que as mais experientes auxiliem as mais novas sem que as escravize.

O homem tem liberdade de pensar, não estando sujeito a qualquer tipo de censura. Seus pensamentos estão submetidos apenas ao crivo de Deus.



A liberdade de pensamento é o mais alto grau confiado ao ser humano. A liberdade de crença é também um direito do homem, sendo apenas condenável a crença que o leve ao declínio moral. Fora desse objetivo, toda crença é respeitável, e deve o homem ser estimulado a buscar algo em que crer, que o leve ao crescimento espiritual. Não se deve impor convicções a ninguém, mas respeitar-se o direito e a liberdade do outro em pensar e crer de modo diferenciado.

O homem é dotado do livre-arbítrio, que lhe permite fazer escolhas que o levam ao crescimento espiritual. Tais escolhas podem lhe trazer como consequência expiações ou não, porém sempre o

colocarão diante de provas inevitáveis. O livre-arbítrio é aquisição do período em que o espírito conquistou a razão. Na fase anterior, vivia sob o predomínio do determinismo, seguindo sem consciência de seu destino nem das aquisições que fazia na evolução.

Quanto maior a evolução de um espírito, mais livre ele é para fazer suas escolhas e realizar seu destino, também mais responsável se torna pelas consequências de seus atos. Não há liberdade sem responsabilidade.

Não há fatalidade a não ser o progresso, pois o determinismo é flexível ao bem e ao amor. As escolhas que o espírito fez numa encarnação serão determinantes para o grau de liberdade que venha gozar nas seguintes. Embora morrer seja uma fatalidade a que todos estão sujeitos, face às condições do corpo físico, o instante da morte porém não está fixado de forma inflexível. O espírito, de acordo com as provas que necessite passar, poderá ter esse momento adiado ou antecipado por circunstâncias que lhe escapem à vontade.

Só há fatalidade nos atos que são provocados por agentes externos ao homem, dos quais não participa seu livre-arbítrio. São provas a que está sujeito cuja vontade lhe é submissa.

As provas a que o homem está submetido visam dar-lhe a responsabilidade sobre suas ações, bem como a desenvolver-lhe a noção de liberdade.



A teoria de que todos estamos sujeitos a um destino predeterminado depõe contra a liberdade de escolha e transforma os homens em máquinas, sem responsabilidade pelos seus atos nem méritos pelos sucessos que venham conquistar. Embora sujeito às provas e expiações, estas decorrentes de escolhas anteriores, não perde o homem seu livre arbítrio, pois pode, às vezes, tanto recuar das provas quanto adiar expiações.

O Cristo foi o protótipo do homem livre, pois, não só não se submeteu a ninguém, como seus atos não provocaram qualquer prejuízo a si ou a outrem. Sua liberdade vinha da noção precisa das leis de Deus bem como da consciência plena do significado do Bem e do Amor.

A liberdade implica em respeito ao direito do outro bem como a consciência das consequências dos próprios atos. O exercício da mensagem do evangelho de Cristo possibilita a que alcancemos a condição de espíritos com consciência plena da noção de igualdade, liberdade e da importância de se viver bem em sociedade. O conteúdo dessa mensagem está presente nas grandes religiões da humanidade, possibilitando a todos o alcance da felicidade.

### 14.3 NATUREZA, CONSERVAÇÃO E DESTRUIÇÃO - ECOLOGIA

A natureza é o ambiente em que o espírito exerce o aprendizado necessário à sua evolução. Cuidar desse ambiente é fundamental ao progresso e à continuidade das gerações futuras. O homem não deve apenas cuidar do meio ambiente externo, mas também da outra metade do ambiente que é o interno. Melhorar a Terra como também seu mundo interior. São os dois mundos em que transita, dos quais o espiritual é inerente e inseparável.

Cabe ao homem, pelo seu grau de inteligência em relação aos seres vivos, transformar harmonicamente a natureza buscando seu equilíbrio e sua manutenção. Ele é o senhor da natureza pois é o único que pode alterá-la radicalmente.

A globalização inexorável na humanidade ampliou o alcance das ações humanas, possibilitando que se busque cada vez mais formas de sustento e desenvolvimento. O homem domina a tecnologia nuclear, porém, dado seu atraso moral, utilizou-a para ferir e conquistar. O uso da energia nuclear é um avanço para a humanidade, porém deve ser utilizada para fins pacíficos face à esgotabilidade dos recursos naturais disponíveis. Manipulá-la exige cautela e cuidados especiais, pois é extremamente poderosa, podendo trazer prejuízos se mal utilizada. Seu uso deixa resíduos tóxicos de difícil eliminação, requerendo tecnologia especial para seu armazenamento.

A energia nuclear não só é prejudicial ao corpo humano e ao meio ambiente, mas também agressiva ao perispírito. Seu poder atinge a intimidade da matéria sutil do perispírito, alterando-lhe a vibração e provocando distúrbios perispirituais.

Imprescindível é, em função do aumento significativo da população mundial, conservar-se os recursos energéticos assim como otimizar os meios de produzi-los. A conservação é uma lei da natureza que, em vários de seus processos, demonstra sua necessidade e importância.

Da mesma forma que a conservação, a destruição, (leia-se transformação) é necessária para a própria evolução da vida. Velhas estruturas devem dar lugar a novas, por melhor atenderem às necessidades humanas. O aprimoramento tecnológico e humano fazem parte da necessidade de destruição do velho e surgimento do novo. A vitalidade do novo é fundamental para a conservação e transformação do antigo. Na natureza, o que parece aos olhos do homem destruição, é na realidade um processo de transformação, pois nela tudo se encadeia. *Não se pode tocar uma flor sem incomodar uma estrela.* Cada coisa está conectada às outras num único ato de criação.



Do ponto de vista da reencarnação deve-se ter a consciência de que nós mesmos herdaremos a Terra e a encontraremos como resultante das atitudes que tomarmos em relação a ela. Nos depararemos com uma sociedade justa ou injusta, equilibrada ou não, depredada ou estruturada, sempre de acordo

com o que fizemos no passado. Portanto, o que estamos fazendo agora nos esperará lá adiante numa nova encarnação. Colheremos sempre o que plantarmos.

Aqueles que, hoje, defendem a natureza contra o próprio homem, seu principal predador, são verdadeiros emissários para um mundo melhor. Preocupam-se com as gerações futuras e para que as condições do planeta possam permitir abrigar o enorme contingente populacional.

Muitos males que a humanidade atravessa decorrem da superpopulação, que aumentou o número de interações sociais, reduziu o espaço de ocupação e aumentou a competição. Também por esses motivos aumentam a violência, a cobiça, o egoísmo, a miséria, o analfabetismo, a fome, etc. Somos, em parte, reféns do “cresci e multiplicai-vos”, irresponsavelmente assumido pelas gerações passadas. Para equilibrar essa antiga crença estamos incorporando à sociedade o planejamento familiar como forma de frear o aumento populacional possibilitando melhores condições de vida. A superpopulação é um mal causador de outros tantos danos, agravados pelo êxodo rural que concentrou as comunidades nos grandes centros urbanos. Inchados pelos bolsões de miséria, que servem à proliferação de doenças, obsessões e reencarnações purgatoriais.

A produção de bens supérfluos e o estímulo ao consumo, frutos de sistemas políticos ultrapassados, calcados no egoísmo e no materialismo, geraram necessidades artificiais de que o homem não consegue se desvencilhar tão facilmente. Privar-se do consumo desvairado é um passo importante para a conscientização e fomento da mobilização coletiva, a fim de que se modifiquem hábitos perniciosos e contrários à natureza.

A matança predatória de animais, a destruição de florestas, a produção de materiais diluidores da camada de ozônio, a fabricação de produtos cancerígenos e disseminadores de doenças diversas, bem como outras formas de agressividade à natureza, são exemplos de como o homem se tornou o pior inimigo de si mesmo. Ao mesmo tempo, ele é o predador e o único capaz de salvá-la.

Os grandes grupos financeiros e as empresas capitalistas têm sido responsáveis pela expansão da destruição da natureza. Por detrás delas, estão a avareza e a vaidade humanas que transformam o homem em lobo do próprio homem, conseqüentemente de si mesmo. Atuam de forma abusiva deixando um rastro de destruição quase irreparável, sem a mínima noção de respeito às gerações futuras.

A transformação da Terra de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração, só se dará quando o homem tiver a consciência da imortalidade da alma e da reencarnação. Isso o fará preocupar-se com as condições de sobrevivência na Terra.

Aqueles que se isolam da sociedade de pretexto de não pactuar com o sistema vigente estão se omitindo de uma ação transformadora da situação, reagindo de forma semelhante a uma fuga. Isolar-se e mortificar-se, refugiando-se ou punindo-se, agrada ao próprio indivíduo, mas não soluciona o problema. Somos seres sociais e para a vida relacional fomos criados, cumprindo-nos ficar e transformar não só com o exemplo como também com a mobilização coletiva.

No passado, o homem acreditava que os recursos da natureza eram inesgotáveis, porém hoje ele percebe, face à globalização econômica e social, que está dentro de uma casa cujos habitantes consomem mais do que produzem, ou do que ela tem capacidade de produzir. Brigava-se antigamente e ainda brigamos entre nós mesmos. Mas, é chegada a época de se entender que o inimigo é outro que não

o próprio semelhante, mas o orgulho e o egoísmo dentro de si mesmo. Estamos num planeta limitado em sua



capacidade de gerar condições para a grande massa de espíritos que reencarnam a todo momento, por responsabilidade do homem.

Preservar o meio ambiente é dever e necessidade ao mesmo tempo. Encarnados e desencarnados estamos todos sujeitos a viver na natureza, cabendo-nos preservá-la a todo custo.

#### 14.4 LEI DE REPRODUÇÃO – ENERGIA SEXUAL

A energia sexual é uma das modalidades de uso da energia psíquica, a qual move o homem para a vida. Ela não se restringe à prática do sexo, nem se situa numa parte específica do corpo. É a energia da vida como um todo. Pode se manifestar em vários níveis de uso de acordo com a evolução do espírito.

A natureza deu ao homem a capacidade de construir seu desenvolvimento através da função de cocriar, de fornecer os elementos materiais para a continuidade de sua espécie. Isso possibilita ao homem participar da obra divina contribuindo com a formação do corpo físico, o qual possui as condições para gerar outro corpo, porém um espírito não gera outro.

De acordo com o nível de evolução do espírito, ele usa essa energia provinda de seu íntimo. Uns utilizam apenas para a procriação e o prazer genital, outros para as construções idealizadas, outros ainda para seu desenvolvimento intelectual, outros para suas obras artísticas, de tal forma que o campo de aplicação torna-se bastante amplo.



Para realizar a função cocriadora o homem utiliza a energia psíquica que, dentre outras finalidades, é utilizada com o objetivo de perpetuar a espécie. Essa modalidade é a energia sexual, geradora da vida física, e que pode ser utilizada não só para as atividades sexuais de procriação, mas também para o prazer.

O ser humano tem, ao longo de sua evolução, aprendido a manipular essa energia cuja força realizadora lhe tem trazido grande aprendizado. Seu uso não está restrito ao corpo já que é energia provinda do espírito e se destina ao seu aperfeiçoamento intelectual e espiritual. Essa energia psíquica, poderosa em si mesmo, em parte responsável pelas motivações humanas, deverá merecer melhor atenção dos pais e educadores, principalmente quando na forma sexual, ela se manifesta precocemente, pois o espírito já vem com seus traumas sexuais de outras encarnações. A educação sexual se impõe como algo necessário na infância tendo em vista a proliferação das imagens apelativas ao assunto. Pais e educadores devem se munir de informações de como lidar com o tema, de forma a não estimulá-lo em idade precoce, nem equivocar-se por atraso.

A iniciação à prática sexual deve ser orientada com cautela pelos pais que podem auxiliar o espírito nos seus conflitos passados. É comum o pai estimular o filho à prática sexual prematuramente e proibir à filha quanto a mesma atitude. Muitas vezes, isso se dá pelo receio ao comportamento não masculino do filho, bem como ao tabu da virgindade na filha, ambos frutos da insegurança e incapacidade dele em lidar com essas questões. Nesse caso deve o pai, ou os pais, procurar orientar-se sexualmente.

Outra questão importante no que diz respeito ao uso da energia sexual é a homossexualidade, nem sempre compreendida adequadamente por pais e educadores. O espírito, enquanto essência divina, não tem sexo e renasce em um corpo masculino ou feminino a fim de aperfeiçoar-se no uso de sua sexualidade de forma equilibrada. O Espiritismo vê aqueles que optam pelo homossexualismo com a mesma atenção e respeito com que trata os heterossexuais.

Esse aperfeiçoamento exige que essa energia seja suficientemente trabalhada pela educação face à sua imensa gama de possibilidades de uso. Educação quanto a essa energia é fundamental, pois graças à proibição e ao tabu, bem como ao uso indiscriminado a que o homem se permitiu, desenvolveu em si uma série de problemas relacionados ao sexo.

O nível primário de evolução em que o homem ainda vive, tornou o sexo objeto de consumo e uma finalidade em si, desviando suas outras finalidades superiores. Conseqüentemente seu abuso tem gerado uma série imensa de conflitos e de perturbações que, via de regra, atravessam reencarnações.

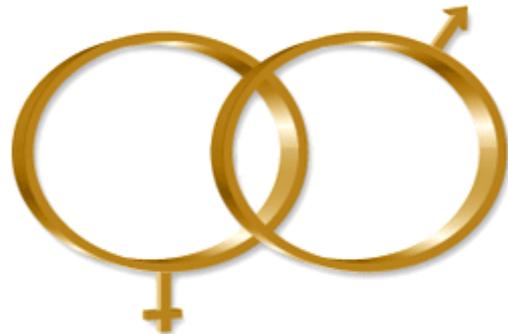
Sexo é portanto uma modalidade da energia criadora que também possibilita o homem desenvolver-se espiritualmente, quando utilizada adequadamente. Sua proibição gerou os abusos, num ciclo vicioso inconsequente, obrigando a sociedade a promover a educação necessária para que o próprio homem conheça sua natureza essencial.

A energia sexual é responsável pela formação da família cuja transformação, ao longo da história, tem sido muito grande e intensa. Antes tinham-se muitos filhos, hoje percebe-se a necessidade de se limitar seu número face aos desafios da convivência social, submetendo-se o casal ao planejamento da família, sem o que a vida se torna extremamente difícil. O planejamento familiar é a palavra de ordem, pois não só equilibra as relações familiares, evita os abortos como proporciona uma melhor organização das reencarnações por parte dos interessados. A proliferação irresponsável de filhos é um mal com que ainda convivemos, gerando, às vezes, a paternidade irresponsável.

Embora o casamento tenha representado, durante muito tempo, a garantia da sexualidade equilibrada, revelou-se impotente para educá-la no ser humano. Quando falta o amor ela se transforma num instrumento de prisão, exigindo modificação. Hoje, graças ao divórcio, resolveram-se os problemas das uniões equivocadas do passado. Embora se deva buscar o mais possível a convivência harmônica no casamento, chega-se a uma situação em que o melhor é a separação, a bem da encarnação dos envolvidos. Mesmo à custa de sofrimentos deve-se pensar se o melhor não seria separar-se, afim de não agravar situações ou criar carmas futuros. A separação se torna necessária nos casos de violência ou tentativa de homicídio.

Algumas religiões acreditam que o sexo é impuro, pecaminoso, sujo, etc., fruto de uma visão equivocada sobre a natureza da energia sexual. Em decorrência dessa visão errônea, passou-se a considerar o celibato como um estado que indicava “purificação”. Esse conceito provocou graves conflitos na humanidade, pois a energia sexual não utilizada nesse campo foi desviada para a violência gerando traumas individuais e guerras coletivas.

A humanidade hoje dispõe de métodos contraceptivos a fim de não só planejar a família como também viver sua sexualidade sem culpas e medos. Afastando-se do infanticídio, do aborto, o homem criou métodos contraceptivos, tais como: o anticoncepcional, a camisinha, a tabela, etc., até um dia aproximar-se do tempo em que a relação sexual não gere filho. Nesse movimento ele vem educando gradativamente seu impulso sexual.



Esse impulso não educado tem sido responsável pela poligamia que diminuiu consideravelmente, embora ainda existam culturas que a adotam; pelo aborto que, mesmo tendo aumentado sua incidência entre adolescentes, vem sendo objeto de preocupação da sociedade. O impulso sexual descontrolado tem gerado paixões avassaladoras, não raro resvalando para o crime e a destruição de lares sem conta.

A proliferação das doenças sexualmente transmissíveis é fruto da deseducação do homem em relação à sexualidade e demonstra o quanto infantil e frágil ele ainda é quanto ao sexo. Seu amadurecimento vem com a percepção do sexo como modalidade da energia criadora, que pode ser utilizada em vários campos, não só na área genital.

O Espiritismo coloca o sexo como algo importante e a educação de seu uso será capaz de levar o homem ao equilíbrio, se utilizado de forma respeitosa e consciente. O homem não foi feito para o sexo nem ele representa sua única fonte de prazer. Em matéria de sexo não se deve proibir nem abusar, mas buscar-se o uso responsável.

## 14.5 FAMÍLIA

A família é o núcleo básico da sociedade e onde reencarnam os espíritos a fim de continuar seu processo de evolução. É nela onde se processam os encontros de antigos afetos e desafetos para o necessário crescimento espiritual.

A família é uma instituição cuja implantação na sociedade significou um marco evolutivo, pois representa a possibilidade da fixação de vínculos afetivos e de aprendizagem do amor.

Cada espírito ao reencarnar tem um papel na família, não só importante para si como também para o grupo. No desempenho desse papel de extrema responsabilidade ele terá oportunidade de apreender as leis de Deus. Saber conviver com os entes familiares não só é uma arte como uma atividade que faz crescer e evoluir aqueles que se saem bem.

Ao se constituir uma família, que se inicia geralmente na convivência a dois, costuma-se criar expectativas quanto ao desempenho do outro, cobrando-lhe atitudes que nem sempre são alcançadas, o que torna a relação desgastada. Viver a dois é desejar a felicidade do outro além da própria. Ela, muitas vezes, inicia-se sem o necessário planejamento, onde seus membros, sem a necessária experiência, vivem ao sabor das circunstâncias e das contingências da vida. Para se obter o desejado crescimento na família não se pode prescindir de um planejamento de como mantê-la, quantos e em que época devem vir os filhos, dos diálogos que devem existir entre seus componentes, etc.

Por ser criado como individualidade, constitui-se um aprendizado para o homem viver em família, cujas lições básicas passam pela renúncia, pela paciência, pela compreensão, pela parcimônia, pelo respeito, pelo entendimento de que se está diante de uma grande oportunidade de evoluir com o grupo familiar.



É preciso aprender a ceder para conquistar, a dar para receber, a amar para ser amado, a entender as diferenças produzidas pelas sucessivas reencarnações, a não querer moldar o outro à sua maneira.



A família auxilia o direcionamento do espírito que se encontra perdido, sem limites, necessitando de orientação e acolhimento. É através da educação na infância que ele receberá o apoio aos seus projetos de renovação. Cabe aos pais o

papel de encaminhar e orientar os filhos no sentido de reequilibrar as atitudes viciosas do passado, visando a harmonia no futuro. Ser por demais permissivo tanto quanto ser excessivamente castrador poderá produzir danos à encarnação do espírito.

Muitas vezes, nasce na família alguém com um problema de difícil solução, exigindo esforço dobrado dos demais membros que, às vezes, ausentam-se do auxílio necessário. Geralmente, numa família não há um só doente, pois, quando alguém vem nessa circunstância, todos são doentes. Num certo sentido foram corresponsáveis pelo problema que se apresenta à família.

O parente difícil, o parente excepcional, o parente desequilibrado, o problemático, é alguém que é colocado em nosso caminho para o crescimento mútuo e evolução do grupo. Esquivar-se da convivência pode significar adiamento da lição a ser aprendida.

Os membros de uma família são espíritos que renascem juntos por afinidades e por contingências expiatórias. Quando são espíritos afins, a harmonia vigora no lar. Quando são espíritos comprometidos com seu próprio passado, ocorrem as desavenças. É na família onde terão oportunidade de crescer e aprender o que não sabem.

Não é apenas a religião que deve educar o espírito para a compreensão das leis de Deus, pois a família não deve abdicar de seu papel de dar as primeiras noções de amor e equilíbrio, de paz e harmonia universal.

A escola não substitui a família nem os pais devem transferir seu dever de educar e ensinar aos espíritos colocados sob sua guarda por Deus.

A verdadeira família é a universal, pois somos todos filhos de Deus, criaturas de um mesmo princípio gerador e mantenedor. Nascidos para o amor, unimo-nos em grupos, que, a cada encarnação, ampliam seus laços de fraternidade, construindo a verdadeira família espiritual. A evolução ocorre em grupos.

De tempos em tempos, grupos de espíritos, vinculados por fortes laços de afinidade, reencarnam em missão objetivando dar o exemplo de entendimento e de harmonia, criando e construindo em favor do progresso da humanidade. Nesses mesmos grupos, por vezes, são aceitos espíritos problemáticos, que, pelo carinho e pela capacidade de amar de seus pais, são reerguidos para continuarem sua evolução em outras circunstâncias. Às vezes, esses pais missionários se sentem culpados pelos equívocos dos filhos, apelando a Deus pelos desatinos por eles cometidos. Cada espírito é responsável pelo que faz a si e a outrem.

A família é o organismo depurador dos conflitos do passado. É o ponto de chegada e partida para todos nós que desejamos evoluir. O espírito não consegue, entre quatro paredes, esconder-se de seus defeitos nem camuflar sua realidade. Ampliar os laços de fraternidade dentro e fora da família é garantia para novas encarnações entre espíritos que já se adiantaram na escala evolutiva.

Na família, o espírito tem oportunidade de aprender o amor sob diversos aspectos, principalmente no que diz respeito ao maternal e ao fraternal. Nessas duas modalidades de amor ele percebe e sente a importância do sentimento para a evolução do espírito.

Nem sempre a família se resume aos que possuem laços consanguíneos, pois ela também engloba os que auxiliam as tarefas domésticas. Eles também são importantes para o equilíbrio doméstico, com quem aprendemos as mais simples regras de convivência.

A reencarnação e a imortalidade da alma, ampliam os laços de família pois libertam o espírito das relações que aprisionam. Os papéis se alternam a cada encarnação, sempre no intuito de fazer o espírito se aproximar do verdadeiro amor. A morte do corpo não desfaz os verdadeiros laços de amor entre os espíritos.

A família espiritual não se resume, necessariamente, aos habitantes de um planeta. O universo é plenamente habitado e os espíritos reencarnam em mundos diferentes visando o aprimoramento intelectual e moral. Os mundos formam grandes famílias que por sua vez compõem a imensa família de Deus.

Os verdadeiros pais são aqueles que nos dão as noções de amor e equilíbrio, o que nem sempre é feito pelos pais biológicos. Nosso pai e nossa mãe verdadeiros é Deus. A cada encarnação o espírito renasce, via de regra através de um pai e uma mãe diferentes, o que amplia seu amor ao próximo. Mesmo que gerado numa proveta ou numa barriga de aluguel, o espírito continuará sua jornada em busca da evolução compreendendo que o verdadeiro pai ou a mãe é Deus, o Criador da Vida.

Amar os pais que favoreceram a existência física, é dever de todo espírito, independente das circunstâncias posteriores. Quem dá amor ao filho que não gerou, ou ao pai e à mãe que não lhe conceberam, ama duas vezes, pois transcende ao vínculo biológico.



## 14.6 DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

### a) Justiça e direitos naturais

Direito e justiça deveriam ser sinônimos perfeitos, ou seja, deveriam expressar a mesma virtude, pois se aquele significa “o que é justo”, esta se traduz por “conformidade com o direito”. Lamentavelmente, porém, aqui na Terra, nem sempre se correspondem, ainda.

No entanto, a justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais, e o sentimento da justiça está de tal modo em a natureza, que vos revoltais a simples ideia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Dai vem que, frequentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.

No coração do homem imprimiu Deus a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quereria que com ele procedessem, em circunstância idêntica. Guia mais seguro do que a própria consciência não lhe podia Deus haver dado.



Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condições mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de limo mais puro do que se serviu para fazer os outros, e todos, aos seus olhos, são iguais. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições.

Tendo os homens formulado leis apropriadas a seus costumes e caracteres, elas estabeleceram direitos mutáveis com o progresso das luzes. Vede se hoje as vossas leis, aliás imperfeitas, consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Entretanto, esses direitos antiquados, que agora se vos afiguram monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Nem sempre, pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem. Demais, este direito regula apenas algumas relações sociais, quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do tribunal da consciência.

Allan Kardec pergunta aos Nobres Espíritos, da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais? Estes, por sua vez, responderam-lhe: “Certo, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Em o vosso mundo, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga direitos e impõe deveres recíprocos.

Os Espíritos nos esclarecem, ainda, que o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza seria a do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.

Aliás, em todos os tempos e sob o império de todas as crenças — comenta o Codificador (Cap. XI, q. 876 de *O Livro dos Espíritos*) — o homem sempre se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo.”

À medida que os homens progridem em moralidade, melhores concepções vão tendo acerca de tudo, de sorte que, quando o Cristianismo se haja implantado de verdade, em cada coração, o Direito e a justiça confundir-se-ão finalmente, fundamentando-se numa só norma: “ama a teu próximo como a ti mesmo”, pois em tal consiste “toda a Lei e os Profetas”.

## b) Caridade e amor ao próximo

Caridade, virtude por excelência, constitui a mais alta expressão do sentimento humano sobre cuja base as construções elevadas do espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as criaturas.



Vulgarmente confundida com a esmola — essa dádiva humilhante do que sobeja e representa inutilidade — a caridade excede, sobre qualquer aspecto considerada, as doações externas com que supõe em tal atividade encerrá-la.

Sem dúvida, valioso é todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna ao que padece tal ou qual aflição, lenindo nele as exulcerações físicas ou renovando-lhe o ânimo, com que o fortalece para as atividades redentoras.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não

aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

A caridade para ser praticada nada exige, e, no entanto, tudo oferece. Pode ser caridoso o homem que nada detém e é capaz de amar até ao sacrifício da própria vida.

De mil maneiras se faz a caridade. Podeis fazê-la por pensamentos, por palavras e ações.

Embora estabelecendo a necessidade de o homem promover e praticar a caridade material, necessária e de subida significação, propugna o Espiritismo, também e especialmente, pela caridade moral, a que exige melhores condições ao Espírito, portanto, mais importante, quando conclama aquele que a pratica à própria elevação com que se sublima e edifica interiormente.

A caridade moral consiste em se suportarem umas as outras as criaturas e é o que menos fazeis nesse mundo inferior, onde vos achais, por agora, encarnados. Grande mérito há, crede-me, em um homem saber calar-se, deixando fale outro mais tolo do que ele. É um gênero de caridade isso. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a escarnecer; não ver o sorriso de desdém com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, se supõem acima de vós, quando na vida espírita, a única real, estão, não raro, muito abaixo, constitui merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, porquanto não dar atenção ao mau proceder de outrem é caridade moral.

Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos nos fizessem eles. Toda a religião, toda a moral se acham encerradas nestes dois preceitos. “Se fossem observados nesse mundo, todos seríeis felizes: não mais aí ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, porquanto, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e não mais veríeis, nos quarteirões sombrios (...) pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem mil faltava.



A caridade é sobretudo cristã e esteve sempre presente em toda a vida de Jesus, seu insuperável divulgador e expoente, porque repassava todas as suas doações com o inefável amor, mesmo quando visitado pelo impositivo da energia.

Jesus, culminando o Seu ministério entre os homens da Terra, após as incontáveis doações pela estrada da compaixão e da misericórdia, com que a todos socorreu e lento, doou-Se, deu a vida na cruz como sublime legado de amor, inapagável luz de Caridade que passou a clarear os milênios porvindouros em fora, desde aquele momento.

O verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus, é *benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.*

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apostila do ESDE – Programa I – O Espiritismo: seus fundamentos e suas propostas – Federação Espírita do Paraná

NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. “As Leis de Deus”. In: - Conhecendo o Espiritismo. 1 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.

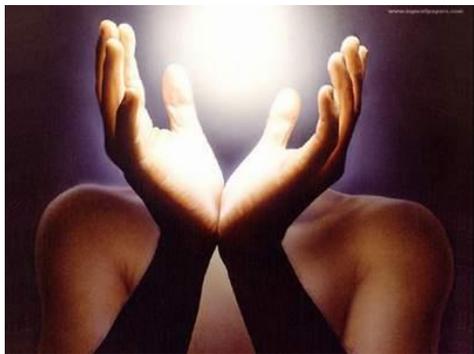
CURSO BÁSICO DE ESPIRITISMO – 2º Ano / Autores Diversos (Área de Ensino). 1 ed. Edições FEESP, São Paulo, 1989.

## 15. ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

### 15.1 DAS PENAS E GOZOS TERRESTRES

#### a) Felicidade e infelicidade relativas

O homem, na Terra, não pode gozar de completa felicidade, pois a vida aqui lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande



quanto o comporta a sua existência grosseira. A felicidade do homem, com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro. O homem criterioso, a fim de ser feliz, olha sempre para baixo e não para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito. Deve resignar-se e sofrer todos os males sem murmurar, se quer progredir. Se alguns são favorecidos com os dons da riqueza, isto significa um favor aos olhos dos que apenas veem o presente, mas a riqueza é, de ordinário, prova mais perigosa do que a miséria. Verdaderamente infeliz o

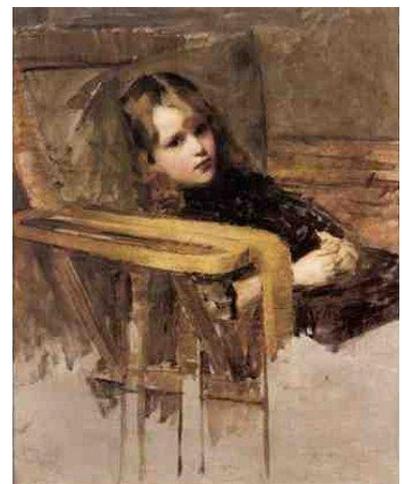
homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.

Deus indica a nossa vocação neste mundo, mas muitas vezes, os pais, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade, por efeito desse desvio.

Por outro lado, numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome. Com uma organização social criteriosa e previdente, ao homem só por culpa sua pode faltar o necessário. Porém, suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. No mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons, por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão.

#### b) Perdas dos entes queridos

Esta causa de dor atinge assim o rico, como o pobre: representa uma prova, ou expiação, e comum é a lei. Tem, porém, o homem uma consolação em poder comunicar-se com os seus amigos pelos meios que estão ao seu alcance, enquanto não dispuser de outros mais direitos e mais acessíveis aos seus sentidos. Não há profanação nas comunicações com o além-túmulo, desde que haja recolhimento e quando a evocação seja praticada respeitosa e convenientemente.



O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que lhe eram caros na Terra; mas, uma dor incessante e desarrazada lhe toca o pensamento, porque, nessa dor expressiva, ele vê a falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes.

### **c) Decepções. Ingratidão Afeições destruídas**

As decepções oriundas da ingratidão e da fragilidade dos laços da amizade são uma das fontes de amargura do homem. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta topará mais tarde com corações insensíveis, como o seu próprio o foi. A ingratidão é uma prova para a nossa perseverança na prática do bem. A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem.

### **d) Uniões antipáticas**

Os Espíritos simpáticos são induzidos a unir-se, mas, entre os encarnados vemos, freqüentemente, que só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão. Isto constitui uma punição, se bem que passageira. Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encanto material. Duas espécies há de afeições: a do corpo e a da alma, acontecendo com frequência tomar-se uma pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amar-se com eterno amor passam a odiar-se, desde que a ilusão se desfaça. A falta de simpatia constitui fonte de dissabores entre os seres destinados a viver juntos. Essa, porém, é uma das infelicidades de que somos, as mais vezes, a causa principal, e sofremos, então, a consequência das nossas ações.

### **e) Temor da morte**

O temor da morte não tem fundamento. Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com fé, tem ele a certeza do futuro. A esperança fá-lo contar com uma vida melhor; e a caridade, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.

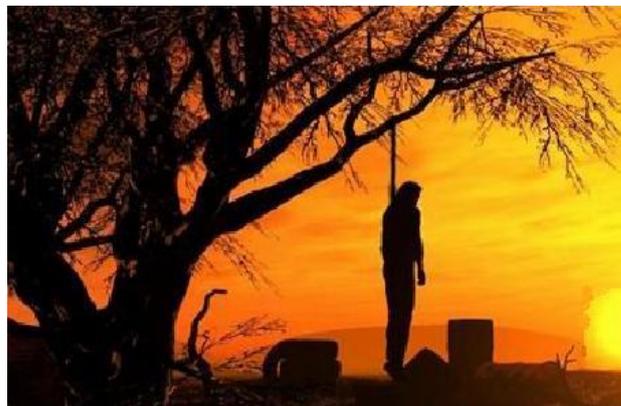
O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, teme a morte, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões, nada teme.

### **f) Desgosto da vida Suicídio**

O desgosto da vida é efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Ao homem não assiste o direito de dispor de sua vida, por isso o suicídio voluntário importa numa transgressão da lei de Deus, salvo se praticado por um louco, que não sabe o que faz. Os que praticam o suicídio, responderão como por um assassínio. Aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de

fome, também é um suicida, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Mesmo que o suicídio tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família, o que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo.

A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. O que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor, também comete outra loucura, pois, matando-se retarda sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma ideia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos. Quando, porém, se sacrifica a vida para salvar a de outrem, ou para ser útil aos seus semelhantes, não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e



não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício. Perecer vítima de paixões a que possa resistir, também é suicídio.

Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar: é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.

## **15.2 DAS PENAS E GOZOS FUTUROS**

### **a) O nada e a Vida futura**

O nada não existe. Antes de encarnar, o Espírito já conhecia o sentimento instintivo da vida futura e a alma conservava vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado de espírito. A ideia do nada tem qualquer coisa que repugna a razão. O homem que mais despreocupado seja durante a vida, em chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, sem o querer, espera. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade após a morte. Crer em Deus sem admitir a vida futura, fora um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão.

### **b) Intuição das penas e gozos futuros**

A crença nas penas e gozos futuros é um pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. No momento da morte, o sentimento que domina é a dúvida, nos cétricos empedernidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem. Os cétricos são em número

muito maior do que se julga. Muitos se fazem de espíritos fortes, durante a vida, somente por orgulho. No momento da morte, porém, deixam de ser tão fanfarrões.

### **c) Intervenção de Deus nas penas e recompensas**

Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Nada, para a sua bondade, é destituído de valor. Deus tem suas leis a regerem todas as nossas ações. Se as violamos, a culpa é nossa. Quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento dizendo-lhe, por exemplo: "Foste guloso, vou punir-te". Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos. Assim é em tudo.

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos.

### **d) Natureza das penas e gozos futuros**

As penas e gozos da alma, depois da morte, não podem ser materiais, pois que a alma não é matéria. Nada têm de carnal essas penas e esses gozos; entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentamos na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável. Então, já a matéria não lhe embota as sensações.

Das penas e gozos futuros o homem faz tão grosseira ideia, porque a sua inteligência ainda não se desenvolveu bastante. À medida, porém, que ele se instrui, melhor vai compreendendo.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une lhes é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Contudo, a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. Somente os puros Espíritos gozam, é exato, da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante adiantados, compreendem a ventura dos que os precederam e aspiram a alcançá-la.

Quando se diz que os Espíritos puros se acham reunidos no seio de Deus, deve-se entender como uma alegoria e não se deve tomar ao pé da letra. Não devemos crer que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação por toda a eternidade. Seria uma bem-aventurança estúpida e monótona. Seria mais a do egoísta, porquanto a existência deles seria uma inutilidade sem termo. Estão isentos das tribulações da vida corpórea e isso já é um gozo.

Os sofrimentos dos Espíritos inferiores são tão variados como as causas que os determinam e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade. Da parte dos Espíritos bons, é sempre boa a influência que exercem uns sobre os outros. Os perversos, esses procuram desviar da senda do bem e do arrependimento os que lhes parecem suscetíveis de se deixarem levar e que são, muitas vezes, os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida

terrena. Assim, a morte não nos livra da tentação, mas a ação dos maus Espíritos é sempre menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque lhes falta o auxílio das paixões materiais.

As comunicações espíritas tiveram como resultado mostrar o estado futuro da alma, não mais em teoria, porém na realidade. Em tese geral, pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo insulamento, pelas trevas, pela separação dos entes queridos, etc... O espetáculo dos sofrimentos dos Espíritos inferiores não constitui, para os bons, uma causa de aflição, pois que sabem que o mal terá um fim.

Quando nos achamos no mundo dos Espíritos, estando patente todo o nosso passado, o bem e o mal que houvermos praticado, serão igualmente conhecidos. Em vão, aquele que houver praticado o mal tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que haja expiado seus erros, ao passo que o homem de bem por toda parte só encontrará olhares amigos e benevolentes.

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhe as ideias sobre certos pontos do futuro. Apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque facultamos inteiremos do que seremos um dia. É um ponto de apoio, uma luz que nos guia.

#### **e) Penas temporais**

Quando a alma está encarnada, as tribulações da vida são-lhe um sofrimento; mas, só o corpo sofre materialmente. Falando de alguém que morreu, costumamos dizer que deixou de sofrer. Nem sempre isto exprime a realidade. Como Espírito, está isento de dores físicas; porém, tais sejam as faltas que tenha cometido, pode estar sujeito a dores morais mais agudas e pode vir a ser ainda mais desgraçado em nova existência. Assim, o mau rico terá que pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados, se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outras existências, quando não a consequência das da vida atual.

A reencarnação do Espírito em um mundo menos grosseiro é a consequência de sua depuração, porquanto, à medida que se vão depurando, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos. Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, menos grosseiras são as necessidades e menos agudos os sofrimentos físicos.

O homem que, não fazendo o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria, tem que recomeçar uma existência de natureza idêntica à precedente.

#### **f) Expição e arrependimento**

O arrependimento pode se dar, tanto no estado espiritual, como no corporal. No estado espiritual, deseja o arrependido uma nova encarnação para se purificar. No estado corporal, fazer que, já na vida atual, o Espírito progrida, se tiver tempo de reparar suas faltas. Todo Espírito tem que progredir incessantemente. Aquele que, nesta vida, só tem o instinto do mal, terá noutra o do bem e é para isso que renasce muitas vezes. A diferença está somente em que uns gastam mais tempo do que outros, porque assim o querem. Há Espíritos que de coisa alguma útil se ocupam. Estão na

expectativa. Mas, neste caso, sofrem proporcionalmente. Devendo em tudo haver progresso, neles o progresso se manifesta pela dor.

A prece em favor dos Espíritos só tem efeito se eles se arrependem. Com relação aos que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, a prece nada pode e nada poderá, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles. A expiação se faz no estado corporal, mediante provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade em que se encontre. Aquele que, em artigo de morte, reconhece suas faltas, quando já não tem tempo de as reparar, o arrependimento lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve.

### **g) Duração das penas**

A duração das penas na vida futura se rege por leis em que a sabedoria de Deus e a sua bondade se revelam. A duração dos sofrimentos do culpado se baseia no tempo necessário a que se melhore. À medida que ele progride e que os sentimentos se depuram, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza. Os sofrimentos do Espírito seriam eternos se ele pudesse ser eternamente mau, isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse. Mas Deus não criou seres tendo por destino permanecer voltados perpetuamente ao mal. Apenas os criou todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um.

### **h) Ressurreição da carne**

O dogma da ressurreição da carne é a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos e mal compreendido pelos homens que tomaram esse ensino ao pé da letra. A doutrina da pluralidade das existências é consentânea com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como, porém, são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, os Espíritos se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis porque, daqui a algum tempo, muito maior será do que é hoje o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.

### **i) Paraíso, inferno e purgatório**

No Universo não há lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, pois eles são inerentes ao seu grau de perfeição. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam. Inferno e Paraíso são simples alegorias; por toda parte há Espíritos ditosos e inditosos.

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só na imaginação do homem existe. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender.

Por "purgatório" devem-se entender as dores físicas e morais: o tempo de expiação. Quase sempre, na Terra, é que fazemos o nosso purgatório e que Deus nos obriga a expiar as nossas faltas.

Por "céu" não se deve entender um lugar onde os Espíritos estejam todos despreocupados, somente gozando a eterna felicidade. Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem

as tribulações da vida material, nem as angústias peculiares à inferioridade. As expressões "quarto", "quinto" céus, etc., exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for desgraçado dirá sim, porque, para ele, inferno é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no Tártaro.

Quando o Cristo disse: "Meu reino não é deste mundo", quis dizer que seu reinado se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados, mas, um dia, o bem reinará na Terra. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão, aqui, uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas, serão excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para outros mundos menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. E, então, a Terra será transformada.

**Paraíso****Purgatório****Inferno**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Texto do livro ABC do Espiritismo.

## 16. O CENTRO ESPÍRITA

### 16.1 O CENTRO ESPÍRITA

À medida que a Doutrina Espírita alcançava as mentes e os corações ansiosos de esclarecimento e consolo, aumentando a carga de trabalho do ínclito Codificador eis que ele fundou a 1º de Abril de 1858 a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que funcionou inicialmente na galeria de Valois, nº 35 em Palais-Royal.

Para que fossem definidos os seus objetivos, declarou-os no Artigo 1º do seu Regulamento:

– Tem por finalidade precípua o estudo dos fenômenos espíritas e das suas aplicações, as manifestações morais, físicas, psicológicas e históricas da sociedade.

Como continuasse a crescer o número de interessados no estudo dos postulados espíritas, providenciou a ampliação do Regulamento ainda no mesmo ano, de forma a compatibilizar os interesses gerais com os fundamentos doutrinários da novel Ciência filosófica e religiosa.

Esse cuidado especial do mestre lionês preservaria a mensagem reveladora dos enxertos e adulterações que sempre ocorrem, na razão direta em que se expandem, em que se popularizam as ideias novas.

Dessa forma, aquela Sociedade se tornaria o primeiro Centro Espírita onde os debates saudáveis e os desdobramentos dos conteúdos científicos, filosóficos, morais e religiosos da Doutrina encontrariam campo para serem aprofundados.

Sob a sua presidência, as discussões permaneciam em alto nível e quando se tornavam acaloradas, a sua intervenção sábia acalmava os ânimos a sua autoridade moral e cultural silenciava os mais renitentes. Outrossim, ali teriam lugar as memoráveis tertúlias espirituais, quando venerandas Entidades, utilizando-se de médiuns sérios e dedicados ofereciam lições ricas de sabedoria consolando e iluminando os membros atenciosos interessados no próprio desenvolvimento intelecto-moral bem como no da Humanidade para a qual veio o Espiritismo.

Dirimiam-se dificuldades de interpretação e consolidavam-se no seu recinto as bases do pensamento espírita com vistas ao porvir da sociedade humana.

Exemplo, verdadeiro modelo de instituição, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas deixou precioso legado, que o Centro Espírita moderno atualiza e mantém.

Célula-máter do Movimento por facultar-lhe o desenvolvimento e propagá-lo, é escola de relevante importância para quantos se interessam pelo Espiritismo.

É escola, por oferecer os mais significativos recursos culturais para a educação das almas, encarnadas ou não.

No seu labor desdobram-se as instruções que capacitam o aprendiz à conquista de uma existência feliz, enquanto adquire discernimento para conduzir-se com acerto. Ao mesmo tempo, propõe o limar das arestas e o disciplinar da conduta, aprimorando-a e condicionando-a às lições éticas do Evangelho de Jesus, desvelado pela interpretação racional que haure na Codificação.

Doutrina eminentemente educativa, o Espiritismo tem a ver com todos os ramos do conhecimento, por isso mesmo conclamando ao seu estudo sistematizado e cuidadoso, bem como à sua reflexão metódica. Nas suas classes ressaltam os valores da inteligência e da razão para serem cultivados, aplicados no comportamento como roteiro de segurança.

Igualmente é oficina de trabalho, por ensinar atividades múltiplas em benefício do próximo e da comunidade.

Sem lugar para a ociosidade dourada ou para a indiferença mórbida, a ação dignificadora nele se desdobra em mil expressões que elevam o ser. completando-o, planificando-o, dando-lhe sentido psicológico a existência planetária.

Desde a sua administração na busca incessante de qualidade até os serviços mais humildes quão indispensáveis, é celeiro de paz que resulta da valiosa aplicação das horas dos seus membros no trabalho libertador.

Da mesma forma é templo de oração, destituído de ritualística, de cerimonial, de qualquer tipo de culto externo, caracterizando-se pela simplicidade, sendo agradável e propício à elevação dos pensamentos a Deus e à ação da caridade em todas as suas expressões.

Nas suas dependências devam ser preservadas os valores morais, a compostura, a dinâmica do amor, a fim de que a perfeita sintonia com Deus Jesus e os Espíritos Nobres tornem-no ambiente saturado por sutis vibrações, que proporcionam a paz e a renovação.

Lugar de reequilíbrio e de harmonia, é, também, hospital de almas no qual terapias especializadas – passes, água fluidificada (bioenergia), oração, desobsessão e iluminação de consciência – facultem a saúde do corpo, da mente e do espírito, emulando o paciente ao avanço, à vitória sobre si mesmo, sobre as paixões primitivas, que nele predominam.

Não pode ser confundido, porém, com Nosocômios, Casas de Saúde, Clínicas Médicas e semelhantes, competindo com as mesmas, portadoras de bases acadêmicas, pois que desvirtuaria a sua finalidade essencial passando a conflitar com as Entidades especializadas no mister, as quais deve auxiliar e não produzir perturbação.

No seu ambiente não há lugar para exibicionismo de natureza alguma que faça recordar os palcos do mundo, nos quais se projetam os conflitos do ego humano e as lutas características das naturais promoções competitivas do ser.

Tampouco, pode agasalhar ou dar curso às inovações que ressumam do orientalismo ancestral ou das terapias alternativas atuais, desfigurando-lhe, entorpecendo-lhe a finalidade superior.

O Centro Espírita é laboratório para experiências, pesquisas mediúnicas elevadas e cumulativas, que confirmam sempre os postulados básicos exarados nas Obras fundamentais que Allan Kardec divulgou, completando a Codificação.

Não é estanke o trabalho que nele se desenvolve, também não é fruto dos modismos; é isento de ortodoxias ou de atavismos; não enseja novidades frívolas ou aterradoras, muito do agrado daqueles que pensam nas glórias vãs da Terra em detrimento da responsabilidade e da seriedade que sempre devem constituir os seus programas.

O Centro Espírita é campo de luz aberto a todos aqueles que tateiam nas trevas da ignorância, da presunção e do egoísmo apontando rumos de libertação.

Atualizá-lo, sem lhe modificar os objetivos básicos; desenvolver as suas atividades, sem lhe alterar as estruturas ético-morais; qualificá-lo para os grandes momentos da hora presente como do futuro é dever de todos os espíritas, preservando as bases doutrinárias que nele devam viger: amor e estudo, ação da caridade fora da qual não há salvação, assim confirmando a promessa do Consolador, feita por Jesus, que abria os braços para albergar, confortar e libertar todos aqueles que o busquem.

*Vianna de Carvalho*

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão mediúnica da noite de 25 de julho de 1995, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia).

### 16.1.1 O que são

Os Centros Espíritas:

São núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;

São escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;

São postos de atendimento fraternal para todos os que os buscam com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;

São oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;

São casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;

São recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “amai-vos uns aos outros”;

São núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores; e

São as unidades fundamentais do Movimento Espírita.

### 16.1.2 Seus objetivos

Os Centros Espíritas têm por objetivo promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo as pessoas que:

buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais;

querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita;

querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.

### 16.1.3 Suas atividades básicas

Os Centros Espíritas têm por atividades básicas:

Realizar *Palestras Públicas* destinadas ao público em geral, nas quais são desenvolvidos temas abordados à luz da Doutrina Espírita;

Realizar reuniões de *Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita*, de forma programada, metódica e constante, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, que possibilitem um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos;

Realizar atividades de *Atendimento Espiritual* no Centro Espírita para as pessoas que procuram esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral, abrangendo as atividades de: recepção, atendimento fraterno, explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, passe e magnetização de água, irradiação e Evangelho no lar;

Realizar reuniões de *Estudo e Educação da Mediunidade*, com base nos princípios e objetivos espíritas, esclarecendo, orientando e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas;

Realizar *Reuniões Mediúnicas* destinadas à prática da assistência aos espíritos desencarnados necessitados de orientação e esclarecimento;

Realizar atividades de *Evangelização Espírita da Infância e da Juventude*, de forma programada, metódica e sistematizada, atendendo a criança e o jovem, esclarecendo-os e orientando-os dentro dos princípios da Doutrina Espírita;

Realizar atividades de *Divulgação da Doutrina Espírita* utilizando todos os veículos e meios de comunicação social compatíveis com os princípios espíritas, tais como: palestras, conferências, livros, jornais, revistas, boletins, folhetos, mensagens, rádio, televisão, internet, cartazes, fitas de vídeo e áudio;

Realizar atividades do *Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita* destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: assistindo-as em suas necessidades mais imediatas; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação profissional e pessoal; e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho à luz da Doutrina Espírita;

Realizar *Atividades Administrativas* necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação do seu país;

Participar das atividades que têm por objetivo a *União dos Espíritas e das Instituições Espíritas e a Unificação do Movimento Espírita*, conjugando esforços, somando experiências, permutando ajuda e apoio, aprimorando as atividades espíritas e fortalecendo a ação dos espíritas.

## **16.2 A ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA OBREIROS DO BEM**

A ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA OBREIROS DO BEM - SEOB, cuja denominação fantasia é SOCIEDADE ESPÍRITA OBREIROS DO BEM (SEOB), fundada com o nome de Centro Espírita “Maria de Jesus” em 16/01/1926, na Rua Padre Teixeira nº 1806 – Centro e atualmente com sede na Rua Vivaldo Lanzoni, 200 – Lagoa Serena, ambas com foro nesta cidade de São Carlos, Estado de São Paulo.

É uma Associação civil de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de atender a todos que a ela se dirigem, independentemente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença religiosa.

No desenvolvimento das atividades, a SEOB observa os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência, com as seguintes prerrogativas:

I. Dedicar-se ao estudo, à prática e à divulgação da Doutrina Espírita, no seu tríplice aspecto – científico, filosófico e religioso – de acordo com a codificação de Allan Kardec e obras subsequentes, mediante a organização de cursos, palestras, seminários, reuniões mediúnicas, estudos, e outros meios ao seu alcance;

II. Exercer a prática da caridade espiritual, moral e material por todos os meios disponíveis, segundo os preceitos do Evangelho e os ensinamentos de Jesus à luz da Doutrina Espírita, a todos que necessitem, sem distinção de sexo, nacionalidade, crença religiosa, raça ou ideologia política;

III. Promover, entre seus associados e frequentadores, a prática do bem e do amor universal, estimulando o progresso espiritual, cooperando com todas as instituições e pessoas de boa vontade, para o desenvolvimento efetivo da fraternidade entre os homens, na concretização de um mundo melhor;

IV. Cooperar com outras Associações e Casas Espíritas em geral, no intuito de contribuir com a difusão da Doutrina Espírita e no processo de unificação dos centros espíritas, sem ferir os itens anteriores.

## Estrutura e Funcionamento

A ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA OBREIROS DO BEM, é dirigida pelos seguintes órgãos:



A **Assembleia Geral** é o órgão máximo e soberano da associação, e será constituída pelos seus associados em pleno gozo de seus direitos.

A **Diretoria Administrativa** da SEOB será constituída por 07 (sete) membros, os quais ocuparão os cargos de: Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário e 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro e Diretor de Patrimônio.

O **Conselho Fiscal**, que será composto por 03 (três) membros, e tem por objetivo, indelegável, fiscalizar e dar parecer sobre todos os atos da Diretoria Administrativa da Associação.

O **Conselho Deliberativo** constituir-se-á de 11 (onze) associados titulares e 04 (quatro) suplentes, eleitos pela Assembleia Geral Ordinária, por voto secreto ou aberto ou por aclamação para um mandato de 03 (três) anos.

A Associação não visa lucros e não distribui bonificações ou vantagens de quaisquer espécies e, portanto, não remunera seus diretores, conselheiros, dirigentes ou coordenadores, mantenedores ou associados e terá todas e quaisquer receitas totalmente aplicadas na manutenção e ampliação de suas atividades.

## 16.3 ATUAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA NA SOCIEDADE HUMANA

Atualmente, a humanidade terrena vive uma grave crise moral, e com reflexos nos diversos segmentos sociais. A Doutrina Espírita, fundamentada na fé raciocinada, torna-se uma fonte esclarecedora e consoladora para as criaturas humanas. O codificador assinalou que a propagação do Espiritismo passaria por vários períodos, sendo o último deles - o da sua influência sobre a ordem social - no qual, a humanidade iluminada pelas ideias espíritas entraria em um novo caminho moral. Aquela influência, até então individual, passaria a exercitar-se "sobre as massas, para felicidade geral".

Logo, colocar a Doutrina Espírita ao alcance de todos é tarefa inadiável, que não podemos mais postergar.

"O Espiritismo se tornará crença geral, ou ficará sendo partilhado, como crença, apenas por algumas pessoas? - certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos".

*(O Livro dos Espíritos - Questão nº 798)*

### **Missão dos Espíritos**

Adverte o Espírito de Verdade:

"Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do senhor, com desinteresse sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiveram esperado".

*(O Evangelho segundo o Espiritismo - Cap. XX - item 5)*

A Doutrina Espírita é de origem divina, mas a sua divulgação depende do labor dos homens. Há necessidade da união dos espíritos, os trabalhadores da última hora, na expressão evangélica, em torno de um só ideal, um só objetivo: esclarecer e consolar a sociedade humana.

### **Consciência Participativa**

A Doutrina Espírita dirige-se a toda a humanidade, e não apenas a determinadas nações, classes sociais ou raças.

O Centro Espírita insere-se na sociedade, nela exercendo significativa influência. Logo, a interação Centro Espírita-Comunidade trará resultados altamente benéficos, possibilitando a renovação moral de todas as pessoas. Assim, a ação da Casa Espírita extrapola os limites de seu perímetro físico.

### **O Espiritismo e a Educação do Homem**

A missão do Espiritismo na terra, reiteramos é a transformação moral da humanidade. Essa transformação será a resultante da reforma íntima de cada indivíduo, na busca de aquisições intelecto-morais elevadas, até atingir o resultado final desse processo que a educação como o desenvolvimento integral e harmônico do homem.

A presença do Espiritismo no Mundo, entre outros objetivos, visa a estabelecer uma nova concepção educacional.

### **O Centro Espírita e as Energias Restauradoras**

No desempenho de suas relevantes finalidades, o Centro Espírita constitui-se em local onde o exercício da prece e da prática do bem representam expressões legítimas do sentimento de fé e de amor ao próximo.

A prece é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as Esferas Superiores.

"A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz".

(Mecanismos da Mediunidade - André Luiz)

Logo, o Centro Espírita, afinado com suas elevadas finalidades, converte-se em foco receptor e emissor de energias restauradoras do psiquismo humano, capaz de sanear a psicofera tumultuada do ambiente em que vivemos. Depende da consciência e da união de todos em torno da magna tarefa.

### **O Centro Espírita e os Veículos de Comunicação**

A propagação da mensagem espírita é preocupação máxima do movimento organizado do Espiritismo, pois que o esclarecimento advindo do conhecimento espírita é poderosa alavanca a impulsionar o progresso espiritual da humanidade.

Os veículos de comunicação possibilitam cada vez mais a execução do planejamento dos Espíritos Superiores com referência à difusão dos postulados do Espiritismo. Recomenda André Luiz:

"Divulgar, em cada programa de rádio, televisão, ou programas outros de expansão doutrinária, conceitos e páginas das obras fundamentais do espiritismo".

(Conduta Espírita - Cap. 16)

### **O Centro Espírita nas Atividades de Unificação**

- 1 - Beneficia-se das experiências, atividades e realizações das demais Instituições Espíritas.
- 2 - Colabora com o desenvolvimento das demais Instituições direta ou indiretamente.
- 3 - Contribui para a Unificação e desenvolvimento do Movimento Espírita.
- 4 - Torna o Movimento Espírita uma forma social cada vez mais útil e mais eficiente para a evolução humana, no sentido espiritualista e fraterno.
- 5 - Preserva, com segurança, a Doutrina Espírita...

*(Orientação ao Centro Espírita - FEB)*

### **Conclusão**

O espírita consciente sabe que está envolvido em sublime tarefa que diz respeito à missão do Espiritismo na Terra. Por isso, deve procurar cada vez mais aprimorar-se através do estudo e da vivência dos princípios doutrinários, a fim de realizar a sua autoiluminação, colaborando também, de forma mais qualificada, na realização das finalidades do Centro Espírita em que participa.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



**Apostila do CENTRO DE TREINAMENTO E ESTUDO** - Federação Espírita do Rio Grande do Sul.  
**Estatuto da Associação Espírita Obreiros do Bem**, aprovado em Assembleia Geral de 30 de abril de 2008.  
Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de. “Uma sociedade espírita e uma instituição espírita”. In: - **Conhecendo o Espiritismo**. 1 ed. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1998.  
**Orientação ao Centro Espírita** – Aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em reunião de novembro de 2006.

## 17. MOVIMENTO ESPÍRITA

### 17.1 CONCEITO E OBJETIVOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA

Em verdade, não (...) se pode falar em Movimento Espírita antes da Codificação, pois somente após esta é que o Espiritismo surgiu como Doutrina: a movimentação humana em torno das ideias espíritas só aconteceu após a revelação destas pelo plano espiritual e sua posterior compilação por



Allan Kardec. Só a partir daí, portanto, há que falar em ação dos espíritas visando à propagação do Espiritismo. Sendo assim, diremos que (...). Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a Humanidade. As atividades que compõem o Movimento

Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por Instituições Espíritas. As Instituições Espíritas compreendem:

Os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas, que desenvolvem atividades gerais de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita e que podem ser de pequeno, médio ou grande porte.

As Entidades Federativas que desenvolvem as atividades de união das Instituições Espíritas e de unificação do Movimento Espírita.

As Entidades Especializadas que desenvolvem atividades espíritas específicas, tais como as de assistência e promoção social e as de divulgação doutrinária.

Os Pequenos Grupos de Estudo do Espiritismo, fundamentalmente voltados para o estudo inicial da Doutrina Espírita.

A ação dos espíritas em torno da divulgação do Espiritismo enfrenta, porém, muitos obstáculos. Kardec os entrevê, como se constata em vários de seus escritos. Muitas de suas palavras, embora reflitam a situação da época do surgimento da Doutrina Espírita, aplicam-se, com as devidas adaptações, à atualidade. Assim é que, conforme acentua, um (...) dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente. (...) Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode (...) tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da Humanidade. Mais adiante, continua: Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar, O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma,

multiplica as nossas relações, que somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de “O Livro dos Espíritos” e a publicidade que se fará a esse propósito.

Como se vê, essas palavras do Codificador datam da época da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, em 1860, ocasião em que a Doutrina Espírita ainda estava sendo elaborada, denotando, contudo, a sua preocupação quanto à unidade do Espiritismo, para que fosse bem compreendido e, assim, corretamente divulgado.

O mesmo sucede quando se reporta, por exemplo, aos cismas ou divisões que podem surgir entre os espíritas. Diz o Codificador: *Uma questão que desde logo se apresenta é a dos cismas (divisões) que poderão nascer no seio da Doutrina. Estará preservado deles o Espiritismo? Não, certamente, porque terá, sobretudo no começo, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem uma posição secundária.*

*Se, porém, o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode todavia neutralizar-lhes as conseqüências e isto é o essencial. É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou por meio da observação e de uma teoria racional. (...) É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. Mas, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais.*

*Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for dito peremptoriamente e sem ambigüidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco. Conseqüentemente, seitas poderão formar-se ao lado da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da Doutrina, por efeito de interpretação dos textos, como tantas se formaram sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. É este um primeiro ponto de capital importância.*

*O segundo ponto está em não se sair do âmbito das ideias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.*

*O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer*

*ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.*

Essas considerações do Codificador, como outras que se encontram esparsas por toda a sua obra, formam um conjunto de instruções que, ao serem seguidas, darão ao Movimento Espírita as condições necessárias para que atinja o seu objetivo, que, como vimos, são o estudo, a prática e a divulgação da Doutrina Espírita, colocando-a ao alcance e a serviço da Humanidade.

## **17.2 MOVIMENTO ESPÍRITA E DOCTRINA ESPÍRITA**

O conceito de Movimento Espírita antes mencionado torna clara a diferença entre este e Doutrina Espírita. Movimento Espírita é, desse modo, a ação dos espíritos, enquanto Doutrina Espírita é (...) *o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.*

Todas as demais obras espíritas, por mais preciosas que sejam ou venham a ser são e serão obras complementares, sem que isso diminua o extraordinário valor de muitas delas, pois a Doutrina Espírita é, como a definiu o próprio Codificado, essencialmente progressiva. (...) A Doutrina Espírita está imune a deturpações, porque qualquer ideia ou conceito que se mostre incompatível com os princípios consagrados nas obras da Codificação, poderá ser tudo, menos Espiritismo. Já o Movimento Espírita, por ser movimento livre de pessoas e instituições humanas, sem obrigações de obediência compulsória a hierarquias religiosas que não possuímos, não goza da mesma imunidade, exigindo, em razão disso, de cada espírita em particular e de cada grupo ou instituição espírita, uma vigilância permanente, no mais alto sentido, para que nenhuma deturpação comprometa a pureza dos ideais que abraçamos. A força da Doutrina Espírita está em seus princípios e na sua permanente possibilidade de comprovação. (...) A razão de ser do Movimento Espírita só pode ser a divulgação e a prática da Doutrina Espírita. É nesse sentido que todas as potencialidades dos espíritos devem ser canalizadas para a difusão e a vivência do Evangelho Redivivo, à luz da imortalidade e da reencarnação, da justiça perfeita e do inesgotável amor divino. Cada página de livro, jornal ou revista espírita, cada programa espírita de rádio ou televisão, cada palestra ou conferência espírita constituem sagrada oportunidade para a divulgação dos princípios e dos esclarecimentos da Doutrina dos Espíritos, levando à alma do povo as sementes da consolação e da esperança, do entendimento superior da vida e de uma nova conceituação da verdadeira fraternidade, com base nas sublimes verdades reveladas pelo Consolador prometido e enviado por Jesus. Todo aquele a quem a luz da Doutrina Espírita já iluminou tem o indeclinável dever de aproveitar Integralmente as possibilidades que o Senhor da Vinha lhe concede, para estender a luz do conhecimento e do amor com simplicidade e eficiência, desprendimento e sinceridade. Para falar ao povo simples, o exemplo de Jesus não deve ser esquecido: - a linguagem deve ser singela e direta, franca e fácil como a própria verdade, importante é levar a mensagem do Espiritismo ao povo com correção e nobreza, elevação e

dignidade. Assim, como exorta Emmanuel, que (...) não devemos especificar os deveres do espírita cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida. Por isso, os (...) agrupamentos espíritas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas. Um grêmio espírita-cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos. Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas. Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros, entre si vigiem na boa-vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento. Cuidemos, pois, para que a Doutrina Espírita se apresente sempre diante do mundo com a sua pureza original, buscando vivenciar os seus princípios enquanto realizamos as atividades que nos competem dentro do Movimento Espírita.

## A USE em Números

**1.400 Casas Espíritas  
adesas em todo o  
estado**

**115 Órgãos locais  
84 Intermunicipais  
11 Municipais  
20 Distritais**

**24 Órgãos Regionais**

### 17.3 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO MOVIMENTO ESPÍRITA MUNDIAL:

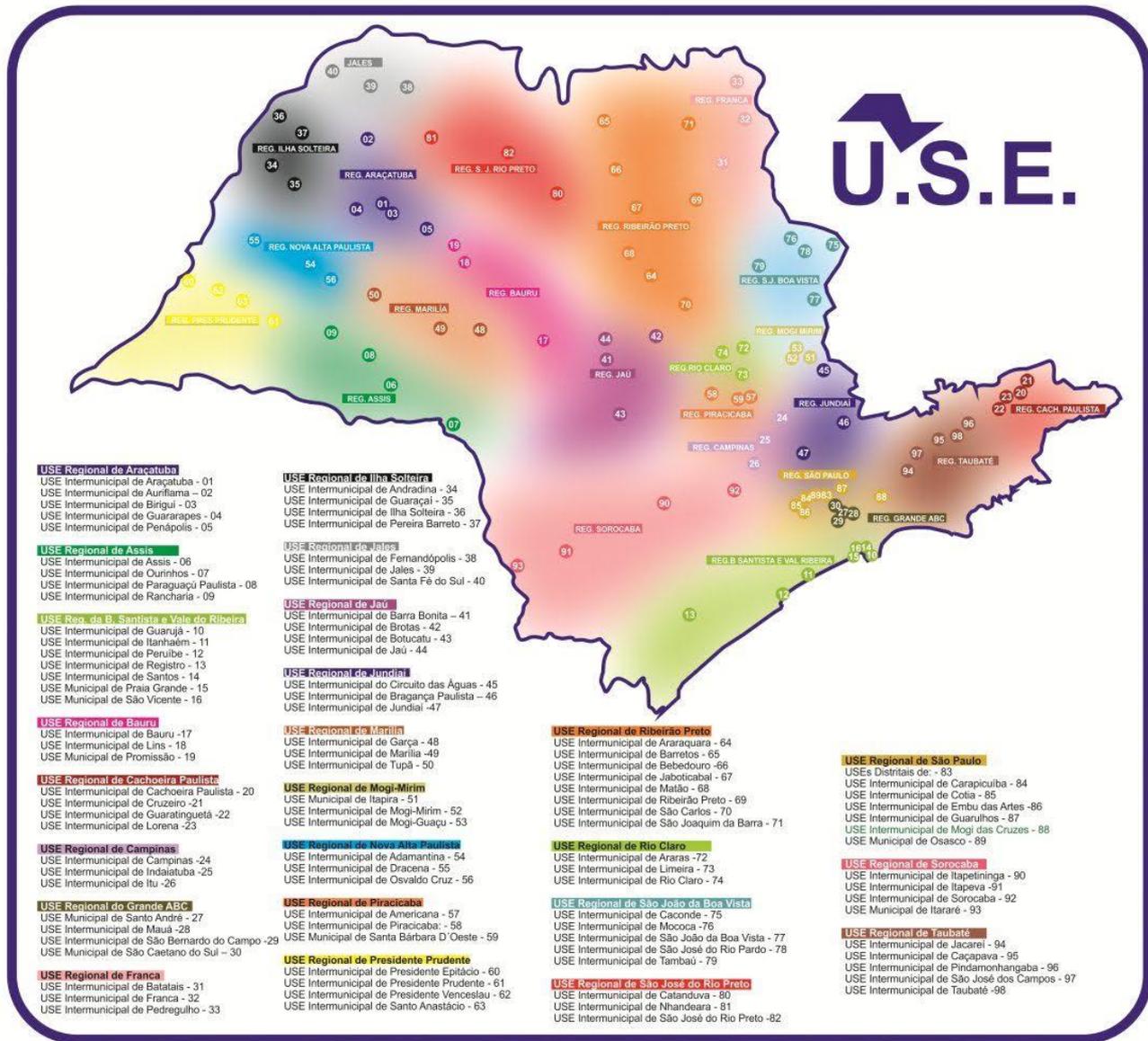
O movimento espírita mundial está assim estruturado:

**CASA ESPÍRITA:** é a célula básica do movimento;

**USE INTERMUNICIPAL DE SÃO CARLOS:** entidade coordenadora e representativa do movimento espírita em São Carlos e microrregião. Tem por finalidade unir as instituições espíritas de São Carlos, Descalvado, Analândia e Ribeirão Bonito, Dourado e Ibaté.

**USE REGIONAL DE RIBEIRÃO PRETO:** composta pelas USEs: Intermunicipal de Araraquara, Intermunicipal de Barretos, Intermunicipal de Bebedouro, Intermunicipal de Jaboticabal, Intermunicipal de Rio Preto, **Intermunicipal de São Carlos**, Intermunicipal de São Joaquim da Barra e Municipal de Matão.

**USE-SP:** Entidade Federativa, Coordenadora e Representativa do Movimento Espírita do Estado de São Paulo no Conselho Federativo Nacional (CFN), junto à Federação Espírita Brasileira e as Federativas de outros estados.



**CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL:** órgão com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua Organização Federativa. Atualmente, o Conselho Federativo Nacional é integrado pelas Federativas de todos os Estados brasileiros e conta, para fins específicos, com o assessoramento de Entidades Especializadas de Âmbito Nacional – a Cruzada dos Militares Espíritas; o Instituto de Cultura Espírita do Brasil – ICEB; a Associação Brasileira de Magistrados Espíritas – ABRAME; e a Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo – ABRADE.

**COMISSÕES REGIONAIS DO CFN:** o Brasil está dividido em quatro Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional, congregando as entidades federativas de determinados Estados. O Estado de Alagoas faz parte da Comissão Regional Nordeste, juntamente com Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

**FEB:** Federação Espírita Brasileira – entidade federativa nacional, representante do Movimento Espírita brasileiro.

**CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL:** constituído em 28 de novembro de 1992, é o organismo visa congregar mundialmente as entidades representativas de cada país.



#### 17. 4 MISSÃO ESPIRITUAL DO BRASIL

Este capítulo encerra a presente unidade de estudo, sendo muito importante termos claro alguns conceitos fundamentais, para que possamos avaliar o nosso trabalho individual e como integrante do Movimento Espírita, tendo em vista as responsabilidades que assumimos perante a espiritualidade maior.

Para que possamos iniciar os nossos estudos, convém fazemos uma breve análise de alguns conceitos importantes que serão aqui enfocados, a saber:

##### Missão

*Razão da existência de ser de uma determinada pessoa, ou de uma organização;  
O que justifica a sua existência.*

Em diversas obras espíritas temos relatos sobre espíritos missionários que cumprem suas atividades, e com isso auxiliam nas mudanças da Humanidade, tornando a vida de todos melhor.

Podemos ainda coletar algumas referências a Espíritos que abandonam as suas missões, trazendo para si mesmos consequências desagradáveis no seu processo evolutivo.

Em O Livro dos Espíritos encontramos um precioso comentário que esclarece sobre o que venha a ser o sentido da Missão para os Espíritos encarnados e desencarnados.

Comentando as respostas dos Espíritos à questão 569, Kardec nos coloca que: *“As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais de velar pela execução de determinadas coisas. (...) Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico como no moral. O Espírito se adianta conforme a maneira porque desempenha a sua tarefa.”*

Ampliando este conceito de missão, podemos ver como nos esclarece a literatura espírita. Às vezes, ela se aplica não apenas aos espíritos, mas também à coletividades inteiras, como é o caso descrito por Emmanuel no prefácio do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, quando relata:

*“Este trabalho se destina a explicar a missão da terra brasileira no mundo moderno. Humboldt, visitando o vale extenso do Amazonas, exclamou extasiado, que ali se encontrava o celeiro do mundo. (...) O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro.*

*(...) o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz."*

Tendo como base estes pensamentos, analisemos a importância da Missão Espiritual da Terra Brasileira, assinalada na Mensagem de Bezerra, publicada no Reformador de abril do ano 2000.

### **O Brasil e a sua Missão Histórica de “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho” Mensagem de Bezerra de Menezes**

Meus filhos:

Prosegue o Brasil na sua missão histórica de “Pátria do Evangelho” colocada no “Coração do Mundo”.

Nem a tempestade de pessimismo que avassala, nem a vaga de dúvida que açoita os corações da nacionalidade brasileira impedirão que se consume o vaticínio da Espiritualidade quanto ao seu destino espiritual.

Apesar dos graves problemas que nos comprometem em relação ao porvir — não obstante o cepticismo que desgoverna as mentes em relação aos dias do amanhã — o Brasil será pulsante coração espiritual da Humanidade, encravado na palavra libertadora de Jesus, que fulge no Evangelho restaurado pelos Benfeitores da Humanidade.

Não se confunda a missão histórica do País com a competição lamentável, em relação às megalópoles do mundo, que triunfam sobre as lágrimas das nações vencidas e escravizadas pela política financeira e econômica internacional.

Não se pretenda colocar o Brasil no comando intelectual do Orbe terrestre, através de celebrações privilegiadas que se encarreguem de deflagrar as guerras de aniquilamento da vida física.

Não se tenha em mente a construção de um povo, que se celebre pelos triunfos do mundo exterior, caracterizando-se como primeiro no concerto das nações.

Consideremos a advertência de Jesus, quando se reporta que “os primeiros serão os últimos e estes serão os primeiros”.

Sem dúvida, o cinturão da miséria socioeconômica que envolve as grandes cidades brasileiras alarma a consciência nacional. A disputa pela venda de armas, que vem colocando o País na cabeceira

da fila dos exportadores da morte, inquieta-nos. Inegável a nossa preocupação ante a onda crescente de violência e de agressividade urbana...

Sem dúvida, os fatores do desrespeito à consciência nacional e a maneira incorreta com que atuam alguns homens nas posições relevantes e representativas do País fazem que o vejamos, momentaneamente, em uma situação de derrocada irreversível.

Tenha-se, porém, em mente que vivemos uma hora de enfermidades graves em toda a Terra, na qual, o vírus da descrença gera as doenças do sofrimento individual e coletivo, chamando o homem a novas reflexões.

A História se repete!...

As grandes nações do passado, que escravizaram o mundo mediterrâneo, não se eximiram à derrocada das suas edificações, ao fracasso dos seus propósitos e programas; assírios e babilônios ficaram reduzidos a pó; egípcios e persas guardam, nos monumentos açoitados pelos ventos ardentes do deserto, as marcas da falência pomposa, das glórias de um dia; a Hélade, de tão gloriosas conquistas no mar Egeu e na circunferência em torno das suas ilhas, legou, à posteridade, o momento de ilusório poder, porém, milênios de fracassos bélicos e desgraças políticas.

As maravilhas da Humanidade reduziram-se a escombros: o Colosso de Rodes foi derrubado por um terremoto; o Túmulo de Mausolo arreventou-se, passados os dias de Artemísia; o Santuário de Zeus, em Olímpia, e a estátua colossal foram reduzidos a poeira; os jardins suspensos de Semíramis arreventaram-se e ficaram cobertos da sedimentação dos evos e das camadas de areia sucessivas da história.

Assim, aconteceu com outros tantos monumentos que assinalaram uma época, porém foram fogos-fátuos de um dia ou névoa que a ardência da sucessão dos séculos se encarregou de demitizar e de transformar.

Mas, o Herói Silencioso da Cruz, de braços abertos, transformou o instrumento de flagício em asas para a libertação de todas as criaturas, e a luz que fulgurou no topo da cruz converteu-se em perene madrugada para a Humanidade de todos os tempos.

O Brasil recebeu das Suas mãos, através de Ismael, a missão de implantar no seu solo virgem de carmas coletivos, com pequenas exceções, a cruz da libertação das consciências de onde o amor alçará o voo para abraçar as nações cansadas de guerras, os povos trucidados pela violência desencadeada contra os seus irmãos, os corações vencidos nas pelejas e lutas da dominação argentária, as mentes cansadas de perquirir e de negar, apontando o rumo novo do amor para que restaurem no coração a esperança e a coragem para a luta de redenção.

Permaneçam confiantes, os espíritas do Brasil, na missão espiritual da “Pátria do Cruzeiro”, silenciando a vaga de pessimismo que grassa e não colocando o combustível da descrença, nem das informações malsãs, nas labaredas crepitantes deste fim de século prenunciador de uma madrugada de bênçãos que teremos ensejo de perlustrar.

Jesus, meus filhos, confia em nós e espera que cumpramos com o nosso dever de divulgá-LO, custe-nos o contributo do sofrimento silencioso e das noites indormidas em relação à dificuldade

para preservar a pureza dos nossos ideais, ante as licenças morais perturbadoras que nos chegam, sutis e agressivas, conspirando contra nossos propósitos superiores.

Divulgá-LO, vivo e atuante, no espírito da Codificação Espírita, é compromisso impostergável, que cada um de nós deve realizar com perfeita consciência de dever, sem nos deixarmos perturbar pelos hábeis sofistas da negação e pelas arengas pseudointelectuais dos aranzéis apresentados pela ociosidade dourada e pela inutilidade aplaudida.

Em Jesus temos “o ser mais perfeito que Deus nos ofereceu para servir-nos de modelo e guia”; o meio para alcançar o Pai, Amorável e Bom; o exemplo de quem, renunciando-se a si mesmo, preferiu o madeiro de humilhação à convivência agradável com a insensatez; de quem, vindo para viver o amor, fê-lo de tal forma que toda a ingratidão de quase vinte séculos não lhe pôde modificar a pulcritude dos sentimentos e a excelsitude da mensagem.

Ser espírita é ser cristão, viver religiosamente o Cristo de Deus em toda a intensidade do compromisso, caindo e levantando, desconjuntando os joelhos e retificando os passos, remendando as carnes dilaceradas e prosseguindo fiel em favor de si mesmo e da Era do Espírito Imortal.

Chamados para esta luta que começa no país da consciência e se exterioriza na indimensionalidade geográfica, além das fronteiras do lar, do grupo social, da Pátria, em direção do mundo, lutai para serdes escolhidos. Perseverai para receberdes a eleição de servidores fiéis que perderam tudo, menos a honra de servir; que padeceram, imolados na cruz invisível da renúncia, que vos erguerá aos páramos da plenitude.

Jesus, meus filhos — que prossegue crucificado pela ingratidão de muitos homens — é livre em nossos corações, caminha pelos nossos pés, afaga com nossas mãos, fala em nossas palavras gentis e só vê beleza pelos nossos olhos fulgurantes como estrelas luminíferas no silêncio da noite.

Levai esta bandeira luminosa: “Deus, Cristo e Caridade” insculpida em vossos sentimentos e trabalhai pela Era Melhor, que já se avizinha, divulgando o Espiritismo Libertador onde quer que vos encontréis, sem o fanatismo dissolvente, mas, sem a covardia conivente, que teme desvelar a verdade para não ficar mal colocada no grupo social da ilusão.

Agora, quando se abrem as portas para apresentar a mensagem do Cristo e de Kardec ao mundo, e logo mais, preparai-vos para que ela seja vista em vossa conduta, para que seja sentida em vossas realizações e para que seja experimentada nas Casas que momentaneamente administrais, mas que são dirigidas pelo Senhor de nossas vidas, através de vós, de todos nós.

O Brasil prossegue, meus filhos, com a sua missão histórica de “Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, mesmo que a descrença habitual, o cinismo rotulado de ironia, o sorriso em gargalhada estrídula e zombeteira tentem diminuir, em nome de ideologias materialistas travestidas de espiritualismo e destrutivas em nome da solidariedade.

Que nos abençoe Jesus, o Amigo de ontem — que já era antes de nós —, o Benfeitor de hoje — que permanece conosco —, e o Guia para amanhã — que nos convida a tomar do Seu fardo e receber o Seu jugo, únicos a nos darem a plenitude e a paz.

Muita paz, meus filhos!



São os votos do servidor humílico e paternal de sempre,

**Bezerra**

Revista *Reformador* – Abril de 2000

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Texto extraído da Apostila do ESDE – Programa I – Federação Espírita Brasileira

Texto extraído da Capacitação Administrativa para Dirigentes de Casas Espíritas – Unidade III.